UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

IVANIA POCINHO MOTTA

**Viajantes britânicas na América do Sul: gênero
e cultura imperial (1868–1892)**

São Paulo
2015

IVANIA POCINHO MOTTA

**Viajantes britânicas na América do Sul: gênero
e cultura imperial (1868–1892)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em História Social.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Mary Anne Junqueira

São Paulo
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M921v Motta, Ivania Pocinho
Viajantes britânicas na América do Sul: gênero e cultura imperial (1868–1892) / Ivania Pocinho Motta; orientador Mary Anne Junqueira. - São Paulo, 2015.
270 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. relatos de viagem. 2. viajantes. 3. mulheres.
4. América do Sul. 5. Grã-Bretanha. I. Junqueira, Mary Anne, orient. II. Título.

MOTTA, Ivania Pocinho. **Viajantes britânicas na América do Sul: gênero e cultura imperial (1868–1892)**. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em História Social.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A todas as pessoas que percebem na
diversidade a grandeza da vida.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha orientadora, a Profa. Dra. Mary Anne Junqueira, com quem tive a oportunidade de conviver nesses anos de pesquisa, e a cujo apuro, rigor, dedicação e paciência nas orientações sou verdadeiramente grata. Seguir seu exemplo foi minha direção em muitos momentos.

À Profa. Dra. Maria Lígia Prado, minha eterna mestra, pelo incentivo, pelos olhos amigos nas mais difíceis situações, pela lição constante na vida e na academia.

À Profa. Dra. Laura Patricia Zuntini de Izarra, pelas sugestões em minha banca de qualificação e pelos valiosos empréstimos de trabalhos, sobretudo a respeito dos irlandeses na América do Sul.

Ao meu orientador de Mestrado, Prof. Dr. Modesto Florenzano, que me deu a oportunidade e o apoio para adentrar os estudos sobre a Inglaterra dos séculos XVIII e XIX.

À Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco Villardaga, pela generosidade com que sempre tratou nosso interesse em comum: as questões de gênero.

Ao Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte, pelas incursões sobre História e Literatura e por me fazer acreditar nos meus sonhos.

Aos professores, colegas e amigos do LEHA: Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato, Prof. Dr. Gabriel Passetti, Profa. Dra. Gabriela Pellegrino, Romilda Motta, Lívia Rangel, Valdir Donizete dos Santos Jr., dentre outros.

Aos meus colegas e amigos de pós-graduação: Marília Arantes, Emilio Colmán, Flávio Thales Ribeiro Francisco, Débora Villela, pelo companheirismo.

Às minhas amigas Carla Viviane Paulino, Gabriela Xabay e Natania Neres da Silva, por compartilharem comigo os momentos mais difíceis deste trabalho, e por me fazerem sentir que quem tem amigos de verdade, nunca está só.

À minha “sorella”, Paola Caminati Anders, pelo incentivo e desvelo.

Às minhas amigas, Violeta e Dalva, pela motivação e incentivo.

Aos meus familiares, em especial, minha irmã Walderes Pocinho e minha filha Melissa Pocinho Motta.

A Dorival Motta, meu companheiro de todas as horas, esteja onde estiver.

A todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui, ainda que seus nomes não apareçam nestas páginas.

“Si me dicen que estás al otro lado de un puente, por extraño que parezca que estés al otro lado y que me esperes, yo cruzaré ese puente.

Dime cuál es el puente que separa tu vida de la mía, en qué hora negra, en qué ciudad lluviosa, en qué mundo sin luz está ese puente, y yo lo cruzaré.”

(El puente. Amalia Bautista)

Resumo

MOTTA, Ivania Pocinho. **Viajantes britânicas na América do Sul: gênero e cultura imperial (1868–1892)**. 2015. 270 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Este trabalho analisa os relatos de viagem de três mulheres britânicas à América do Sul no século XIX. São elas: a inglesa Marianne North (1830–1890), a escocesa Florence Dixie (1855–1905) e a irlandesa Marion Mulhall (1844–1922). Um dos objetivos desta pesquisa é refletir sobre as impressões que essas autoras tiveram sobre o continente sul-americano e suas representações a respeito dessa região, sua natureza, seus habitantes. Tendo em vista que as viajantes vieram de países pertencentes ao Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda — Inglaterra, Escócia e Irlanda — procurou-se interpretar se seus relatos conteriam as possíveis dissensões existentes entre eles, no interior da Europa. Por último, por tratar-se de fontes produzidas por mulheres, buscou-se observar as visões das autoras sobre os papéis tradicionalmente atribuídos ao sexo feminino.

Palavras-chave: relatos de viagem, viajantes, mulheres, América do Sul, Grã-Bretanha.

Abstract

MOTTA, Ivania Pocinho. **British travelers in South America: gender and imperial culture (1868–1892)**. 2015. 270 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

This work analyses the travel accounts of three British women to South America in the nineteenth century. They are: the English Marianne North (1830–1890), the Scottish Florence Dixie (1855–1905) and the Irish Marion Mulhall (1844–1922). One of the purposes of this research is to reflect on the impressions that these authors had on the South American continent and think about their representations concerning this region, its nature, its inhabitants. Considering that the travelers came from countries belonging to the United Kingdom of Great Britain and Ireland — England, Scotland and Ireland — we sought to interpret whether their accounts would contain the possible existing dissensions among them, in Europe. At last, as the sources were written by women, we sought to observe the views of the authors about the roles traditionally attributed to women.

Keywords: travel writings, travelers, women, South America, Great Britain.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MARIANE NORTH (1830–1890)	33
FIGURA 2 – GALERIA MARIANNE NORTH NO REAL JARDIM BOTÂNICO DE KEW	35
FIGURA 3 – INTERIOR DA GALERIA MARIANNE NORTH	35
FIGURA 4 – FLORES DO BRASIL (MARIANNE NORTH)	38
FIGURA 5 – PINTURAS DE MARIANNE NORTH FEITAS EM MINAS GERAIS	38
FIGURA 6 – FOTOGRAFIA DE MARIANNE NORTH NO CEILÃO	43
FIGURA 7 - FLOR DE MARACUJÁ (MARIANNE NORTH)	49
FIGURA 8 – FLORENCE DIXIE (1855-1905)	52
FIGURA 9 – RETRATO DE FLORENCE DIXIE PUBLICADO NA REVISTA <i>VANITY FAIR</i> EM 1884	58
FIGURA 10 – MARION MULHALL (1844- 1922)	64
FIGURA 11 – MICHAEL GEORGE MULHALL, MARIDO DE MARION MULHALL	66
FIGURA 12 – BANDEIRA DO REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E IRLANDA	85
FIGURA 13 – BAÍA DE GUANABARA (MARIANNE NORTH)	108
FIGURA 14 – RIO DE JANEIRO (MARIANNE NORTH)	109
FIGURA 15 – TIJUCA COM PALMEIRA (MARIANNE NORTH)	112
FIGURA 16 – PAQUETÁ E SERRA DOS ÓRGÃOS (MARIANNE NORTH)	120

FIGURA 17 – VISTA DO JARDIM DE MR. MORIT EM PETRÓPOLIS (MARIANNE NORTH)	125
FIGURA 18 – PALMEIRAS NO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO (MARIANNE NORTH)	128
FIGURA 19 – BORBOLETAS NA FLORESTA DE GONGO (MARIANNE NORTH)	133
FIGURA 20 – MORRO VELHO (MARIANNE NORTH)	134
FIGURA 21 – ÁRVORE “ENGANA-MACACO”, <i>ARAUCARIA IMBRICATA</i> , CHILE (MARIANNE NORTH)	143
FIGURA 22 – AS NEVES ETERNAS, A PARTIR DE SANTIAGO, CHILE (MARIANNE NORTH)	144
FIGURA 23 – CAÑADÓN DE ACESSO À CORDILHEIRA	155
FIGURA 24 – AS AGULHAS DE CLEÓPATRA	156
FIGURA 25 – LAGUNA BLANCA	160
FIGURA 26 – GUANACOS	167
FIGURA 27 – AVESTRUZ – O ÚLTIMO GIRO	169
FIGURA 28 – O SALTO MORTAL DO PUMA	171
FIGURA 29 – PUCHO	175
FIGURA 30 – NOSSA CANOA DESCENDO O RIO CUYABÁ	183
FIGURA 31 – ACAMPAMENTO INDÍGENA	227
FIGURA 32 – ÍNDIOS IDEALIZADOS POR MARION MULHALL	241

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. MULHERES VIAJANTES: TRÊS BRITÂNICAS NA AMÉRICA DO SUL	25
1.1 Marianne North: uma aristocrata inglesa nos trópicos (Brasil e Chile)...	32
1.1.1 O <i>Recollections of a happy life</i> de Marianne North	48
1.2 Florence Dixie: uma Lady escocesa na Patagônia	51
1.2.1 O <i>Across Patagonia</i> de Florence Dixie	59
1.3 Marion Mulhall: dos setores médios na Irlanda à elite ilustrada na Argentina	62
1.3.1 <i>From Europe to Paraguay and Matto-Grosso e Between The Amazon and Andes</i> de Marion Mulhall.....	73
1.4 Mais do que inglesas, escocesas e irlandesas: britânicas	76
2. PRIMEIRAS IMPRESSÕES: AS BRITÂNICAS CHEGAM ÀS CIDADES PORTUÁRIAS BRASILEIRAS	89
2.1 Sob a lupa inglesa.....	89
2.2 Brasil: estranhamento e deslumbramento	99
2.2.1 Pernambuco: nos trópicos, longe da Europa.....	100
2.2.2 Salvador: um lugar sufocante	103
2.2.3 Rio de Janeiro: cidade acanhada em meio à natureza exuberante	107
3. MARIANE NORTH: COR E LUZ DA NATUREZA SUL-AMERICANA.....	123
3.1 Mariane North: a América do Sul como “Jardim Botânico”	127
3.2 A natureza pictórica como missão: Marianne North em Minas Gerais .	130
3.2.1 As minas de Minas Gerais	132
3.3 O desvelo inglês pelo mundo animal sul-americano	136
3.4 Em busca da <i>Araucaria Imbricata</i>	142
4. FLORENCE DIXIE: SOMBRAS DA NATUREZA SUL-AMERICANA	147
4.1 Florence Dixie: A Patagônia como cenário	147
4.1.1 A natureza primal.....	148
4.2 A caça como elemento de dominação	163
4.3 A dama escocesa e o mundo animal	173

5. MARION MULHALL: IMPRESSÕES DA CIVILIZAÇÃO EM UM MUNDO	
INCULTO	178
5.1 Os perigos que a natureza esconde.....	186
5.2 Luzes e sombras de Buenos Aires.....	189
5.2.1 A cidade próxima à Europa	189
5.2.2 Nem tão “bons ares”: a epidemia de febre amarela.....	194
5.3 Corumbá: uma cidade em meio à natureza inculta	199
5.4 Cuiabá: cidade perdida.....	203
5.5 Córdoba: cidade desconhecida.....	206
5.6 Assunção: uma cidade destruída pela guerra	207
6. IMAGENS DAS SOCIEDADES SUL-AMERICANAS.....	213
6.1 Marianne North: a favor da Monarquia e da escravidão brasileiras	214
6.1.1 O imperador dos trópicos: D. Pedro II.....	214
6.1.2 Negros: presença incômoda, mas necessária	216
6.1.3 Os atrasados brasileiros	220
6.2 Florence Dixie e os habitantes do sul do mundo	223
6.2.1 Negros: alegres e fortes.....	223
6.2.2 Os índios patagônicos	224
6.3 Marion Mulhall na Argentina.....	231
6.3.1 Buenos Aires: a elite hospitaleira	231
6.3.2 A falta de segurança na Argentina.....	233
6.3.3 Os temidos homens do campo	236
6.3.3.1 <i>Os gauchos</i>	236
6.3.3.2 <i>A ameaça indígena</i>	238
6.3.4 Uma Argentina “grotesca”	242
6.4 As mulheres da América do Sul por Marianne North, Florence Dixie e Marion Mulhall	243
CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
FONTES.....	256
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	257

Introdução

Esta pesquisa versa sobre os relatos de viagem de mulheres advindas da Grã-Bretanha para o continente sul-americano, na segunda metade do século XIX: Marianne North (inglesa), Florence Dixie (escocesa) e Marion Mulhall (irlandesa). O objetivo foi avaliar as imagens e representações, a cerca da América do Sul, elaboradas pelas viajantes. A investigação se desenvolveu na articulação entre a questão de gênero, viagens e viajantes e o olhar europeu sobre os outros lugares do mundo.

A opção por essas viajantes esteve relacionada ao fato delas serem oriundas de locais distintos na Grã-Bretanha, portanto refiro-me a elas como britânicas, ainda que alguns considerem apenas como britânicos os indivíduos provenientes da reunião de Inglaterra, Gales e Escócia.¹ A união da Inglaterra com o País de Gales, no século XVI, e depois com a Escócia deu origem à Grã-Bretanha em 1707 — não sem oposição por parte de galeses e escoceses em diferentes períodos. A Irlanda passou a fazer parte do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, desde 1801, mas lutava no período desta pesquisa por Independência. O propósito foi verificar como se apresentavam essas mulheres de classes sociais diferentes, já que Dixie e North pertenciam, com muito orgulho, aos estratos mais altos da Grã-Bretanha, enquanto Marion Mulhall advinha dos setores médios irlandeses. Ademais, duas delas (Dixie e Mulhall) provenientes de nações dominadas pela Inglaterra. Entretanto, veremos que as três se colocavam como orgulhosas “inglesas” na América do Sul.

¹ No século XIX, a grande expansão do Reino Unido em termos econômicos, políticos e militares, possibilitou que indivíduos até então entendidos apenas como ingleses, escoceses, galeses ou irlandeses pudessem se considerar como britânicos. A respeito, ver: MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes. O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 e PASSETTI, Gabriel. O Brasil no relato de viagens do comandante Robert FitzRoy do HMS Beagle, 1828-1839. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 911-930, 2014.

As três tomaram caminhos diferentes no hemisfério Sul. A inglesa Marianne North veio para o Brasil. Era pintora, procurou por lugares onde pudesse retratar as cores, a luz e os espécimes do país. Ela escolheu o interior de Minas Gerais, onde produziu muitas pinturas, mas também visitou o Rio de Janeiro e viajou posteriormente ao Chile. A escocesa Florence Dixie, a mais “dinâmica” das três, partiu em direção à Patagônia, na Argentina e Chile, com o objetivo de caçar. Foi armada com rifles, acompanhada de cães de caça e guias que pudessem levar a comitiva aos lugares onde fosse possível exercer o seu esporte favorito.

Já Marion Mulhall morou por 25 anos em Buenos Aires. Era uma imigrante irlandesa na Argentina, que circulou pelas altas rodas do país. A família Mulhall era proprietária do jornal *The Standard*, voltado para a comunidade de língua inglesa na Argentina e que circulava também na Grã-Bretanha. Mas Mulhall era também uma viajante e relatou os percursos que fez pelo interior da Argentina, pelo Uruguai, pelo Paraguai, após a guerra que deixou o país de joelhos, e pelo Brasil, particularmente, o Mato Grosso e a Amazônia.

A escolha das autoras passou pelo fato delas terem empreendido e registrado suas viagens — para a América do Sul — num período de cerca de vinte e cinco anos. Os textos escritos por Marianne North, Florence Dixie e Marion Mulhall foram publicados no período que vai de 1880 a 1892 e referem-se a viagens levadas a cabo pelas autoras entre 1868 e 1884. Desse modo, o marco cronológico corresponde a 1868, ano da primeira viagem de Marion Mulhall a Argentina e 1892, data da publicação póstuma dos relatos de viagens de Marianne North.

Tal período é considerado importante, pois nessa época houve um aumento dos escritos femininos, ainda que as mulheres, pelos padrões vigentes, devessem se ocupar do lar. Sabemos que algumas mulheres ultrapassaram esses limites como é o caso daquelas que estudo. A época

vitoriana, conhecida por imprimir a rigidez dos costumes, paradoxalmente, abriu novas perspectivas para que as mulheres pudessem sair do restrito âmbito do privado, já que as colônias do Império além-mar e o encontro com o diferente estimularam a viagem de homens e mulheres e os relatos sobre os outros lugares. Devido ao seu domínio, sua agressividade e ao seu alcance no globo, o Império Britânico merece críticas em relação, principalmente, ao uso do poder. Contudo, ele permitiu que Dixie, North e Mulhall tivessem uma vida e uma produção intelectual que acabaram por circular na Metrópole. Ainda que as três reiterassem a cultura imperial imanada da Inglaterra.

Tratando de relatos femininos, Sara Mills comenta que as narrativas de viagem eram consideradas um “gênero menor”, se comparadas a romances ou mesmo a impressos como jornais ou revistas. Segundo ela, isso propiciou às mulheres a oportunidade de escrever relatos de viagem sem passarem por críticas severas.²

Sendo o relato de viagem uma das mais antigas formas de literatura, necessariamente encerra inquietações e reflexões a respeito das diferenças encontradas nas sociedades humanas. Ao longo do tempo, esse tipo de narrativa não apenas adquiriu diversas formas — constituindo um artefato intermediário entre os escritos oficiais (com objetivos políticos e econômicos) e os de cunho pessoal (registros diversos, diários e correspondências) — bem como o seu teor educativo foi se consolidando, aliado à prática da aventura e à curiosidade por terras distantes, mesmo que o leitor jamais saísse do sofá. Era o que ocorria desde as primeiras décadas do século XIX, época do desenvolvimento das relações econômicas britânicas com o mundo ultramarino, ainda que o predomínio do Império Britânico, em termos de avanço industrial e comércio internacional, já começasse a ser questionado pela presença da França, dos Estados Unidos, do Japão e do Império Alemão

² MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. London/New York: Routledge, 1991, p. 42.

a partir de 1871. Essa rivalidade internacional refletia-se no número de oficiais da Marinha, diplomatas, cientistas, missionários e comerciantes que aportaram no Novo Continente. Ao lado desses viajantes, que representavam a expansão do capitalismo industrialista, havia aqueles que buscavam um refúgio dessa situação na natureza tropical.³

Existem pesquisas acadêmicas que tomaram os relatos de viagens femininos por objeto de estudo, mas são basicamente voltadas para viagens de europeus para o Brasil (a grande maioria produzida por brasileiros) e sobre viajantes também europeus para países da América espanhola.⁴ Há uma escassez na análise de relatos femininos europeus, abrangendo conjuntamente o Brasil e outros países da América da Latina, tomando por base a América do Sul. Note-se que muitos viajantes aproveitavam para visitar mais de um país quando no continente sul-americano, haja vista as dificuldades da travessia do Atlântico mesmo na era do vapor. Diante disso, resolvi encaminhar minha pesquisa nessa direção, estudando mulheres viajantes para a América do Sul, nas últimas décadas do século XIX.

Procedimentos Teórico-metodológicos

O desenvolvimento da pesquisa a que me propus seria inviável sem o debate sobre a questão de gênero, que mobilizou intelectuais nas décadas passadas. A norte-americana, Joan W. Scott, afirma que o gênero deve ser entendido como uma forma de dar significado e legitimidade às relações de poder. Numa perspectiva analítica, que vincula o saber ao poder, procura voltar-se sobre o modo como se constituem os mecanismos das operações que

³ LEITE, Miriam Moreira. *Livros de Viagem 1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 21, 22 e 27.

⁴ Para livros sobre mulheres viajantes europeias para o Brasil, ver: LEITE, Miriam Moreira, op. cit.; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org. e tradução). *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*. Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie, Rose Freycinet. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008; Para livros sobre mulheres viajantes europeias para a América do Sul, ver: KUPCHIK, Christian. *El camino de las damas*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 1999; SZURMUK, Monica. *Mujeres en Viaje*. Buenos Aires: Extra Alfaguara, 2000.

produzem significados para as hierarquias e desigualdades de gênero. Segundo ela, gênero é a organização social da diferença sexual. É o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Tais significados variam de acordo com as culturas, com os grupos sociais e com a época.⁵

Scott não nega as diferenças entre homens e mulheres, o que ela questiona é o fato de se atribuir valor ou papéis prioritários ou secundários aos homens e às mulheres. Para ela, gêneros masculino e feminino são construções avalizadas pelo mundo do saber. Em outras palavras, a hierarquização entre homens e mulheres é atribuída a partir de significados culturais e referendada por distintos campos do saber.

Scott discutiu com o campo conhecido como História das Mulheres, fortemente influenciado pelo Movimento Feminista da segunda metade do século XX, no qual as mulheres eram vistas como se tivessem uma espécie de essência que marcava a sua atuação. Adoto na pesquisa o pressuposto de Scott de que a ideia de uma essência feminina deve ser questionada, porque as mulheres não podem ser vistas como uma “categoria homogênea”. Assim, a problemática referente às mulheres foi colocada no âmbito da relação entre homens e mulheres e também com vínculos das mulheres com outras categorias sociais como etnia e classe.⁶ O gênero para Scott é relacional e as mulheres se identificam também em relação aos homens, se posicionam em razão da classe e assumem também identidades distintas ao que concerne à etnia, raça etc. Além disso, as proposições de Scott permitem pensar as diferenças no interior de gênero.

A contribuição de Scott é até hoje muito importante para o campo da História das Mulheres.⁷ No entanto, a polêmica entre ela e as historiadoras

⁵ SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*, New York, Columbia University Press, p. 28-50, 1989.

⁶ SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos tempos, 1997.

⁷ SCOTT, Joan. Prefácio à Gender and Politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, 1994, p. 13.

Louise Tilly e Eleni Varikas dá mostra da pluralidade de concepções acerca da questão de gênero.⁸ Como se sabe, Scott sugere estudar gênero, sob a perspectiva do pós-estruturalismo, nos termos da “desconstrução” proposta por Jacques Derrida. Desse modo, os estudos sobre gênero deveriam apontar para a necessidade da rejeição do caráter fixo da oposição “masculino” e “feminino”. Tilly e Varikas situando os estudos de gênero numa visão clássica — ou a recusa do pós-estruturalismo e da virada linguística —, manifestaram seu ceticismo quanto à proposta de Scott, cuja ênfase recai sobre o texto no que concerne à recuperação das mulheres como sujeitos da História no âmbito da História Social.

Ainda no final nos anos 1990, a também norte-americana, Judith Butler, afirmou que as feministas, em geral, ao defenderem as mulheres, referiam-se especialmente às mulheres brancas, contradição colocada primeiramente pelas mulheres negras nos Estados Unidos. Butler insistiu nessa tecla exatamente para reiterar as diferenças entre as próprias mulheres.⁹ A pesquisa que levei adiante teve como certas essas diferenças entre as mulheres.

No que diz respeito ao tratamento a ser dado à fonte “relato de viagem”, é imperativo considerar que devido às mudanças historiográficas das últimas décadas do século XX, os relatos de viagem vêm sendo questionados quanto à sua utilização como fonte fornecedora de informações fidedignas sobre os locais visitados. O foco passou a ser o universo cultural, no qual o viajante estava imerso, já que suas observações estariam inseridas mais na sua própria

⁸ Ver: SCOTT, Joan, op. cit., 1994; TILLY, Louise. Gênero, História das mulheres e História Social. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994; VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 63-84, 1994; BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998; PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159-189, 2009.

⁹ BUTLER, Judith, op. cit..

cultura do que na do lugar visitado. A partir de 1990, passou-se a apurar as imagens e representações encontradas nessas narrativas.¹⁰

Os trabalhos das pesquisadoras Mary Anne Junqueira e Stella Maris Scatena Franco, que se debruçaram sobre a discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte documental para os historiadores, serviram como porta de entrada para minhas reflexões preliminares a respeito do tema.¹¹ Segundo Franco, as abordagens mais recentes sobre os “relatos de viagem” privilegiam a discussão das intencionalidades e do lugar de enunciação (nacional, social, ideológico). Além disso, os relatos deixaram de ser apenas fontes e se transformaram em objetos de pesquisa por si só.¹²

A influência do olhar estrangeiro na construção da identidade nacional vem sendo igualmente estudada.¹³

Os relatos de viagem constituem um *corpus* de texto que compreende diferentes naturezas, nas quais se pode observar a interação de diversos estilos e gêneros de narrativa.¹⁴ Assim, para um melhor entendimento dessa rica fonte, é importante ater-se às proposições de alguns críticos literários. Jam Born propõe pensar se o relato de viagem pode ser considerado um gênero literário como outros. Ele concluiu que as narrativas de viagem misturam vários tipos de discursos, o que fomenta uma reflexão sobre a heterogeneidade desses textos. Para Borm, o relato de viagem é um gênero híbrido, ou seja, elaborado pelos discursos utilizados para compor o diário, a

¹⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena. *Cadernos de Seminários de Pesquisas*, vol. II. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, 2011, p. 44-45.

¹¹ FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre o seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena, op. cit..

¹² A respeito ver: LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida ou o gabinete naturalista dos doutores Spix e Martius: natureza e civilização na “Viagem pelo Brasil”*. (1817-1820). Dissertação de Mestrado em História - FFLCH-USP, São Paulo, 1995 (mimeo); LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem*. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: UFMG, 1996; BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

¹³ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. O narrador; a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*. História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹⁴ JUNQUEIRA, Mary Anne, op. cit., 2011, p. 55.

autobiografia, o discurso científico, entre outros. Segundo esse autor, encontram-se sistematicamente nos relatos de viagem elementos ficcionais em maior ou menor grau.¹⁵ Tal abordagem leva à percepção de que cada relato de viagem deve ser considerado como único, tendo em vista a heterogeneidade de sua constituição e dos diversos elementos que apresenta.

Para Tzvetan Todorov, grande parte dos relatos de viagem foi escrita por representantes do colonialismo e, basicamente, se referia a questões religiosas, militares ou comerciais. Independentemente de seus objetivos, esses relatos apresentam como elemento comum a postura curiosa e o sentimento de superioridade em relação à cultura visitada. O elemento primordial para os relatos de viagem é o sentimento de alteridade traduzido por aquele que escreve. O autor desse gênero literário procura retratar terras exóticas e longínquas, enfatizando a natureza selvagem e os povos primitivos.¹⁶

Ao associar a escrita de relatos de viagem às relações de gênero, corroboro que a escrita pessoal foi uma prática cultural utilizada pelas mulheres para estabelecerem identificações e representações de gênero. Foi a maneira que encontraram para refletir sobre o próprio autoconhecimento, as impressões captadas e o confronto com o desconhecido, o diferente, o outro. Desse modo, elaboraram discursos em que é possível observar suas escolhas, suas subjetividades, bem como suas inserções políticas e culturais. Os relatos de viagem de mulheres, a meu ver, também podem ser enquadrados no que se convencionou chamar “escritas de si”, gênero considerado por muitos estudiosos como subjetivo e pessoal, portanto inevitavelmente complexo.¹⁷

Com relação às imagens e representações que as três britânicas elaboraram sobre a América do Sul, são importantes os trabalhos pioneiros de

¹⁵ BORM, Jam. Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology. In: HOPPER, Glenn; YOUNGS, Tim. *Perspectives on the travel writing*. Aldershot: Ashgate, 2004, p. 13-26.

¹⁶ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1991; e _____. *A viagem e seu relato*. In: *Revista de letras da UNESP*, São Paulo: v. 46, n. 1, 2006.

¹⁷ GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Edward Said. Em *Orientalismo*, ele discute como os “orientalistas” europeus acabaram por constituir os orientais de uma determinada forma — como gente completamente diferente dos nascidos na Europa — que acabou por ser reiterada constantemente, ao mesmo tempo em que o Oriente era visto como um lugar notável para as experiências dos europeus. Para Said, os escritores do século XIX estavam imbuídos das noções de raça e imperialismo apreensíveis em seus textos.¹⁸

O autor analisou também em *Cultura e Imperialismo* romances do período vitoriano, época em que está centrada minha pesquisa, procurando demonstrar que tais obras e seus autores não estão desconectados da realidade em que estão inseridos. Há um envolvimento da parte de quem escreve “como sujeito humano nas suas próprias circunstâncias”. Muito importante é a ideia, posta por esse autor, de que os romances vitorianos — podemos incluir a literatura de viagem — acabavam por delimitar o espaço doméstico e os outros lugares, reproduzindo um determinado tipo de discurso presente naquilo que considerou como cultura imperial, contribuindo para a construção estereotipada do que seriam os “nós” e os “eles”. Segundo Said, as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma consegue ser pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas sem qualquer monolitismo.¹⁹

Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação, texto de grande impacto acadêmico, de Mary Louise Pratt, foi elemento fundamental para a leitura dos relatos de viagem aqui propostos. Na intersecção da análise de texto e da crítica ideológica, a autora nos leva a pensar sobre o campo discursivo, criado em parte pelos viajantes europeus, a partir de meados do século XVIII, que teria resultado numa nova maneira de enxergar o mundo, tanto sob o ponto de vista daquele que visita, quanto do visitado. Assim, “os

¹⁸ SAID, Edward. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 39 e 43.

¹⁹ _____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 25.

livros de viagem de europeus sobre regiões do mundo não europeu” teriam dado origem à criação de uma “temática doméstica” do euro-imperialismo.²⁰ Pratt propõe o conceito de *zona de contato*, o espaço de encontros coloniais, onde indivíduos — geográfica e historicamente separados — entram em contato e travam relações, que são, em geral, desiguais. Ela também se vale do conceito de *transculturação*: fenômeno da zona de contato que se refere à maneira como os europeus se apropriam dos materiais nativos, mas também do modo como os colonizados se apropriam dos estilos imperiais. Por fim, ela lança a ideia de *anticonquista*: estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram demonstrar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia.

Antes de apresentar os capítulos da tese, informo ao leitor que os excertos retirados dos relatos de viagem analisados estão em inglês nas notas de rodapé e foram traduzidos para o português no corpo do texto. Todas as traduções são minhas. Feitas estas considerações preliminares, apresento a forma como o trabalho se encontra estruturado.

O primeiro capítulo tem por objetivo apresentar as escritoras ao leitor, bem como as fontes utilizadas para análise. Foram privilegiados os relatos de viagem das três viajantes que abordavam o percurso das três pela América do Sul. Procurei elaborar uma apresentação das autoras, decorrente dos vários documentos que encontrei em minha pesquisa, inclusive seus próprios relatos. Discuto também como essas mulheres oriundas de diferentes partes da Grã-Bretanha se posicionavam frente ao sul-americano.

²⁰ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999, p. 28.

No segundo capítulo, discuto as primeiras impressões das viajantes sobre o Brasil. As três chegaram às cidades portuárias brasileiras, de modo que Recife, Salvador e Rio de Janeiro são o primeiro contato com o universo diferente que elas tentaram apreender.

A seguir, focalizo as viajantes já em suas rotas distintas. Desse modo, o capítulo 3 apresenta o olhar da pintora, Marianne North, sobre a natureza, particularmente do interior de Minas Gerais, mas também do Chile. O capítulo 4 traz Florence Dixie em sua aventura à Patagônia. Como não podia deixar de ser, a natureza se impõe nos relatos de viagem da autora que tinha o esporte da caça como um dos seus hobbies favoritos.

O capítulo 5 trata de Marion Mulhall, em suas representações sobre a natureza encontrada, bem como suas impressões sobre algumas cidades visitadas, tais como Buenos Aires, Corumbá, Cuiabá, Córdoba e Assunção. E, finalmente, o capítulo 6 tem como tema as representações que as três autoras elaboraram a respeito das sociedades sul-americanas com as quais tiveram contato. Aí também se encontra inserida a visão que essas mulheres tiveram sobre suas congêneres: as mulheres da América do Sul.

1. Mulheres viajantes: três britânicas na América Do Sul

Como é possível pesquisar a vida de uma pessoa, de um indivíduo, de um ser histórico? Através dos ecos que vêm do passado, dos momentos de sua existência que foram registrados por ele mesmo ou por outrem. Este capítulo tem por objetivo apresentar brevemente as autoras dos relatos de viagem analisados nesta pesquisa. Procuro demonstrar as suas inserções sociais na Grã-Bretanha, enfatizando que possuíam nacionalidades diferentes: Marianne North, inglesa; Florence Dixie, escocesa; e Marion Mulhall, irlandesa. A escolha dessas três mulheres está relacionada ao fato da Inglaterra ter exercido uma política imperial no arquipélago das Ilhas Britânicas, além da sua conhecida atuação colonizadora no mundo.¹

Procuro acompanhar como as autoras, advindas de meios sociais diferentes — e duas delas de nações dominadas pelos ingleses (Escócia e Irlanda) —, viram a América do Sul. O olhar imperial sobrepujaria as questões de classe e de gênero?

A maneira de introduzi-las é decorrente das fontes encontradas. Foram utilizadas informações contidas nos próprios relatos de viagem, em biografias, principalmente de Marianne North, grande parte delas laudatória das intrépidas viajantes, bem como dados e livros recolhidos na Web. Já sobre Marion Mulhall, as fontes são escassas e acompanhar a vida dessa escritora não foi tarefa tão simples.

No entanto, o modo de entrar em contato com as autoras, em primeira mão, naturalmente, é através de suas próprias palavras; ou seja, pela leitura

¹ O Ato de União de 1707 agregou os parlamentos dos Reinos da Inglaterra e da Escócia, de modo a criar a Grã-Bretanha. Foram concedidos 45 lugares no parlamento inglês para deputados escoceses. Já o Ato de União de 1800 reuniu a Grã-Bretanha e o Reino da Irlanda, estabelecendo o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. O parlamento irlandês foi dissolvido em 1801. A relação Inglaterra/Escócia/Irlanda era, e é, tensa e permeada por conflitos. Cf. COOHIL, Joseph. *Ireland, A Short History*. Oxford: Oneworld, 2008. MORGAN, Kenneth. *The Oxford History of Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2010; BARTLETT, Robert et al.. *The Penguin Illustrated History of Britain & Ireland*. London: Penguin Books, 2004.

crítica dos seus relatos, trabalho que será feito nos próximos capítulos. Aqui, procuro apresentar as escritoras e tratar, mesmo que brevemente, de alguns aspectos relativos às identidades expressas pelas viajantes em contato com os sul-americanos.

Ao tratar de mulheres viajantes, podemos tomar os seus relatos como sendo uma narrativa de natureza autobiográfica. Conforme aponta Franco, esse tipo de narrativa, englobando memórias, diários e relatos, adquiriu historicamente um caráter particular em que as pessoas passaram a conceber suas próprias vidas como parte de um mundo composto por individualidades, e não mais por forças que lhes eram transcendentais.²

Por outro lado, podemos ponderar que as narrativas aqui estudadas foram destinadas a um determinado público leitor, portanto, continham a preocupação de captar a atenção de quem fosse lê-las.³

Florence Dixie, por exemplo, iniciou seu relato como se fosse uma longa carta destinada a amigos e compatriotas, isto é, pessoas afins. Ao mencionar sua chegada ao navio que a levaria para a América do Sul — o *Britannia* — ela procurou enaltecer cada detalhe, desde a deferência do comandante até as confortáveis instalações:

[...] fomos recebidos a bordo pelo Capitão Brough sob cuja direção inspecionamos com muitíssimo interesse o belo navio que seria nosso lar por algum tempo. Seria supérfluo, a meu ver, descrever todas as excelentes disposições a bordo; imagino que alguns de meus leitores já conheçam, quer pela experiência ou pela descrição,

² FRANCO, Stella Maris. *Peregrinas de outrora*. Viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 20.

³ A classe média — segmento que cresceu no período vitoriano — se dedicava à leitura e os editores se empenhavam em encontrar assuntos e escritores que se enquadrassem dentro das preferências dos leitores. Havia um grande número de livros contendo informações que abrangiam mecanismos celestes, explorações ao Ártico, bem como questões da sociedade e até anedotas. Formaram-se assim leitores que se devotavam a conhecer algo que ia além do mundo em que viviam. O número de leitoras também havia sido incrementado, já que a leitura de livros e revistas passou a preencher as horas vagas também das mulheres de classe média. Cf. ALTICK, Richard. *Victorian People and Ideas*. New York/London: W. W. Norton & Company, 1973, p. 52, 61 e 63.

as esplêndidas e cômodas instalações de um barco marítimo de passageiros.⁴

Devemos, também, levar em consideração que o tom confidencial dos relatos imprime um ar de introspecção e de certa intimidade com o leitor. Trata-se da “escrita de si”, cuja autenticidade se sustenta nas supostas sinceridade e singularidade do texto.⁵

A mesma viajante que conta as “benesses” do navio inglês, também admite para aqueles que a leem que “viver sem comodidades pode parecer muito bom em teoria, mas na prática não é tão fácil”.⁶ Desse modo, quando já estava em meio às aventuras patagônicas, ela confidencia:

Nossos leitos eram bastante simples, como sem dúvida o leitor imagina. À falta de uma armação de cama ou colchão, servia o solo; um simples cobertor ocupava o lugar de um lençol, e nossas capas de guanaco serviam de coberta, sendo muito boas para aquecerem. O toque final a todo esse arranjo era dado pelas nossas montarias usadas como travesseiros [...].⁷

O tom de intimidade é dado quando ela conclui que, apesar desse desconforto todo, vencidos pelo cansaço das atividades do dia, eles dormiam como se estivessem em uma cama esplêndida.

As autoras aqui estudadas, escrevendo sobre suas experiências em lugares longínquos, de certa forma se deixaram entrever. Sejam pelos assuntos suscitados, pelas observações feitas ou pelas posturas adotadas. O

⁴ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. London: Richard Bentley and Son, 1880, p. 6. No original: “[...] we were welcomed on board by Captain Brough, under whose guidance we inspected, with a good deal of interest, the fine ship which was to be our home for some time. It would be superfluous for me to describe the excellent internal arrangements on board; few of my readers, I imagine, but are acquainted, either from experience or description, with the sumptuous and comfortable fittings-up of the Ocean passenger-steamer.”

⁵ GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 14-15.

⁶ DIXIE, Florence, op. cit., p. 170. No original: “Roughing it may be all very well in theory, but it is not so easy in practice.”

⁷ Ibidem, p. 170. No original: “Our couches were simple enough, as doubtless the reader imagines. The ground supplied the want of a bedstead or mattress, a single blanket occupied the place of a sheet, and our guanaco capas served as covering, being remarkable for their great warmth. With our saddles for our pillows, a complete and final touch was given to the whole arrangement [...].”

que forçosamente contribuiu para a imagem que delas ficou. Ou a imagem que delas fizeram aqueles que as sucederam no tempo.

O resultado são as “histórias de vida” a seguir relatadas, procurando atentar para o que frisa François Dosse: “O biógrafo é comparável ao retratista, que faz sua escolha sem empobrecer o que há de essencial para a tela”.⁸ O objetivo aqui não é escrever biografias das viajantes, mas apresentar pinceladas sobre essas mulheres, através dos apontamentos encontrados durante a pesquisa. Procurei, portanto, costurar os fragmentos dos textos encontrados, no sentido de avaliar as personagens, as autoras que analiso neste trabalho.

Marianne North colecionou lembranças, anotações, impressões de suas viagens e dedicou seus últimos anos de vida a escrever suas memórias, exatamente no formato de autobiografia. Seus relatos foram editados por sua irmã e publicados após sua morte. Porém, o próprio título da obra logo deixa claro que se trata de uma vida vitoriosa: “Recordações de uma vida feliz”.⁹ Idealizada, ou não pela viajante, a ideia de que se está diante de uma mulher bem-sucedida em seus intentos é evidente já na capa do livro.

O mesmo não se pode dizer de Florence Dixie, que se isolou da vida social nos últimos anos de vida e fez questão de ser enterrada num lugar sem identificação. Ao contrário de North, a imagem que ficou das escolhas que fez ao fim da vida, é de alguém que optou pelo anonimato derradeiro, ainda que sua própria obra não tenha deixado que tal acontecesse.

Marion Mulhall voltou para a Europa no final da vida. Entretanto, os anos passados na América do Sul foram profícuos em experiências, que foram sendo registradas e publicadas paulatinamente, sempre com a participação do marido, muito atuante na área jornalística.

⁸ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 56.

⁹ NORTH, Marianne. *Recollections of a Happy Life, Being the Autobiography of Marianne North*. Cambridge: Cambridge University Press, v. I e II, 2011.

Referências à vida de Marianne North são relativamente fáceis de serem encontradas por tratar-se de mulher de família aristocrática e que deixou uma grande quantidade de pinturas, o que por si só já é motivo de interesse do público sobre quem teria sido ela. Algumas dessas anotações sobre a viajante foram escritas por feministas na tarefa de recuperar a grande mulher, o que deve ser visto com cautela.

Idêntica precaução deve ser levada em conta quanto às informações a respeito da também aristocrática Florence Dixie, no sentido de evitar a evocação de mulher notável ou “à frente do seu tempo”. De fato, a imagem que mais aparece sobre ela é a da pessoa forte e decidida, bastante condizente com alguém que permaneceu meses na recém-descoberta Patagônia.

Já Marion Mulhall, ainda que não fosse do meio aristocrático, circulava no universo dos letrados da Grã-Bretanha, da Argentina e dos lugares pelos quais viajou. Teve sua vida pouco discurrida, embora tenha escrito vários livros e permanecido na Argentina por cerca de vinte e cinco anos.

Pode-se dizer que North e Dixie pertenciam à classe “alta” (por nascimento ou casamento, ou pelos dois no caso de Florence), e Mulhall, ao que tudo indica, à classe média alta, provavelmente alçada pelo matrimônio.¹⁰ A burguesia inglesa definia-se a si mesma como “*middle class*”, o que a distinguia da “*upper class*”, constituída por nobres e aristocratas.

A classe média tentava imitar os costumes das classes mais altas e os seus membros eram pequenos comerciantes e empresários, médicos e advogados, entre outros. Esse parece ser o caso de Marion, esposa de um intelectual, proprietário de um jornal na Argentina.

¹⁰ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p. 15 e 17. Só no final do século XVIII é que a estrutura moderna de classe, em seu sentido social, começou a ser construída. Primeiro surgiu o termo *classes inferiores* para acompanhar a expressão *ordens inferiores* que apareceu no início do mesmo século. Na década de 1790, surgiu o termo *classes superiores*. *Classes médias e classes medianas* apareceram logo depois. *Classes trabalhadoras* em mais ou menos 1815; *classes altas* na década de 1820. A expressão *classe média alta* só foi utilizada na década de 1890.

As outras duas viajantes levavam um tipo de vida condizente com a classe alta. A família de North passava os meses de verão em sua propriedade rural e no inverno ia para Londres, como era costume entre os aristocratas. A classe alta controlava a maior parte das terras da Inglaterra e sua representação no Parlamento era bastante expressiva. O avô, o pai e o irmão mais velho de Florence fizeram parte do Parlamento inglês (ainda que fossem escoceses), bem como o pai de Marianne, de origem inglesa.

Parace consenso que, no século XIX, a maioria das mulheres da classe alta e da classe média era mantida à parte do espaço público, do mundo dos negócios, etc. Ainda que as de alto estrato pudessem participar das rodas intelectuais e algumas até promovessem as artes.

Ociosidade significava passar seus dias entre os afazeres femininos aprendidos na infância, tais como trabalhos manuais, pinturas, arranjos de flores, estudos de piano e harpa. Dedicavam-se aos trabalhos de caridade, oferecendo agasalhos e alimentos para os necessitados. Com relação às mulheres dos segmentos médios, Peter Gay afirma:

[...] o surgimento da sociedade industrial, da empresa em grande escala, das profissões modernas complicou ainda mais a vida das mulheres. Paradoxalmente, tudo isso empurrou as mulheres burguesas para longe das atividades econômicas visíveis.¹¹

Quando o marido voltava para casa, cumpria a regra ser tratado como o senhor, por uma mulher subserviente, submissa a ele, uma devotada esposa e mãe de família. O chamado “anjo do lar”. Tal era a realidade da mulher vitoriana, sobretudo a de classe média. Ainda assim, veremos que Marion Mulhall, uma mulher notadamente dos segmentos médios, transpôs essas fronteiras consagradas.

¹¹ GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 293.

Surge a questão: eram tratadas de modo diferente as mulheres das classes superiores? Seria permitido a elas o privilégio, por exemplo, de viajar tranquilamente? De viajar para lugares recônditos, inclusive? É a pergunta que Sara Mills lança, quando se debruça sobre a importância das mulheres viajantes (inclusive escritoras) na sociedade vitoriana. Afinal, eram elas — as mulheres de classe alta (*upper class*) de fato restritas ao lar? Não foi essa mesma mulher — espécie de anjo tutelar da família — a que deu vida a esse novo e surpreendente personagem histórico: a mulher que viaja e relata sua própria experiência? Portanto, cabe perguntar se essas imagens das mulheres vitorianas não deveriam ser mais matizadas.¹²

Talvez a resposta seja dada por Altick, quando menciona o diferencial existente em relação às mulheres das classes superiores. Segundo esse autor, entre as mulheres de classe alta e as aristocratas havia uma considerável liberdade de movimentos. Elas tinham muitas visitas a fazer entre a parentela, dividiam-se entre o campo e a cidade, frequentavam bailes e reuniões sociais e acompanhavam suas famílias em viagens pelo Continente.¹³

Essas viagens se estenderam, como no caso das mulheres cujos relatos analiso, a lugares longínquos que já se encontravam sob o olhar britânico. Nesse sentido, julgo importante enfatizar que seus testemunhos devem ser observados não apenas sob o ponto de vista de uma atitude pessoal, mas principalmente com base numa cultura imperial. Não é possível deixar de considerar que elas eram mulheres britânicas, que fizeram essas empreitadas acompanhadas de parentes e amigos, ou, no mínimo, munidas de credenciais que lhes abriam as portas para uma estada como damas britânicas. Não há dúvidas de que Marianne North, Florence Dixie e Marion Mulhall eram mulheres que se deslocavam a partir do centro do Império. Portanto, não eram alheias ao imperialismo, mas representativas — se não representantes — do

¹² MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. London/New York: Routledge, 1991, p. 27.

¹³ ALTICK, Richard, op. cit., p. 51.

mesmo.¹⁴ É evidente que essas mulheres, tal como os demais vitorianos, pensavam em si mesmas como protagonistas de uma nova “era”.¹⁵

No caso de meu objeto de estudo, relatos de viagem de três mulheres pertencentes ao Império Britânico, nascidas em países diferentes — Inglaterra (país dominante), Escócia e Irlanda (países dominados) — temos uma estranha simbiose. As três escreveram suas memórias, no sentido de identificação britânica face “o outro”, aqui representado pela América do Sul, em seus elementos: os naturais, os sociais e os políticos.

Era preciso registrar essas experiências e firmá-las — tanto na Metrópole quanto na “periferia” — a fim de exaltar a memória social britânica. Era necessário lembrar que o britânico (independente de origem, gênero e classe social) esteve nesses locais longínquos e atrasados (sob o ponto de vista da “civilização”), perscrutando cada detalhe, cada dessemelhança, cada elemento a ser explorado, catalogado e colocado sob sua análise e escrutínio. Aqui, na América do Sul, ingleses, escoceses e irlandeses uniram-se no sentido de registrar o que Mary Louise Pratt bem denomina: “o olhar do Império”.¹⁶

1.1 Marianne North: uma aristocrata inglesa nos trópicos (Brasil e Chile)

Costumava sair cedo com Roberto, montados em nossas mulas, para algum lugar previamente selecionado na floresta, onde eu lhe entregava a minha rede para pegar borboletas (que ele logo aprendeu a usar com grande habilidade e discernimento), enquanto me sentava e trabalhava horas a fio com o pincel, primeiro em um

¹⁴ STEVENSON, Catherine apud MILLS, Sara, op. cit., p. 29. Essa autora argumenta que Florence Dixie era ativamente contra a intervenção colonialista.

¹⁵ ALTICK, Richard, op. cit., p. 73. O adjetivo “vitoriano” foi cunhado pelos próprios vitorianos, por volta de 1851.

¹⁶ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

lugar, depois em outro, sempre voltando a tempo de me lavar antes do jantar.¹⁷

A inglesa Marianne North apresentava-se ao público “não apenas como uma pintora, uma mulher com interesses artísticos, mas como uma pessoa interessada no campo da Botânica”.¹⁸ No século XIX, como sabemos, no âmbito das artes, mais especificamente em relação aos campos científicos, a primazia era dos homens. North, como as duas outras viajantes alvos desta pesquisa, ultrapassou as fronteiras do espaço doméstico reservado às mulheres. Os mais de 800 quadros pintados a óleo, numa representação feérica de cores, descortinando um universo inusitado de paisagens, plantas, flores e animais, tornaram realidade o seu sonho de registrar aquilo que viu e que apreciou em suas muitas viagens.

Figura 1 – Mariane North (1830–1890)¹⁹

¹⁷ NORTH, Marianne, op. cit., p. 159. No original: “I used to start every morning on my mule, with Roberto on another, for some choice spot in the forest, where I gave him my butterfly-net (which he soon learned to use very deftly and judiciously), while I sat down and worked with my brush for some hours, first in one spot and then in another, returning in time for a good wash before dinner.”

¹⁸ BIRKETT, Dea. *Spinsters Abroad: Victorian Lady Explorers*. Oxford: Blackwell, 1989, p. 207.

¹⁹ Imagem disponível em: <<https://www.pinterest.com/wishful2137/people>>. Acesso em: 03/11/15.

Ela admirava Charles Darwin, que era frequentador da casa de sua família, considerando-o como o homem mais importante do seu tempo. Dele partiu a sugestão de que ela visitasse a África e a Oceania, bem como coletasse pranchas de madeira provenientes de diferentes lugares, que mais tarde constituiriam o lambri que reveste as paredes da galeria da pintora.²⁰ North ansiava vê-lo inaugurando seu espaço de arte, mas não teve esse prazer, visto que ele veio a falecer poucas semanas antes do evento.²¹

A Marianne North Gallery, situada nos Royal Botanic Gardens, em Kew, foi desenhada por um amigo da artista, James Ferguson, e por ela doada ao público em 1882. Dois mil exemplares do catálogo foram vendidos em um mês — ela recebeu uma carta de agradecimento da Rainha Vitória — e em menos de um ano, cinco mil exemplares da segunda tiragem já estavam esgotados.²² O envolvimento da autora com Darwin, Ferguson e a Rainha Vitória deixa patente a sua rede de relacionamentos e o universo social a que pertencia.

A exposição de Marianne era incomum na arte inglesa: dedicada a uma única artista, composta de pinturas a óleo, colocadas lado a lado nas paredes, sem grande espaço entre elas, como se fossem uma colagem, seguindo as especificações da pintora.²³

²⁰ BANDEIRA, Júlio. *A viagem ao Brasil de Marianne North*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012, p. 12.

²¹ PONSONBY, Laura. *Abundant Beauty: The adventurous travels of Marianne North, botanical artist*. Vancouver: Greystone Books, 2011, p.14.

²² BANDEIRA, Júlio, op. cit., p. 22.

²³ GAZZOLA, Ana Lúcia. O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, 2008, p. 4. Essa professora da UFMG estudou e traduziu parte da obra de Marianne North, editada sob o título de: _____. *Marianne North: Lembranças de uma vida feliz*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2001. A autora optou por uma seleção do livro original: traduziu a Introdução escrita pela irmã de Marianne, o capítulo “Os primeiros dias e a vida em casa”, os capítulos que tratam do Brasil, parte do capítulo XV, relativo à organização da North Gallery e ao reconhecimento da Rainha Vitória, além de trechos do capítulo XVI, referentes à sua última viagem e seus anos finais.

Figura 2 – Galeria Marianne North no Real Jardim Botânico de Kew²⁴

Uma galeria ímpar com coleção de pinturas da flora de várias regiões do mundo e, que se constitui até hoje, na afirmação de uma das suas biógrafas, na “única exposição permanente feita por uma mulher na Grã-Bretanha”.²⁵

Figura 3 – Interior da Galeria Marianne North²⁶

²⁴ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/visit-kew-ardens/explore/attractions/marianne-north-gallery>>. Acesso em: 03/11/2015.

²⁵ PONSONBY, Laura, op. cit., p. 11.

²⁶ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/visit-kew-ardens/explore/attractions/marianne-north-gallery>>. Acesso em 03/11/2015.

Esse é um problema reincidentemente encontrado nas biografias das mulheres que aqui estudo. Como tiveram vidas incomuns, frequentemente suas biógrafas, sobretudo as vinculadas ou simpatizantes dos movimentos feministas no século XX, as caracterizam como “as primeiras” que agiram desta ou daquela maneira ou as “únicas” que empreenderam esta ou aquela ação. Não há dúvidas que elas tiveram vidas que não se esperava das mulheres do seu tempo, porém o cuidado por parte do historiador deve ser redobrado ao avaliar esse tipo de biografia.

Dessa forma, Marianne North é apresentada pelos seus biógrafos como uma artista memorável, que viajou pelo mundo para satisfazer sua paixão em pintar a fauna e a flora, enfrentando perigos e vivendo aventuras em locais remotos do globo. Suas viagens são vistas como épicas e seus quadros como testemunho dessa vida aventureira e venturosa.

Suas pinturas, no entanto, sofreram críticas não apenas por parte dos estudiosos de arte, como também pelo lado dos cientistas. Seus biógrafos se deparam com divergências quanto ao enquadramento mais apropriado a ela. North não pode ser vista nem como pintora acadêmica, nem como botânica reconhecida.

A maneira como suas obras foram executadas, no entanto, parece ter causado estranheza: tratava-se de uma mulher pintando de uma maneira não convencional — fora da “respeitabilidade das naturezas-mortas” feitas nos estúdios — ou seja, que tomou como ponto de partida a natureza ao ar livre para compor seus quadros. O tema de suas pinturas também era inusitado: a flora praticamente desconhecida de lugares longínquos.

Julgo importante lembrar que pintar “in loco” já era, à época, uma prática utilizada pelos pintores europeus como parte fundamental do

aprendizado e uma etapa na preparação de composições finalizadas no ateliê.²⁷

Outro fator a ser levado em conta é a aproximação que a obra pictórica de Marianne North guarda com dois artistas norte-americanos: Frederic Church (1829-1900) e Martin Johnson Heade (1819-1904), que pertenciam ao chamado grupo iluminista da Escola do Rio Hudson, cujo interesse recaía sobre os efeitos da luz nas suas paisagens, situando-se entre o naturalismo e o impressionismo. A pintura de paisagem tinha na América anglo-saxônica um lugar de destaque no âmbito artístico e North parece ter entrado em contato com esses pintores em sua primeira viagem aos Estados Unidos, em 1871. Church era considerado por ela como o melhor pintor de paisagens que conheceu e Heade já tinha estado no Brasil (1863-1864), onde desfrutara da proteção de D. Pedro II.²⁸

Aliado a isso, a inglesa tinha o propósito que poderíamos chamar de “cientificista”, no sentido de enfatizar cada espécime encontrado e escolhido em quadros separados. Um tipo de “catálogo botânico” produzido a céu aberto. Ao tratar desse assunto, John Dickenson relembra as críticas de Wilfred Blunt e Richard Mabey à pintura de Marianne.²⁹ O primeiro sugere que “os botânicos a consideram principalmente uma artista; mas os artistas dificilmente concordariam, pois sua pintura carece quase sempre de sensibilidade.”³⁰ O segundo, por sua vez, refere-se à sua obra como carente de maior habilidade e à sua galeria como mal organizada e vulgar.³¹

²⁷ Cf. POMARÉDE, Vincent. Essai sur la représentation de la nature autour de 1820. In: CAVINA, Anna. *Paysages d'Italie, les peintres du plein air (1780-1830)*. Paris: Réunion des musées nationaux, 2001, p. XXXVII-XLVIII.

²⁸ Importante salientar que os pintores da Escola do Rio Hudson faziam suas viagens, visitavam a natureza, mas depois pintavam em seus estúdios na costa leste americana. Cf. PRADO, Maria Lígia. *Natureza e identidade nacional nas Américas*. In: _____. *América Latina no século XIX*. Tramas, telas e textos. São Paulo: Edusc, 1999.

²⁹ DICKENSON, John. Marianne North: uma naturalista do Século Dezenove no Brasil?. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, 2000, p. 149. No texto, esse geógrafo da Universidade de Liverpool, reflete sobre o papel desempenhado por North, no âmbito da geografia, das artes plásticas e da botânica.

³⁰ BLUNT, Wilfred. *The Art of Botanical Illustration*. London: Collins. 1955, p. 237.

³¹ MABEY, Richard. *The Flowering of Kew*. London: Century, 1988, p. 169, 176 e 177.

Essa mulher controvertida é lembrada como uma pessoa incomum, de modos francos, e que não se submetia a convenções ou opiniões alheias. Seu cunhado, John Addington Symonds, a descreveu como sendo “loira, corpulenta, alta, bem humorada e um tanto quanto sarcástica”.³²

Figura 4 – Flores do Brasil (Marianne North)³³

Figura 5 – Pinturas de Marianne North feitas em Minas Gerais, Brasil. À esquerda: Aranha, cobra-coral e flor imperial; à direita: flores de Datura e beija-flores³⁴

³² PONSONBY, Laura, op. cit., p. 14.

³³ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

Marianne North era neta de um primeiro ministro inglês. Nasceu em Hastings, Sussex, Inglaterra, em 1830, sendo a filha mais velha de Janet North e de Frederick North (membro Liberal do Parlamento inglês, por Hastings, durante vários anos). Embora sua educação formal tenha sido restrita a apenas alguns meses em uma escola de Norwick, ela recebeu aulas de canto, piano e pintura pelas mãos de preceptores e pintores particulares.³⁵

Observe-se aqui que ela teve um aprendizado típico de sua classe social no que tange as mulheres: as meninas da classe alta (*upper*) e da classe média alta (*upper-middle class*) recebiam de suas preceptoras uma educação cultivada, visando, sobretudo, obterem um bom casamento e serem capazes de manter um lar dentro das convenções estabelecidas pelos costumes. Mesmo como parte de uma família abastada, a mulher não era dona de suas propriedades, consideradas pertencentes ao marido em caráter inalienável, ainda que herdadas ou adquiridas por ela.³⁶

Os North passavam os verões dividindo-se entre Lancashire e Norfolk, na casa de fazenda de Rougham; da Páscoa até meados de agosto — a chamada “estação social” — deslocavam-se até Londres e no inverno permaneciam em Hastings.³⁷ Portanto, viajar foi uma prática que logo se inseriu na vida de Marianne North.

Mas a grande viagem, mesmo, viria em 1847, quando passou três anos com os familiares no continente. Nos oito meses que permaneceu em Heidelberg, hoje Alemanha, a jovem pode usufruir de várias incursões, na companhia do pai, colocando-se em contato com a natureza — florestas, vales, montanhas — ainda que grandes revoluções estivessem acontecendo na

³⁴ Ibidem.

³⁵ North tinha descendência do *Honorable* (título dado aos filhos dos Lords) Roger North, filho de Lord Dudley North, 4º. Barão de North, que só herdara o nome e a boa educação da família, mas se tornara um jurista de fortuna. O pai de Marianne era tetraneto do barão e juiz de paz em Norfolk. Sua esposa, Janet, era filha de Sir John Majorybanks, baronete de Lees e membro do Parlamento por Berwickshire. Cf. BANDEIRA, Júlio, op. cit., p.11; NORTH, Marianne, op. cit., p. 1 e 4; GAZZOLA, Ana, op. cit., p. 4; PONSONBY, Laura, op. cit., p. 14.

³⁶ ALTICK, Richard, op. cit., p. 58. Segundo esse autor, essa situação só veio a ser modificada por volta de 1870/1872.

³⁷ NORTH, Marianne, op. cit., p. 5.

Europa. Dali, a família passou por Munique, Salzburgo, Viena, Graz, Brunn, Praga, Suíça, Dresden, Berlin, Putbu, Hamburgo e Bruxelas.³⁸

North, portanto, viajou pela Inglaterra e pela Europa durante boa parte de sua juventude. Registrava suas impressões em diários e fazia esboços em seu caderno de desenho, porém demonstrava maior interesse pela música. Chegava a passar cerca de oito horas ao piano e cantar era seu passatempo predileto. Foi somente quando teve problemas com a voz, que se voltou de maneira mais efetiva para a pintura, primeiro com aquarelas, depois executando quadros a óleo, e para isso teve bons mestres. Passou os anos vindouros dedicados a essas atividades, desfrutando da companhia dos amigos do pai e não tendo muita disposição para reuniões sociais. Frequentar bailes, para ela, significava “uma penitência”.³⁹ Pode-se dizer que Marianne North tornou-se uma pessoa singular, graças ao contato com a elite intelectual vitoriana que frequentava sua casa e às escolhas que fez como permanecer solteira e viajar a lugares longínquos.

Quando Mariane tinha vinte e quatro anos, sua mãe faleceu e, em seu leito de morte, fê-la prometer que jamais se casaria e nunca deixaria o pai. Ao que parece, ela nunca foi muito próxima da mãe — inválida por muitos anos — mas teve no pai um grande ídolo e companheiro. Aparentemente, tornar-se a “lady” solteira de Hastings não foi uma decisão muito dolorosa para ela, que viria a demonstrar em seus escritos uma postura não muito favorável ao casamento.⁴⁰

³⁸ PAYNE, Michelle. *Marianne North – A very intrepid painter*. Kew: Royal Botanic Gardens, 2011, p. 5 e 6.

³⁹ A voz de Marianne começou a falhar, provavelmente devido a questões de fundo nervoso, ou à febre tifoide contraída por ela em Munique, em 1847. O problema pôs fim ao seu desejo de cantar num palco, ou em sala de concertos. O gosto pela pintura parece ter sido incentivado por um amigo de seu pai, o pintor de paisagens Edward Lear, assíduo frequentador da mansão de Hastings. Ele próprio um “globe-trotter” influenciou os destinos das viagens dos North. Além dele, eram hóspedes da casa: William Jackson Hooker e seu filho Joseph Dalton Hooker, sucessivos diretores do Royal Botanic Gardens de Kew, além da figura ilustre de Charles Darwin. Cf. GAZZOLA, Ana, op. cit., p. 4.; PAYNE, Michelle, op. cit., p. 6-7.; PONSONBY, Laura, op. cit., p. 11.; BANDEIRA, Júlio, op. cit., p.12.

⁴⁰ PONSONBY, Laura, op. cit., p. 12.; PAYNE, Michelle, op. cit., p. 7.; BANDEIRA, Júlio, op. cit., p. 11.; NORTH, Marianne, op. cit., p. 5.

Observe-se novamente que North não teve uma vida comum. Não deve ter sido fácil manter-se solteira numa sociedade que valorizava o casamento. Talvez, por isso, as viagens permitissem que se aventurasse para longe da repressora sociedade inglesa do XIX. Sua situação abastada propiciou que tivesse uma vida que não se enquadrava nos padrões vigentes.

A família comprou, então, uma propriedade em Londres, que viria a ser a residência fixa de Marianne mais tarde. Ela se tornou a acompanhante do pai, que perdera a representação parlamentar, e com ele visitou: França, Espanha, Áustria, Suíça, Croácia, Itália, Hungria, Turquia, Grécia, Egito, Corfu, Líbano, Síria, Israel e Palestina.⁴¹

Até 1869, além de viajar, ela se dedicou à pintura (aprendeu pintura a óleo com o australiano Dowling), à jardinagem e ao estudo de Botânica, nos jardins de Hastings e Kew.⁴² Foi num passeio a Royal Botanic Gardens, em Kew, que conheceu em estufa a exuberante flora tropical e pensou em visitar os trópicos.⁴³

Com a morte do pai, ela se viu só e abalada emocionalmente. Tentou viajar com uma criada, porém não encontrou muito proveito na companhia.⁴⁴ Apesar da tristeza do luto, percebeu que tinha, agora, liberdade para realizar seu sonho de conhecer os trópicos e poder pintar “in loco” as paisagens luxuriantes que antevia.⁴⁵ Segundo Ponsonby, ela própria se descrevia como sendo um pássaro selvagem, ávido por liberdade, corroborando para a formação de uma história de vida, que enaltece o espírito livre como sendo um marco incontestado da sua personalidade.⁴⁶

⁴¹ PAYNE, Michelle, op. cit., p. 7-8.; GAZZOLA, Ana, op. cit., p. 4.

⁴² GAZZOLA, Ana, op. cit., p. 4.

⁴³ PONSONBY, Laura, op. cit., p. 12. Consta que foi Sir William Hooker, diretor do Royal Botanic Gardens, o responsável por introduzir tais pensamentos na mente de North. Ele a presenteou com um ramalhete de flores de *Amherstia nobilis*, uma árvore de Burma.

⁴⁴ PAYNE, Michelle, op. cit., p. 7-9. Segundo Payne, a criada não era a companhia de que Marianne necessitava, além disso, North estava muito triste com a morte do pai e sentiu o preconceito em relação a mulheres que viajavam sem uma companhia masculina.

⁴⁵ DICKENSON, John, op. cit., p. 148.

⁴⁶ PONSONBY, Laura, op. cit., p. 12.

Dickenson afirma que North pertence ao seleto grupo das *globe-trotters*.⁴⁷ Verdade é que, por volta de 1872, já havia a possibilidade de fazer a sonhada “volta ao mundo em 80 dias” de Julio Verne. As partes mais remotas do mundo estavam começando a serem interligadas por meios de comunicação, que não tinham precedentes, pela regularidade e pela capacidade de transporte de grande quantidade de pessoas e mercadorias.⁴⁸

De fato, Marianne North faz jus a esse epíteto, já que aos quarenta anos de idade — numa época em que a expectativa de vida feminina não passava de quarenta e cinco anos — iniciou uma série incrível de viagens a países longínquos.⁴⁹ Realizou duas voltas ao mundo, no espaço de dezesseis anos, empreendendo nove viagens de monta, sempre retornando à Inglaterra para períodos de descanso. Visitou: EUA, Canadá e Jamaica (1871-72), Brasil (1872-73), Tenerife (1875), EUA, Japão, Singapura, Sarawak, Java e Sri-Lanka (1875-77), Índia (1877-79), Sarawak, Austrália, Tasmânia, Nova Zelândia, Havaí e EUA (1880-81), África do Sul (1882-83), Seicheles (1883-84) e Chile (1884-85).⁵⁰

⁴⁷ DICKENSON, John, op. cit., p. 154-155. Ele a compara com Fanny Workman e Ella Christie, mais do que com especialistas regionais, como Mary Kingsley e Kate Marsden. Esse clube é ampliado, segundo o parecer de Payne, com os nomes de Isabella Bird e Constance Gordon Cummings. Cf. PAYNE, Michelle, op. cit., p. 19.

⁴⁸ HOBBSBAWM, Eric. *A era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 84.

⁴⁹ A respeito da média de vida feminina na Europa ver: BLAYO, Yves. La mortalité en France de 1740 à 1829. *Population*, v. 30, p. 123-143, 1975. Número especial (Démographie historique). O índice de mortalidade entre as mulheres era cerca de 5 a 20% superior ao dos homens. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/pop_0032-4663_1975_hos_1_30_1_15697>. Acesso em: 23/09/2015.

⁵⁰ DICKENSON, John, op. cit., p. 148.

Figura 6 – Fotografia de Marianne North no Ceilão⁵¹

Seu objetivo era pintar as plantas nos seus *habitats* e trazer conhecimento às pessoas sobre as fontes e as origens de certas espécies. Fez sozinha a maioria dessas viagens, mas sempre munida de cartas de apresentação, graças aos conhecimentos de que seu pai desfrutara, junto a cientistas, botânicos, artistas, escritores e políticos.

Em julho de 1871, ela viajou para a América do Norte, após vender a propriedade familiar de Hastings Lodge, onde entrou em contato com o casal Louis e Elizabeth Agassiz.⁵² Eles tinham estado no Brasil poucos anos antes e lhe contaram sobre as maravilhas que aqui haviam encontrado.⁵³ Elizabeth prometeu a ela cartas de apresentação, caso decidisse empreender uma viagem para a América do Sul.⁵⁴ Note-se aqui que North tinha contatos com a

⁵¹ Fotografia tirada por Julia Margaret Cameron. Disponível em: <http://www.nla.gov.au/exhibitions/ellisrowanofficers_wife.html>. Acesso em: 20/10/2015.

⁵² BANDEIRA, Júlio, op. cit., p. 16.

⁵³ Ibidem, p. 31. D. Pedro II convidara esse casal suíço-americano para passar uma temporada no Brasil, coligindo espécimes para o Museum of Comparative Zoology de Harvard.

⁵⁴ PAYNE, Michelle, op. cit., p. 20.

elite científica e letrada inglesa, mas também mantinha relações com pessoas do mesmo grupo fora das fronteiras nacionais.

Em sua primeira empreitada nos trópicos, em 1871, especificamente na Jamaica, ela se instalou em uma casa imensa, acompanhada de dois criados e utilizando-se apenas de alguns cômodos. Estabeleceu uma rotina de sair para pintar o mundo natural “in loco”, bem cedo pela manhã, com retorno à casa ao entardecer. No entanto, sua pacata vida solitária logo foi modificada pela presença de outros europeus que, sabedores de sua estada lá, passaram a visitá-la e a fazer parte de seu dia-a-dia.⁵⁵

Este seria um traço constante em suas viagens posteriores: embora gostasse muito de se embrenhar na natureza e na vida rotineira dos lugares que visitava, ela também apreciava conversar com pessoas com quem tivesse afinidades.⁵⁶

Embora suas viagens fossem bastante planejadas, seu relato parece demonstrar o esforço que ela precisava fazer para enfrentar o desconhecido. Exemplo disso é a sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1872:

Não conheço nada mais difícil para uma pessoa tímida que desembarcar pela primeira vez entre um povo e uma língua estranhos, sempre tive horror a isso; de forma que pedi ao bondoso comerciante belga que me ajudasse; e ele entregou-me aos cuidados de um de seus irmãos, este não só me desembarcou em seu escaler, como me colocou numa carruagem que me levou para o Hotel dês Étrangers em Botafogo, nos arrabaldes da cidade.⁵⁷

Ainda que a inglesa se descrevesse como tímida, sua história de vida parece desmenti-la. Sua biógrafa Ponsonby, fiel ao perfil construído para North, faz questão de anunciar que, apesar de poder usufruir de boas

⁵⁵ Ibidem, p. 22.

⁵⁶ Ibidem, p. 23.

⁵⁷ NORTH, Marianne, op. cit., p. 116. No original: “*I know nothing more trying to a shy person than landing for the first time among a strange people and language. I always dread it; so I asked the good Belgian merchant to help me, and he gave me into the care of one of his brothers, who not only landed me in his boat, but put me into a carriage which took me to the Hôtel dês Étrangers at Botafogo, on the outside of the town.*”

influências, a viajante preferia se hospedar em locais com menos comodidade — tais como casas de pessoas recomendadas, hospedarias, hotéis e até cabanas — a se instalar, por exemplo, em residências governamentais.⁵⁸

Isso é demonstrado, quando Marianne North e seus amigos, durante sua estada em Minas Gerais, pernoitam em uma casa de fazenda precária, com acomodações modestas.

Passamos a noite em uma casa de fazenda solitária - alojamentos rústicos, onde ficamos contentes de acampar ao redor de uma fogueira no chão de barro, sentados em nossos agasalhos. Entretanto, fomos providos com uma ceia excelente, enviada à meia-noite, nas cabeças de três negros gigantes, por amigos cuja casa hospitaleira tinha nos escapado na escuridão crescente. Chegamos à sua fazenda na manhã seguinte. Eram brasileiros educados da classe alta.⁵⁹

Observe-se que a autora lamenta as más instalações do lugar, mas, por outro lado, elogia a gentileza dos “brasileiros educados da classe alta”, que, apesar do desencontro, fizeram com que os visitantes tivessem uma refeição condigna. O importante para ela parecia ser os contatos mantidos com gente educada, gentil e hospitaleira.

Em outro episódio, ela se vê, novamente, num local inusitado para uma dama inglesa se hospedar. Durante suas andanças por Minas Gerais, ela e seus companheiros de passeio foram recebidos por uma senhora que os instalou no celeiro:

Havia uma parede baixa num canto para segurar o arroz e o milho. O chão tinha sido varrido para acomodar duas camas pequenas. Outra parte do celeiro tinha sido dividida com uma parede mais

⁵⁸ PONSONBY, Laura, op. cit., p. 13.

⁵⁹ NORTH, Marianne, op. cit., p. 166. No original: “*We passed the night at a lonely farmhouse - the roughest of quarters, where we were glad to camp round a wood fire on the mud floor, sitting on our wraps. However, we were supplied with an excelente supper, sent down at midnight on the heads of three black giants, by friends whose hospitable house we had missed in the growing darkness. We reached their Fazenda the next morning. They were educated Brazilians of the upper class.*”

alta, atrás da qual os dois cavalheiros dormiriam. Esses eram nossos alojamentos, embora algumas galinhas e alguns porcos velhos e obstinados tentassem nos persuadir de que já os tinham tomado antes [...] ⁶⁰

Apesar de descrever uma situação pouco confortável, a viajante não dispensou um comentário bem humorado. Esse senso de humor nem sempre se mantinha. Ela era capaz de cenas de raiva sendo vista por alguns como uma mulher autoritária. Também não apreciava as tagarelices sociais e frívolas. ⁶¹

Como amante da natureza e observadora arguta, North lamentava a desenfreada destruição das florestas e da vida selvagem. Questionava porque as pessoas não usufruíam, de “maneira correta”, da beleza do lugar onde viviam. Por que não apreciavam o que tinham tão perto? Sempre tomando por base as suas referências europeias e suas vivências pessoais:

É de se perguntar por que as pessoas ricas de Ouro Preto não constroem, nesse local adorável, suas casas de campo para passar o verão. Talvez tenham medo das enormes jiboias que o povo diz que assombram essas grandes rochas, atacando ocasionalmente o gado. ⁶²

A viajante partia da sua percepção que vinha de uma fria e cinzenta Inglaterra. Talvez por isso valorizasse tanto a vida ao ar livre. Ponsonby insiste em dizer que ela era uma mulher que se divertia com suas aventuras e que tinha muito prazer em enfrentar os perigos que, frequentemente, encontrava em suas viagens. Experimentou todo tipo de transporte e era uma

⁶⁰ NORTH, Marianne, op. cit., p. 173-174. No original: “*There was a low wall in one corner to keep back the rice and corn on the floor. This had been swept back to make room for two little beds. Another part of the barn had been partitioned off by a higher wall, behind which the two gentlemen were to sleep. These were our quarters, though some obstinate old hens and pigs wanted to persuade us that they had engaged them beforehand [...].*”

⁶¹ PONSONBY, Laura, op. cit., p. 14.

⁶² NORTH, Marianne, op. cit., p. 164. No original: “*One wonders the rich people of Ouro Preto do not build villas up in this lovely spot to pass their summers in; perhaps they fear the large boa constrictors which people say haunt these big rocks, occasionally attacking the castle.*”

amazona intrépida, às vezes cavalcando cerca de oito horas num só dia nas jornadas que empreendia.⁶³

O amor pelos animais aparece de forma expressiva em seus relatos. Numa excursão às Grutas de Curvelo, ela se deparou com juntas de bois, arrastando árvores por meio de duas rodas feitas de cortes maciços de troncos de árvores presos em encaixes de ferro. North se compadeceu do sofrimento dos animais, fustigados pelos negros:

Havia sempre vinte, ou mais, dos pobres animais em cada parelha, lutando e gemendo, enquanto um exército de escravos os cutucava com a ponta dos agulhões, gritando com eles. Foi um dos quadros mais dolorosos que vi. Em geral, eles faziam quase cem milhas com suas cargas penosas por essas péssimas estradas.⁶⁴

Interessante notar que ela demonstra mais apreço aos animais do que em relação aos subalternos encontrados na sua viagem. Ela se compadecia dos animais, mas não dos escravos. Não quero dizer aqui que os animais podem ser maltratados, mas uma das características de Marianne North era não se compadecer das pessoas que encontrava, como veremos nos próximos capítulos. A fauna e a flora constituíram, de fato, seu verdadeiro objeto de observação e isso se faz claro no grande número de pinturas efetuadas por ela durante suas viagens com esse tema.

Entretanto, North foi, a seu modo, uma defensora das mulheres, particularmente aquelas do seu segmento social. Mantinha amizade com Barbara Bodichon, entusiasta da educação feminina, que, por sua vez, era amiga de George Elliot, admiradora das obras de Marianne. Ela lamentava o papel subalterno das mulheres casadas em relação a seus maridos e se preocupava em promover o trabalho de outras mulheres artistas, embora não

⁶³ PONSONBY, Laura, op. cit., p. 14.

⁶⁴ NORTH, Marianne, op. cit., p. 166. No original: *"There were often twenty or more poor beasts in each team, struggling and groaning, with an army of slaves poking pronged slaves into them, and howling at them. It was a most painful sight to see. They often come a hundred miles with their unmanageable loads over these roughest of roads."*

tivesse paciência com as jovens que fizessem comentários, que ela considerasse sem sentido, a respeito de suas pinturas.⁶⁵

Ela continuou a se dedicar à pintura e à galeria que exporia os seus quadros, quando de seu retorno à Inglaterra, até, finalmente, se recolher numa casa em Alderley, Gloucestershire. Ela sempre conservou os apontamentos que escrevera, durante suas viagens, e, então se dedicou a organizá-los, o que resultou em sua autobiografia.⁶⁶ Faleceu na Inglaterra, em 30 de agosto de 1890, aos 59 anos de idade.⁶⁷

Ao longo do tempo, a produção pictórica de North tem despertado maior interesse, dentre os estudiosos, do que a narrativa de suas experiências de viagem. O que parece, começa a ser revisto com novas edições ou resumos de sua autobiografia.⁶⁸

1.1.1 O *Recollections of a happy life* de Marianne North

No decorrer do século XIX, muitos visitantes estrangeiros escreveram sobre sua estada no Brasil, porém a maior parte pertencia ao sexo masculino. North chegou ao Brasil em setembro de 1872, com o objetivo de ampliar sua coleção de plantas tropicais, iniciada na sua viagem à Jamaica. Após escalas em Recife e Salvador, desembarcou no Rio de Janeiro, onde se instalou por cerca de dois meses. Dedicou-se à pintura da paisagem local, tendo por modelo, sobretudo, o Jardim Botânico e a Ilha de Paquetá. Mais tarde, foi para a mina de ouro inglesa de Morro Velho, em Minas Gerais, onde

⁶⁵ PONSONBY, Laura, op. cit., p. 15.

⁶⁶ Ibidem, p. 15.; PAYNE, Michelle, op. cit., p. 11.

⁶⁷ GAZZOLA, Ana, op. cit., p. 29. Essa autora chama a atenção para a notoriedade que North atingira, por ocasião de sua morte. Foram publicados obituários no *Athenaeum* (6 Setembro 1890), no *Critic* (27 Setembro 1890) e no *Scientific American* (8 outubro 1890).

⁶⁸ Cf. SCHINZ, Marina. *A Vision of Eden: The Life and Work of Marianne North*. Devon: Webb & Bower, 1986.; PONSONBY, Laura, op. cit.; MORGAN, S. Introduction. In: NORTH, Marianne. *Reflections of a Happy Life*. Charlottesville: Webb and Bower, 1993.

permaneceu por mais oito meses. Visitou, ainda, um vilarejo inglês abandonado de Gongo Soco, as cavernas de Curvelo e a Serra dos Órgãos, antes de retornar à Inglaterra em setembro de 1873. O resultado dessa experiência apareceu em mais de 100 quadros, que representam cerca de um oitavo da coleção de sua galeria, em Kew.⁶⁹

Figura 7 - Flor de Maracujá (Marianne North)⁷⁰

O Chile representou sua última aventura, em 1884. Ela tinha por objetivo pintar a *Araucaria imbricata*, conhecida popularmente como “*monkey puzzle tree*” e a *Puya chilensis*, o cactus puia azul.⁷¹

Lá visitou Valparaíso, Santiago e Las Salinas. Ela planejava passar o Natal e o Ano Novo em Santiago, mas sua saúde já não era a mesma.

⁶⁹ BANDEIRA, Júlio, op. cit., p. 19.; DICKENSON, John, op. cit., p. 150. Sobre as coleções de pinturas, reunidas em Kew, Inglaterra, é possível vê-las no site: <www.kew.org>. Acesso em: 01/10/2015.

⁷⁰ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

⁷¹ Ao que parece, a doença dos “nervos” voltou a assolá-la e os sedativos já não resolviam. Cf. PAYNE, Michelle, op. cit., p. 10, 75 e 76.

As alucinações que sentira nas ilhas Seychelles, as várias vicissitudes físicas que suportara a tornaram uma mulher alquebrada, para a qual os médicos encontravam como único paliativo: receitas de brometo, sedativo usado em prisões e quartéis em virtude de suas propriedades mortificantes.⁷²

As experiências de Marianne North foram editadas por sua irmã e publicadas postumamente por Macmillan and Co., de Londres, sob o nome de *Recollections of a happy life, Being the Autobiography of Marianne North*. (publicada em 1892) e *Some further recollections of a happy life. Selected from the journals of Marianne North chiefly between the years 1859 and 1869* (publicada em 1893), aproveitando trechos que já haviam sido revistos pela autora, bem como suas anotações de viagem. Note-se que autobiografia, memória e relato de viagem estão interconectados nos trabalhos de North.⁷³

A obra contém 16 capítulos, divididos de acordo com os locais visitados, reunidos em dois volumes. O primeiro volume de sua autobiografia detalha, nos seus capítulos IV e V a experiência vivida no Brasil; no segundo volume, o capítulo XVI é dedicado à sua viagem ao Chile em 1884.

Seu texto, escrito de forma fluente, guarda um tom coloquial, e foi publicado sem reproduções dos quadros. Seu relato apresenta, comenta e julga as pessoas, os lugares e a paisagem que encontrou. Já sua pintura, traduz um testemunho vivo e enaltecendor da natureza brasileira e chilena.

Julgo ser de grande importância o estudo desse relato, no sentido de que se trata de uma viajante que se enquadra tanto na categoria de naturalista, quanto na de escritora e que figura nas várias antologias que tem por objeto mulheres viajantes escritoras.⁷⁴

⁷² BANDEIRA, Júlio, op. cit., p. 16.

⁷³ JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne e FRANCO, Stella Maris Scatena. *Cadernos de Seminários de Pesquisas*, vol. II. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, 2011.

⁷⁴ A respeito ver: BIRKETT, Dea. *Spinsters Abroad: Victorian Lady Explorers*. Oxford: Blackwell, 1989; FOSTER, Shirley. *Across New Worlds. Nineteenth Century Women travelers and Their Writings*. New York: Harvester Wheatsheaf, 1990; MIDDLETON, Dorothy. *Victorian Lady Travellers*. London: Kegan Paul, 1965; ROBINSON, Jane. *Unsuitable for Ladies*. Oxford: Oxford University Press, 1995; RUSSEL, Mary.

1.2 Florence Dixie: uma Lady escocesa na Patagônia

É maravilhoso como a usual emoção da caça aumenta quando — como no nosso caso — o jantar depende de nosso êxito e foi com um sentimento quase solene que logo cedinho escolhemos e selamos nossos melhores cavalos, afiamos nossas armas de caça, colocamos à prova nossos rifles e seguidos pelos cães que conheciam perfeitamente bem o que significava este real empenho de caça, entramos no bosque [...] ⁷⁵

O falecimento de Lady Florence Dixie foi registrado pelo *The New York Times*, de 8 de novembro de 1905:

Florence Dixie foi membro da família Queensberry e herdou as excentricidades, bem como a sagacidade de seus membros. Alguns anos atrás, ela assustou Londres, declarando que tinha sido sequestrada por agitadores, que ela acreditava irlandeses, e tinha sido mantida prisioneira por alguns dias em cativeiro. Sua história nunca foi desmentida, mas também nunca foi comprovada, muitas pessoas disseram que o caso todo foi imaginário. ⁷⁶

Este episódio pode ser real ou imaginário, porém a verdadeira aventura vivida por Dixie não aparece nesta nota: ficou marcada para sempre, num dos rincões do globo terrestre — a Patagônia — onde um hotel leva o seu nome: *Lady Florence Dixie* ⁷⁷, não deixando esquecer a sua passagem por lá.

Lady Caroline Florence Douglas nasceu em 24 de maio de 1855, em Cummerstrees, Dumfries, na Escócia. ⁷⁸ Sua família era de origem

The Blessings of a Good Thick Skirt. London: Collins, 1986; TINLING, Marion. *Women Into the Unknown: a Source Book on Women Explorers and Travellers*. New York: Greenwood, 1989.

⁷⁵ DIXIE, Florence, op. cit., p. 88-89. No original: “*It is marvelous how the ordinary excitement of hunting is increased when, as in our case, one’s dinner depends on one’s success; and it was with feelings almost of solemnity, that early in the morning we selected and saddled our best horses, sharpened our hunting-knives, slung our rifles, and, followed by the dogs, who knew perfectly well that real earnest sport was meant, threaded the beechwood [...]*.”

⁷⁶ Lady Florence Dixie dead. Champion of Woman's Rights, and War Correspondent. *The New York Times*, Wednesday, 8 November 1905, p. 9.

⁷⁷ Este hotel localiza-se em Puerto Natales, no Chile.

⁷⁸ SZURMUK, Mónica. *Mujeres en Viaje*. Buenos Aires: Extra Alfaguara, 2000 (a). Essa autora afirma que Florence nasceu em Londres, o que pode ser verídico, já que seu irmão mais velho nasceu em Florença, na

aristocrática: ela era filha do oitavo marquês de Queensberry e de sua esposa Caroline, filha do General Sir William Clayton, quinto baronete, membro do Parlamento por Great Marlow. Não é demais reiterar que Dixie vinha de uma Escócia sob domínio inglês.

Florence e seu irmão gêmeo — Lord James Douglas (morto em 1891) — eram os caçulas. Ao todo eram seis filhos: Lady Gertrude Douglas (1842-1893), Lord Francis Douglas (1847-1865), que morreu em um acidente em uma escalada em Matterhorn, Lord Archibald Douglas (1850-1938), que seguiu a vida religiosa, e John Sholto Douglas (1844-1900) — o mais velho — que herdou o título de Visconde de Drunlanrig e se tornou mais tarde o nono marquês de Queensberry.⁷⁹

Figura 8 – Florence Dixie (1855-1905)⁸⁰

Itália. O importante, no entanto, é sua origem escocesa, mantida pela tradição da família, inclusive com título nobiliárquico da Escócia.

⁷⁹ O 9º marquês de Queensberry foi educado na Royal Naval College, em Greenwich, Londres e foi membro da Marinha Real. Viveu a maior parte da vida na Inglaterra, embora fosse considerado pertencente à nobiliarquia escocesa.

⁸⁰ Litografia feita por Andrew Maclure publicada em 1877. Imagem disponível em: <<http://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw74711/Lady-Florence-Caroline-Dixie-ne-Douglas>>. Acesso em: 04/11/15.

Em 1862, a mãe viúva de Florence converteu-se ao catolicismo e foi viver com os dois filhos menores em Paris, por cerca de dois anos. Sob a ameaça de perda da tutela de seus outros filhos, viu-se obrigada a retornar à Escócia e enfrentar a sogra protestante. Essa possibilidade era real, numa época em que os direitos das mulheres eram bastante limitados. Tal episódio causaria forte impressão na vida de Florence, que mais tarde escreveria sobre tais injustiças em seu livro *The Story of Ijarn*, publicado em 1903.⁸¹

Florence foi educada em casa e, depois de seu retorno de Paris, passou a frequentar uma escola mantida por religiosas. Ao que parece, ela não gostava da maneira repressora da instituição, o que demonstrou escrevendo poesias, que seriam publicadas em 1902, sob o título *Songs of a Child*, com o pseudônimo de “Darling”.⁸²

As viagens constantes parecem ter marcado a vida da pequena Florence. Após a morte prematura de seu irmão Francis (1847-1865), ela e seu irmão gêmeo foram levados novamente para uma viagem pela Europa. Ao que parece, tratava-se de uma família envolta por acontecimentos considerados pouco claros ou desabonadores.

O desequilíbrio emocional se faz presente nos apontamentos sobre os membros da família Dixie: acredita-se que o pai de Florence, morto em 1860, oficialmente vítima de um acidente com arma de fogo, tenha cometido suicídio. Seu irmão gêmeo, Lord James Douglas, era profundamente apegado a ela e, ao que parece, ficou muito ressentido quando a irmã se casou. Em 1885, tentou raptar uma jovem e, após o episódio, seu comportamento foi se tornando cada vez mais contraditório. Em 1888, casou-se com uma mulher abastada, com um filho de dez anos de idade, mas isso se provou desastroso. James caiu em uma profunda depressão e cometeu suicídio em 1891.

⁸¹ MIDDLETON, Dorothy. Dixie [née Douglas], Florence Caroline, Lady Dixie (1855–1905). In: *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

⁸² Ibidem.

O irmão mais velho de Florence foi um entusiasta do boxe e patrono de vários esportes. Foi um dos fundadores do Clube Atlético Amador, hoje Associação Atlética Amadora da Inglaterra. O livro, *As regras de Queensberry para o esporte do boxe*, escrito em 1865 por John Graham Chambers e publicado em 1867, foi patrocinado pelo jovem aristocrata, então um pugilista amador entusiasmado, e assim levou o seu nome. Seu envolvimento com o boxe, seu ateísmo e seus dois divórcios fizeram dele uma figura impopular na alta sociedade de Londres. Em 1895, Oscar Wilde o processou por difamação em resposta à sua acusação de sodomia, tendo em vista o relacionamento que o dramaturgo estava tendo com o filho do Marquês, Lord Alfred Douglas (1870-1945). A acusação foi retirada, mas Wilde foi condenado “por indecência”, através do Ato de Emenda do Direito Penal de 1885, que proibia a homossexualidade no Reino Unido.

Florence parece ter desenvolvido uma constante necessidade de viajar, a qual viria a compartilhar com seu marido inglês, Sir Alexander Beaumont Churchill Dixie (1851-1924), além do amor pela aventura e pela vida ao ar livre. Eles se conheceram, provavelmente, em alguma caçada. Ela se tornara uma excelente amazona, apaixonada por cavalos, cachorros e pelo esporte da caça exercido por membros do universo aristocrático.

Os jovens se casaram em 1875 e foram morar em Bosworth Hall, perto de Market Bosworth, em Leicestershire, na Inglaterra. Tiveram dois filhos: George Douglas (nascido em 18 de janeiro de 1876) e Albert Edward Wolstan (nascido em 26 de setembro de 1878), cujo padrinho era o Príncipe de Gales. Em 1877, Lady Florence publicou seu primeiro livro, *Avenged Abel: uma tragédia dramática*.

No final de 1878, o casal partiu para uma viagem para a Patagônia, cujo relato seria escrito por ela sob o título *Across Patagonia*. A viagem durou cerca de seis meses, período de isolamento, emoções repentinas, digressões sobre a paisagem e reflexão sobre si mesma, mas, dedicada, sobretudo ao

esporte da caça. Quando retornou à Europa, a jovem senhora levou consigo um jaguar (ou puma) que tentou manter como animal de estimação, mas que logo foi enviado a um zoológico, após matar vários veados no Windsor Great Park.⁸³

Ao voltar da América do Sul, o casal Dixie planejava fazer uma expedição ao Ártico, porém não conseguiu, por falta de recursos financeiros da família. Em 1881, Florence contribuiu com *The Morning Post of London*, para cobrir a Guerra dos Boêres (1880-1881), bem como as consequências da guerra Anglo-Zulu, na África do Sul.⁸⁴

O interesse do público leitor sobre seu relato de viagem, aliado à sua reputação de viajante destemida, parece ter lhe rendido a indicação. Quando chegou à África do Sul com o marido — para acompanhar a insurreição dos Boêres contra o governo britânico — a luta tinha cessado, mas eles permaneceram por lá cerca de seis meses.⁸⁵ Florence justificou a estada prolongada, intervindo na defesa do rei dos zulus — Cetswayo — que tinha sido preso, sob a acusação de haver incitado a rebelião.

Embora seus livros tenham feito sucesso, o ganho não foi suficiente para resolver os problemas financeiros da família. O vício do marido por jogo, com apostas elevadas, fez com que tivessem de vender o lar ancestral e a propriedade em Bosworth, a fim de pagarem as dívidas assumidas. A propriedade foi vendida e a família teve de se transferir para Windsor. Na década de 1880, o casal mudou-se para Glen Stewart, propriedade escocesa de Lord Queensberry em Kinmount, anteriormente a casa da mãe de Lady Florence, a marquesa viúva.

⁸³ MURRAY, Douglas. *Bosie: a biography of Lord Alfred Douglas*. New York: Hyperion. p. 18.

⁸⁴ Por volta de 1855 havia cerca de dez jornais publicados em Londres. *The Times*, a sete pences, era o mais caro com circulação de cerca 10.000 exemplares. Seu principal concorrente era, justamente, o *Morning Post*, a cinco pences. Ambos foram suplantados, em questão de preço, pelo *Daily Telegraph*, vendido a um penny. Cf. Winning Endeavours – Morning Post article, titled “The White City and the Colonies, p. 3. Disponível em: <<http://www.winningendeavours.org/67-240/morning-post-article-titled-the-white-city->>>. Acesso em: 02/12/2011. Sobre a atuação de Dixie no jornal, ver: SZURMUK, Mónica. op. cit., 2000 (a), p. 113.

⁸⁵ BRAKE, Laurel; DEMOOR, Marysa. *Dictionary of nineteenth-century journalism in Great Britain and Ireland*. London: Academia Press/The British Library, 2009, p. 172.

Florence Dixie foi uma mulher de opiniões entusiásticas. Segundo Monica Szurmuk, ela se tornou uma grande defensora da independência irlandesa, estabelecendo “um paralelo entre o colonialismo inglês, na África, e a ocupação da Irlanda”.⁸⁶ Escreveu textos sobre várias questões, tais como seu apoio a *Irish Home Rule* e sua crítica a *Irish Land League* e aos *Fenians*, que, ao que parece, em 1883 empreenderam contra ela uma mal sucedida tentativa de assassinato.⁸⁷

A notícia foi veiculada pelo *The New York Times*, de 19 de março de 1883. “Um crime covarde irlandês — uma tentativa de assassinar Lady Florence Dixie” foi a manchete. O artigo tratava da emboscada efetuada por dois homens disfarçados com roupas femininas contra Dixie, que teria sido salva por um cão São Bernardo.

No dia 30 de março seguinte, o mesmo jornal noticiava: “*Lady Florence Dixie’s own story. From the Pall Mall Gazette of March 19*”, onde a vítima dava o seu testemunho do ocorrido. Em 8 de abril, o jornal trouxe um nota, informando que o periódico “tory” *St. James’s Gazette*, de 21 de março, sugeria que Lady Dixie poderia estar relatando o ocorrido com cores muito

⁸⁶ SZURMUK, Monica, op. cit., 2000 (a), p. 113.

⁸⁷ Após o levante irlandês de 1798 (inspirado nos ideais da Revolução Francesa), os ingleses incluíram a Irlanda no Reino Unido, dando cidadania britânica para seus habitantes e representação no parlamento para seus “landlords” protestantes. Acontece então a primeira fragmentação da sociedade irlandesa: os grandes proprietários protestantes, aliados à monarquia britânica, apoiam a ideia unionista, enquanto o restante da população, em geral católica, procura manter autonomia frente à Inglaterra. O projeto de autonomia — *Irish Home Rule* — ganhou força no século XIX, baseado no sentimento irlandês de diferença em relação à Inglaterra. No entanto, os grandes proprietários de terra do norte estavam alinhados com os “tory” ingleses e tinham uma boa posição social em meio à comunidade britânica. A primeira metade do século XIX viu agravarem-se essas diferenças, que mais tarde seriam aprofundadas por conflitos armados. As ideias separatistas dividiram-se em dois caminhos: o dos que acreditavam em uma solução política e constitucional e o daqueles que só viam a revolução, como saída para o impasse. Esse braço revolucionário pela autonomia era chamado de Irmandade Republicana Irlandesa, popularmente conhecida como “Fenians”, uma alusão aos heróis mitológicos celtas, que defendiam bravamente as terras irlandesas dos invasores. Fundada em 1858 obteve uma adesão expressiva em 1870, promovendo grupos de cunho nacionalista por toda a Irlanda. *Irish Land League* era uma organização política, do final do século XIX, que procurava ajudar agricultores pobres. Sua pretensão principal era acabar com o latifúndio na Irlanda e permitir que pequenos agricultores pudessem possuir a terra em que trabalhavam. Disponível em: <<http://keltos.wordpress.com/2010/02/04a-irlanda-sangrenta>>. Acesso em: 09/04/2012. Florence tinha uma avó irlandesa e abraçou a casa do *Irish Home Rule*, criticando com veemência os métodos do *Irish Land League*, de acordo com TOMS, Jan. *Celebrating a women’s right pioneer*. Disponível em: <<http://www.scotsman.com/news/arts/celebrating-a-women-s-right-pioneer-1.465449>>. Acesso em: 02/12/2011. Um artigo escrito por Dixie, *The Case of Ireland*, foi publicado na *Vanity Fair*, de 27 de maio de 1882, segundo Anderson, Monica. *Women and the Politics of Travel, 1870–1914*. Madison: Fairleigh Dickinson University Press, 2006, p. 131.

pesadas e que o atentado poderia não ter acontecido de verdade. A rainha Vitória, no entanto, mandou um enviado especial para averiguar o sucedido, o qual, desafortunadamente, veio a falecer vítima de uma forte gripe, o que entristeceu profundamente a soberana, que culpou Dixie pela perda de seu “criado favorito”.⁸⁸ A partir desse ano, 1883, reveses familiares obrigaram Florence Dixie a suspender suas viagens.

Dixie também foi defensora da “emancipação das mulheres”, propondo que os dois sexos tivessem direitos iguais no matrimônio e no divórcio e apoiando o sufrágio feminino. Em 1890, escreveu um romance, *Gloriana, or the Revolution of 1900*: nessa obra as mulheres podiam votar e a protagonista era eleita para a Câmara dos Comuns. No final, a Grã-Bretanha aparecia próspera e pacífica, governada por mulheres.⁸⁹ No prefácio, ela deixa clara sua defesa dos direitos femininos, tal qual fizera Mary Wollstonecraft, um século antes⁹⁰:

A TODAS AS MULHERES

e aos Homens honoráveis, justos e corajosos

A despeito do Costume e Preconceito, estreiteza de mente e equívoco a muito estabelecidos, afirmo e apoio as Leis da Justiça, da Natureza e do Direito; dedico as páginas seguintes, com a esperança que a franca inspeção dos males que afligem a Sociedade levarão à sua derrubada da única maneira possível — a saber, dando às Mulheres direitos iguais aos Homens. Só então a Sociedade será purificada (...) ou o Homem estará no caminho que levará à Perfeição.⁹¹

⁸⁸ Trata-se do “ghillie” escocês John Brown, que serviu a rainha por muitos anos, tornando-se seu confidente e acompanhante, após a morte do príncipe Albert. A situação de Florence Dixie em relação à soberana deve ter ficado bastante delicada, haja vista a confiança que esta depositava em seu criado pessoal, que a acompanhava por toda parte.

⁸⁹ Dixie foi membro do National Union of Women's Suffrage Societies.

⁹⁰ WOLLSTONECRAFT, Mary. *A vindication of the rights of woman with strictures on moral and political subjects*. London: Joseph Johnson, 1792.

⁹¹ DIXIE, Florence. *Gloriana or the revolution of 1900*. London: Henry and Company, 1890.

Figura 9 – Retrato de Florence Dixie publicado na revista *Vanity Fair* em 1884⁹²

Na década de 1890, sua visão sobre o esporte da caça mudou radicalmente. Em sua obra *“The Horrors of Sport”* (1891), ela discorre sobre os malefícios dos esportes envolvendo sangue. Terminou a vida como vegetariana e defensora dos animais.

Dixie desempenhou, ainda, um papel fundamental na estruturação dos jogos de futebol feminino, organizando partidas amistosas, para fins de caridade. Em 1895, tornou-se presidente do *British Ladies' Football Club*, estipulando que "as meninas deveriam entrar no espírito do jogo com o coração e a alma". Tomou providências para que a equipe de futebol feminino de Londres fizesse uma turnê pela Escócia.⁹³

A autora defendia exatamente as práticas que não eram comuns às mulheres do seu tempo. É como se ela quisesse afirmar que as mulheres

⁹² Detalhe do retrato de Florence Dixie publicado na *Vanity Fair* de janeiro de 1884 (Theobald Chartran). Esta é uma das ilustrações publicadas na revista americana, entre os anos de 1868 e 1914, sobre pessoas notáveis, como parte de uma breve biografia, em geral laudatória. Das cerca de duas mil pessoas retratadas, apenas dezoito são mulheres. Dixie veio fazer parte desse seleto grupo, que incluía, dentre outras, a rainha Isabel II, da Espanha (1869), a princesa de Gales (1882), a imperatriz Elizabeth, da Áustria, (1884). Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/da/%2BLady_Florence_Dixie_Vanity_Fair.jpg/450px-%2BLady_Florence_Dixie_Vanity_Fair.jpg>. Acesso em: 21/11/2015.

⁹³ COX, Richard; RUSSELL, Dave; VAMPLEW, Wray. *Encyclopedia of British Football*. London: Routledge, 2002, p. 325.

podiam e deviam fazer o mesmo que os homens, até mesmo no campo dos esportes, onde as diferenças de força e resistência física se mostravam mais evidentes. Talvez tenha aprendido isso com suas experiências de caçadora, onde o sexo do caçador não podia ser um entrave para o bom desenvolvimento do esporte. Como bem retrata o trecho abaixo escrito por ela:

Mas quando se está com o ânimo da peleja e a excitação da caça está em seu nível mais elevado? Que esportista se preocupa em olhar ou perguntar o que pode haver no outro lado do obstáculo que enfrenta? Seu único pensamento é avançar e manter um bom lugar na divertida caça que se está levando a cabo com alegria.⁹⁴

Porém, com o passar dos anos, a jovem ousada se tornou uma solitária agnóstica: Florence Dixie faleceu em novembro de 1905, em Glen Stuart, Dumfriesshire. A poetisa, escritora de relatos de viagem, entusiasta dos direitos femininos, inicialmente caçadora e, posteriormente, defensora dos animais, foi sepultada na Escócia, em uma cova sem marcação e sem nenhuma cerimônia religiosa, conforme seu desejo. Ela escolhera o anonimato.

1.2.1 O Across Patagonia de Florence Dixie

No final de 1878, os Dixie embarcaram rumo à sua aventura no “extremo sul do universo”. Ao que parece, Florence era a única mulher a participar da viagem. Tinha 23 anos, deixara seus dois filhos na Europa, sendo que o caçula

⁹⁴ DIXIE, Florence, op. cit., p. 167. No original: “But when his blood is up, and the excitement of the chase at its highest pitch, what keen sportsman cares to crane or wonder what danger lies on the other side of the obstacle that confronts him? His only thought is to get forward and keep a front rank in the merry chase that goes gaily sweeping along.”

tinha apenas dois meses, e vinha acompanhada, dentre outros, por seu marido, por seu irmão gêmeo e pelo amigo, Julius Beerbohm.

Beerbohm já estivera na Patagônia, no final de 1877, acompanhando alguns caçadores, através da bacia de San Julián até Punta Arenas, o que resultou em um livro chamado *Wondering in Patagonia*. Provavelmente foi ele a entusiasmar os Dixie para fazerem a viagem à América do Sul. Outro participante da excursão era um homem chamado Storer, criado fiel dos Dixie, que acompanhou seus senhores nessa empreitada ao “fim do mundo”. Juntaram-se a eles pessoas contratadas no local.⁹⁵

O relato dessa viagem — *Across Patagonia* — foi escrito por Florence e publicado, pela primeira vez em Londres, em 1880, por Richard Bentley and Son, com ilustrações dos esboços feitos por Julius Beerbohm, contendo 251 páginas. Nos Estados Unidos, foi publicado em 1880 e 1881 por R. Worthington (Nova York), com 311 páginas, e em 1881, por Clarke (Chicago).⁹⁶ Em 1882 foi reeditado em alemão, em Leipzig, sob o título *Beiden Patagonien. Ein Damenritt durch unersforschte Jagdründe (Entre os Patagões. Uma amazona através de inexplorados lugares de caça)*, o que demonstra o interesse despertado entre os leitores europeus da época.⁹⁷ Após mais de um século, em 1996, a Universidade de Magalhães, no Chile, reeditou essa obra, com tradução para o castelhano de María Teresa Velasco e Rosanna Martelli. Há ainda a tradução argentina, de Cristina Piña, e publicada pela Companhia de Tierras Sud Argentino SA, em Buenos Aires, em 2000.⁹⁸

Através de vinte e um capítulos, Dixie relata a expedição, tratando da passagem pelo Brasil (Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro), por Montevideu

⁹⁵ Cf. MARTINIC, Mateo. Introdução e notas. In: DIXIE, Florence. *Através de la Patagonia*. Punta Arenas: Ediciones de la Universidad de Magallanes, 1996, p. 6-7.

⁹⁶ Informações disponíveis em: <https://www.archive.org/stream/.../catalogueoflibra00royaiala/catalogue00royaiala_djvu.txt>. Acesso em: 03/12/2011.

⁹⁷ MARTINIC, Mateo, op. cit., p. 9.

⁹⁸ PEÑALOZA, Fernanda. A Sublime Journey to the Barren Plains: Lady Florence Dixie's Across Patagonia (1880). *Limina: A Journal of Historical and Cultural Studies, Arts, Humanities and Social Sciences*, (University of Western Australia), n. 10, 2004, p. 95.

e a estada na Patagônia. Segundo Szurmuk, a autora se apresenta como uma aristocrata frívola, para quem a situação precária dos indígenas patagônicos não tem grande importância.⁹⁹

Ela narra suas aventuras, nesse local remoto da terra, incluindo as cavalgadas, as caçadas, a matança e a esfolagem de animais, para levá-los à Europa como troféus. Examina a paisagem, as pessoas, a maneira como vivem, a cultura encontrada. Descreve com grandes detalhes a interação com a gente nativa, propiciando ao leitor sentir-se como participante da situação inusitada.

A aceleração na velocidade das comunicações, com a invenção do telégrafo, a partir da década de 1850, tornara nítida a diferença existente entre os lugares acessíveis à essa nova tecnologia ou não. Segundo Hobsbawm, isso explicava, em parte, a grande paixão do público pelo “explorador e o homem que passou a ser chamado de “viajante” *tout court*, isto é, a pessoa que viajava até ou além das fronteiras da tecnologia”.¹⁰⁰

Os editores perceberam que se iniciava uma “idade de ouro feita para uma nova geração de viajantes de poltrona”, dispostos a seguirem os reais viajantes por locais desconhecidos, através de seus relatos. Os mais lidos eram, justamente, aqueles que retratavam as incertezas e inseguranças desses lugares, tais como os rincões da América do Sul.¹⁰¹ As publicações seguidas do livro de Dixie, em 1880, 1881 e 1882, e em diferentes locais (Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha), corroboram esse entendimento.

Por outro lado, Mateo Martinic classifica a viagem de Florence, como sendo “turística”, se fossemos utilizar termos atuais. Isto porque considera que o objetivo da viagem não foi outro senão o de procurar o prazer físico e espiritual dos viajantes, buscando conhecer melhor a vida natural e as paisagens ignotas de um local tão remoto e desconhecido como a

⁹⁹ SZURMUK, Monica, op. cit., 2000 (a), p.113.

¹⁰⁰ HOBBSAWM, Eric, op. cit., p. 95.

¹⁰¹ Ibidem, p. 96.

Patagônia.¹⁰² Pondero, no entanto, que apesar de esse poder ter sido, de início, o objetivo da expedição, ao longo da narrativa, percebe-se que a viajante sequiosa por aventura foi se amalgamando ao lugar e passou a ter olhos atentos aquilo que via.

Florence Dixie é referência nos compêndios que se dedicam ao tema “mulheres viajantes”. Catherine Stevenson em *Victorian Women Travel Writers in Africa* relaciona a obra de Dixie com a de Mary Kingsley.¹⁰³ Mónica Szurmuk também trata de Dixie e sua viagem à Patagônia na compilação que fez sobre mulheres viajantes e seus relatos de viagem.¹⁰⁴ Fernanda Peñaloza, coordenadora da SURCLA (Sydney University Research Community for Latin America), tem como referência as viajantes britânicas. Ela escreveu um artigo sobre Dixie, no qual o argumento principal é o de que a viajante vê a Patagônia como um *locus* para o gozo do sublime.¹⁰⁵

1.3 Marion Mulhall: dos setores médios na Irlanda à elite ilustrada na Argentina

Em Novembro de 1875, tendo meu marido sido convidado pelo Presidente da República para assistir a inauguração da Estrada de Ferro Andina ou San Luis, tive a oportunidade de acompanhá-lo, a fim de ver algo mais sobre o território indígena e, se possível, os Andes.¹⁰⁶

¹⁰² MARTINIC, Mateo, op. cit., p. 5.

¹⁰³ Mary Kingsley (1862-1900), escritora e exploradora inglesa, que viajou à África e escreveu sobre suas experiências em *Travels in West Africa* (1897) e *West African Studies* (1899).

¹⁰⁴ SZURMUK, Monica. *Women in Argentina: Early Travel Narratives*. Gainesville: University Press of Florida, 2000 (b); _____. *Mujeres en Viaje*. Buenos Aires: Extra Alfaguara, 2000 (a).

¹⁰⁵ Cf. PEÑALOZA, Fernanda, op. cit., p. 81-87.

¹⁰⁶ MULHALL, Mrs. M. G.. *Between the Amazon and Andes or Ten years of a lady's travels in the Pampas, Gran Chaco, Paraguay, and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1881, p. 119. No original: “In November 1875, my husband being invited by the President of the Republic to attend the opening of the Andine or San Luis Railway, I took the opportunity of accompanying him, in order to see something more of the Indian country, and if possible, the Andes.” Daqui em diante referir-me-ei a essa obra apenas com o início do título “Between The Amazon and Andes”.

Marion McMurrough Murphy Mulhall se orgulhava de ter sido a primeira mulher “inglesa” a desbravar a capital do Mato Grosso, uma das poucas a visitar as missões jesuíticas no Paraguai, bem como a explorar rios remotos, tais como o Cuiabá e o São Lourenço, ainda que saibamos que deve ter exagerado na sua primazia sobre a descoberta do interior do Brasil.

Ao mesmo tempo, lamentava ter tido de presenciar os momentos dramáticos da epidemia de febre amarela que assolou Buenos Aires em 1871, o que, de fato não deve ter sido nada fácil. Ela assim se expressa:

A comida estava começando a escassear porque os mercadores estavam com receio de trazer carne, manteiga ou leite. Os preços subiram como se um cerco os impelisse, e algumas das aldeias vizinhas estabeleceram um “cordão sanitário”, colocando de quarentena qualquer um que viesse da cidade.¹⁰⁷

Mesmo nas primeiras publicações de seus livros, seu nome próprio não aparece: sua autoria é registrada como “Mrs. M. G. Mulhall”. A pesquisadora Laura Izarra lembra que poucas são as publicações sobre os irlandeses na América do Sul, especialmente no Brasil e na Argentina. Segundo ela, a produção literária desses sujeitos diaspóricos ainda permanece inexplorada, salvo raras exceções.¹⁰⁸

Os registros sobre Marion Mulhall ganharam alcance apenas a partir do momento em que se tornou a senhora Michael George Mulhall. Enquanto Marianne North e Florence Dixie eram “bem nascidas” e, portanto, detentoras de certo “poder”, por causa de sua privilegiada classe social, em meio às

¹⁰⁷ Ibidem, p. 33. No original: “Food was beginning to run short, as the market people were afraid to come in with meat, butter, or milk. Prices rose as if a siege were going on, and some of the neighbouring villages drew a “cordon sanitaire” around, putting in quarantine any one who had come from the city”.

¹⁰⁸ IZARRA, Laura. *Narrativas diaspóricas: Identidades em formação. Os irlandeses sob a “Cruz del Sur”*. Tese de livre docência – FFLCH-USP, São Paulo, 2006 (a) (mimeo), p. 4.

famílias abastadas e bem relacionadas, Marion Mulhall permaneceu desconhecida, no período de sua infância e de sua solteirice.¹⁰⁹

Figura 10 – Marion Mulhall (1844- 1922)¹¹⁰

Pouco se sabe a seu respeito, antes de seu casamento. Isso é admitido por Mariano Galazzi, ao escrever na introdução da obra de Mulhall “Os irlandeses na América do Sul”:

Não temos dados certos sobre a data de seu nascimento; na nota necrológica publicada pelo periódico [*The Standard*] por ocasião do seu falecimento — em 15 de novembro de 1922 —, afirma-se que ao morrer tinha 78 anos, portanto, pode-se dizer que tenha nascido em 1844.¹¹¹

¹⁰⁹ Sobre a ascensão da classe média no século XIX, ver: GAY, Peter. *A Educação dos Sentidos. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

¹¹⁰ Imagem disponível em Asociación Señoras de San José: <<http://www.assj.org.ar>>. Acesso em: 04/11/15.

¹¹¹ GALAZZI, Mariano. Introdução do tradutor a MULHALL, Marion. *Los irlandeses in Sudamérica*. Buenos Aires: Elaleph.com, 2009, p. 7-8.

O local do nascimento, provavelmente, foi Balbriggan: ao dar a notícia de seu casamento, o periódico *The Standard* afirmava que Marion era a filha mais velha do senhor Edward Murphy, de Balbriggan. Este era um povoado do condado de Dublin, Irlanda, que tinha apenas 3.016 habitantes, por volta de 1837. É provável que o pai de Marion seja mesmo Edward Murphy, tido como comerciante, padeiro ou curtidor, instalado na rua Drogheda.

A respeito de sua família, há a informação sobre sua irmã, Cecilia, que se casou em Buenos Aires, em 1885, com Fairfield Magrane, fazendeiro e contador em Loreto, na província de Santa Fé.¹¹² Assim, podemos nos aproximar da compreensão da nossa autora como alguém originário dos segmentos médios da Irlanda. Na Argentina, entretanto, Marion e o marido circularam entre os membros da elite letrada do país. Novamente, Mulhall difere de North e Dixie que tinham origem em famílias aristocráticas, ainda que Dixie fosse escocesa.

Supondo-se que essa irmã de Marion tenha nascido na Irlanda por volta de 1860 (ano em que seu marido nasceu), conclui-se que a diferença de idade entre elas devesse ser bastante grande (se pensarmos que Marion nasceu em 1844). Também consta que Marion era irmã de John Murray Thomas, adepto da nascente fotografia, que registrou muitas facetas da vida na Patagônia, em especial as colônias galesas. Isso pode fazer sentido pelo fato de que Francis Mulhall, irmão do marido de Marion, foi viver em Chubut.¹¹³

Não se sabe como ela e Michael George Mulhall se conheceram. Há a hipótese de que eles se casaram em junho de 1868, na cidade onde ela teria nascido — Balbriggan.¹¹⁴ A versão de *The Dictionary of National Biography*, no entanto, faz menção à cerimônia nupcial dos Mulhalls como tendo

¹¹² Ibidem. p. 7-8.

¹¹³ Ibidem, p. 8. Chubut é uma província da Patagônia argentina, reduto de imigrantes do País de Gales.

¹¹⁴ GALAZZI, Mariano, op. cit., p. 8.

ocorrido em Buenos Aires em 1878.¹¹⁵ Portanto, pode-se considerar que entre 1868 e 1878 os Mulhalls contraíram matrimônio.

Figura 11 – Michael George Mulhall, marido de Marion Mulhall¹¹⁶

Sobre o marido de Marion, sabe-se que nasceu em 29 de setembro de 1836, em Dublin, Irlanda. Era o quarto dos doze filhos que tiveram seus pais, o advogado Thomas Mulhall (1803-1856) e sua esposa, Catherine Flood (1807-1849). A família Mulhall era católica, mas leal à coroa britânica.¹¹⁷ Algumas filhas do casal tornaram-se freiras. Assim, parece natural que o jovem Michael tenha pensado em ser um sacerdote. Logo que ingressou no seminário de Carlow, foi transferido para Roma, a fim de estudar no

¹¹⁵ Ibidem, p. 8.

¹¹⁶ Imagem disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Michael_Mulhall.jpg>. Acesso em: 04/11/15.

¹¹⁷ GALAZZI, Mariano, op. cit., p. 9.

Colégio Irlandês da cidade, onde permaneceu até 1855, quando resolveu abandonar os estudos sacerdotais.¹¹⁸ Edward, o irmão mais velho de Michael, fora para a Argentina na década de 1850 e instalara uma fazenda de criação de ovelhas, primeiro em Ranchos e depois próximo a Zárate, província de Buenos Aires.

A imigração irlandesa para a Argentina começara por volta de 1825, atingindo o pico em 1848 e esgotando-se ao final do século. Alguns dos primeiros imigrantes tinham prosperado, graças ao comércio com a lã de ovelha e com os negócios que engendraram como criadores de ovinos argentinos, disputando a liderança do comércio de lã internacional com a Austrália. Esses imigrantes eram oriundos das terras de Wexford e da região central da Irlanda — Westmeath, Longford e Offaly norte — e sabiam lidar com ovelhas, gado e cavalos, o que os fez prosperarem, a despeito do trabalho duro e das condições desfavoráveis.¹¹⁹

Embora houvesse grandes ondas de emigração para os Estados Unidos, por razões políticas e econômicas, antes da Grande Fome, os irlandeses optaram, no pior momento da crise (1845-1849), por emigrarem para outros lugares, inclusive a América do Sul. A Argentina foi particularmente escolhida, por causa do clima e das atividades agropecuárias semelhantes às da Irlanda.¹²⁰

Em 1858, Michael resolveu juntar-se ao irmão, mas encontrou dificuldades com o trabalho no campo e decidiu se dedicar ao ensino de inglês e outros idiomas, tais como italiano, espanhol, latim, grego, além de lógica e metafísica.¹²¹

Ele viria a fundar — em 1861 — o primeiro jornal diário, em língua inglesa, na América do Sul: *The Standard*, que se tornou uma das mais

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Informação disponível em: <<http://www.irlandeses.org/dresden.htm>>. Acesso em: 22/06/2013.

¹²⁰ IZARRA, Laura, op. cit., 2006 (a), p. 3.

¹²¹ GALAZZI, Mariano, op. cit., p. 10.

importantes fontes de informações sobre a vida das comunidades de língua inglesa na Argentina. Logo após, seu irmão Edward viria associar-se a ele nesse empreendimento. Além de editar o jornal, os dois irmãos também publicaram vários livros.¹²²

Ao que parece, o casal Mulhall chegou a Buenos Aires, em 12 de agosto de 1868. A Guerra da Tríplice Aliança ou do Paraguai (1864-1870) estava em pleno desenvolvimento e faltavam dois meses para que Mitre fosse substituído por Sarmiento na presidência da Argentina.¹²³

A jovem Marion despertou interesse, quando de sua chegada a Buenos Aires, sendo descrita como uma jovem bonita e inteligente, que causou sensação no lugar.¹²⁴

No entanto, foi desagradável a primeira impressão que ela própria teve da cidade. Era uma manhã fria e chuvosa. Não havia um porto propriamente dito e eles tiveram de ancorar a cerca de vinte milhas da praia. Depois tiveram de caminhar sob a chuva, num chão escorregadio, com inúmeros buracos, o que, segundo o relato dela, costumava ocasionar acidentes com os viajantes incautos. Tanto que no hospital local já havia uma enfermaria destinada às vítimas dessa “ponte dos suspiros”.¹²⁵ À distância, a cidade parecia bonita, com diversas construções imponentes, mas essa beleza se perdia por terem sido construídas em ruas estreitas demais.¹²⁶ A estranheza de Marion transparece em seu relato:

Pessoas acostumadas com os confortos da Inglaterra não se acostumam facilmente com o estilo de casas da América do Sul.

¹²² Fundado em 1 de maio de 1861, esse periódico começou a sua publicação como *The Weekly Standard*, tornando-se mais conhecido pelo nome que adotou posteriormente — *The Standard* — e só viria a encerrar suas publicações em 1959. Há a coleção completa de suas edições na Universidade San Andrés, Victoria, Buenos Aires. A família Mulhall publicou, ainda, uma série de livros de bolso sobre países da América do Sul. Dentre os escritos de Michael G. Mulhall destaca-se *The English in South America*, publicado em 1878 e reimpresso 99 anos mais tarde em Nova Iorque.

¹²³ GALAZZI, Mariano, op. cit., p. 12.

¹²⁴ Ibidem, p. 13.

¹²⁵ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 1.

¹²⁶ Ibidem, p. 34.

Conheci uma senhora que persuadiu o marido a voltar para a Inglaterra, porque ela não conseguiu encontrar uma casa adequada para viver.¹²⁷

O marido — jornalista, escritor e estatístico — deve ter tido bastante influência na vida e nas obras da esposa. Como disse, com ele Marion empreendeu uma série de viagens pela Argentina e por países vizinhos que resultou na publicação dessas experiências. Ela registrou suas viagens e também suas investigações históricas sobre os locais por onde passou.¹²⁸

O casal participou de vários eventos importantes da sociedade sul-americana, tais como as inaugurações da estrada de ferro de Córdoba (1870) e da sua similar andina até Villa Mercedes (1875). Também efetuou uma viagem ao Brasil (1871/1872), cujas impressões Michael publicou em seu jornal e de forma ampliada em seu livro *Rio Grande do Sul and its German Colonies* (1873) e que Marion relata em *Between the Amazon and Andes*.¹²⁹

Mulhall diferencia-se das outras duas viajantes pela sua proximidade com a trajetória do marido, intelectual bem conceituado dentro da comunidade britânica. Para se entender os relatos de Marion Mulhall, faz-se necessário percorrer a trajetória de seu esposo, como escritor de livros apropriados para apresentar a América do Sul à comunidade de língua inglesa. Ele e seu irmão, Edward, publicaram textos sobre o assunto em seu jornal, *The Standard*, que servia de veículo para apresentar as vantagens oferecidas pelos países sul-americanos, especialmente Brasil e Argentina, aos possíveis imigrantes de língua inglesa, sobretudo irlandeses, numa tentativa de incentivá-los a virem para o nosso continente. Esse jornal, escrito inicialmente

¹²⁷ Ibidem, p. 3. No original: “Persons accustomed to the comforts of life in England cannot easily reconcile themselves to the style of houses in South America. I knew of a lady who persuaded her husband to return to England, as she could not find a house “fit to live in””.

¹²⁸ Michael Mulhall destacou-se no campo da estatística. Richard Altick, ao tratar do período vitoriano, ressaltava a ideia de que a Grã Bretanha, nesse período, desempenhava o papel da “mais rica nação na terra”, operando nos mais variados campos, de supridora de materiais industrializados a mantenedora da paz nas linhas mercantis marítimas. Disso derivaria o desenvolvimento da ciência estatística como necessária ao Império. ALTICK, Richard, op. cit., p. 12.

¹²⁹ GALAZZI, Mariano, op. cit., p. 13.

em inglês e francês, era de grande circulação na Argentina na época. Havia uma edição diária para Buenos Aires e Montevideu, outra semanal para o interior do país e uma destinada à Europa a cada quinzena.¹³⁰

The Standard, ao que parece, tinha como objetivo a aproximação dos vários membros de língua inglesa na Argentina, além de circular na Grã-Bretanha. A ele se opunha o outro jornal irlandês-argentino, *The Southern Cross*, também de origem católica, mas voltado somente para a comunidade irlandesa.¹³¹ Embora fossem, realmente, irlandeses, os irmãos Mulhall, frequentemente, referiam-se a si mesmos como ingleses, angariando o interesse da comunidade britânica, posição essa que mantiveram no jornal. Como não podia deixar de ser, foram criticados por muitos por tal atitude.¹³²

As diferenças existentes na Irlanda também se faziam notar nas novas comunidades formadas no Novo Continente. Isso fica claro quando se analisa os jornais de editores irlandeses, que mantiveram ligação estreita entre o país de origem e a comunidade formada no novo país, durante o século XIX.¹³³ Exemplo disso são as narrativas de Edward, Michael e Marion Mulhall — unionistas —, cujas descrições de viagem eram publicadas, sob a forma de artigos no jornal da família — *The Standard* — assim como os textos nacionalistas eram publicados no *The Southern Cross*. Esses periódicos guardavam tendências políticas opostas, refletindo na América do Sul os mesmos conflitos trazidos de sua terra natal.¹³⁴

O casal Mulhall passou cerca de vinte e cinco anos em Buenos Aires. O marido era membro de diversas instituições e colaborava com várias publicações estrangeiras (da Europa e dos Estados Unidos). Realizou muitas viagens para o exterior, em geral, acompanhado de sua esposa. Em 1884,

¹³⁰ Cf. IZARRA, Laura, op. cit., 2006 (a), p. 40.

¹³¹ Cf. Ibidem, p. 18.

¹³² Cf. MARSHALL, Oliver. *The English-Language Press in Latin America*. London: Institute of Latin American Studies, University of London, 1996.

¹³³ IZARRA, Laura, op. cit., 2006 (a), p. 5.

¹³⁴ Ibidem, p. 18 e 50. Os unionistas eram defensores da Irlanda, como parte do Reino Unido, em oposição ao movimento nacionalista irlandês.

Michael publicou sua obra mais significativa: *Dictionary of Statistics*, que obteve muitas edições.¹³⁵

Além de escrever, Marion dedicou-se também a causas filantrópicas, tais como amparar os órfãos do fracassado projeto de imigração irlandesa conhecido como o caso “*City of Dresden*”. Esse navio transportou cerca de 2.000 imigrantes irlandeses, que chegaram a Buenos Aires em 16 de Fevereiro 1889 e descobriram que a Argentina, sua “terra prometida”, se tornara a terra das promessas desfeitas.

O governo argentino, sob a presidência de Miguel Juárez Celman, incentivara a imigração, emitindo cerca de cinquenta mil passagens livres, e colocando agentes para promover a Argentina na Europa, onde, pessoas doentes e cansadas da labuta na pobreza e na pilhagem, estavam mais do que prontas para assumirem suas chances em terras estrangeiras.

Aparentemente, os dois mal-intencionados agentes do governo argentino na Irlanda — J. O'Meara e John S. Dillon — ludibriaram esses imigrantes irlandeses, com promessas de casas para morar, sementes para plantar, máquinas para trabalhar e as terras mais férteis do mundo para uma fazenda, quando, na verdade, isso não ocorreu. Misturaram-se no navio *City of Dresden* todo tipo de gente, desde octogenários doentes a presos libertos, sob a condição de nunca retornarem à Irlanda.

Vários passageiros morreram na viagem, supõe-se que por falta de comida e água. Quando atracaram em Buenos Aires, depois de dezenove dias no mar, não encontraram o alojamento prometido e estavam desnutridos e desidratados. Sua situação foi agravada porque a Argentina estava naquele momento, recebendo muitos imigrantes. Os navios *City of Dresden* e o *Duchesa di Genova*, transportando 1.000 italianos chegaram no mesmo dia. Foi uma verdadeira Torre de Babel, na qual maridos foram separados das esposas, crianças de pais, irmãos e irmãs uns dos outros.

¹³⁵ GALAZZI, Mariano, op. cit., p. 15.

Desse modo, os imigrantes foram dispersos sob a pior situação possível. Jovens foram levadas para a prostituição, órfãs foram encaminhadas para as Irmãs de Misericórdia e órfãos (meninos) ficaram sem ter para onde ir.¹³⁶ Diante desse drama, Marion Mulhall tomou à frente um projeto para abrigar os órfãos. A primeira reunião da Associação Senhoras de São José aconteceu em 17 de abril de 1891, no Convento Irlandês, e a senhora Mulhall foi eleita presidente, cargo que conservou até 1893.¹³⁷

No ano seguinte, Michael Mulhall deixou o cargo de editor chefe do *The Standard* e o casal retornou à Europa, instalando-se na Irlanda. Fizeram, contudo, muitas viagens por outras cidades devido aos afazeres de Michael, junto ao papado e à comissão do parlamento britânico, encarregado de estudar uma proposta para criar um departamento de agricultura na Irlanda.¹³⁸

Michael Mulhall faleceu em 13 de dezembro de 1900, em sua residência de Killiney Peak, em Killiney, Dublin. Foi sepultado em Glasnevin, junto a seu único filho, morto ainda criança. Marion continuou com suas atividades, apesar da viuvez. Nos anos seguintes publicou diversos artigos e dois livros: *Explorers in the New World before and after Columbus and The story of the jesuit missions of Paraguay* (1909), onde trata de fatos e personagens históricos relativos à América do Sul, e *Beginnings or Glimpses of Vanished Civilizations* (1911), no qual escreve sobre a Irlanda, sob uma forma utópica, justificando a ideia de se construir “outras Irlandas” na América do Sul.¹³⁹

Nesses textos é possível perceber a intenção de ensinar história, ainda que de acordo com os parâmetros da época. Uma frase, logo na contra capa chama a atenção: “*The food of the Historian is truth*”. É relevante apontar que a vida intelectual de Marion continuou após a morte do marido, o que vem demonstrar que ela possuía luz própria.

¹³⁶ Informações disponíveis em: <<http://www.irlandeses.org/dresden.htm>>. Acesso em: 22/06/2013.

¹³⁷ GALAZZI, Mariano, op. cit., p.16 e 17.

¹³⁸ Ibidem, p. 17.

¹³⁹ Ibidem, p. 18.

Segundo Galazzi, Marion Mulhall participou de diversos encontros em que se discutia a situação das mulheres, sendo, inclusive, vice-presidente de um deles, na França, um ano antes de sua morte. Ela faleceu nas cercanias de Londres, em Surbiton, em 15 de novembro de 1922. *The Standard* noticiou que ela deixara como únicos parentes vivos, duas sobrinhas. Sem mencionar qualquer parentesco seu com os donos do jornal, sobrinhos de Michael Mulhall.¹⁴⁰

1.3.1 *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso e Between The Amazon and Andes* de Marion Mulhall

Pretendo analisar duas obras de Marion Mulhall — *From Europe to Paraguay and Matto Grosso* e *Between The Amazon and Andes or Ten Years of a lady's travels In the Pampas, Gran Chaco, Paraguay, and Matto-Grosso* — para avaliar as suas experiências na América do Sul.

Marion é pouco estudada no Brasil, exceção feita à professora Laura Izarra, já citada, que analisa as imagens do mito de fundação presentes nas narrativas dos irlandeses viajantes, no final do século XIX, em comparação com as imagens do final século XX.¹⁴¹ Essa mesma pesquisadora escreveu um ensaio que trata de Marion Mulhall: *Don't cry for me Ireland – Irish Women's voices from Argentina*. A família Mulhall, e especialmente Marion, são importantes na tese de livre docência de Izarra.¹⁴²

¹⁴⁰ Ibidem, p. 19.

¹⁴¹ IZARRA, Laura. Reinventing Brazil — New readings and Renewal in the Narratives of Irish Travellers Irish Migration Studies. *Latin America*, v. 4, n. 3, p. 133-142, 2006 (b). A autora discute as ligações Brasil/Irlanda, comentando, inclusive, a ideia de que o Brasil deveria seu nome ao etno irlandês.

¹⁴² IZARRA, Laura P. Z., op. cit., 2006 (b). O objetivo da autora é pensar sobre o processo de formação de uma identidade cultural irlandesa, na América do Sul, analisando as representações dos estados de consciência próprios do exílio e do sujeito diaspórico em geral.

A primeira obra de Marion Mulhall — *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso* — era um livro de 116 páginas e foi publicado em Londres, no ano de 1877.

Ao contrário dos relatos anteriores: o de North, repleto de situações contadas com senso de humor, e o de Dixie, ditado num tom de quase cumplicidade com o leitor, o relato de Mulhall guarda uma maneira mais laudatória e formal.

Logo na primeira página, ela justifica a sua aparente ousadia em publicar sua experiência:

O fato de ter viajado mais de 30.000 milhas por si só não justifica uma dama se aventurar no campo da literatura mais adequadamente reservado aos homens. Mas eu sou a primeira mulher inglesa que conseguiu alcançar a capital do Matto-Grosso, e uma das poucas que visitou as cenas dos trabalhos jesuítas no Paraguay, ou explorou os rios remotos de Cuyabá e São Lourenço, isto pode ser o suficiente para desculpar que traga a público minhas anotações de viagem, nas quais, devo confessar alguma ajuda de meu marido, que me deu suas anotações para comparar com as minhas.¹⁴³

O motivo é mais do que justificável: é o fato de haver viajado muito e, sobretudo de ser, segundo ela, a primeira mulher “inglesa” a adentrar tais domínios. Essa proeza, no entanto, é logo atenuada (ou aparentemente diminuída) quando ela confessa que recebeu a ajuda do marido, cotizando as informações de ambos sobre as viagens.

Note-se, aqui, que, embora ela se autoproclamasse uma desbravadora, também procurou ficar à sombra do esposo. Ou seja: o mérito não era apenas dela, mas do casal. Aliás, Marion não teria feito tais incursões se não fosse

¹⁴³ MULHALL, Mrs. M. G.. *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1877, prefácio. No original: “The fact of having travelled over 30,000 miles does not of itself justify a lady in rushing into a field of literature more suitably reserved for men. But as I am the first Englishwoman that ever reached the capital of Matto-Grosso, and one of the few that have visited the scenes of the Jesuit labors in Paraguay, or explored the remote rivers of Cuyabá and San Lorenzo, this may be sufficient excuse for giving to the public my notes of travel, in which I must confess some assistance from my husband, who gave me his notes to compare with mine.”

Michael Mulhall. Contrariamente ao que sucede com Marianne (solteira e independente) e Florence (aparentemente, a mentora da expedição).

Até mesmo a publicação de seus textos deve ter tido histórias diferentes. A obra de Marianne foi publicada postumamente, portanto, ela nunca deu prioridade a isso, enquanto viajava. Florence escreveu e publicou logo à volta da jornada. Talvez por necessidade financeira ou por ser preciso prestar contas à casa real. Portanto, a publicação foi rápida.

Os textos de Marion Mulhall sobre suas viagens foram sendo publicados, preliminarmente, sob a forma de cartas, no jornal da família. Dessa forma ela registrava sua visão sobre os locais visitados, bem como o estágio de progresso encontrado.

Como vimos, seu primeiro livro sobre relatos de viagem foi publicado em 1877, e, somente em 1881, a compilação de suas viagens, abrangendo dez anos de experiência, foi publicada em Londres, por Edward Stanford. Desta feita sob o título de *Between The Amazon and Andes or Ten Years of a lady's travels In the Pampas, Gran Chaco, Paraguay, and Matto Grosso*. Era uma obra de cerca de 340 páginas, com mapas e ilustrações.

Em seu relato, Mulhall reconhece que sua narrativa “não tem nenhum valor literário”; tratando-se apenas de esboços de suas viagens e aventuras pela região sul-americana. Na verdade, ela visitou boa parte da América do Sul: sua narrativa vai desde sua saída da Europa até sua chegada ao continente sul-americano, passando pelas outras várias incursões que foi fazendo ao longo dos anos.

Marion Mulhall lançou principalmente seu olhar sobre algumas cidades do interior da América do Sul como Córdoba, na Argentina, Assunção no Paraguai e Cuiabá, no Brasil e teve, também, a oportunidade de observar tribos indígenas, além de visitar as ruínas das Missões Jesuíticas.

1.4 Mais do que inglesas, escocesas e irlandesas: britânicas

[...] relatos não são atos inocentes da memória, mas antes tentativas de convencer, formar a memória de outrem.¹⁴⁴

Marianne North teve a preocupação de citar em suas memórias o quanto suas viagens eram independentes de subsídios financeiros, ainda que fossem sempre alinhavadas por cartas de apresentação preciosas, para os contatos certos em cada lugar que aportava.

Em um trecho de “*Recollections*”, ela trata de sua conversa com um chefe de polícia, no Brasil, na qual ele — apesar de ser um homem educado e de boa família — a interpelou com grande curiosidade. Queria saber por que estava viajando sozinha e se dedicando à pintura, o que a fez se indagar:

Era o governo que estava pagando minhas despesas? Do jeito que eu estava mal ajambrada não tinha, com certeza, os meios para pagá-las eu mesma!¹⁴⁵

A inglesa demonstra se divertir com a curiosidade do brasileiro. Parece-lhe muito natural que ela própria custeasse sua viagem. Respondeu a ele, meio em tom de galhofa:

Disse-lhe que esperava pintar, quando voltasse para casa, um quadro da serra dos Órgãos e vendê-lo por tanto dinheiro que pagaria todas minhas despesas; só assim ele finalmente entendeu a “razão” de minha viagem, pois não é o dinheiro o fim de todas as coisas?¹⁴⁶

¹⁴⁴ BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 74.

¹⁴⁵ NORTH, Marianne, op. cit., p. 189. No original: “*Did the Government pay my expenses? I certainly could not pay them myself, I was too shabbily dressed for that!*”

¹⁴⁶ Ibidem. No original: “*I told him when I got home I hoped to paint a picture of the Organ Mountains, and to sell it for so much money that it would pay all my expenses; then at last he understood what I travelled for, for is not money the end of all things?*”

Esta passagem procura deixar patente que a pintora não era financiada pelo seu governo e deve ter sido colocada em seu texto para que isso ficasse bem marcado e sabido por todos, sobretudo, seus leitores britânicos. No entanto, é incontestável o fato de que North, com suas viagens e posterior testemunho e exposição, serviu ao Império Britânico, tendo em vista que catalogou, pintou e descreveu as coisas e as gentes que conheceu, transmitindo esse conhecimento à Metrópole.

Apesar de querer frisar a independência de suas viagens (e, portanto, de suas intenções), a identidade britânica aparece de forma evidente no seu relato de viagem, como constataremos no episódio a seguir. Quando de sua estada em Minas Gerais, ela conheceu um velho escocês, superintendente de uma mina a cerca de doze léguas de distância do local em que ela se hospedava:

Quando cheguei a Morro Velho pela primeira vez, encontrei um visitante alojado lá — um velho amigo da família, um escocês singular com barba e cabelos brancos ondulantes, um poeta cujo cérebro estava cheio das lendas e genealogias de seu país, que tinha comentado comigo, na primeira noite, quando eu disse que era meio escocesa: “Ora, mulher, você não sabe que é uma Johnstone?”¹⁴⁷

A menção à origem escocesa de North deve-se ao lado materno. Em sua autobiografia, ela menciona os pais de sua mãe, de uma maneira brejeira, imitando o dialeto escocês:

[...] era uma Ramsay de Barnton, extremamente pequena e de maneiras precisas, e quando o quase gigantesco baronete a pediu em casamento num camarote de teatro de Edimburgo, ele recebeu

¹⁴⁷ Ibidem, p. 154. No original: “On my first arrival at Morro Velho I had found a visitor staying there – an old friend of the family, a singular old Scotchman with long flowing white beard and mane, a poet whose brain was full of his country’s legends and genealogies, who had remarked to me the first night when I said I was half Scotch, “Why, woman, d’ye no ken ye’re a Johnstone?”

um “quieto!” como resposta, e “Não fale tão alto que as pessoas vão ouvir” [...] ¹⁴⁸

Revela também que sua mãe viveu pouco tempo com os pais, tendo sido criada pelo avô na Escócia e convivido com Walter Scott:

[...] passava o tempo agradavelmente apanhando seixos e jogando-os nas águas claras do rio Tweed e sonhando com os romances de sir Walter Scott à medida que eram publicados, com um interesse adicional por causa de seu conhecimento pessoal do autor, em cujos joelhos ela se sentara com frequência enquanto ele lhe contava histórias. ¹⁴⁹

Esses antecedentes devem ter inculcado em Marianne North a ideia de uma Escócia, onde a aventura romântica tinha sido vivida não só através dos livros, mas na própria existência. Não é à toa ela dizer que uma das suas primeiras recordações sobre viagem tinha sido o “grande evento” em que se constituíra a visita da família à Escócia, percorrendo os lugares onde sua mãe passara a infância.

Tais reminiscências devem ter vindo à baila, quando a tragédia se abateu sobre o velho escocês, no Brasil: ele caiu doente e faleceu, antes que pudessem lhe prestar auxílio, sendo enterrado rapidamente. O agravante do episódio é que, segundo a inglesa, havia fortes razões para supor que ele tivesse sido envenenado. Ela se mostra indignada com a situação de aparente descaso:

No Brasil é quase impossível pensar em conseguir justiça num caso desses, embora não pairassem muitas dúvidas sobre a autoria do

¹⁴⁸ Ibidem, p. 4. No original: “[...] her mother was a Ramsay of Barnton, and remarkably small and precise in her ways, and when the almost gigantic Baronet proposed to her in a box of the Edinburgh theatre, he received a “hush!” for his answer, and, “dinnae speak sae loud, or the folk’ll hear [...]”.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 4. No original: “[...] passing her time pleasantly in picking up pebbles, and throwing them back again into the clear renning river Tweed, and dreaming over Sir Walter Scott’s romances as they came oout, having na additional interest in them from personal acquaintance with the author, on whose knee she often sat while he told her stories.”

crime: vários objetos valiosos foram encontrados na cabana suspeita, cujo dono ultimamente vinha fazendo “feitiços” — o eufemismo nacional para veneno.¹⁵⁰

E, concomitantemente, relata a reação britânica diante do ocorrido:

Como cônsul britânico, o sr. G. podia ajudar a coitada da sobrinha mais do que ninguém a enfrentar seus problemas; ele também ordenou que tirassem o corpo do idoso do buraco não consagrado onde ele havia sido enfiado apressadamente e que o trouxessem para ser enterrado perto de seus amigos, com todas as formalidades e cerimônias apropriadas, porque não ficava bem deixar os nativos pensarem que os ingleses podiam ser tratados assim.¹⁵¹

Observe-se que ela diz que o cônsul era a pessoa que mais poderia ajudar a sobrinha do escocês. De fato, ele dá ordens para que, pelo menos, o sepultamento do cidadão britânico seja feito de maneira solene. Ela se refere aos habitantes do local como “*natives*” (ou seja, os brasileiros) e aos afrontados como “*Englishmen*”, tornando, assim, as nacionalidades escocesa e inglesa unificadas, a fim de retomar o domínio da situação. A identidade britânica, iniciada por questões de empatia familiar com o velho escocês, toma vulto com o acontecido e se mostra em toda sua plenitude. A autora escreve com veemência, ressaltando a necessidade de uma atitude enérgica de repúdio, por parte da comunidade britânica que estava no local, no sentido de mostrar força e posicionamento. Ou seja, os nativos deveriam entender que não se tratava um “inglês” dessa maneira, com desfaçatez e sem justiça. Ainda que essa demonstração de poder fosse feita através de uma cerimônia litúrgica:

¹⁵⁰ Ibidem, p. 154. No original: “*In Brazil it is almost hopeless to think of getting justice in such a case, though there was little doubt who did it; valuables of different sorts were found in the suspected hut, the owner of which had lately been making and selling “charms” — the national name for poison.*”

¹⁵¹ Ibidem, p. 154. No original: “*As British Consul, Mr. G. could help the poor niece better than any one else could through her troubles; he also determined to have the old man’s body taken out of the unconsecrated hole into which it had been gastly thrust, and to have it brought over and buried near his friends, with all proper forms and ceremonies, as it would not do to let the natives think Englishmen might be treated so.*”

Houve um grande ajuntamento de ingleses de todos os cantos para o funeral, com roupas pretas e muita cerimônia; [...] Mãos afetuosas jogaram flores de alpinia brancas e rosas sobre ele, enquanto seu amigo lia o antigo rito da nossa Igreja. Havia algo de muito comovente naquele ritual tranquilo e em seus hinos e salmos entoados naquela plaga distante[...]¹⁵²

A própria Marianne, que se dizia não religiosa, se mostra “comovida” pelos hinos e leituras religiosas e pelo “rito de nossa Igreja”, brandidos como resposta ao possível aviltamento do cidadão — não apenas escocês, mas, sobretudo, britânico.

Julgo que essa sucessão de fatos, extremamente simbólicos e representativos, e a sua narração, com detalhes, nas memórias da viajante inglesa dão a dimensão do que chamamos de “identidade britânica”. É evidente que a simpatia dela pelo velho escocês remete às suas lembranças familiares, mas o que está em jogo aqui é o fato de que, em plagas distantes da Europa e do centro do Império, as possíveis dissensões entre os povos de língua inglesa foram rearticuladas na América do Sul. A partir de então as três se colocaram predominantemente como mulheres britânicas. O mais importante era a preservação da autoridade moral, religiosa, cultural e civilizatória. Ou seja, a coesão do Império Britânico. E a identificação de todos (ingleses, escoceses e irlandeses) como “*Englishmen*”.

Diferentemente de Marianne North, a escocesa Florence Dixie apresenta claramente a vinculação de sua viagem com a casa real inglesa. A começar pela dedicatória que aparece na primeira página de seu livro *Across Patagonia*. A autora dedica a obra, que abrange “seis meses de viagem por terras inexploradas e virgens”, ao príncipe de Gales, Albert Edward,

¹⁵² Ibidem, p. 154-155. No original: “*There was a great gathering of English from all quarters to the funeral, with black clothes and much solemnity; [...] Kind hands dropped in pure white alpinia blossoms and roses over him, while his friend read old service of our Church. There was something very touching about that far land [...].*”

assinando-se como sua “obediente servidora”. O mesmo príncipe era padrinho de um dos filhos de Dixie, conforme já mencionado, indicando o circuito social com o qual a família convivia.¹⁵³

A verdade é que sua empreitada causou interesse entre seus pares. No primeiro capítulo, a autora se pergunta por que visitar a Patagônia (a Terra dos Gigantes). E responde que a escolheu como destino de viagem “precisamente porque se tratava de um lugar exótico e longínquo”.¹⁵⁴ Ela admite que seus amigos ficaram muito surpresos quando anunciou seu intento:

Patagônia! Quem pensaria em ir para um lugar assim? Você vai ser devorada pelos canibais!¹⁵⁵

Sua pretensão é obviamente recriar o clima de perigo, mistério e aventura que antecedeu sua partida. Mas quem eram esses amigos a que ela se refere? Nobres escoceses e ingleses provavelmente, visto que ela nasceu e cresceu na Escócia, tendo ido morar na Inglaterra quando se casou, como já vimos. E qual o verdadeiro objetivo de sua “expedição” de caça? Haveria um desejo, por parte do Império, de fomentar as chamadas viagens para o exótico? A ideia de explorar regiões desconhecidas seria apenas para incrementar o esporte? Ou haveria outras intenções por parte do governo britânico? Nada mais inocente e inofensivo do que uma viagem de nobres entediados para regiões distantes. O texto de Dixie bem se apropria dessa imagem.

¹⁵³ Trata-se do filho mais velho da Rainha Vitória, nascido em 1841, que viria a sucedê-la no trono, a partir de 1901, com o título de Edward VII.

¹⁵⁴ DIXIE, Florence, op. cit., p. 2. No original: “*Precisely because it was na outlandish place and so far away [...].*”

¹⁵⁵ Ibidem, p. 1. No original: “*Patagonia! who would ever think of going to such a place?*” “*Why, you will be eaten up by cannibals!*”

A justificativa para tal tipo de destino seria o fato de ela se sentir momentaneamente enfadada da civilização e ter a vontade de estar num lugar, onde pudesse estar afastada de tudo:

Muitos de meus leitores devem ter sentido esse desagrado consigo mesmo e com os demais, o qual aparece em momentos em meio aos prazeres, quando nos cansamos da artificialidade vazia da vida moderna; quando o que outrora foi estimulante já não o é mais, e dentro de nós cresce um desejo de provar emoções mais fortes do que aquelas que nos proporcionam as monótonas visitas de rotina que a sociedade chama de “prazeres”.¹⁵⁶

Dixie diz ter escolhido a Patagônia por não haver nenhum outro lugar no qual pudesse estar tão completamente só. Assim se expressa:

Em nenhum outro lugar há uma área de 100.000 milhas quadradas sobre as quais se pode galopar e onde, juntamente com o desfrutar de um clima revigorante, se está livre de febres, amigos, tribos selvagens, animais daninhos, telegramas, cartas e todas as demais incomodidades a que se está exposto em qualquer lugar.¹⁵⁷

Observe-se que ela procura dar a impressão de alguém enfastiado de tudo que a cerca, inclusive os amigos, que ela mencionara pouco antes. Chega a mesclá-los com “febres” e “animais daninhos” e “todas as incomodidades” a que se está sujeito em qualquer lugar. Portanto, a justificativa para tal viagem perigosa, rumo ao desconhecido, é a necessidade de se distanciar do meio em que vive. Afasta, assim, qualquer pensamento sobre outras intenções imperialistas, tais como observar, catalogar e mapear.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 2. No original: “Many of my readers doubtless felt the dissatisfaction with oneself, and everybody else, that comes over one at times in the midst of the pleasures of life; when one wearies of the shallow artificiality of modern existence; when what was once excitement has become so no longer, and a longing grows up within one to taste a more vigorous emotion than that afforded by the monotonous round of society’s so-called “pleasures””.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 3. No original: “Nowhere else is there area of 100,000 square miles which you may gallop over, and where, whilst enjoying a healthy, bracing climate, you are safe from the persecutions of fevers, friends, savage tribes, obnoxious animals, telegrams, letters, and every other nuisance you are elsewhere liable to be exposed to.”

Se Marianne North se preocupa em declarar a independência de suas viagens, sob o ponto de vista financeiro, Florence Dixie percorre o caminho inverso, deixando clara a sua relação de amizade com a casa real. No entanto, o traço comum entre as suas viagens exploratórias é o caráter inofensivo que ambas procuram dar às mesmas. A primeira, sob a capa da pintora excêntrica, que anda pelo mundo em busca de espécimes para serem pintados, recolhidos e levados para a metrópole. Com a intenção benemérita de expô-los em sua galeria de arte. A segunda, sob a pecha de nobre entediada em busca de emoções fortes, conseguidas através do esporte da caça. Esporte esse, símbolo da classe aristocrática, como bem nos lembra Keith Thomas. Uma classe aristocrática que, no caso, engloba de maneira amistosa tanto ingleses, quanto escoceses.¹⁵⁸

Razão pela qual, Dixie pode se mostrar dividida entre as lembranças da Escócia e as da Inglaterra, frisando render a devida reverência a ambos os países. Ora menciona um, ora outro, tendo em mente os leitores britânicos como um todo.

Nas primeiras páginas de *Across Patagonia*, quando ela relata a partida da Europa rumo à América do Sul, isso aparece de modo nítido. Primeiro ela se refere à sua terra natal:

Agora lhe recorda algum calorento dia de agosto entre os cerros púrpura da Escócia, quando antes de um excelente almoço, uma boa presa havia sido seguida num esporte geralmente alentador. Nunca as Highlands pareceram tão formosas [...]¹⁵⁹

E logo em seguida, volta sua atenção para a Inglaterra:

¹⁵⁸ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 218-219.

¹⁵⁹ DIXIE, Florence, op. cit., p. 4. No original: “Now it reminds you of some hot August day among the purple hills of Scotland, when a good bag before an excellent lunch, had been followed by some more than usually exciting sport. The Highlands had never looked so beautiful [...]”

Agora a recordação se volta para Leicestershire. Ressoa a agradável explosão da trompa do caçador, seus gritos retumbam alegremente no ar fresco de uma bela manhã de caça [...].¹⁶⁰

Ainda que nascida na Escócia sob domínio dos ingleses, Dixie se refere à Inglaterra de forma emocional, como sendo o “nosso lugar”:

E agora que se rompia o último elo que me unia à velha Inglaterra, pela primeira vez comecei a me dar conta de que realmente nos encontrávamos a dez mil milhas do nosso lugar e dos nossos amigos, sozinhos em meio a rostos desconhecidos e paisagens desabitadas; tive que me esforçar para tirar a impressão de que tudo era um sonho do qual despertaria para encontrar-me de volta à Inglaterra.¹⁶¹

O olhar imperial se mostra em evidência quando a escocesa chegou ao Rio de Janeiro e teceu comentários ao maior atrativo do lugar: o Pão de Açúcar.

Seu cume considerado inacessível por muito tempo foi alcançado faz poucos anos por uns jovens ingleses. Para raiva e desgosto dos habitantes do Rio, esses jovens aventureiros cravaram a bandeira do Reino Unido no ponto mais alto do Pão e ali ficou sem que ninguém se atrevesse a subir para tirá-la, até que uma brisa patriótica a levou.¹⁶²

Note-se o tom de divertida superioridade com que a dama escocesa se expressa: os ingleses chegaram, conquistaram a montanha e os nativos

¹⁶⁰ Ibidem, p. 5. No original: “Now it is to Leicestershire that your memory reverts. The merry blast of the huntsman’s horn resounds, the view-halloa rings out cheerily on the bright crisp air of a fine hunting morning [...]”

¹⁶¹ Ibidem, p. 34-35. No original: “And now that the last link, as it were, of the chain which bound me to old England was gone, for the first time I began to fully realise the fact that we were ten thousand miles away from home and our friends, alone amidst strange faces and wild scenes; and it required almost an effort to banish the impression that the whole thing was a dream, from which I was presently to awaken and find myself back in England again.”

¹⁶² Ibidem, p. 15-16. No original: “Its summit, long considered inaccessible, was reached some English middies a few years ago. Much to the anger and disgust of the inhabitants of Rio, these adventurous youngsters planted the Union Jack on the highest point of the Loaf, and there it floated, no one daring to go up to take it down, till a patriotic breeze swept it away.”

brasileiros tiveram de amargar esse fato, que culminou com o fincamento da bandeira britânica.

Figura 12 – Bandeira do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda¹⁶³

Essa bandeira a que Dixie se refere foi adotada a partir de 1801, com a formação do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, conforme já dissemos. Vê-se na bandeira britânica, a sobreposição das bandeiras dos três países: a cruz de São Patrício (Irlanda), a cruz de Santo André (Escócia) e a cruz de São Jorge (Inglaterra).

Bandeira essa que a irlandesa Marion Mulhall também teve a determinação de colocar à frente de seus passos. Das três viajantes, ela é a que se nomeia, textualmente falando, como a primeira “inglesa” a pisar certas terras recônditas da América do Sul, ainda que fosse irlandesa. E o faz em suas duas obras aqui analisadas, tanto *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso* quanto *Between The Amazon and Andes*.

Mas o destino tinha decidido que eu ainda iria explorar milhares de ilhas das florestas brasileiras, submetendo-me a muitos sofrimentos, através de viagens por terra e em canoas, até que, por fim, eu me tornasse a primeira mulher inglesa a fincar o pé naquele cume separado, meio caminho entre o Pacífico e o Atlântico, onde

¹⁶³ Imagem disponível em: <<http://lipebackpacker.blogspot.com.br/2011/02/bandeira-do-reino-unido.html>>. Acesso em: 04/11/15.

alguns afluentes do Amazonas e do Rio da Prata iniciam suas fontes.¹⁶⁴

Curioso notar que, aqui no sul do mundo, uma mulher irlandesa se transformasse, com orgulho, em digna representante do Império Britânico. Mesmo que na Europa os embates entre Inglaterra e Irlanda fossem de longa data e bastante acirrados. A senhora Mulhall parece ter adquirido uma importância, na América do Sul, que não seria possível no continente europeu. Talvez, nem na América do Norte, onde os irlandeses eram vistos com preconceito e estigmas.¹⁶⁵

Importante observarmos a diferença entre a declaração acima de Mulhall e a de Dixie, quando se refere ao feito que representava sua viagem à Patagônia:

Cenas de beleza infinita e grandiosidade podiam fazer escondidas na silenciosa solidão das montanhas que limitam a estéril planície dos pampas, em cujo misterioso retiro ninguém ainda havia se aventurado. Eu ia ser a primeira a contemplá-los. Um prazer egoísta, é verdade, mas a ideia tinha grande encanto para mim como havia tido para tantos outros.¹⁶⁶

Florence Dixie não menciona o termo “mulher”, muito menos a nacionalidade “*englishwoman*”. Pelo contrário, ela procura enfatizar que o inusitado da viagem é compensado pela oportunidade de se poder penetrar em vastas regiões selvagens, onde o homem ainda não pisou. Interessante que essa escritora era bastante preocupada com a questão de gênero, como

¹⁶⁴ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 45. No original: “*But fate had decreed that I was yet to explore thousands of miles of Brazilian forests, to undergo many sufferings by land journeys and in canoes, until at last I was to be the first Englishwoman to stand up the dividing ridge, midway between the Pacific and Atlantic, from which some of the head waters of the Amazon and La Plata draw their source.*”

¹⁶⁵ SANTOS, Raimundo Expedito. Da feminização à remasculinização: gênero e raça na dialética angloirlandesa. Dissertação de Mestrado em Letras – UFSJ, São João del-Rei, 2013. (mimeo).

¹⁶⁶ DIXIE, Florence, op. cit., p. 3. No original: “*Scenes of infinit beauty and grandeur might be lying hidden in the silente solitude of the mountains which bound the barren plains of the Pampas, into whose mysterious recesses no one as yet ha dever ventured. And I was to be the first to behold them? – an egotistical pleasure, it is true ;but the idea had a great charm for me, as it has had for many others*”. (grifo meu).

demonstra sua biografia e seus escritos posteriores. No entanto, aqui ela não se deteve para ressaltar que seria a primeira mulher escocesa a fazer tal empreitada. Talvez porque a questão de gênero pudesse ser relevada nesse momento: o mais significativo era a “conquista” do território desconhecido por representantes do Império.

É importante que se leve em consideração o quanto essas nacionalidades — inglesa, escocesa e irlandesa — se mesclam nos relatos das viajantes. Marion Mulhall, a que poderia ser a mais dividida entre seu local de origem e a Inglaterra, apresenta a nítida preocupação de se mostrar “inglesa”, como veremos nos capítulos a seguir.

Não se trata de uma identidade atizada por acontecimentos marcantes, como no caso de North, ou por afirmação social, como no exemplo de Dixie, mas, de uma identidade que deve ser alimentada a cada palavra. Uma identidade subserviente até. Sem a naturalidade que a posição de North lhe permite (inglesa que inclui), sem a pose de nobre, que Florence procura imprimir, mas a de quem deseja ser inserido no meio britânico como um igual. Mulhall necessita ser inglesa e aqui, no sul do mundo, procurou atender a essa aspiração. O trecho abaixo é uma mostra disso:

Deixamos a Bahia às seis horas. A beleza do cenário tropical ao redor foi reforçada pelas gloriosas tintas do pôr-do-sol, suavizada pelos vapores noturnos dos trópicos. Enquanto saíamos do porto, ouvimos o querido e familiar som de “Deus salve a Rainha” de H. M. S. Narcissus.¹⁶⁷

Como busco demonstrar, as três escritoras representam o Império Britânico, a partir de suas experiências e posturas de vida. Todas tiveram vidas muito diferentes das mulheres comuns de sua época. As três eram

¹⁶⁷ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 13. No original: “We left Bahia at 6 p.m. The beauty of the surrounding tropical scenery was enhanced by the glorious tints of sunset mellowed by the evening vapors of the tropics. As we sailed from port we heard the dear and familiar strains of “God save the Queen” from H. M. S. Narcissus”. H.M.S. Narcissus era um navio da marinha real.

letradas, puderam viajar e deixaram escritas as suas experiências. Todas puderam se distanciar de seu local de origem, seja Inglaterra, Escócia ou Irlanda, e se aventurar por terras distantes. Mais do que britânicas, elas se colocavam como “inglesas” no Novo Mundo. As três mulheres puderam observar o que viram, comparar com suas referências e tirar as suas próprias conclusões, ainda que elas reforçassem a predominância inglesa e a inferioridade sul-americana como veremos adiante.

2. Primeiras impressões: as britânicas chegam às cidades portuárias brasileiras

2.1 Sob a lupa inglesa

Se perco meu lugar de enunciação, não posso mais falar. Eu não falo, logo não existo.¹

Embora as estadas de nossas autoras na América do Sul tenham sido em anos distintos e por períodos de tempos diferentes, seus relatos demonstram a necessidade que cada uma delas teve de não perder de vista o próprio local de enunciação. Sem o qual, como lembra Todorov, não é possível falar, ser ouvido. Como vimos, a inglesa Marianne North, a escocesa Florence Dixie e a irlandesa Marion Mulhall adotaram como ponto de referência a Inglaterra — as três se posicionaram como “inglesas” na América do Sul — pois, para elas se tratava de um local, sob todos os aspectos, privilegiado. Enunciar-se, sentir-se, reconhecer-se e ser reconhecida como “inglesa” era o porto seguro das viajantes que analiso.

Em sua obra a respeito do olhar britânico sobre o Rio de Janeiro, Martins trata da diferença entre as palavras “inglês” e “britânico”, demonstrando que a segunda tem um sentido mais amplo, englobando “a complexa rede de interações entre a sociedade e os indivíduos na Grã-Bretanha do século XIX.”²

Propus-me fazer o movimento inverso: venho mostrando que, no sul do mundo, as britânicas se travestiam de inglesas, como se essa identidade pudesse ao mesmo tempo protegê-las, dar-lhes a devida envergadura e lhes proporcionar um sentido *comfortable*, que necessitavam para poderem

¹ TODOROV, Tzvetan. *O homem Desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 21.

² MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes*. O olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 10.

expandir seu olhar escrutinador sobre os outros — homens, mulheres, lugares — a que não pertenciam (ou não sentiam pertencimento). Portanto, para as três mulheres que estudo, o fato de serem “inglesas” significava mais do que serem britânicas.

Antes de entrarmos nas primeiras impressões das viajantes sobre a América do Sul, é importante salientar que antes delas outras inglesas estiveram na região. Vejamos o exemplo da inglesa Jemima Kindersley (1741-1809), que escreveu sobre o Brasil. Essa jovem nascida em Norfolk, Inglaterra, passou um mês na Bahia, no ano de 1764, acompanhando o marido, que havia sido transferido para a Companhia das Índias Orientais de Bengala, rumo a Calcutá. O resultado dessa longa viagem foi registrado por ela e publicado em 1777, sob o título de *Letters from the Island of Teneriffe, Brazil, the Cape of Good Hope, and East Indies*.³

A experiência brasileira de Kindersley — ocorrida em tempos anteriores à abertura dos portos brasileiros do período joanino — não se mostrou nada agradável. A inglesa esteve sujeita a percalços que as nossas viajantes, de um século mais tarde, não conheceram. Kindersley ficou retida no navio, até que as autoridades brasileiras verificassem a situação da tripulação. Ela assim lamenta:

Todos nos trataram com muita desconfiança e suspeita; creio que ou têm péssima opinião sobre os ingleses, ou simplesmente não são pessoas honradas e sinceras.⁴

O tratamento aparentemente pouco amistoso continuou quando do desembarque finalmente permitido: “Para todo lugar onde vou, quando estou

³ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org. e tradução). *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*. Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie, Rose Freycinet. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 15-16.

⁴ Ibidem, p. 36.

em terra, sou seguida e vigiada por um oficial e um soldado [...]”⁵, desabafa a indignada senhora.

O local de enunciação é bastante evidente na sua exposição, quando ela se refere às famílias portuguesas, que deixaram a pátria para se estabelecerem no Brasil, com a esperança de enriquecerem:

Tais famílias vêm com um sentimento muito diferente daquele que tem um inglês quando deixa o seu país para se estabelecer numa colônia. Nós ingleses temos o desejo de voltar para casa.⁶

Observe-se que a viajante traz como referência a ideia de que as estadas dos ingleses fora da pátria são nutridas pelo retorno alvissareiro. Portanto, falam/olham sob a perspectiva inglesa e a ela retornam num constante realimentar.

Talvez esse sentimento fosse fomentado pela situação não tão favorável dos ingleses aqui em terras brasileiras.⁷ Kindersley menciona com veemência a dificuldade não só de adentrar terras brasileiras, mas também em deixá-las.

A ninguém é permitido deixar o país sem uma ordem expressa de Portugal [...] Tal dificuldade para deixar o país é extensiva a qualquer estrangeiro que fixe residência aqui. Creio que há poucos no país, somente aqueles tripulantes dos navios ancorados no porto que os portugueses conseguem seduzir. Daí, muitos pobres infelizes compatriotas ingleses estarem condenados a passar aqui o resto de suas miseráveis existências. Estes homens levam uma vida extremamente pobre e são desprezados por todos.⁸

⁵ Ibidem, p. 37.

⁶ Ibidem, p. 39.

⁷ Os primeiros ingleses “autorizados” a fixarem residência no Brasil remontam a após 1661. Naquele ano, a Infanta de Portugal D. Catarina, filha de D. João IV, casou-se com o rei inglês Carlos II, e a partir daí, os ingleses adquiriram o direito de residir nos portos lusitanos, dentre os quais Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, com a limitação de quatro famílias por cada lugar. Cf. DE FIORE, Elizabeth; DE FIORE, Ottaviano (edit.). *A presença britânica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora PAUBRASIL, 1987, p. 19.

⁸ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho, op. cit., p. 40.

Atentemos que ela se refere a “tripulantes dos navios” e não a viajantes passageiros, como é o caso dela e seu esposo. No entanto, o texto deixa claro que a jovem inglesa se sentiu cerceada em seus movimentos, igualando sua situação à dos compatriotas, independentemente de a qual classe social pertencessem.

No século XIX, porém, o cenário estava modificado: as classes mercantis da Grã-Bretanha não faziam segredo de seus planos a respeito da América do Sul. Em meio às Guerras Napoleônicas, a Inglaterra invadira Buenos Aires em 1806 e novamente em 1807, procurando questionar o domínio espanhol, buscando por mercados e controle do Prata. Por outro lado, as elites sul-americanas nutriam esperanças de novos relacionamentos produtivos com a Europa Setentrional.⁹

No Brasil, ocorrera a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808. Para poder manter independência em relação à França napoleônica, os integrantes da corte portuguesa necessitaram da escolta inglesa para chegar ao Brasil, sob a condição de que fossem abertos os portos brasileiros para as “nações amigas de Portugal”, o que veio a estreitar as relações entre Portugal/Inglaterra, bem como a beneficiar amplamente o comércio britânico.

Foi sob esse pano de fundo que Elizabeth MacQuarie (1778-1835) chegou ao Rio de Janeiro em 1809. Também ela acompanhava seu marido, o coronel Lachlan MacQuarie, que ocupou o cargo de Governador em Nova Gales do Sul (Austrália), de 1810 a 1822. Essa inglesa escreveu *Voyage from England to Australia in 1809*, onde narra a sua jornada de Santa Helena, na Inglaterra, a Port Jackson, em Nova Gales.

Segundo Jean França, os relatos dessas duas viajantes inglesas sobre Salvador e Rio de Janeiro não apresentam grande diferença entre si e não

⁹ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999, p. 253.

divergem “em nada dos padrões — temas e abordagens — encontrados nos relatos de viagem sobre o país escritos por visitantes do sexo masculino”. Ou seja, “não há [...] uma *singularidade feminina* nesses discursos”.¹⁰

Isto posto, no entanto, devemos avaliar que, sem menosprezar a diferença social já apontada entre as duas viajantes (a primeira era esposa de um oficial da Artilharia Real e a segunda, casada com um Governador na Austrália) e o possível desnível cultural (Jemima Kindersley vinha de uma família bastante simples), o que parece expressiva é a total divergência na recepção recebida por uma e por outra.

Ao contrário do ocorrido com os Kindersley, dois dias após sua chegada ao Rio de Janeiro, o marido de Elizabeth:

[...] subiu a bordo do *Foudroyant*, navio de guerra de 80 canhões, para encontrar o almirante de Courcy. Juntos, foram visitar o embaixador britânico, lorde Strangford, que felizmente estava em casa. No dia 15, ao entardecer, lorde Strangford apresentou o coronel à Sua Alteza, o Príncipe Regente de Portugal, e todos seguiram juntos para a ópera.¹¹

Essa passagem dá noção da relevância e apreço com que os viajantes ingleses foram agraciados, bem como demonstra as relações que estabeleceram, desde o princípio, com a elite inglesa e portuguesa no Brasil. O primeiro passeio da senhora MacQuarie pela cidade foi ciceroneado pelo cônsul inglês, Sir James Gambier, e não por um inconveniente soldado, como no caso da primeira viajante citada.¹²

E, naturalmente, a visão da segunda inglesa sobre os portugueses é bem mais benévola. Assim ela se expressa:

¹⁰ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho, op. cit., p. 20.

¹¹ Ibidem, p. 58.

¹² Ibidem, p. 22.

[...] embora os portugueses pareçam ter grande inclinação para a indolência, os inúmeros melhoramentos aqui realizados levam a pensar se tal impressão realmente tem procedência.¹³

Entretida e restrita ao “enorme círculo de ingleses que então se encontrava no Rio de Janeiro”¹⁴, a viajante parece ter levado para o papel aquilo que o interesse inglês tinha como sendo de bom alvitre: elogiar o povo anfitrião e parceiro comercial.

A onda de viajantes, sobretudo britânicos, que ocorreu na América do Sul, nas duas décadas seguintes (1810/1820), conforme aponta Pratt, parece corroborar o entendimento de que esses visitantes “viajaram e escreveram como batedores avançados do capital europeu”.¹⁵

Tais elementos eram instigados a virem para o Novo Continente, movidos por uma curiosidade que podia ser mercantil ou estética, o que os tornava, de qualquer forma, instrumentos da expansão econômica europeia. Por outro lado, o novo modelo de atuação da Grã-Bretanha baseava-se na cooperação com as elites locais. Desse modo, seus navios foram sendo enviados para os países que estavam se tornando independentes na América, sobretudo entre 1820 e 1830.

É sob esse estado de coisas que Maria Graham (1785-1842), a terceira viajante a que voltamos no tempo, para tentar entender o que vinha a “ser inglês” na América do Sul, chegou ao nosso continente. Nascida na Inglaterra, era bastante afeita aos assuntos marítimos, já que era filha e esposa de oficiais da Marinha Britânica, ambos de origem escocesa.

Veio para o Chile em 1821, acompanhando o marido, que fora contratado para auxiliar na Guerra contra a Espanha. Este faleceu antes que chegassem ao destino e ela se viu viúva em Valparaíso, onde permaneceu por

¹³ Ibidem, p. 57-58.

¹⁴ Ibidem, p. 27.

¹⁵ PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 252.

cerca de um ano, sob a proteção de Lord Thomas Cochrane, “um mercenário britânico bem conhecido, engajado na causa independentista”.¹⁶

Em 1823, mudou-se para o Rio de Janeiro, provavelmente seguindo as atividades de Cochrane. Sua origem inglesa e seus contatos, portanto, devem ter feito com que se associasse à Corte Imperial no Brasil, tendo como consequência sua indicação como preceptora da jovem D. Maria da Glória, futura rainha de Portugal.

Graham visitou a América do Sul, portanto, numa época que corresponde às lutas pelas independências sul-americanas e às turbulências políticas e militares. Ela esteve duas vezes no Brasil, em situações diferentes. Na primeira (fim de 1821 e começo de 1822) estava com o marido (já adoecido) e desempenhava o papel de enfermeira a bordo. Isso não impediu que escrevesse bastante sobre o país, elogiando as belezas naturais (como sói) e lamentando as mazelas (a sujeira, sobretudo). Porém, as preocupações políticas são o cerne de seu relato, como mostra o trecho a seguir:

Os habitantes em geral, mas especialmente os comerciantes estrangeiros, estão bem satisfeitos por ver as tropas de Lisboa despedidas, porque por muito tempo foram tiranicamente brutais com os estrangeiros, com os negros e, não raramente, com os próprios brasileiros, e nas muitas semanas passadas a arrogância delas foi revoltante tanto com o Príncipe quanto com o povo.¹⁷

Graham mostra muito claramente a sua preferência pelo príncipe regente e a ideia que os ingleses faziam dos portugueses “tiranicamente brutais com os estrangeiros”. A mesma opinião que esboçara Kindersley, cinquenta anos atrás! Além disso, ela aproveita o ensejo (e boa parte do livro) para frisar o sofrimento dos negros e o seu lado alegre, apesar da situação em que viviam. Interessante que, numa única frase, ela coloca estrangeiros (ingleses,

¹⁶ Ibidem, p. 271.

¹⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora de São Paulo, 1990, p. 226.

portanto), negros e brasileiros num mesmo patamar: vítimas dos maus tratos portugueses. Portugueses que estariam numa situação difícil, no Brasil, quando do retorno de Graham (ela partiu do Rio de Janeiro, na primeira estada, a 10 de março de 1822). Ela voltou em 13 de março de 1823 e as notícias que relata são bastante confiantes no novo imperador do Brasil: D. Pedro fora coroado em dezembro de 1822:

As finanças começaram a assumir um aspecto florescente; grandes subscrições choviam de todos os cantos para equipamento da esquadra e havia-se enviado um convite a Lorde Cochrane para comandá-la.¹⁸

[...] Ouço dizer que não há nada decidido sobre o comando de Lorde Cochrane. Todo o mundo diz que lhe pediram que servisse sob o comando de dois almirantes portugueses, com vencimentos em moeda portuguesa. Está claro que são condições que ele não pode nunca aceitar [...].¹⁹

O olhar inglês de Graham tudo avalia: desde as finanças que diz estarem melhorando, até o convite feito a Cochrane para comandar a nova esquadra brasileira, cujas condições não eram de submissão aos portugueses. Quer dizer, ele é quem deveria comandar e, provavelmente, receber em moeda inglesa.

A cidade do Rio de Janeiro, por sua vez, também é descrita como muito melhor do que da primeira visita, antes da Independência em 1822.

Novos chafarizes se inauguraram, repararam-se aquedutos; todas as fortalezas e outras obras públicas melhoraram visivelmente, e as ruas foram calçadas de novo. Além disso, há por toda a parte um ar de trabalho.²⁰

¹⁸ Ibidem, p. 261.

¹⁹ Ibidem, p. 265.

²⁰ Ibidem, p. 265.

Observe-se que Graham procura demonstrar que a “a ordem” se estabeleceu. Tudo está caminhando para o progresso, a civilização, enfim, sob os auspícios dos ingleses prestativos, amistosos, conhecedores do saber e viajados o suficiente para poderem comparar os povos, os governos e as situações políticas. Não é meu propósito imprimir um caráter exaustivo de comparação entre as viajantes. Mas pretendo frisar que a imagem do Brasil foi variando de tempos em tempos, de acordo com os interesses existentes.

Na Argentina, a posição hesitante da Grã-Bretanha, durante o bloqueio naval brasileiro, na Guerra Cisplatina (1825-1828), deu força aos setores não simpáticos aos ingleses. A expedição de Phillip Karker King, de 1829, teve dificuldades para aportar em Buenos Aires. A situação entre argentinos e ingleses se deteriorou bastante a partir da posse das Ilhas Malvinas (entre 1845 e 1847) pela Marinha Real Britânica, bloqueando o comércio fluvial no Rio da Prata. As ações da Grã-Bretanha na região do sul do continente moldavam-se também a partir de suas relações e rivalidades com os franceses e com a necessidade de construir uma base estratégica nas rotas comerciais. Para o império britânico, o comércio com a Argentina era considerado pequeno, mas para o país sul-americano, era de crucial importância.²¹

No Brasil, o “inglês” passou a ser o “juiz moderador” nos embates entre os diferentes países e forte aliado comercial. E os relatos das viajantes inglesas foram sendo moldados ao gosto do tempo em que escreveram e a partir do ponto de observação.

Obviamente, a alusão favorável aos escravos e a execração à escravidão, que bem aparecem nas palavras de Graham, fazem parte da postura britânica diante do tráfico negreiro. Com sua área industrial já em pleno desenvolvimento, os britânicos precisavam ampliar mercados e, uma das maneiras possíveis, era a abolição da escravatura.

²¹ PASSETTI, Gabriel. *O Mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. Tese de Doutorado em História – FFLCH-USP, São Paulo, 2010, (mimeo), p. 262-263.

Esse era o impasse com os países da América do Sul, sobretudo Argentina e Brasil. Embora as relações entre Brasil e Inglaterra houvessem se estreitado mais ainda, após a Independência — através de intercâmbio comercial, de empréstimo financeiro britânico ao Brasil, e da posição de juiz mediador, por parte da Grã-Bretanha, nas tratativas do reconhecimento português da independência brasileira — o fim do tráfico negreiro não se efetivava de maneira concreta.

As elites locais não queriam abdicar do ganho que tinham com o trabalho escravo e a ingerência britânica, sobre praticamente todos os assuntos brasileiros, passou a incomodar sobremaneira, não apenas as classes dirigentes, mas também o governo e até a população. As relações entre os dois países foram se deteriorando, culminando com o rompimento das relações entre eles, somente reatadas em 1865, quando a Guerra do Paraguai já se iniciara um ano antes.²²

Quando nossas viajantes North, Dixie e Mulhall observaram a América do Sul, basicamente entre 1868 e 1884, os ingleses já tinham uma imagem sobre si próprios e sobre os outros sul-americanos. Naturalmente, como mulheres cultas que eram, conheciam os debates com que teriam de se defrontar e se posicionar. O imperialismo britânico já se fazia presente e atuante em muitos dos principais pontos de interesse do planeta.

As estratégias de afirmação de inocência, constituídas sob a antiga retórica imperial de conquista e associadas à era absolutista, já haviam forjado seu principal protagonista: o “observador” (*seeing man*), o súdito masculino

²² Nosso intento, aqui, é apenas mapear a situação em que chegaram as viajantes da segunda metade do século XIX, no Novo Continente. Importante ressaltar alguns aspectos que contribuíram para a situação de enfrentamento entre Brasil e Inglaterra: a “Bill Aberdeen”, de 1845, aprovada pelo parlamento britânico, que previa a captura de qualquer navio negreiro e o consequente julgamento pelo Alto Tribunal do Almirantado; a lei Eusébio de Queirós, de 1850, que proibia o tráfico negreiro, e que era, na prática “apenas para inglês ver”; o acordo de paz firmado entre a Grã-Bretanha e Buenos Aires, em 1849, suspendeu o bloqueio naval e navios ingleses foram transferidos do Rio da Prata para as costas brasileiras, a fim de desempenhar funções anti-tráfico. Tais atividades provocaram um sentimento anti-britânico no Brasil, cujo auge se deu com a questão Christie, envolvendo problemas de navios brasileiros e ingleses, culminando com o aprisionamento de navios brasileiros por britânicos no Rio de Janeiro, sob o pretexto de indenização. A situação enfureceu a população do Rio que chegou a ameaçar depredar propriedades britânicas no país. A questão Christie resultou no rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Grã-Bretanha.

européu, cujos olhos passivamente viam e possuíam.²³ Agora se tratava de apresentar essa mesma “inocência” sob o olhar ainda mais inofensivo: o dirigido por uma mulher.

Um dos objetivos deste capítulo é mostrar que o olhar imperial não era algo legado apenas aos homens do Império, mas também às mulheres. Desse modo, a cultura imperial, “o ser inglês” é um fenômeno que sobrepuja a questão de gênero.²⁴ Mais: sobrepuja as diferenças de classe, como já pude brevemente apontar. Além disso, pretendo indicar que as diferenças no interior da Grã-Bretanha — refiro-me às dissensões entre ingleses, escoceses e irlandeses — foram suprimidas ao representarem a América do Sul, pelo menos no caso das viajantes que analiso.

Meu intento é acompanhar as representações da América do Sul expressas pelas três mulheres e como elas compararam o que viam com a Grã-Bretanha. Neste capítulo procuro abordar as primeiras impressões das três viajantes quando aqui aportaram. As três chegaram ao Brasil e escreveram sobre as cidades portuárias do Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

2.2 Brasil: estranhamento e deslumbramento

Os navios muitas vezes paravam nessas cidades portuárias para abastecimento, descanso da tripulação e possíveis consertos das embarcações. Nesses momentos, nem sempre as nossas viajantes deixaram a embarcação, mesmo assim falaram daquilo que viram ao longe. Marianne North foi a que

²³ PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 33.

²⁴ Para um trabalho que questiona a ideia de Cultura Imperial e a questão das classes, Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. Uma escola no mar: a viagem exploratória e as expectativas de oficiais e marinheiros. In: _____. *Em Tempos de Paz*. A viagem científica de circum-navegação da U. S. Exploring Expedition (1838-1842). Tese de livre docência – FFLCH-USP, São Paulo, 2012. (mimeo).

demonstrou mais curiosidade por tudo o que viu, pois buscava a luz e as cores dos lugares.

2.2.1 Pernambuco: nos trópicos, longe da Europa

Marianne North embarcou para o Brasil a 9 de agosto de 1872. Ia a bordo do navio *Neva*, pertencente à Marinha Real Britânica, e levava consigo uma carta de apresentação ao comandante. A chegada a Pernambuco se deu em 28 de agosto de 1872 e ela se perguntou “como um número tão grande de navios, com seus mastros enormes, conseguia entrar naquele porto”.²⁵ Ao longe, a cidade se delineava, mas junto com ela, havia coqueiros.²⁶

Muitos coqueiros!

Vistas através de minha luneta, as edificações da cidade eram como as de qualquer outra cidade, mas além delas havia matas de coqueiros intermináveis, revelando claramente em que parte do mundo nos encontrávamos.²⁷

Apesar de olhar os edifícios da cidade, North procurava indícios de que se encontrava em um lugar diferente da Europa. Ou seja, o centro urbano lembrava outros que conhecera, mas a vista da mata identificava a cidade brasileira como pertencente ao mundo da natureza tropical.

A viajante se dispôs a descer do navio, incentivada por uma senhora quaker nova-iorquina, que lhe disse que as duas poderiam ir até onde o marido dela considerasse pertinente. Marianne classificou essa senhora de

²⁵ NORTH, Marianne. *Recollections of a Happy Life, Being the Autobiography of Marianne North*. Cambridge: Cambridge University Press, v. I e II, 2011, p. 113. No original: “[...] and wondered how the crowd of ships with their tall masts ever got into the harbour.”

²⁶ A autora menciona a palavra “Pernambuco” apenas. Ibidem, p. 113.

²⁷ Ibidem, p. 113-114. No original: “Seen through my glass, the buildings of the town looked much like those of any town, but beyond were endless groves of cocoanut-trees, showing clearly in what part of the world we were.”

“adorável”, o que demonstra que concordava com ela, e seu “braço amigo” lhe deu ânimo. Ainda que fosse uma mulher com autonomia, aparentemente, North comungava com a senhora norte-americana a ideia de que uma mulher deveria ir até onde um cavalheiro lhe permitisse, ou até onde ele julgasse que fosse seguro.

A despeito do mar tempestuoso e repleto de tubarões — onde podia ser impossível desembarcar por vários dias — a autora ressalta a presença de pescadores nativos, em jangadas, com as pernas dentro d’água. Ela os menciona sem fazer um grande ajuizamento do risco a que se expunham. São seres que parecem fazer parte da paisagem e meio que, de certa forma, se “desumanizam”.

Andando pela cidade, ela notou as lojas fechadas, por ser domingo. Compara tal rigidez com Glasgow. A viajante inglesa relaciona a cidade pernambucana a Glasgow, talvez motivada pela atitude de seu companheiro de passeio quaker, que não quis entrar em nenhuma igreja, por julgar serem templos de idolatria. Aparentemente, ela não é conivente com tal atitude, nem mesmo se preocupava com isso. O que lhe chama a atenção são os prédios, nos quais detecta certo mau gosto, não condizentes com o seu conceito de estética.

Fica claro que, ao se deparar com uma cidade pernambucana, cujas demonstrações de crença católica são evidentes, e com a postura radical do visitante protestante, Marianne busca nas suas referências a cidade de Glasgow, na Escócia, palco de muitas divergências religiosas, ao longo do tempo, e que à sua época ainda permanecia como lugar de dissensões no que dizia respeito às diferentes denominações cristãs. Desde o século XVIII, essa cidade se tornara um dos principais centros do comércio transatlântico com as

Américas e tinha se firmado como a segunda cidade da Grã-Bretanha na era vitoriana. A religião, no entanto, era motivo de disputa entre seus habitantes.²⁸

O sectarismo se fazia presente na vida da escocesa Florence Dixie, que chegou a Pernambuco em 28 de dezembro de 1878, a bordo do navio *Britannia*. Ao contrário de North, ela e seus companheiros de viagem não desceram em terra, já que se deteriam no porto apenas por algumas horas e também porque “lhes foi dito que não havia nada a ver por lá”.²⁹

Contudo, a passagem deles por aquelas paragens se faz notar pela referência aos “deliciosos abacaxis” de Pernambuco. Na opinião dela, “a única fruta tropical que pode rivalizar com as europeias”.³⁰ A arrogância das avaliações sobre o que encontraria nos trópicos já se faz notar nesse breve comentário de Dixie.

Se Florence Dixie procurava se afastar do que chamou de civilização e dos compromissos sociais, a irlandesa Marion Mulhall parecia ter em mente o contrário. Seu objetivo era participar da vida local, através de interlocuções sociais e do intercâmbio das informações que pudesse obter sobre a América do Sul, para levar aos seus compatriotas britânicos. Portanto, seu estado de espírito devia ser bem outro.

No entanto, ao que parece, também não teve alento para desembarcar em Pernambuco. Seu relato apenas deixa claro o tédio da viagem, até cruzar a linha do Equador. Não informa a data de sua chegada ao continente sul-americano, mas em uma nota de rodapé menciona “agora, no ano de 1876”, o que fornece a ideia de que a viagem tenha sido efetuada antes disso.

²⁸ O movimento da Reforma do século XV fez com que o protestantismo se espalhasse pela Europa. Na Escócia, então um país predominantemente católico, houve um apoio público considerável a este movimento. O Presbiterianismo foi adotado, mais tarde, pelo Estado como religião nacional da Escócia. Depois, outras vertentes do protestantismo tiveram lugar no país. Durante os séculos XVII e XVIII, no entanto, houve conflitos entre católicos e protestantes. Isso foi acentuado pela imigração em massa de irlandeses católicos para a Escócia, devido ao problema da fome na Irlanda.

²⁹ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. London: Richard Bentley and Son, 1880, p. 9-10. No original: “[...] that there is nothing to be seen when one is there.”

³⁰ Ibidem, p. 10. No original: “[...] it is the only tropical fruit which, in my opinion, can vie with European kinds.”

2.2.2 Salvador: um lugar sufocante

Florence Dixie e Marion Mulhall não demonstraram curiosidade com a cidade do Recife e permaneceram no navio. As três aportaram também em Salvador, ainda que usassem mais a palavra Bahia para se referir à cidade. Mulhall, ao tratar desse universo urbano, se mostra bem mais enfática no seu desagrado³¹:

Este porto é muito infestado por tubarões. Nós desembarcamos num domingo pela manhã. O mercado é bem suprido com fruta e as mulheres negras são enormemente gordas. Diversos negros se ofereceram para nos levar para a cidade em seus palanquins, mas estes veículos eram tão abominavelmente sujos, que preferimos caminhar.³²

Ela menciona o prédio da Polícia e refere-se aos outros prédios públicos como sendo praticamente só igrejas. A impressão que tem do lugar é bastante ruim: a sujeira é descrita como gritante e o calor, sufocante:

Os maus cheiros, que nos assaltam toda hora, e a universal sujeira do lugar, acrescidos do fato de que a população é praticamente toda negra, dá uma impressão muito desfavorável, e depois de umas horas divagando, nós nos apressamos em voltar para o navio.³³

Mulhall tenta amenizar a má impressão que lhe causou a cidade, tratando de descrever indícios benéficos da presença britânica nessas paragens. À sujeira e ao calor excessivo contrapõe a esperada beleza do bairro inglês e a

³¹ A autora utiliza a palavra Bahia apenas. MULHALL, Mrs. M. G., *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1877, p. 12.

³² Ibidem, p. 12. No original: “*This port is greatly infested with sharks. We landed on Sunday morning. The market place is well supplied with fruit, and the black women are enormously fat. Sundry negroes volunteered to carry us up town in their palanquins, but these vehicles looked so abominably dirty that we preferred to walk.*”

³³ Ibidem, p. 12. No original: “*The foul smells that assault you at every turn, and the universal filth of the place, coupled with the fact that the population is nearly all black, give a very unfavourable impression, and after an hour’s ramble we hasten back to the ship.*”

bem sucedida atividade inglesa no comércio local. Como se buscasse boas referências que pudessem sustentar uma visita ao lugar. Marion Mulhall não busca o outro, busca a si própria.

Nós pretendíamos visitar o Jardim Botânico, mas o calor estava intolerável. Dizem que o subúrbio inglês é um lugar muito bonito com uma pequena igreja inglesa: na Rua Nova vimos diversos nomes ingleses nas portas das casas comerciais.³⁴

Florence Dixie, por sua vez, pormenoriza a cidade utilizando uma descrição mais amena, atendo-se à natureza próxima à cidade sempre vista como mais benfazeja³⁵:

Bahia está construída sobre uma cadeia de montanhas, que avançam até o mar e formam uma ponta na entrada do porto. A cidade está semioculta, entre bananeiras e coqueiros, e vista de bordo é pitoresca o suficiente.³⁶

Observe-se que ela utiliza um adjetivo isento de grande intensidade para tratar da cidade baiana: “pitoresca”, acrescido de “suficiente”. Ou seja, nada de especial a acrescentar. Além do que menciona que não pode vê-la muito nitidamente, já que se encontra “semioculta” pela vegetação e sua perspectiva é do navio. Segundo Pratt, tal tipo de descrição, com pouca ou nenhuma adjetivação, onde não aparecem metáforas, nem alusão à Europa, demonstra que aquilo que é visto não é tão digno de nota. Trata-se do trivial, do interessante apenas.³⁷ Talvez, no caso de Dixie, possa-se ver até certa

³⁴ Ibidem, p. 12. No original: “We had intended visiting the Botanical Gardens, but the heat was intolerable. The English suburb is said to be a very handsome place with a small English church: in the Rua Nova we saw several English names on the doors of mercantile houses.”

³⁵ A autora cita a palavra “Bahia” apenas. DIXIE, Florence, op. cit., p. 12.

³⁶ Ibidem, p. 12. No original: “Bahia itself is built on a high ridge of land, which runs out into the sea, and forms a point at the entrance of the harbour. The town is half hidden among huge banana trees and cocoanut palms, and seen from our board looks picturesque enough.”

³⁷ PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 347.

displicência no olhar, já que não está preocupada com as cidades brasileiras, mas com o grande encontro com a Patagônia.

Ela e seus companheiros de viagem desembarcaram com o capitão do navio e por algum tempo caminharam pelas ruas e mercados da parte baixa da cidade. Apesar da beleza da paisagem, logo a feiura e a sujeira da cidade se sobrepõem:

Encontramos a cidade tão suja e feia quanto bem poderia ser, e nosso olfato foi agredido pelos desagradáveis odores que impregnavam o ar.³⁸

Eles fogem desse cenário desagradável, tomando um coche que os faz verem outras paragens mais propícias ao visitante em busca de beleza. Só então, Florence divisa algo que lhe enche os olhos e estimula o seu registro: jardins bem conservados, podados, belos, com uma variedade de flores tropicais. Seu relato torna-se romântico diante da beleza da paisagem:

A vista que estava agora diante de nós era esplêndida; a imensa baía jazia a nossos pés, e mais adiante se despregava o oceano salpicado com pequenas velas brancas [...].³⁹

Tal visão não impediu que ela se sentisse muito melhor ao voltar para o navio “fresco e asseado”, certamente contrapondo-o à cidade desprovida de grandes atrativos e imunda.

Marianne North também desembarcou na Bahia.⁴⁰ Chamou-lhe a atenção a terra selvagem, montanhosa e plena de florestas exuberantes. Parece ter encontrado, finalmente, o que procurava: o exotismo luxuriante da natureza viva. Fez uma visita ao mercado, que considerou muito divertido e cheio de

³⁸ DIXIE, Florence, op. cit., p. 12-13. No original: “We found it as dirty and ugly as could well be, and our sense of smell had no little violence done to it by the disagreeable odours which pervaded the air.”

³⁹ Ibidem, p. 14. No original: “The view which was now before us was a splendid one; the immense bay lay at our feet, and beyond spread the ocean, dotted with the tiny white sails [...].”

⁴⁰ A autora utiliza a palavra “Bahia” apenas. NORTH, Marianne, op. cit., p. 115.

figuras estranhas. Apesar de observar tudo com a “devida” distância, ela deixa transparecer seu gosto pelo exótico — animais e plantas — não demonstrando igual entusiasmo com a cultura local.

Tal qual para Mulhall, os palanquins chamaram sua atenção, de maneira igualmente desagradável:

As pessoas preguiçosas eram carregadas pelas ladeiras acima sentadas em cadeiras num tipo de palanquim desconjuntado, pendurado em uma vara vergada e carregado no ombro por dois homens; se o passageiro não fosse inquieto, talvez chegasse ao topo do morro são e salvo. Nós nem tentamos, porém ficamos exaustos caminhando na usual maneira britânica a pé e não nos incomodamos de voltar ao *Neva*.⁴¹

Atentemos que North não se refere à sujeira dos palanquins, mas à precariedade das condições de locomoção. Ao mesmo tempo, aproveita para ressaltar a maneira segura e natural dos britânicos de se dirigirem de um lado a outro: com os próprios pés. Ainda que isso causasse exaustão. E de maneira análoga a Dixie, sentiu-se aliviada por poder voltar ao navio.

À guisa de comparação, transcrevemos as impressões que Maria Graham tivera ao passar pela Bahia, meio século antes. A sujeira também lhe causa espécie e ela descreve com maiores detalhes a sordidez que o ambiente transmite aos olhos do visitante inglês:

A rua pela qual entramos através do portão do arsenal ocupa aqui a largura de toda a cidade baixa da Bahia, e é sem nenhuma exceção o lugar mais sujo em que eu tenha estado. É extremamente estreita; apesar disso todos os artífices trazem seus bancos e ferramentas para a rua. Nos espaços que deixam livres, ao longo da parede, estão vendedores de frutas, de salsichas, de chouriços, de peixe frito, de azeite e doces, negros trançando chapéus ou tapetes,

⁴¹ Ibidem, p. 116. No original: “*Lazy people were carried up to the steep streets sitting on chairs in a kind of crazy palanquin, which was hung on a bent pole and carried on two men’s shoulders; if the passenger were not a fidget he might arrive at the top of hill uninjured. We did not try, but tired ourselves out in the usual British manner on foot, and were not sorry to get back to the Neva again.*”

cadeiras, (espécie de liteiras) com seus carregadores, cães, porcos e aves domésticas, sem separação nem distinção; e como a sarjeta corre no meio da rua, tudo ali se atira das diferentes lojas, bem como das janelas. Ali vivem e alimentam-se os animais. Nessa rua estão os armazéns e os escritórios dos comerciantes, tanto estrangeiros quanto nativos.⁴²

Por esse relato, podemos perceber quais os elementos que causavam o odor desagradável que feriu os olfatos de Dixie e Mulhall. A mesma sujidade que impressionara Kindersley, em meados do século XVIII, quando ela conseguiu, finalmente, desembarcar.

Ou seja, o relato das nossas viajantes da segunda metade do século XIX não difere dos relatos de suas antecessoras. Como bem analisa França, o que acontecia era o deslumbramento (maior ou menor, dependendo da visitante) com a paisagem e a posterior decepção com a cidade suja, pobre e sem elegância estética.⁴³

2.2.3 Rio de Janeiro: cidade acanhada em meio à natureza exuberante

As três esperavam alcançar o Rio de Janeiro. Certamente elas leram e ouviram sobre uma das baías mais bonitas do mundo: a da Guanabara. No Rio de Janeiro, Marianne North, Florence Dixie e Marion Mulhall desembarcaram. Elas não podiam deixar de conferir o que mencionavam sobre a cidade e arredores.

O desejo de encontrar as belas paisagens tropicais era comum às três viajantes que estudo. Ansiosa por não perder nada do panorama, Florence se levantou às quatro da manhã, a fim de poder desfrutar de cada detalhe da

⁴² GRAHAM, Maria, op. cit., p. 165.

⁴³ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho, op. cit., p. 21.

chegada ao Rio de Janeiro e não se arrependeu. Ela faz uma descrição enlevada do que vê:

Mas, em breve o sol, que estivera lutando bravamente contra as nuvens, saiu brilhando vitoriosamente; a neblina desapareceu como por um passe de mágica, deixando à vista uma paisagem grandiosa de penhascos e montanhas cobertas de palmeiras, que emergiam cadeia após cadeia, banhadas pelo esplendor do sol, até onde nossos olhos podiam ver.⁴⁴

Também a inglesa Marianne North, quando chegou ao Rio de Janeiro, ficou extasiada e se desmancha em elogios à paisagem:

[...] a bela baía do Rio de Janeiro, que é certamente a mais bonita paisagem marítima do mundo: até Nápoles e Palermo devem se contentar com um segundo lugar em termos de beleza natural.⁴⁵

Figura 13 – Baía de Guanabara (Marianne North)⁴⁶

⁴⁴ DIXIE, Florence, op. cit., p. 15. No original: “But presently the sun, which for a long time had been struggling with the mists, shone victoriously forth; the fog disappeared as if by magic, disclosing, bathed in the glow of sunrise, a grand scene of palm-covered cliffs and mountains, which rose, range beyond range, as far as the eye could reach.”

⁴⁵ NORTH, Marianne, op. cit., p. 116. No original: “[...] the beautiful Bay of Rio, which certainly is the most lovely sea-scape in the world: even Naples and Palermo must be content to hold a second place to it in point of natural beauty.”

Marion Mulhall concorda com as outras duas viajantes — o Rio de Janeiro era totalmente diferente de qualquer cidade que ela já tivesse visto. Sua primeira impressão é descrita como se fosse um quadro: a cena que se descortina é grandiosa:

Uma cadeia de montanhas selvagens e escuras formavam a linha costeira; à nossa frente a terra recuava, descobrindo, enquanto nos aproximamos, duas ilhotas de pedras, uma delas coroada por um farol. Logo começamos a divisar casas incrustadas aqui e aí entre as colinas que assomavam.[...] Era um panorama que, visto pela primeira vez, parecia como se a Natureza nunca mais pudesse enquadrar algo mais voluntarioso ou pitoresco.⁴⁷

Figura 14 – Rio de Janeiro (Marianne North)⁴⁸

⁴⁶ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

⁴⁷ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 14. No original: “A chain of wild, dark-coloured mountains formed the coast line; ahead of us the land receded, discovering, as we approached, two rocky islets, one of them crowned by a light house. Presently we began to descry houses perched here and there among the crescent of hills.[...] It was a panorama that seen for the first time seemed as though Nature could never frame anything more wayward or picturesque.”

⁴⁸ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

Dixie e seus companheiros visitaram a cidade do Rio de Janeiro, acompanhados pelo capitão do navio. Ao desembarcarem em uma calçada de pedra suja e derrapante, eles foram “rodeados por uma multidão de negros, que falavam, riam e gesticulavam como macacos”.⁴⁹

Não é preciso dizer que a aristocrática Dixie foi grosseira e desumana ao discriminar os negros do Rio de Janeiro dessa maneira. A visão depreciativa recaiu também sobre os edifícios. Nem a catedral fugiu à regra, a viajante detestou o cheiro, que ali reinava: de alho e outras abominações.

Os edifícios do Rio se distinguem pela sua fealdade. Quase todos são pintados de amarelo, uma cor, que aqui, parece predominar em todas as partes, provavelmente para harmonizar com a cor dos habitantes.⁵⁰

Uma observação duplamente desairosa: edifícios feios, pintados de amarelo para se assemelharem aos locais. Em suas palavras não aparece a menor preocupação em ocultar a sua opinião sobre a cidade e seus habitantes — feios, sujos e malcheirosos. Visão de seres inferiores, perfeitamente legitimada pelo olhar imperial.

O que podemos notar até aqui é que o olhar superior imperial sobrepuja a questão de gênero. O olhar dessas três mulheres, no que concerne à cultura imperial, não é diferente da impressão que teria um homem britânico na mesma situação.

O encontro com seus pares se faz possível, por exemplo, num local de hospedagem. A também britânica Marion Mulhall cita o hotel pertencente ao inglês Mr. White, onde todos os esforços eram convidados para que seus hóspedes se sentissem confortáveis, ou seja, que se sentissem na Inglaterra, de

⁴⁹ DIXIE, Florence, op. cit., p. 16. No original: “[...] we were surrounded by a crowd of negroes, who jabbered and grinned and gesticulated like so many monkeys.”

⁵⁰ Ibidem, p. 17. No original: “The public buildings at Rio are all distinguished by their peculiar ugliness. They are mostly painted yellow, a hue which seems to prevail everywhere here, possibly in order to harmonise with the complexion of the inhabitants.”

volta ao lar. Quando de sua estada por lá, ela se sentiu reconfortada: “Este é o lugar mais delicioso que eu já vi”⁵¹, disse a viajante.

A seguir faz uma descrição romântica do lugar:

Aqui a música das quedas d’água quebra o silêncio da noite; nosso quarto dá a vista para o mais romântico dos vales; palmeiras gigantes e árvores de toda espécie crescem ao redor: as montanhas elevam-se por todos os lados.⁵²

Dixie também se hospedou na Tijuca (no mesmo hotel) e se agradou dele pelos mesmos motivos de Mulhall: a ideia de estar entre seus compatriotas. Como já afirmei, as nossas viajantes não buscam o outro, mas a si próprias. Buscam o que é conhecido e valorizado na Inglaterra.

[...] parecia particularmente convidativo depois dos estabelecimentos em que tínhamos estado no Rio, e era agradável também, sermos esperados por um inglês — o proprietário e seus funcionários eram todos dessa nacionalidade.⁵³

Após um breve descanso, ela saiu para um passeio solitário pelos bosques. Teria apreciado bastante a paisagem, não fosse sua pequena cadela *terrier* começar a perseguir uma cobra, cuja picada era considerada instantaneamente mortal, o que, decididamente não a agradou.

Marion Mulhall, por seu lado, teve uma impressão muito boa da floresta da Tijuca: embevecida, afirmou que a vista era sublime e variada. Nada pode se igualar à grandiosidade e exuberância da vegetação tropical, sobretudo o calor sendo abrandado pela sombra das folhagens generosas. Do mesmo

⁵¹ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 16. No original: “*This is the most delightful place I have ever seen.*”

⁵² Ibidem, p. 17. No original: “*Here the music of the water-fall breaks the stillness of the night; our bedroom window overlooks a most romantic glen; giant palms and trees of every kind grow around: the mountain rise on all sides.*”

⁵³ DIXIE, Florence, op. cit., p. 20. No original: “[...] *looked particularly inviting after the establishments we had been in at Rio, and it was pleasant too, to be waited on by Englishmen – the proprietor and his staff being of that nationality.*”

modo que Dixie, ela entra em contato com um réptil da região: uma cobra coral. Ao que parece sem grandes atropelos.

Figura 15 – Tijuca com Palmeira (Marianne North)⁵⁴

Florence Dixie, por sua vez, deve ter passado por um bom susto, pois menciona que “agradeceu às estrelas” que a livraram de um encontro mortal com tal réptil. Em meio ao esplendor da noite tropical, ela pensou no seu querido e distante país, sem dúvida, agora coberto de gelo e neve.⁵⁵

A comparação com o referencial de origem é frequente e, por que não dizer, inevitável a cada novo acontecimento, a cada nova descoberta. A impressão que a autora passa é de que os animais silvestres adentram as cidades numa mistura própria de um lugar que não foi completamente civilizado. Não é demais repetir que, na grande maioria das vezes, a comparação se mostra pejorativa em relação aos locais visitados, ainda que as impressões sejam apenas de um primeiro contato.

⁵⁴ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

⁵⁵ DIXIE, Florence, op. cit., p. 22.

A escocesa conta que, após o descanso na Tijuca, ela e seus companheiros de viagem deveriam retornar ao navio por volta do meio dia. Embora tivessem levantado cedo para chegarem com folga e solicitado ao condutor do veículo que fosse devagar, haja vista o mal costume do lugar de fazer as mulas correrem demais, não foram atendidos. O homem, que os conduzia, brandiu o chicote e saiu a todo galope. O desastre foi inevitável. Eles escaparam por pouco e ficaram irritados com o descuido e a estupidez do homem. O fato é que ficaram sem condução em que todosoubessem. Por sorte, passou uma diligência e eles tentaram, outra vez, se certificarem de que se tratava de mulas mansas e de um condutor prudente. Porém, houve um outro contratempo: o novo cocheiro, “por alguma inexplicável razão”, em vez de conduzir com cuidado, estimulou as mulas para galoparem e estas saíram em disparada. E os passageiros se viram sob o risco de caírem num precipício de 300 pés de profundidade!

Foi demasiado ter três acidentes em 24 horas e prometendo que não queríamos mais saber dos cocheiros brasileiros pelo resto de nossas vidas, completamos o caminho a pé, chegando a bordo do velho Britannia com duas horas de atraso.⁵⁶

A autora mostra indignação com o despreparo, o descuido e a irresponsabilidade dos trabalhadores brasileiros. Ela descreve o estado lastimável em que os passageiros ficaram: as roupas sujas e amassadas e os rostos cobertos de cortes e arranhaduras. Ficam claros os modos grosseiros e rudes dos brasileiros, deixando evidente o lugar do Brasil em relação aos representantes polidos e de boas maneiras da Metrópole vitoriana.

Deve-se levar em conta que Dixie dramatiza o ocorrido, enfatizando o risco de morte que haviam passado. Ora, tal relato não condiz com pessoas

⁵⁶ Ibidem, p. 25. No original: “To meet with three accidents in twenty-four hours was rather too much of a good thing, and vowing that we had had enough of Brazilian coach-manship to last us all our lives, we completed the rest of the way on foot, arriving two hours after the appointed time, on board the old “Britannia””.

que se dirigiam à Patagônia, onde se dizia haver gigantes e “canibais”. Portanto, um local muito mais afeito a acontecimentos perigosos e fatais.

Os nativos são apresentados como “obstáculos logísticos” ao movimento avançado dos europeus, alerta Pratt. Podemos analisar que Florence Dixie e seus acompanhantes lembram, neste episódio, o que essa autora denomina de “vanguarda capitalista”, para a qual as questões de atraso eram praticamente obsessivas. Esta vanguarda traz à tona, muitas vezes, uma espécie de “estética negativa”, o que pode ser entendido como um desapontamento.⁵⁷

No relato de Dixie, não só os homens, mas também a natureza brasileira levam desvantagem nas comparações sucessivas que ela se empenha em mostrar ao leitor. A inferioridade, que ela acabara de conhecer, permeia qualquer aspecto sobre o qual a autora se ponha a discorrer:

Comparadas com os Himalaias e os Alpes, as montanhas que rodeiam o Rio são insignificantes e ninguém precisa sair da Inglaterra em busca de paisagens encantadoras e românticas.⁵⁸

Nem mesmo nossas estrelas são tão cintilantes quanto fora anunciado. Ao elogiar o abacaxi, que ela aprovou, mas com ressalvas à sua fama de exuberante fruta tropical, Dixie produz o trecho abaixo:

Exuberante fruta tropical, soa muito bem. O mesmo que “o cintilante Cruzeiro do Sul”; mas o conhecimento mais próximo de ambos é decepcionante e dissipa qualquer ilusão que alguém possa haver formado a partir das descrições, excessivamente entusiastas de viajantes cheios de fantasia.⁵⁹

⁵⁷ PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 257-258.

⁵⁸ DIXIE, Florence, op. cit., p. 26. No original: “[...] by the side of the Himalayas or the Alps, the mountains around Rio are insignificant enough, and one need not go out of England in search for charming and romantic scenery.”

⁵⁹ Ibidem, p. 10. No original: “Luscious tropical fruit” sounds very well, as does “the flashing Southern Cross”; but nearer acquaintance with both proves very disappointing, and dispels any of the illusions one may have acquired respecting them, from the over-enthusiastic description of imaginative travellers.”

Interessante notar dois aspectos nas palavras da autora: ao tratar da sua decepção quanto à fruta e à constelação sul-americanas, ela afirma que leu outros viajantes (os entusiastas demais), portanto, sua viagem era baseada em pesquisa (além do próprio Julius Beerbohm), embora ela não faça menção a quem seriam esses viajantes escritores.⁶⁰ Sendo assim, Dixie já sabia o que deveria encontrar e quais seriam seus pontos de interesse ou não, ratificando desse modo, meu entendimento inicial que a suposta inocência dos relatos femininos não se confirma. O segundo ponto é que ela própria alerta o leitor (nós, portanto) de que os relatos são subjetivos e devem ser lidos com a possível imparcialidade, já que são obras suscetíveis a diferentes objetivos.

Diferentemente das duas outras viajantes, que permaneceram pouco tempo no Rio, Marianne North estendeu sua estada por lá por cerca de dois meses e pode observar melhor a cidade, bem como compará-la com similares europeias. Ao traçar um paralelo entre Rio de Janeiro, Espanha e Sicília, aparentemente sua intenção foi fazer um comentário elogioso, mas não se pode deixar de pensar que esses locais europeus eram vistos como exóticos pelos britânicos.

A cidade do Rio de Janeiro tem uma ótima aparência no seu parentesco com a Espanha ou a Sicília, as casas tão cheias de cor e os balcões tão variados [...] os habitantes têm o mesmo prazer que naqueles lugares em mostrar tapeçarias vistosas e flores brilhantes nos seus balcões e janelas, a isso se somam papagaios e macacos que gritam e pulam quando a gente passa [...].⁶¹

⁶⁰Diferentemente de Dixie, Marion Mulhall faz referências às fontes que usou para escrever/entender os lugares que visitou, sobretudo sobre os indígenas. São eles: Robert Southey (1774-1843) e Pierre François Xavier de Charlevoix (1682-1761). O primeiro, também citado por Maria Graham, lançou em Londres, de 1810 a 1819, a obra *História do Brasil*, que abrange todo o período colonial até a chegada de D. João VI em 1808. O segundo, foi jesuíta e viajante e escreveu vários livros sobre a Nova França (Canadá). Marion deve ter se servido da obra *Histoire de Paraguay*, uma compilação de textos originalmente destinados a um projeto sobre o Novo Mundo, publicado em Paris em 1756. Charlevoix, contudo, nunca esteve na América do Sul. Observar que Marion refere-se a um autor inglês e um francês. O fato do segundo ser jesuíta comprova a ligação dos Mulhalls com a Igreja Católica e o interesse que ela, como veremos adiante, apresenta pelas Missões Jesuíticas do Paraguai. Provavelmente essa obra chegou até ela, pelas mãos do marido, antigo seminarista.

⁶¹ NORTH, Marianne, op. cit., p. 117. No original: “The town of Rio has a great look of its relations in Spain or Sicily; the houses so full of colour, the balconies of such varied form [...] the inhabitants have the same

Importante salientar que North compara o Rio de Janeiro com lugares europeus de cultura latina. Depreende-se daí que, para ela, a cultura inglesa, anglo-saxônica, era diferenciada em relação aos países e regiões citados pela autora. Vê-se aqui também o que vai ser uma constante na narrativa de North: o apelo ao visual. Ela tudo vê sob a ótica da pintora. Sobretudo as cores. Estas são o que mais lhe chamam a atenção e a encantam. A viajante procura pelas cores nas pessoas, na vegetação, nas flores, nos animais. Pode-se dizer que sua descrição é pictórica. Preocupa-se, evidentemente, com a luz que incide sobre tudo. Diz ela:

Os brasileiros gostam tanto de iluminações que há tubos permanentes de gás cruzando suas ruas principais, as quais correm perfeitamente alinhadas do mar até os morros, formando uma longa projeção de arcos flamejantes que produzem um efeito bem mais elegante do que os nossos postes e lâmpadas isolados.⁶²

Em um raro momento, North, em sua comparação constante, dá um valor maior ao que vê no Brasil. Ironicamente, trata-se da luz que encontra no país, diferentemente da cinza Inglaterra.⁶³

Ela se habituou a frequentar o Jardim Botânico e se agradou do percurso do hotel até lá, cerca de quatro milhas, que percorria de bonde puxado por mulas. Admira as florestas que vê, comparando-as aos bosques europeus:

[...] cobertas de florestas até o topo... e que florestas! Não os bosques monótonos da Europa, mas infinitas variedades de formas e cores [...].⁶⁴

love of hanging out gaudy draperies and bright flowers from their windows and balconies, with the addition of parrots and monkeys screaming and scrambling after the passers-by [...]”.

⁶² Ibidem, p. 117. No original: “*The Brazilians are so fond of illuminations that there are permanent gas-pipes bent across their principal streets; these run perfectly straight from the sea to the hillside; the long vistas of flaming arches have a far finer effect than our isolated stars and cyphers.*”

⁶³ A iluminação pública com lampiões a gás foi introduzida no Rio, em 25 de março de 1854, por obra do Barão de Mauá. Cf. DE FIORE, Elizabeth; DE FIORE, Ottaviano, op. cit., p. 104.

Marion Mulhall, por sua vez, parece também ter gostado do Rio de Janeiro. Seus comentários são, em geral, elogiosos, como o trecho abaixo:

As casas são altas e as ruas estreitas, as lojas pequenas, mas ricas, muitas das janelas são preenchidas com espécimes de pássaros entalhados e borboletas com os mais brilhantes matizes.⁶⁵

Além da cidade do Rio, Mulhall fez uma rápida visita a Petrópolis, em que pode avaliar a grandeza da estrada de ferro Barão de Mauá, o que parece tê-la encantado, sobretudo porque envolvia o avanço da engenharia, na qual os ingleses eram muito capacitados: “A estrada é um triunfo da habilidade da engenharia”⁶⁶, avalia a viajante.

Tal estrada havia sido construída com o apoio de investidores ingleses a Irineu Evangelista de Souza, que firmara o contrato para a construção da primeira ferrovia no Brasil. Tratava-se de uma linha com pouco mais de quatorze quilômetros, ligando o porto da Estrela à raiz da Serra de Petrópolis. Na cerimônia de inauguração, em 1854, D. Pedro II concedeu ao idealizador o título de Barão de Mauá.⁶⁷

Petrópolis também foi visitada por Marianne North. Na viagem, ela admira novas “plantas bonitas”, dentre as quais o papiro egípcio, os lírios brancos, e eritrinas escarlates. Demonstra seu encantamento com o panorama:

[...] e a breve parada me deu tempo para apreciar a vista magnífica, as montanhas enormes parecendo fantasmas através da neblina e da chuva, as poucas árvores gigantescas que haviam escapado ao corte da floresta quando a estrada foi feita se erguendo ainda mais altas,

⁶⁴ NORTH, Marianne, op. cit., p. 118. No original: “[...] covered with forests to the very top; and such forests! not the wooly-looking woods of Europe, but endless varieties of form and colour [...].”

⁶⁵ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 15. No original: “The houses are high and the streets narrow, the shops small but rich; many of the windows are filled with specimens of stuffed birds and butterflies of the most brilliant hues.”

⁶⁶ Ibidem, p. 18. No original: “The road is a triumph of engineering skill [...].”

⁶⁷ DE FIORE, Elizabeth; DE FIORE, Ottaviano (edit), op. cit., p. 100.

pois o fundo estava encoberto. Ao subirmos ainda mais, os últimos raios de sol enviaram uma linha vermelha através das aberturas nas nuvens, e um ou dois dos pontos mais altos pareciam estar pegando fogo. Lá de cima, a vista na direção do Rio é, talvez, a mais bonita que já vi, se não fosse pela ausência da neve; a vista da cidade ao longe, com suas sentinelas de montanhas rochosas, assim, como a baía cheia de ilhas e o terreno ondulado no meio sombreado por nuvens flutuantes, foi de uma beleza indescritível.⁶⁸

North descreve a natureza majestosa como se fosse uma gravura, na qual as cores dão destaque ao cenário montanhoso. Nem por isso, ela deixa de observar que apenas poucas árvores — daquelas gigantes — conseguiram se manter intactas, quando muitas devem ter sido abatidas para a construção da estrada.

Aqui já aparece um embate entre civilização e natureza. O olhar de Marianne North não é fixo para a natureza em si mesma. Ela captura a mão do homem civilizado a interferir na natureza, diferentemente de Mulhall que entende a natureza como um possível amálgama de perigos aos humanos. Mas veremos que enquanto North valoriza a luz e as cores da América do Sul, o mesmo não se dá quanto a organização das sociedades da região, nem quanto o homem sul-americano.

Apesar de achar a paisagem do Rio única, em termos de beleza, North, mais uma vez, não consegue ficar imune à comparação: lamenta a ausência da neve, lembrando o paradigma de seu local de origem. Ela definiu Petrópolis como “odienta”. Uma espécie de “imitação tosca de uma estação de águas

⁶⁸ NORTH, Marianne, op. cit., p. 126. No original: “ [...] the short stoppage gave one time to enjoy the magnificent view , the great mountains looking like ghosts through the mist and rain, the few giant trees which had escaped the cutting of the forest when the road was made, standing out all the grander for the background being veiled. As we rose higher the sun’s last rays sent a red line through the openings in the clouds, and one or two of the highest points seemed in fire. From the top the view back towards Rio is perhaps as fine as anything I had yet seen, with the exception of its having no snow; the distant mountains, as well as the bay full of islands, and the rolling middle distance shaded by floating clouds, was inexpressibly beautiful.”

alemã de segunda classe”⁶⁹, apesar de abrigar árvores dignas de nota, tal como as araucárias, “maiores do que qualquer uma na Inglaterra”.⁷⁰

Contrariamente, Mulhall considera a visita a Petrópolis a melhor excursão que se possa fazer no Rio. Talvez o motivo esteja contido nas palavras abaixo:

Petrópolis é a residência de verão da corte brasileira e do corpo diplomático, e é um dos lugares mais charmosos na face do globo.⁷¹

A cidade imperial representa o que a irlandesa parece prezar sobremaneira: seu alinhamento com as chamadas “classes mais privilegiadas”. Diferentemente da inglesa Marianne North, que demonstra uma maior liberdade de expressão, a irlandesa Marion Mulhall se pauta pelas observações mais adequadas ao papel de propagadora de oportunidades de investimentos e lazer para aqueles que a leem, como veremos adiante.

A postura mais autônoma da inglesa é ratificada quando ela afirma que detestou as pessoas de Petrópolis — ociosas e bisbilhoteiras — que consideravam escandaloso e perigoso a estrangeira andar sozinha pelos morros, onde grassavam histórias terríveis sobre escravos fugidos.

Com muito sacrifício, ela conseguiu dar uma olhada na serra dos Órgãos, acompanhada de um pedreiro, que conheceu na região. Ela cita, outra vez, a beleza da paisagem pitoresca.

Ao longe, com a serra dos Órgãos nos espiando acima dos limites verdejantes dos vales, pensei mais uma vez que nada no mundo poderia ser mais encantador que essa estrada maravilhosa [...].⁷²

⁶⁹ Ibidem, p. 126. No original: “[...] a bad imitation of a second-class German watering-place [...]”

⁷⁰ Ibidem, p. 127. No original: “[...] araucárias larger than any in England.”

⁷¹ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 18. No original: “Petropolis is the summer residence of the Brazilian court and Corps Diplomatique, and is one of the most charming places on the face of the globe.”

⁷² NORTH, Marianne, op. cit., p. 184. No original: “The distant Organ Mountains peeped at us over the ends of the green valleys, and I again thought nothing in the world could be lovelier than that marvelous road [...]”.

Figura 16 – Paquetá e Serra dos Órgãos (Marianne North)⁷³

Portanto, de uma maneira geral, as impressões das viajantes se apresentam assim: Pernambuco pouco deixou de bom na lembrança das três; na Bahia, o interesse delas começa a se delinear melhor, através das representações que fazem daquilo que chamou sua atenção. Dixie considerou a cidade pitoresca ao longe, mas suja e feia quando se aproximou. A paisagem agradou-a. Já Mulhall, apreciou apenas “o que lhe disseram” sobre os ingleses no local. Ademais, o calor e a sujeira suplantaram qualquer outra motivação. Marianne North parece a que melhor se adequou, talvez porque seu objetivo de viagem diferisse do das outras duas viajantes. Ela se mostra interessada no que os trópicos tem de exuberante, de iluminado, de diferente. Tanto que ela se divertiu no mercado, enalteceu a natureza e não se ateuve à sujeira da cidade.

À medida que as viagens (e os relatos) prosseguem, as representações vão se mostrando mais nítidas. As britânicas se encantaram com as belezas

⁷³ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

naturais do Rio (traço comum entre os viajantes), no entanto, a escocesa Florence Dixie já mostra o viés negativo que teve sobre praticamente tudo que teve contato na cidade. Suas comparações são explícitas e taxativas: tudo na América do Sul é inferior à Inglaterra (Europa). Desde os edifícios, as estrelas até os locais. E o faz com arrogância, própria de sua posição no mundo: uma “nobre britânica”.

A inglesa Marianne North se apresenta mais moderada: embora se decepcione com algumas coisas (o Cruzeiro do Sul, por exemplo), procura não diminuir em demasia o constatado. Ela revela que passou dias muito bons no Rio de Janeiro, em contato com a natureza menos explorada, mas, sobretudo, com os “jardins cultivados”, obviamente administrados por europeus, que a acolheram com gentileza e cuidado. O prazer para ela parece estar justamente nessa junção: natureza, pontos exóticos de curiosidade e aproximação com seus pares para ter uma boa retaguarda em sua empreitada.

Na sua representação sobre o Rio de Janeiro, Mulhall procurou evidenciar os aspectos favoráveis do local. Ela, ao contrário de Dixie, só teceu elogios: a natureza era belíssima, tanto no Rio como em Petrópolis, além disso, contava com uma estrada de ferro magnífica. A impressão que se tem é que ela só procurou ressaltar o que de melhor viu. De certa maneira, as três apreciaram bastante as belezas naturais que avistaram, sobretudo no Rio de Janeiro (elemento comum, certamente, com outros viajantes estrangeiros que aqui vieram).

As considerações apontadas neste capítulo demonstram que as três viajantes chegaram à América do Sul com uma “predisposição” sobre o que iriam encontrar: cidades sujas, mal construídas, com habitantes pouco civilizados e natureza luxuriante. Elas parecem apenas confirmar, em seus relatos, aquilo que “já sabiam”, através de contatos mantidos na Europa, através de leituras ou de conversas com pessoas que haviam estado pelo continente sul-americano. No caso, especificamente, o Brasil.

Também vieram “preparadas” para admirar as belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro: o que de fato fizeram, apesar dos senões apontados. Desse modo, as viajantes apenas ratificaram a opinião que “havam trazido na bagagem”, independentemente dos motivos que as levaram a efetuar suas viagens.

Saindo do Rio de Janeiro, as três empreenderam jornadas distintas, e seus relatos vão demonstrar o caminho tomado por elas e que as diferencia entre si: Marianne North dedicou-se à pintura da paisagem do interior de Minas Gerais e às espécies raras do Chile, Florence Dixie, ao universo selvagem “inexplorado” da Patagônia e Marion Mulhall — com seu tempo bem maior de permanência no continente sul-americano — à visita das cidades do interior da América do Sul, além da Amazônia e Andes. Apesar das três expressarem um olhar imperial, há diferenças entre elas, no modo de ver os outros lugares.

3. Mariane North: cor e luz da natureza sul-americana

No prefácio a *Imagens da natureza*, (Humboldt) declarou que seu objetivo era o de reproduzir “o prazer que uma mente sensível experimenta a partir da contemplação imediata da natureza... elevado pelo vislumbre da conexão com as forças ocultas.” Sem tal percepção, “a maravilhosa exuberância da natureza” se reduz prosaicamente a “um acúmulo de imagens separadas” que não apresentam “a harmonia e o efeito de um quadro”.¹

“Foi de *Imagens da Natureza* e de sua continuação *Imagens das Cordilheiras*, que os públicos leitores europeu e sul-americano selecionaram o repertório básico de imagens que vieram a significar “América do Sul”, durante o conturbado período de transição de 1810 a 1850”.² Daí surgiram três ícones para o novo continente: florestas tropicais superabundantes, montanhas de picos nevados e vastas planícies interiores.

Fazia parte do imaginário europeu a concepção de que natureza significava, antes de tudo, regiões e ecossistemas que não eram dominados pelos “europeus”. A história natural defendeu “uma autoridade urbana, letrada e masculina sobre o planeta”.³

Nesse sentido, podemos sugerir que nossas viajantes se apropriaram de uma seara restrita aos homens. Isto posto, as três britânicas eram vistas, sem dúvida, como “mulheres em terra de homens”, ao viajarem pelos rincões da América do Sul.

¹ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999. p. 217. A autora se refere à obra *Ansichten der Natur*, escrita por Alexander Humboldt e publicada em 1810. Pratt se utiliza da tradução, *Views of Nature*, de Elise Otte e Henry Bohn. Nesse livro, o autor procurou a “imagem” ou quadro para expressar a forma estética de tratar os objetos da história natural. A solução encontrada foi combinar a especificidade da ciência com a estética do sublime.

² Ibidem, p. 219. A autora se refere às obras: HUMBOLDT, Alexander von. *Views of Nature*. Tradução (para o inglês) de Elise Otte e Henry Bohn. London: Bohn, 1850; _____. *Views of the Cordilleras and Monuments of the Indigenous Peoples of America*. Tradução (para o inglês) de Helen Maria Williams. London: Longman et alli, 1814. 1-2 v. Referências citadas em PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 210.

³ Ibidem, p. 78.

O primeiro aspecto a ser relevado é o fato de que se trata de mulheres a escreverem, mas, principalmente, mulheres diferentes entre si, de modo que nossa perspectiva é a de não entender os relatos femininos como um bloco único, em que as individualidades são esquecidas. Não são mulheres que escrevem, mas, sim, três mulheres distintas entre si. Três indivíduos do sexo feminino.

Partindo dessa premissa, inicio este capítulo primeiramente tentando delinear o que era a natureza para os vitorianos e como nossas viajantes encararam esse tema, nortearam suas viagens e quais objetivos as motivaram. É claro que a natureza (com todos os seus componentes — vegetais e animais) era o seu pressuposto maior. Ainda que haja o estranhamento, o receio do perigo e todos os inconvenientes possíveis, as três dedicam muito espaço para a natureza em seus relatos. Se não por ânimo próprio, por necessidade de se posicionarem diante do interesse da sociedade europeia e do gosto do leitor, ávido por notícias de lugares longínquos, inóspitos, melhor designados como “exóticos”. Veremos que as três distinguiram a natureza de formas diferentes. Aliás, pode-se afirmar sem medo de errar que pelo menos duas delas, Marianne North e Florence Dixie, vieram para a América do Sul para verificar e ter experiências no mundo natural desconhecido, mas sempre discutido na Europa.

Ao se referir a Humboldt, Pratt afirma que ele reinventou a América do Sul antes de tudo como natureza.⁴ Não uma natureza acessível, reconhecível, catalogável, nem uma natureza que apenas espera ser conhecida e possuída. Mas uma natureza dramática, extraordinária, capaz de ultrapassar o conhecimento humano, que tem um movimento interno, que apequena o homem, excita suas paixões e desafia seus poderes de percepção.⁵

⁴ Alexander von Humboldt, geógrafo, naturalista e explorador alemão. Entre 1799 e 1804, viajou pela América do Sul, explorando-a e descrevendo-a pela primeira vez de um ponto de vista científico.

⁵ PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 212.

Julgo que nossas viajantes podem ser analisadas sob esse “prisma humboldtiano”, cada uma delas, obviamente, dentro de seus anseios e limites e com diferentes motivações. A natureza para a inglesa Marianne North é sinônimo de alegria, daí o título de suas memórias. North encara a natureza como um grande Jardim Botânico, onde o cientista pode fazer novas descobertas e ampliar os conhecimentos botânicos, e através dessa catalogação “dominar” aquilo, cuja variedade e dimensão nem consegue imaginar, o que lhe provoca uma certa urgência. A beleza é encontrada em cenários domesticados que lembram a terra natal.

Figura 17 – Vista do jardim de Mr. Morit em Petrópolis (Marianne North)⁶

A cientista tem pressa, mas a artista necessita de tempo para contemplar, discernir e escolher a melhor paisagem, o melhor ângulo, a melhor luminosidade. Ambas se fundem, se confundem na inglesa quarentona que chega à América do Sul. É preciso apreender, catalogar, deixar dentro do parâmetro confortável do conhecido, do familiar, essa natureza que ela vai

⁶ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

descobrimo e comparando. Como se fossem pinturas, enquadradas e colocadas dentro de locais acessíveis (sem grandes espaços, para não perder a ideia de totalidade a que Humboldt se referia), mesmo que seja em um lugar fechado, abrigado, porém construído em meio a jardins (como o Botanic Gardens de Kew).

Já a natureza para Florence Dixie se apresenta de uma maneira mais contundente. Sua aventura à Patagônia tem destino certo: o contato com o mundo selvagem animal para tirar daí o prazer e o gozo da caça, como veremos no próximo capítulo. Quanto à pragmática Marion Mulhall, a que morou na Argentina por mais de 25 anos, em suas viagens pelo continente, a natureza aparece como aquela que domina o homem sul-americano e compromete os traços da civilização na região. Ainda que seja possível notar tal postura também em Dixie, essa não é a preocupação central da escocesa. Marion é quem mais repete a máxima muito utilizada para desqualificar a América do Sul.

Ao nos debruçarmos sobre o conteúdo dos relatos, no que tange à natureza, devemos ter em mente que “as qualidades estéticas da paisagem constituem o valor social e material da descoberta para a cultura de origem do explorador”.⁷ O que leva a uma interação entre estética e ideologia.

Na análise a ser feita não podemos perder de vista que:

A natureza não é, portanto, um objeto neutro, perscrutada pelo olhar supostamente imparcial do cientista ou pelo do artista em busca da “beleza pura”. Suas representações são carregadas de ideias que produzem imagens e símbolos, contribuindo para compor o imaginário de uma sociedade.⁸

⁷ PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 345.

⁸ PRADO, Maria Ligia. *América Latina no século XIX*. Tramas, Telas e Textos. São Paulo: Edusp/Edusc, 1999, p. 197.

3.1 Mariane North: a América do Sul como “Jardim Botânico”

O século XIX teve como característica a inclinação dos homens em relação à natureza, entendida aqui desde o jardim paisagístico até a floresta selvagem. Tal apreciação tinha como premissa básica um olhar “racionalmente instrumentado”, que equivalia a uma educação clássica e conhecimentos a respeito de História e Literatura. A paisagem era considerada pitoresca porque equivalia a uma pintura. Isso correspondia à construção de uma nova relação dos homens com a natureza, que, por um lado, procurava a descoberta e o conhecimento dos seus segredos pela ciência, e, por outro, observava-a através de uma sensibilidade aguçada pela emoção.⁹

O olhar de Marianne North se dividiu em várias vertentes: a natureza (cultivada ou selvagem), as cidades visitadas (nas quais ela buscava referências sobre o pitoresco e a “civilização”), as pessoas com as quais cruzou seu caminho (os compatriotas acolhedores, os nativos sempre vistos com certa superioridade e os negros — estes sim, vistos como se fossem uma classe intermediária entre o humano e o animalesco).

Sua estada no Rio de Janeiro, tão apreciada por ela, teve todos esses componentes. A natureza dividida entre as exuberantes florestas e os belos jardins compostos por espécies que a pintora já conhecia ou que via pela primeira vez, com extrema alegria, na constatação.

No Rio de Janeiro, a visita ao Jardim Botânico tornou-se um passeio e local de trabalho muito aprazíveis:

Os jardins de Botafogo eram um deleite sem fim para mim; e, como o bom diretor austríaco permitiu-me guardar meu cavalete e outras coisas na sua casa, eu me sentia quase em casa lá, e por

⁹ NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 436. A respeito ver também: THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500–1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1989 e WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. Companhia das Letras, 2011.

algum tempo trabalhei todos os dias e o dia todo sob suas avenidas sombreadas, somente voltando ao pôr-do-sol para jantar e descansar, cansada demais para fazer visitas noturnas, e por isso aborreci alguns dos meus amáveis amigos.¹⁰

Este trecho demonstra bem o objetivo de North: estar em contato com a natureza, de preferência a cultivada, domesticada, controlada, já que pretendia retratá-la, sem perder muito tempo com a vida social, e cercada de pessoas influentes europeias (no caso o diretor austríaco), que a faziam se sentir segura para poder se dedicar ao seu “*affair*”: a pintura.

Figura 18 – Palmeiras no Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Marianne North)¹¹

Ela também apreciou os jardins particulares, como o de uma senhora inglesa, que vivia em Santa Tereza:

¹⁰ NORTH, Marianne. *Recollections of a Happy Life, Being the Autobiography of Marianne North*. Cambridge: Cambridge University Press, v. I e II, 2011, p. 118. No original: “The gardens of Botafogo were a never-ending delight to me; and, as the good Austrian director allowed me to keep my easel and other things at his house, I felt quite at home there, and for some time worked every day and all day under its shady avenues, only returning at sunset to dine and rest, far too tired to pay evening visits, and thereby disgusted some of my kind friends.”

¹¹ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

A azuleza e o mormaço trêmulos da cena eram indescritivelmente adoráveis, e o pequeno alpendre abaixo era lotado de flores brilhantes. Daturas, bananas, ciprestes e palmeiras constituíam o primeiro plano, enquanto que a alaranjada *Bignonia vetusta*, as pétreas azuis, buganvília e *thyncospermum* trepavam pelas árvores e pela balaustrada em grandes maciços, e a última delas ajudava camélias, cravos e jasmíns a perfumarem o ar quase em demasia. Era um pequeno paraíso, e embora minha amiga resmungasse contra os nove anos de saúde precária e falta de conforto que passara ali, ela sentirá falta de toda essa beleza abundante quando retornar à brumosa velha Inglaterra.¹²

Marianne North se detém na enumeração das flores, algumas com denominações científicas, misturando o prazer estético da pintura com o saber científico. A estudiosa de Botânica é capaz de conhecer as espécies ou de reconhecê-las. A pintora, por sua vez, descreve as flores em planos, estudando cada elemento a ser narrado em perspectiva. O jardim torna-se uma pintura aos olhos de quem lê. E aquela que escreve como que pintando, ou que pinta como quem escreve, estabelece uma relação de domínio sobre aquilo que é visto.

Se a paisagem é uma pintura, North não é apenas a observadora que a julga e a aprecia, mas também aquela que tem o poder, se não de possuir, pelo menos de avaliar.¹³ Por isso, ela pôde “saber” que sua compatriota iria se arrepender de não ter dado o devido valor ao “paraíso” onde colocava os olhos todos os dias. Ainda que esse paraíso não estivesse exatamente na Inglaterra.

¹² NORTH, Marianne, op. cit., p. 122. No original: “The quivering haze and blueness of the whole scene was indescribably lovely, and the little terrace below was crowded with bright flowers. Daturas, bananas, cypress and palm-trees gave form to the foreground, whilst the orange *Bignonia venusta*, the blue *petraea*, *bougainvillea*, and *rhyncho-spermum* climbed over both trees and balustrades in great masses, the latter helping the gardenias, carnations, and jasmíns to scent the air almost too deliciously. It was a small paradise, and though my friend grumbled at the nine long years of bad and discomfort she had spent there, she will miss all this abundant beauty when she returns to foggy old England.”

¹³ PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 344.

A ideia do mundo como um “grande Jardim Botânico”, que deve ser descoberto, catalogado e devidamente exposto e analisado de maneira mais aprofundada na Metrópole britânica, percorre o relato de North. E parece compensar qualquer desconforto que ela teve de enfrentar.

3.2 A natureza pictórica como missão: Marianne North em Minas Gerais

A inglesa foi alertada por alguns compatriotas de que não deveria se aventurar pelo interior do Brasil, especialmente Minas Gerais, porque nada haveria para pintar lá. Ela, no entanto, seguiu o que chamou de sua “teimosia” e resolveu aceitar o convite de Mr. Gordon, superintendente chefe da mina inglesa de Morro Velho, próximo à cidade de Juiz de Fora, e de sua filha, para estar com eles em Minas Gerais. Ela aquiesceu, dizendo que ficaria duas semanas. Eles riram dela e com razão, porque viria a permanecer por lá cerca de oito meses.

De fato, ela apreciou a vida no interior de Minas:

Cada pedaço do caminho era bonito e interessante; jamais encontrei a terrível monotonia que meus amigos do Rio haviam mencionado. De vez em quando nos deparávamos com plantações, morros verdes e jardins.¹⁴

Andando pelos planaltos mineiros, North usufruiu intensamente das paisagens que avistava. Sua descrição chega a ser romântica: já não se trata de um pedaço do Paraíso, como no jardim carioca, mas da floresta encantada das fadas!

¹⁴ NORTH, Marianne, op. cit., p. 136. No original: “Every bit of the way was interesting and beautiful. I never found the dreary monotony Rio friends had talked about. Every now and then we came to bits of cultivation, green hills and garden grounds.”

Era um perfeito conto de fadas. As enormes borboletas Morpho, azuis e opala, vinham batendo as asas largas pelas alamedas abaixo, perto de nossas cabeças, se movendo lentamente e num tipo de movimento de gangorra, de maneira a deixar a luz pegar suas cores metálicas gloriosas, deixando qualquer colecionador perplexo. Flores lindas cresciam por perto, mas fora do alcance, e de vez em quando eu avistava um ninho minúsculo, pendurado dentro de uma cerca protetora e espinhenta de amora preta. Todas essas maravilhas pareciam escarnecer de nós, mortais, por invadirmos o terreno das fadas, e para nos dizer que elas eram inalcançáveis. Por fim, saímos da floresta e a subida começou de verdade entre rochas cobertas com ervilhas perenes, azuis e embaciadas, samambaias pé-de-lebre grandes, orquídeas e, no topo, grandes moitas de uma pleroma enorme com flores lilases e botões vermelhos como a goma Cistus, e canteiros de morango selvagem, que um monge italiano tinha introduzido havia alguns anos.¹⁵

Temos aqui uma plêiade de cores, de flores, de borboletas que a viajante narra como se houvesse uma força interna na paisagem que se descortina diante dela. A intenção da autora é levar o leitor — inglês, obviamente — a caminhar com ela por aquela região e se encantar com a explosão de cores.

O trecho acima de North, traz a mesma ideia de imagem de Humboldt: não é apenas uma natureza coletável, que espera ser descoberta. É algo mais que isso: tem uma força intrínseca, que Marianne North, bem classificou como “mágica”. Magia que vai representar as qualidades estéticas da paisagem, sob o ponto de vista do observador.

A natureza para Marianne North é vista como um grande jardim, onde as árvores, as flores e as borboletas representam papel central. Sua visão é bem de uma herborista; sua descrição é uma mescla de ciência e arte.

¹⁵ Ibidem, p. 157. No original: “It was a perfect fairyland. The great blue and opal Morpho butterflies came flopping their wide wings down the narrow lanes close over our heads, moving slowly and with a kind of see-saw motion, so as to let the light catch their glorious metallic colours, entirely perplexing any holder of nets. Gorgeous flowers grew close, but just out of reach, and every now and then I caught sight of some tiny nest, hanging inside a sheltering and prockly screen of brambles. All these wonders seeming to taunt us mortals for trespassing on fairies’s grounds, and to tell us they were unapproachable. At last we left the forest, and the real climb began amidst rocks grown over with everlasting peas, large, filmy, and blue haresfoots ferns, orchids, and on the top grand bushes of a large pleroma with lilac flowers and red buds like the gum-cistus, and beds of the wild strawberry, which some Italian monk had introduced years ago.”

Ela representa a busca do conhecimento e da beleza na natureza, bela ao longe, e melhor ainda quando captada pelo olhar do homem civilizado. Civilização aqui como sinônimo de “erudição”, conhecimento e fruição das belezas do mundo vegetal e animal.

3.2.1 As minas de Minas Gerais

É importante mencionar que a viajante inglesa esteve num dos pontos mais estratégicos do Brasil da época: a região aurífera de Minas. Isso quer dizer que a pintora privilegiou a região interiorana, o mundo rural, mas perto de pequenas ou médias cidades.

A primeira companhia inglesa de mineração na região datava de 1824. Conhecida como Gongo Soco, ficava a cerca de 48 milhas de Ouro Preto e 24 milhas de Morro Velho, no município de Caeté. Gongo Soco tornou-se uma aldeia inglesa nos trópicos, com sua igreja e seu capelão consagrado pelo bispo de Londres. Lá trabalhavam, por volta de 1828, 180 ingleses, ajudados por 600 trabalhadores, entre livres e escravos negros. Suas atividades foram decaindo por volta de 1835, sendo substituída pela mina de Morro Velho.

Depois de 1859, quando Morro Velho já havia reabilitado a exploração de ouro no Brasil, surgiram outras companhias auríferas, tais como a *Este d’El Rei*, perto de Ouro Preto; *Norte d’El-Rei*, no Morro de Sant’Ana, inclusive a mina de Maquiné; e a *London and Brazilian Gold Mining (Limited)*, em Passagem, perto de Mariana; a *Cia.Roça Grande* e a *Santa Bárbara Company*.¹⁶

¹⁶ DE FIORE, Elizabeth; De Fiore, Ottaviano (edit.). *A presença britânica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora PAUBRASIL, 1987, p. 108-110.

Figura 19 – Borboletas na Floresta de Gongo (Marianne North)¹⁷

North esteve na mina de Roça Grande e visitou também as ruínas de Gongo. Referindo-se à primeira, ela assim se expressa:

[...] nos limites da propriedade de Roça Grande, o sr. D., superintendente, nos encontrou, nos mostrou sua mina pequena e arrumada e seu grande maquinário e nos serviu uma merenda. Aí nos levou morro acima para apreciarmos a vista e nos acompanhou através de duas léguas de floresta virgem, a melhor que eu já havia visto, até a velha casa-grande de Gongo — uma casa meio arruinada, que tinha pertencido originalmente a uma família nobre.¹⁸

Ela relembra os dias de apogeu da antiga mina de ouro:

A grande mina de ouro aqui tinha produzido, numa certa época, mais de 100 mil libras por ano. Naquela época havia mil mineiros aqui e 20 empregados só na casa-grande. O superintendente

¹⁷ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

¹⁸ NORTH, Marianne, op. cit., p. 157. No original: “[...] at the edge of the Rossa Grande property Mr. D., its superintendent, met us, showed us his trim little mine and big wheels, and gave us luncheon, then took us up the hill to admire the view, and accompanied us though two leagues of the real virgin forest, the finest I had yet seen, to the old Casa Grande of Gongo — a huge half-ruined house which had originally belonged to some noble family.”

costumava dirigir uma carruagem com dois cavalos pela trilha emaranhada e pedregosa por onde acabáramos de passar; agora, só um preto velho e sua família habitavam o local para guardar as chaves (que não trancavam) e manter a autoridade.¹⁹

A inglesa teve a oportunidade de viver entre a elite local (a maioria ingleses) e poder ouvir sobre a opulência e a decadência das companhias de ouro de Minas Gerais.

Figura 20 – Morro Velho (Marianne North)²⁰

A Mina de Morro Velho, onde ela ficou instalada, era bastante ativa e próspera. Por volta de 1867, contava com 86 mineiros ingleses e 55 trabalhadores e mecânicos, empregando na totalidade cerca de 2.521 pessoas; indiretamente, o dobro. O total de brancos, incluindo as famílias, era de 343 pessoas.²¹

¹⁹ Ibidem, p. 157-158. No original: “The great gold-mine here had at one time yielded more than 100,000 a year. In that day there were a thousand miners there, and twenty servants in the great house alone. The superintendent used to drive a carriage with two horses over the tangled and stony path by which we had just come; now, one old black man and his family alone inhabited the place to keep the keys (which didn’t lock) and hold up authority.”

²⁰ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em 17/10/2015.

²¹ DE FIORE, Elizabeth; De Fiore, Ottaviano, op. cit., p. 113.

Foi a partir de Morro Velho que a inglesa fez suas incursões pelo interior de Minas Gerais. Logo que saiu do Rio a caminho de Minas, Marianne North continuou com seu olhar de artista em busca de novos temas bucólicos. Porém, a “civilização”, as estradas, as cidades se impuseram, tirando um pouco do seu devaneio pictórico. Ela se viu diante de uma estrada, onde a paisagem era constituída por extensas plantações de café e de milho, o que agradou muito mais a seus companheiros de viagem do que a ela.

Ela apreciou o que viu na cidade de Juiz de Fora — hotel excelente, biblioteca, museu, escola de agricultura e estrada — tudo graças a Mariano Lages, fundador e propulsor do progresso da cidade e cujos esforços não encontraram, segundo ela, seguidores, pois “patriotas não são comuns em seu país”.²² Interessante aqui perceber o significado de “patriotismo” para North: ela o atribui a pessoas que, a exemplo de Mariano Lages, trouxeram a “civilização”, sinônimo de progresso, para a região. Diametralmente oposta ao que observou na cidade vizinha de Barbacena:

A horrível ladeira pavimentada que elevava até a cidade não servia nem para o uso de gente, nem de animal, e lembrava as do norte da Itália. Essas abominações parecem ser uma praga comum a todas as nações latinas.²³

Ela compara Brasil e Itália, deixando claro que os latinos não são capazes de boas construções. Os latinos, ainda que ela não use essa palavra, eram vistos como inábeis, pouco práticos, descuidados. Não apenas os sul-

²² De 1850 a 1870, Juiz de Fora havia vivenciado a expansão da economia cafeeira, juntamente com a tendência regional, tornando-se o principal produtor de café da Zona da Mata mineira em torno de 1855. Mariano Lages fundara na década de 1850 a Companhia União e Indústria, que iniciou a construção da Estrada União e Indústria, com o intuito de reduzir o tempo de viagem entre a Corte e a província de Minas Gerais, acelerando o escoamento da produção cafeeira. Além disso, promoveu a vinda de imigrantes europeus para sua cidade. Cerca de 150 artesãos e 100 aprendizes foram empregados na "Cia. União e Indústria" ou no trabalho de transportes da referida firma. Outros foram engajados na construção da estrada Petrópolis–Juiz de Fora que foi entregue ao trânsito em 23 de junho de 1861.

²³ NORTH, Marianne, op. cit., p. 139. No original: “*The horrible paved road up to it was good neither for man nor beast, and reminded one of North Italy. These abominations seem a plague common to all Latin nations.*”

americanos, mas as nações latinas como um todo! Desse modo, as benfeitorias mencionadas em Juiz de Fora são vistas como exceção já que a regra em “todas as nações latinas” era a de cidades mal constituídas. Esse comentário da viajante deixa entrever que a postura de superioridade frente aos latino-americanos provem de semelhante posicionamento em relação aos europeus de origem latina. A viajante inglesa, portanto, já traz consigo o “olhar viciado” que costumava dirigir às nações europeias de fala latina (principalmente, Itália, Portugal e Espanha).

3.3 O desvelo inglês pelo mundo animal sul-americano

North demonstra uma especial predileção pelos animais. Ela realmente parece vê-los como seres interessantes e cheios de qualidades. Apreço que, talvez, ela não manifeste pelos seres humanos (pelo menos, humanos não europeus).

Suas favoritas, sem dúvida, eram as borboletas. Ela as descreve como lindas e adoráveis e se dedica a colecioná-las:

Aquele era o lar favorito de muitas borboletas lindas; elas passavam tão rápido e tão ágeis que não era tarefa fácil para um colecionador obsessivo resolver qual deixaria escapar: antes que seu tesouro estivesse seguro, apareciam outras mais que o induziam a largar a sua presa para partir atrás de outras belezas, talvez mais raras, mas que ele provavelmente veria de novo.²⁴

Interessante observar que colecionar borboletas significa caçá-las e, em geral, fixá-las com alfinete em uma base. Apesar de apreciar tanto as

²⁴ Ibidem, p. 123. No original: “It was the favourite home of many gorgeous butterflies and they came so fast and so cleverly that it was no easy task for a collecting maniac to make up his mind which to try to catch and which to leave, before the treasure was secured more came and tempted him to drop half-caught beauties for other, perhaps rarer ones, which he would probably miss.”

borboletas, North não se preocupa em poupá-las. A prática é cruel, mas mantém a beleza. Era mais importante aumentar a sua coleção, que seria exposta aos seus pares.

Curiosa é a atenção que ela dispensa ao caramujo, comum no Brasil, mas que ela nunca vira nada parecido. Assim o descreve: “Era tão grande quanto um pão francês, e seus movimentos muito dignos”.²⁵ Marianne North vê dignidade no caramujo. Como que lhe atribui qualidades humanas, coisa que não enxerga quando observa um nativo ou um escravo. Ela chegou a manter um deles como animal de estimação, deixando-o por um mês dentro de uma bacia. Bem como dedicou duas horas de seu tempo, fazendo um esboço de sua figura.

A inglesa se encantou com as mulas, empregando adjetivos superlativos para descrevê-las. Esplêndidas, velozes, atributos que ela não detectou nos habitantes do local.

Esse percurso era sempre encantador e alegre para mim, e eu queria que as mulas não passassem com tanta pressa, mas eram todos animais esplêndidos e, após a cena inicial de coices e arrufos, que consideravam a coisa certa para preparar a partida, pareciam gostar de ir a todo galope. Elas iam muitas vezes tão velozes que, se não fossem contidas, teriam chegado à estação antes da hora.²⁶

Mais uma vez ela elogia as mulas, como se se tratassem de seres humanos, da mais alta estirpe: “[...] Mr. G. em sua nobre mula cinzenta [...]”. Isso em contraponto à descrição que faz dos mestiços e negros: “[...] Antonio,

²⁵ Ibidem, p. 124. No original: “[...] it was as large as a French roll, and its movements were very dignified.”

²⁶ Ibidem, p. 118. No original: “That drive was always charming and fresh to me, and I wished the mules had not been in such a hurry; but they were all splendid animals, and seemed to enjoy going at full gallop, after the first little scene of kicking and rearing which they considered the right thing at starting. They often went too fast, and would have arrived at the station before the appointed time if they had not been checked.”

o criado particular de Mr. G, trajando uma suntuosa libré [...] e uma inconfundível cara de negro.”²⁷

O animal designado a North era uma mula, chamada Mueda, muito cuidadosa, segundo a narradora. Num ponto difícil do trajeto, foi solicitado que um negro grande carregasse Marianne, o que ela aceitou sob protesto. O pobre carregador afundou, sob o peso da inglesa, que, segundo a própria não era pouco, “encolhendo no solo esponjoso como uma luneta” e teria desaparecido de todo, se ela não tivesse desistido e voltado para o lombo de sua mula.²⁸ Importante notar a tarefa humilhante a que era submetido o homem negro, tendo de carregar uma inglesa pesada, substituindo a mula. Importante também notar que North pensou nela, não na mencionada situação humilhante do negro.

Chega a ser hilariante esse trecho, no qual a autora trata a mula Mueda como se fosse um ser humano:

[...] se eu não tivesse voltado novamente para o meu lugar em cima da minha velha e querida *Mueda*, que continuava firme como uma rocha, parecendo sorrir da ideia de que alguém além dela própria tivesse força suficiente para me carregar.²⁹

A viajante inglesa sempre se coloca — e é colocada pelos que a cercam nessa viagem — em uma posição de quem deve ser reverenciada, servida, a quem se dá o melhor. Como tinham de cavalgar mais de quarenta milhas, Mr. R. ofereceu-lhe sua mula de reserva para montar.

[...] um nobre animal que se mantinha sempre junto de seu dono e amigo, não precisando nem de chicote, nem de espora. Minha mula

²⁷ Ibidem, p. 131. No original: “[...] Mr. G. on his noble gray mule [...] Antonio, Mr. G’s own particular attendant, in a gorgeous livery, glazed hat with a cockade on one side, top-boots, and a decidedly negro face.”

²⁸ Ibidem, p. 134. No original: “[...] he sank steadily in the spongy ground like a telescope [...]”.

²⁹ Ibidem, p. 134. No original: “[...] if I had not crambled to my seat again on dear old Mueda, who stood steady as a rock, and seemed to grin to herself at the idea of any one but herself having the strength to carry me.”

ficou com Roberto, que usava uma espora grande, embora ele não tivesse nem sapatos nem meias, as tiras sendo presas entre dois dedos, o dedão e o seguinte, do jeito que os negros fazem. Nessas longas estradas empoeiradas, a pobre Brissole não teve tanto lucro como eu com a troca.³⁰

Evidencia-se aqui a relação Marianne/animais e Marianne/negros. Ela prestigia a mula, que lhe foi oferecida, como nobre e amiga, e a que deixou para Roberto — Brissole — como desafortunada por ter deixado a sua companhia pela de um negro, sem meias, sem sapatos, mas mesmo assim, usando fortemente a espora no animal.

Mrs. G., esposa do superintendente da mina de Morro Velho, tinha muitos animais de estimação para cuidar. Duas araras, gatos, cachorros, três papagaios, que “cantavam e dançavam no estilo dos negros”, pombos, um pavão e duas gazelas. A autora descreve com carinho a amizade entre a arara, chamada “Prefeito”, o escravo Pedro, e um gato. Assim ela se expressa:

[...] sendo muito mansa (a arara); era assaz afeiçãoada a Pedro, o escravo mais velho da casa, e o deixava fazer o que quisesse com ela; e também apreciava a companhia de um dos gatos, e esses dois estranhos amigos costumavam ficar horas a fio enroscados ao sol, um coçando a cabeça do outro. De vez em quando saía uma *briga* quando um deles punha muito entusiasmo na tarefa, mas depois de uma discussão barulhenta nas línguas das araras e dos gatos, eles se tornavam novamente amigos.³¹

Fica, mais uma vez, evidente o carinho da autora pelos animais. Bem mais do que em relação ao ser humano, sobretudo, se se tratasse de alguém da

³⁰Ibidem, p. 165. No original: “[...] a noble beast who kept close to his friend, and needed neither whip nor spur. My mule was abandoned to Roberto, who wore a big spur, though he had neither shoes or stockings, the strings being held between the great toe and the next in the usual negro style. Poor Brissole did not gain by the exchange as much as I did over the long dusty roads.”

³¹Ibidem, p. 144. No original: “[...] and was very tame; he was much attached to Pedro, the oldest slave of the establishment, and would allow him to do anything he liked with him. He was also very fond of one of the cats, and the two strange friends used to huddle close together in the sun for hours, scratching each other’s heads. Occasionally there was a row when one or other put too much zeal into his work, but after a rather noisy argument in the macawese and cat languages they again became friends.”

terra, um mestiço, ou escravo. Note-se que, aqui, ela faz um paralelo entre as duas “amizades” da arara: uma com o escravo e outra com o gato.

A ideia do amor de Marianne North pelos animais é corroborada por ela mesma, quando diz que seu “melhor amigo era um velho cão de pelo liso chamado Lopez”.³² Tratava-se de um cão mestiço, porém, a despeito disso, era muito inteligente, dormia debaixo da janela dela e a acompanhava em todas as suas caminhadas. No breve trecho, em que menciona seu cão fiel, North deixa entrever o que pensava da mestiçagem. O cão era grande, inteligente e fiel, mesmo pertencendo “à famosa raça dos cães mestiços”.³³ Ela provavelmente se identificava com a raça pura, aquela que não se misturou. Mesmo assim, não conseguiu ficar imune ao contato diário e fiel que o cão lhe proporcionava. Continua ela: “Fizemos juntos passeios deliciosos e sempre descobríamos novas maravilhas em cada expedição”.³⁴

O cão viveria com ela outras experiências, tais como episódios envolvendo cobras. Marianne as temia, mas nos oito meses em que viveu em Minas nunca se deparou com uma viva, embora as encontrasse, muitas vezes, mortas e até já tivesse ouvido o barulho do guizo perto dela. Seu fiel amigo, a protegia: “Lopez costumava limpar o caminho ao meu redor e enxotava todos os inimigos”.³⁵

Ela mantinha com ele, uma linguagem de entendimento, que narra de uma maneira muito afetuosa:

Um dia ele voltou com o rabo entre as pernas, dizendo-me, na língua dos cachorros, que tivesse cuidado, enquanto insistia em se manter entre mim e um tipo de minhocão, chamado aqui de “cobra-

³² Ibidem, p. 144. No original: “[...] but my chief friend was an old smooth-skinned dog called Lopez.”

³³ Ibidem, p. 144-145. No original: “[...] belonged to that famous breed called mongrels [...].”

³⁴ Ibidem, p. 145. No original: “We had delightful rambles together, and always found new wonders on every expedition.”

³⁵ Ibidem, p. 146. No original: “Lopez generally cleared the way for me, and gave all enemies notice to quit.”

de-duas-cabeças” [...] Ele tinha noção bem clara de que as cobras eram para serem evitadas.³⁶

Em determinada ocasião, a viajante encontrou um “grande tesouro”: um sapo preto, de que cuidou, durante três meses, como se fosse um animal de estimação, mas, que morreu respirando a maresia do mar, quando estava sendo transportado por um amigo dela para o Jardim Zoológico de Londres. Marianne lamentou bastante a perda do sapo, divagando como poderia tê-lo melhor acondicionado para que sobrevivesse à viagem.³⁷

Sua atenção desviava-se também para as formigas — sobretudo as cortadeiras. Ela as admirava, considerando que eram “criaturas inteligentes”, não como os outros insetos, e cujo extermínio “tocava seu coração”.³⁸ Em Ouro Preto, ela recebeu um bonito presente de sua amiga, Dona Maria: um ramo de avenca, com um minúsculo ninho de beija-flor, pendurado na ponta por uma corda feita de teia de aranha. Marianne ficou muito feliz com o agrado:

O entusiasmo que demonstrei divertiu a família, ainda mais quando disse que não o venderia nem por cem libras: aí então me acharam realmente louca.³⁹

Esse entusiasmo reafirma a intenção de tentar juntar tudo que fosse possível para levar consigo. Esse regalo representa, justamente, o que North tinha em mente: levar para casa, o máximo possível, daquilo que seus olhos haviam apreciado. Desde sapos até plantas, coleção de insetos, borboletas e muitos, muitos quadros, que retratavam a vegetação local.

³⁶ Ibidem, p. 146-147. No original: “One day he came back with his tail between his legs, giving me notice, in plain dog-language, to be careful, while he insisted on keeping between me and a kind of big slow-worm they call here a “two-headed snake”, which is quite harmless, and was on this occasion dead.[...]He had quite an idea snakes were to be avoided.”

³⁷ Ibidem, p. 160-161.

³⁸ Ibidem, p. 164.

³⁹ Ibidem, p. 165. No original: “The enthusiasm I showed over it diverted the family, and still more when I said I would not part with it for a hundred pounds; they thought me indeed mad.”

3.4 Em busca da *Araucaria Imbricata*

“Em meados de novembro de 1884, embarquei na minha última viagem”⁴⁰, conta-nos Marianne North. O motivo de sua volta à América do Sul, doze anos após sua temporada no Brasil, é assim expresso pela pintora:

Todas as maiores árvores do mundo estavam representadas “*em casa*” em minha galeria, exceto a *Araucaria imbricata*, e eu não consegui achar nenhuma descrição dessa árvore nos novos livros de viagem para o Chile [...].⁴¹

O excerto acima comprova que o interesse de North era levar para a Metrópole a representação do maior número possível de espécies diferentes encontradas pelo globo terrestre. Também atesta que a viajante se informava sobre os locais a serem visitados, não tendo nenhum aspecto de improviso as suas viagens pelo mundo. Outra informação que o texto revela é a da renovação de livros de viagem sobre o Chile, visto que a autora se refere a “novos livros”. Ou seja, a publicação de relatos de viagem estava, à época, bastante disseminada, atualizando as informações já obtidas sobre determinado local. O comentário de North de que “todas as maiores árvores do mundo” estavam representadas na Inglaterra, demonstra outro aspecto do olhar imperial: a certeza de que o ajuizamento do que era relevante ou não (aqui em termos de conhecimento) estava a cargo da Metrópole.

Portanto, o grande objetivo de Marianne, na sua viagem ao Chile, era pintar a *Araucaria Imbricata*, como já disse, conhecida na Inglaterra como “engana-macaco”, “sem muita razão”, diz a bem-humorada viajante, “pois no Chile não há nenhum macaco para enganar”.⁴²

⁴⁰ Ibidem, p. 311. No original: “About the middle of November 1884, I started on my last journey.”

⁴¹ Ibidem, p. 311. No original: “All the biggest trees of the world were represented “at home”, in my gallery, except the *Araucaria imbricata*, and I could find no description of this tree in any new books of Chilean travel [...]”.

⁴² Ibidem, p. 320. No original: “[...] rather unreasonably, as there are no monkeys in Chili to puzzle.”

Figura 21 – Árvore “engana-macaco”, *Araucaria Imbricata*, Chile (Marianne North)⁴³

Do mesmo modo que Florence Dixie fez, North passa por Punta Arenas, com destino ao Chile. Interessante é comparar como ela descreve a paisagem:

Era perto do pôr-do-sol quando alcançamos Punta Arenas, e algumas das distantes montanhas nevadas destacavam-se do mar como icebergs, rosa e cintilantes [...].⁴⁴

North apresenta os mesmos interesses de sua viagem ao Brasil: pintar a flora e a fauna. Ela não parece muito à vontade na cidade de Santiago, onde não pode perambular livremente pelas ruas. Esta imagem é muito diferente da

⁴³ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

⁴⁴ NORTH, Marianne, op. cit., p. 312. No original: “It was near sunset when we reached Sandy Point, and some of the distant snow mountains rose out of the sea like icebergs, pink and glittering [...]”.

descrita por ela, anos antes, nas suas alegres idas e vindas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Até mesmos seus compatriotas, do consulado, parecem embotados e “resignados” a viver nesse lugar. Ela usa a expressão: “condenados a viver ali”!

Ela menciona Santiago como um lugar onde uma mulher não podia andar sozinha. Observe-se que é a mesma viajante, que, indignava-se por não parecer seguro andar por Petrópolis sozinha, o que de fato fez:

Não era coisa para uma mulher caminhar sozinha nas ruas, a menos que ela estivesse embrulhada numa manta, ou num xale de cashemir, o qual é arranjado como um hábito de freira, de modo a cobrir a testa e a boca. Eu o usei para ir ao mercado, escondida na minha manta, com o cozinheiro às vezes, para comprar flores e outras curiosidades para pintar. Eu também fiz amizade com Dr. Philippi, que me emprestou pássaros e ninhos maravilhosos do museu.⁴⁵

Figura 22 – As neves eternas, a partir de Santiago; Patagua na frente com beija-flor e ninho, Chile (Marianne North)⁴⁶

⁴⁵ Ibidem, p. 314-315. No original: “It was not the thing for a woman to walk alone in the streets, unless she were wrapped up in a manta, or black Cashemere shawl, which is arranged like a nun’s head-dress, so as to cover forehead and mouth. I used to go to market, hidden in my manta, with the cook sometimes, to get flowers and other curiosities to paint. I also made friends with Dr. Philippi, who lent me birds and wonderful nests from the museum.”

⁴⁶ Imagem disponível em: <<http://www.kew.org/mng/gallery/south-america.html>>. Acesso em: 17/10/2015.

No entanto, ela logo se adaptou às circunstâncias e encontrou em Apoquindo, um lugar para se dedicar às suas pinturas. De vez em quando, montava um velho cavalo, cavalgava pelas montanhas sozinha e amarrava o animal em alguma árvore, enquanto procurava pelas flores que iria pintar.

Ela, finalmente, chegou perto das montanhas, onde pretendia pintar sua árvore tão sonhada:

Após dois dias de estrada de ferro através do longo e extenso vale ou planície de Santiago, com as Cordilheiras nevadas de um lado e as altas montanhas que vão em direção ao mar do outro [...].⁴⁷

A narrativa de North lembra os avisos que receberam Dixie e Mulhall quando pretenderam ir para a Patagônia e para a Amazônia:

Não foi nada fácil descobrir como chegar até essas florestas. As pessoas falavam de dificuldades e mesmo de perigos. Diziam que eu iria dormir ao relento, seria comida por pumas ou raptada por índios, uma raça nobre que ainda não havia sido conquistada pelo homem branco. Outros afirmavam que as árvores não existiam mais: já tinham sido serradas há muito tempo para fazer dormentes para as estradas de ferro; mas, como sempre, descobri ao chegar perto do lugar que as dificuldades desapareciam.⁴⁸

North encarou a estada na natureza diferentemente de Dixie e Mulhall. Para ela, o prazer de estar naquele ambiente de cor e luz fazia com que as dificuldades deixassem de existir. E concluiu, apesar das dificuldades encontradas, de maneira corajosa, a última aventura de sua “vida feliz”.

⁴⁷NORTH, Marianne, op. cit., p. 320. No original: “After two days of railway through the long wide valley or plain of Santiago, with the snowy Cordilleras on one side and the high hills which go down to the sea on the other [...]”.

⁴⁸ Ibidem, p. 320. No original: “It was not easy to make out how to reach those forests. People talked of difficulties, and even dangers. They said I must sleep out, be eaten by pumas, or carried off by Indians, a noble race which had never yet been conquered by the white man. Others declared the trees no longer existed, having been all sawn up into sleepers for railways; but as usual I found when I got nearer the spot that all difficulties vanished.”

Marianne North se determinou a dedicar os anos de orfandade e, conseqüente posse de sua herança familiar, a viajar pelo mundo, não só observando, mas registrando, pintando, catalogando tudo que sua retina e suas mãos conseguiram reter. O início, propriamente dito, foi sua permanência no Brasil. Seu propósito maior era que o resultado dessas “andanças” contribuísse para o conhecimento de seu país sobre o que havia pelo mundo afora, em termos de natureza — vegetal e animal — sobretudo. Nesse sentido, seu legado, realmente, é expressivo: ela contribuiu de maneira soberba para que a cultura imperial inglesa — no sentido de obter informações advindas da visitação *in loco*, devidamente registrada — se firmasse perante o mundo conhecido.

4. Florence Dixie: sombras da natureza sul-americana

4.1 Florence Dixie: A Patagônia como cenário

O que se conquista são itinerários não reinos.¹

A paisagem, os povos e a história da Patagônia entraram no imaginário europeu, através da crônica de Antonio Pigafetta, sobre a viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, no século XVI.² A partir de então, vários relatos de todos os tipos de visitantes conspiraram para transformar as intermináveis planícies da Patagônia em uma região enigmática. A experiência de ter estado e, sobretudo, relatado uma viagem à Patagônia era à época de nossas viajantes um feito quase exclusivamente masculino. As planícies estéreis, o deserto e a montanhas da Cordilheira dos Andes parecem representar a “metáfora do poder”, facilmente conectada ao viajante masculino, que tem no seu contraponto o relato de viagem de Florence Dixie.³

Apesar de sua arrogância e altivez, já constatadas nas páginas anteriores, em relação à América do Sul e tudo que a compõe, ao narrar os seis meses que passou na Patagônia, a dama escocesa traz imagens sublimes de vastidões sem fim, de uma natureza intocada e surpreendente a cada passo. Uma surpresa que se impõe, seduz, provoca sentimentos nas palavras dela, de pequenez e sensações inauditas, que dão margem para que a autora dramatize

¹ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999, p. 256.

² Antonio Pigafetta (1491-1534) acompanhou o capitão português Fernão de Magalhães, a serviço da Espanha, em sua viagem ao redor do mundo, iniciada em 1519, sobre a qual fez um relato, *Relazione del Primo Viaggio Intorno Al Mondo*, publicado em Paris, em 1525.

³ PEÑALOZA, Fernanda. A Sublime Journey to the Barren Plains: Lady Florence Dixie's Across Patagonia (1880). *Limina: A Journal of Historical and Cultural Studies, Arts, Humanities and Social Sciences*, (University of Wertern Australia), n. 10, 2004, p. 81-82.

a experiência vivenciada. Através do que Fernanda Peñaloza chama de “estética de sensibilidade”, Dixie relata uma Patagônia desprovida de “civilização”, como um espaço vazio, sem referências históricas, onde a natureza é a personagem principal, onde reina o selvagem ou aquilo que não há mais no mundo civilizado.⁴

4.1.1 A natureza primal

A primeira visão que Dixie teve da árida Patagônia se mostrou decepcionante:

Patagônia enfim! Parecia uma triste e desoladora sucessão de planaltos nus, não se via nenhuma árvore, nenhum arbusto em parte alguma, uma região sombria e cinzenta, que mal parecia deste mundo; era na realidade o tipo de paisagem que se espera encontrar em outro planeta.⁵

A autora compara essa visão com a que tivera do Rio de Janeiro:

Assim como me havia deslumbrado a beleza e exuberância da vida tropical do Rio, a impressão que isto me causou teve de render-se em intensidade aos sentimentos vagos de temor e surpresa produzidos pela visão destas enormes e áridas solidões que teria agora a minha frente.⁶

Ela analisa o que vê, através da sua consciência de mundo. Observe-se aqui que a escocesa busca refúgio na lembrança recente que tivera do Rio de

⁴ Ibidem, p. 83.

⁵ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. London: Richard Bentley and Son, 1880, p. 29. No original: “[...] Patagonia at last! Desolate and dreary enough it looked, a succession of bare plateaus, not a tree nor a shrub visible anywhere; a grey, shadow country, which seemed hardly of this world, such a landscape, in fact, as one might expect to find on reaching some other planet.”

⁶ Ibidem, p. 29. No original: “Much as I had been astonished by the glow and exuberance of tropical life at Rio, the impression it had made on my mind had to yield in intensity to the vague feelings of awe and wonder produced by the sight of the huge barren solitudes now before me.”

Janeiro, da qual gostara, mas sem grandes arreouos. No entanto, se o exótico é essa desolação que se apresenta diante de seus olhos, ela parece preferir voltar para a natureza luxuriante do Brasil.

Florence lamenta o que virá: o inóspito e o desconhecido. Chegam a Punta Arenas — extremo sul da América do Sul — que é chamada pelos chilenos, aos quais pertence, de “A Colônia de Magalhães”. Ela conta que se tratava de uma colônia penal apenas, mas, em consequência do aumento de fluxo, através do Estreito, o governo do Chile se deu conta da importância do lugar e ofereceu terras e incentivos para imigrantes se instalarem na região. No entanto, até o momento a colônia não prosperara como se esperava e muitas casas haviam sido destruídas durante o motim que ocorrera em 1877.

A viajante diz supor que haja lugares mais deprimentes que Punta Arenas, mas não acha provável. Ela cita as miseráveis choças de madeira, as ruas silenciosas e solitárias, onde não se via nesse momento “nenhum ser vivente”, exceto alguns avestruzes famintos. Ela achou justo pensar num “lugar abandonado por Deus”.⁷

A Grã-Bretanha, no entanto, tinha vários interesses na região, que iam desde o comércio até a criação de ovinos, o que abrangia vastas estâncias de proprietários britânicos, que haviam se tornado a espinha dorsal da economia patagônica. Portanto, é nesse ambiente “quase colonial” que se desenrola a viagem de Dixie.

No contexto imperial a exaltação do exótico esplendor das novas terras colonizadas podia disfarçar as brutais circunstâncias da sua posse. Assim, a retórica do exótico de fetichizar o outro e a simpática identificação mascaram a desigualdade do poder das relações. No contexto imperial, seu mascaramento envolve a transformação do poder político em espetáculo.⁸

⁷ Ibidem, p. 33. No original: “[..] *God-forsaken hole* [...]”.

⁸ HUGGAN, Graham. *The Postcolonial Exotic*. Marketing the margins. London/New York: Routledge, 2001, p. 14.

Territórios considerados “virgens” foram a escolha de Dixie e seus companheiros para seis meses de “viagem de lazer ou turismo no âmbito selvagem”. A rota pretendida permitiu conhecer muitos dos atrativos da região, então habitada pelos “aoiniken ou tehuenches meridionais”. O propósito era combinar a visão dos famosos picos da Cordilheira dos Andes com cavalgadas sobre o pampa impactante e o contato com a flora e a fauna da região.

Florence narra a monotonia da planície:

O campo que estávamos agora atravessando era totalmente diferente daquele que havíamos deixado para trás. Não se via nem uma só árvore ou arbusto por nenhum lado e enquanto à nossa esquerda jazia o escarpado cordão da serra, à frente e à direita uma imensa planície se estendia até o horizonte elevando-se e caindo ocasionalmente em leves ondulações, que se não fosse assim se apresentaria completa e monotonamente plana. O solo que era bastante pantanoso estava coberto por um pasto grosso e verde, entre os quais podíamos ver muitos bandos de gansos selvagens. Passamos por numerosas lagoas de água fresca cobertas de aves silvestres, as quais levantavam voo descontroladamente diante de nossa chegada. Um ou dois falcões volteavam ocasionalmente sobre nossas cabeças e uma vez um dos cachorros partiu em perseguição a uma pequena raposa cinzenta, que, incautamente, havia aparecido; mas com exceção destes, não havia sinais de vida animal na silenciosa e aparentemente interminável planície à nossa frente.⁹

A descrição transmite a ideia de algo atemorizante e deprimente, que afirma a posição da autora como observadora legítima e em posição onisciente em relação ao leitor. A Patagônia vai sendo construída como uma

⁹ DIXIE, Florence, op. cit., p. 56-57. No original: “The country we were now crossing was of a totally different character to that we had left behind us. Not a tree or a shrub was to be seen anywhere, and while to the left of us lay the rugged range of the Cordilleras, in front and to the right an immense plain stretched away to the horizon, rising and falling occasionally in slight undulations, but otherwise completely and monotonously level. The ground, which was rather swampy, was covered with an abundance of coarse green grass, amongst which we could see flocks of wild geese grazing in great numbers. We passed with wild-fowl, who flew up wild at our approach. A hawk or two would occasionally hover over our heads, and once the dogs started off in pursuit of a little grey fox that had incautiously shown itself; but except these, there was no sign of animal life on the silent, seemingly interminable plain before us.”

paisagem em que as fronteiras não podem ser definidas, assim a repetição transmite a sensação de infinitude.

Há momentos, porém, em que a beleza do cenário a deixa embevecida:

Não pude deixar de me impressionar com a nova visão à minha frente. A partir da alta planície em que estávamos podia ver milhas e milhas de terra deserta jamais pisada onde incontáveis manadas de guanacos pastavam tranquila e indolentemente. À distância se elevavam os picos dos Andes envoltos em seu manto de solitário e inexplorado mistério.¹⁰

Observe-se que a autora se preocupa em frisar a ausência de seres humanos, bem como o fato de que se trata de “uma terra jamais pisada”, procurando enfatizar o caráter de pioneirismo de sua expedição. Fernanda Peñaloza, no entanto, nos adverte que, por volta da viagem de Dixie:

[...] colonos galeses já tinham se estabelecido por lá há quinze anos e alguns imigrantes europeus já haviam começado a transformar a paisagem e a organização social dos índios da região.¹¹

Ao não fazer referências a viajantes anteriores e reiterar que ela (e seus companheiros) são os primeiros a adentrar aquelas paragens, Dixie busca não só eliminar possíveis comparações, mas também transformar a paisagem em narrativa. O objetivo é que o leitor compreenda o quão longe foi uma mulher “inglesa” e como ela esteve forte, impávida, frente a tudo o que viu. Dixie maximiza a sua experiência.

Ela se permite exaltar a beleza das montanhas da Cordilheira dos Andes:

¹⁰ Ibidem, p. 109-110. No original: “I could not help being greatly impressed with the novel sight now before me. From the high plain we were on I could look over miles and miles of untrodden desert land, where countless herds of guanaco were reaming in peaceful ease. In the distance towered the peaks of the Andes, wrapped in their cloak of mistery, lonely and unexplored.”

¹¹ PEÑALOZA, Fernanda, op. cit., p. 88.

Nossas expectativas não foram frustradas. Aí, aparentemente a uma milha de distância, se alçava compacta e escura, num amontoado grupo de cumes que havíamos visto dois dias atrás, apenas uma maravilhosa cadeia montanhosa que se perdia até o oeste nas escuras pregas do anoitecer [...] O sol havia se posto há pouco e a base das montanhas estava envolta em obscuridade, mas seus cumes fantasticamente dentados apareciam claramente definidos sob a luz que brilhava no céu, aqui e ali algum cume coberto de neve e mais alto que seus companheiros, retinha ainda uma débil labareda rosada que contrastava estranhamente com o sombrio cinza de mais abaixo.¹²

Assim, a natureza pode aparecer como algo incomensurável, que influi na sensibilidade de quem a descreve. Nesse sentido, ela pode falar de sentimentos, na emoção causada pela visão da natureza:

Permaneci parada sozinha por um longo tempo deixando-me levar pela emoção que essa cena despertava em mim, até que a escuridão mais completa reinasse sobre o lugar e tratando de analisar inutilmente o sentimento que produz sempre em mim a majestosa solidão da paisagem patagônica. É um sentimento que só posso comparar — porque seria impossível para mim individualizar uma característica definida das muitas vagas sensações que o compõe — com a que me faz evocar uma das grandiosas, severas e ainda assim, misteriosamente suaves sonatas de Beethoven.¹³

Florence tece uma comparação entre as sensações que sente ao ver a paisagem patagônica e ao ouvir uma música de Beethoven. Ela procura passar

¹² DIXIE, Florence, op. cit., p. 142-143. No original: “Our expectations were not disappointed. There, seemingly not a mile away, rose up, compact and dark, not the huddled clump of peaks we had seen two days ago, but a mighty mountain chain, which lost itself westward in the gathering dusk of evening – standing like a mysterious barrier between the strange country we had just crossed and a possibility still stranger country beyond. The sun had long set, and the base of the mountains was wrapped in darkness, but their jagged fantastically-shaped crests stood clearly defined against the light which still glimmered in the sky, and here and there a snow-covered peak, higher than its comrades, still retained a faint roseate glow, which contrasted strangely with the gray gloom of all below.”

¹³ Ibidem, p. 143. No original: “For a long time after complete darkness had fallen over everything, I stood alone, giving myself up to the influence of the emotions the scene described awoke in me, and endeavoring, though vainly, to analyse the feeling which the majestic loneliness of Patagonian scenery always produced in my mind – a feeling which I can only compare – for it would be impossible for me to seize on any definite feature of the many vague sensation which compose it – to those called up by one of Beethoven’s grand, yet mysteriously soft sonatas.”

para o leitor a dualidade que a compõe: caçadora, mas também sensível amante da arte (o verdadeiro protótipo do europeu bem nascido e bem formado).

A sensação que a solidão majestosa da Patagônia provoca na escocesa só pode ser comparada e compartilhada com aqueles que sabiam apreciar música refinada. A música de Beethoven traz a marca do mundo civilizado ao qual Dixie pertence.

Não basta “sentir” a beleza do panorama que se descortina ante seus olhos, é preciso descrever, usar palavras adequadas e, principalmente, é preciso elevar essa espécie de prazer hipnótico, paralisante (porque desconhecido) para o mundo civilizado, mas sensível. Daí, recorrer às sonatas de Beethoven. Desse modo, a exploradora se apropria do mundo selvagem e o eleva ao seu mundo civilizado. Tudo parece majestoso na Patagônia, no entanto não se trata de algo incomparável. Há o parâmetro europeu, do grandioso, do sublime, do sutil. Assim, Dixie tenta traduzir para o seu público leitor o que via, encaixando um universo desconhecido dentro de parâmetros já experimentados. Procura, dessa forma, relatar e também desconstruir o sentimento ameaçador da grandiosidade da natureza, do exótico, do que não tem igual.

A visão da Cordilheira aparece sempre como a mais bela possível:

Descobri que havíamos acampado num extenso vale que resplandecia brilhante e alegre sob um diáfano céu azul e um sol cálido. Uma leve brisa passava sobre o longo pasto verde, o qual estava salpicado aqui e ali por arbustos de calafate. Espaços cheios de flores brancas e amarelas davam uma variedade vívida de cores a esse verdejante tapete. Um extremo do vale estava rodeado por altas colinas cobertas por escuras manchas de faias e para além dessas outra vez montanha sobre montanha, cadeia sobre cadeia, neve e glaciár cobriam a Cordilheira dos Andes que se elevava

majestosamente até o céu. [...] brancas cadeias nevadas de altura tamanha que pareciam flutuar no ar [...].¹⁴

A encantada viajante compara a visão das montanhas com suas referências de arte europeia:

Por trás das colinas verdes que rodeavam o vale na alta cadeia de alturas, cujos cimos dentados estavam rajados da forma mais fantástica, corroídos e gastos pela ação do ar e da umidade em formas similares a delicadas espirais góticas, outras imitando com surpreendente semelhança o escarpado contorno do sopé de muralhas e imponentes torres.¹⁵

No caminho para a Cordilheira, eles passam por uma região desconhecida até mesmo pelos guias, de modo que eles não tinham ideia de onde poderiam pernoitar. Os guias encontram um desfiladeiro (*cañadon*) que serpenteava em direção às montanhas e consideraram este o melhor caminho para os cavalos seguirem. A admiração da escocesa se faz sentir:

O desfiladeiro foi uma preparação apropriada para algo estranho e imponente. Suas encostas íngremes se erguiam em ambos os lados e uma altura imensa; abaixo reinava uma misteriosa penumbra excluindo parcialmente a luz do sol, o que combinado com o intenso e quase agonizante silêncio do lugar, faziam a cena inefavelmente estranha e emocionante.¹⁶

¹⁴ Ibidem, p. 151-152. No original: “I found we were camped in a broad valley, which looked bright and smiling beneath a clear blue sky and a warm sun. A slight breeze swept over the long green grass, which was studded here and there with clumps of califaté bushes and an enlivening colour variety was given to the verdant carpet by occasional tracts of white and yellow flowers. One end of the valley was bound by some tall hills, covered with dark patches of beech trees, and beyond these again, ridge above ridge, range above range, the snow and glacier covered Cordilleras of the Andes towered majestically to the sky [...] white snowy ranges, of such height that they seemed to float in mid-air [...]”

¹⁵ Ibidem, p. 152. No original: “From behind the green hills that bound it rose a tall chain of heights, whose jagged peaks were cleft in the most fantastic fashion, and fretted and worn by the action of the air and moisture into forms, some bearing the semblance of delicate Gothic spires, others imitating with surprising closeness the bolder outlines of battlemented buttresses and lofty towers.”

¹⁶ Ibidem, p. 163. No original: “The ravine was in itself a fit preparation for something strange and grand. Its steep slopes towered upon either side of us to an immense height; and the sunlight being thus partially excluded, a mysterious gloom reigned below, which, combined with the intense, almost painful silence of the spot, made the scene inexpressibly strange and impressive.”

Ela relata a trajetória deles pelo desfiladeiro como sendo a entrada para a “terra prometida”, configurando a sensação de mistério para alcançar o Éden:

A impressão se intensificava ao saber que desde que estas gigantescas solidões tinham sido moldadas pela natureza, nenhum olho humano as havia contemplado, nem tampouco se haviam feito escutar os ecos que despertando-se agora pela primeira vez, repetiam em um sonoro coro os gritos irreverentes de “Égua! Égua!” com os quais nossos guias pastoravam os cavalos. Nós ansiávamos por alcançar a entrada do desfiladeiro e avistar o quanto antes possível a terra prometida [...].¹⁷

Figura 23 – Cañadón de acesso à Cordilheira¹⁸

Porém demoraram várias horas até que eles pudessem sair da neblina para a luz do sol. É provável novamente que Dixie compare o que vê com algo que seja conhecido de seus leitores, a fim de lhes dar a ideia precisa daquilo que viveu. Só é possível se “apossar” do paraíso perdido se ele tiver

¹⁷ Ibidem, p. 163. No original: “*Its effect was intensified by the knowledge that since these gigantic solitudes had been fashioned by nature, no human eye had ever beheld them, nor had any human voice ever raised the echoes, which, awakening now for the first time, repeated in sonorous chorus the profane shouts of “Iegua! Iegua!” with which our guides drove the horses along. We hurried on, anxious to reach the mouth of the ravine, and behold the promised land as soon as possible [...]”*”.

¹⁸ Ilustração de Julius Beerbohm publicada no livro de DIXIE, Florence, op. cit., p. 163.

contornos conhecidos: “Três altos picos de tom avermelhado e da mesma forma que a agulha de Cleópatra, constituíam um aspecto marcante na paisagem”.¹⁹

Figura 24 – As agulhas de Cleópatra²⁰

Segundo Mateo Martinic, quando Dixie faz a comparação com a “agulha de Cleópatra” pode estar se referindo a uma formação de pedras muito alta, visível nas costas do arquipélago da Sonda, bem conhecida pelos navegantes, ou fazendo alusão ao notável obelisco doado pelo Paxá do Egito à Rainha Vitória, que tinha sido implantado a pouco tempo em uma rua central da cidade de Londres.²¹

Ela prossegue na narração da paisagem extraordinária:

¹⁹ Ibidem, p.164. No original: “[...] three tall peaks of a reddish hue, and in shape exact facsimiles of Cleopatra’s Needle, being a conspicuous feature in the landscape.”

²⁰ Ilustração de Julius Beerbohm publicada no livro de DIXIE, Florence, op. cit., p. 167.

²¹ MARTINIC, Mateo. Introdução e notas a Dixie, Florence. *Através de la Patagonia*. Punta Arenas: Ediciones de la Universidad de Magallanes, 1996, p. 167. Esse arquipélago situa-se no sudeste asiático, a nordeste da Austrália, estabelecendo uma fronteira entre os oceanos Índico e Pacífico.

Os arbustos de calafate eram aqui de um tamanho que nunca havíamos visto antes nas planícies e estavam cobertos de frutos maduros, sobre os quais um grande número de passarinhos se deleitavam vorazmente.²²

Observe-se como a descrição parece ser do próprio paraíso na terra. Até o clima é citado como agradável e ameno:

O ar parecia mais suave e perfumado que aquele a que havíamos nos acostumado, e em lugar dos fortes ventos que tínhamos enfrentado até agora, havia uma brisa suave com força suficiente apenas para temperar agradavelmente o calor do sol.²³

E os animais completam a ideia de pureza, de algo sem mácula:

Por aqui e ali os guanacos pastavam à sombra de uma faia frondosa e pela maneira indolente como recuavam à nossa chegada, era fácil perceber que eles não sabiam o que era ter uma dezena de cães ferozes e cavalos vociferantes em seus calcanhares.²⁴

Aqui, talvez, possamos apontar certo desgosto por parte da autora ao se dar conta do significado da ação que estavam empreendendo. Ela parece perceber o “real papel” do caçador europeu ao tocar o “paraíso”.

A paisagem, porém, também é apresentada como sinônimo de desamparo:

Longe à nossa esquerda, rodeado de espessos bosques, brilhavam as águas reluzentes de um imenso lago que nós estimamos estivesse a umas duas milhas de distância. Por cima de tudo sobressaíam como uma gigantesca barreira os elevados picos da Cordilheira

²² DIXIE, Florence, op. cit., p. 164. No original: “*The califaté bushes here were of a size we had never met on the plains, and were covered with ripe berries, on which hosts of small birds were greedily feasting.*”

²³ Ibidem, p. 164. No original: “*The very air seemed balmier and softer than we had been accustomed to, and instead of the rough winds are hitherto encountered there was a gentle breeze of just sufficient strength agreeably to temper the heat of the sun.*”

²⁴ Ibidem, p. 164. No original: “*Here and there guanacos were grazing under the shade of a spreading beech tree, and by the indolent manner in which they walked away as we approached, it was easy to see that they had never known what it was to have a dozen fierce dogs and shouting horsemen at their heels.*”

revestidos de neve. Não havia ruído algum que alterasse a silenciosa quietude que predominava sobre tudo; não havia sinal de vida animal e a impressão transmitida à testemunha que contemplava essa cena pela primeira vez era uma sensação de absoluta solidão e desolação.²⁵

Dixie se posiciona como um observador, que percebe os efeitos desafiadores da paisagem avassaladora, evitando, de certo modo, mencionar qualquer esforço humano para controlar a natureza. Ao mesmo tempo em que a escocesa traça um perfil da Patagônia como um Éden, que deve ser mantido em sua pureza e isolamento, o governo argentino punha em ação a Campanha do Deserto, através da qual efetivava a dominação dos indígenas, garantindo a “limpeza do local” e a ocupação territorial.²⁶

Importante levar em consideração que essa situação ocorreu justamente quando da estada de Dixie na Patagônia. Lembro que ela iniciou sua viagem em dezembro de 1878 e ficou no sul do continente americano até meados de 1879. Isso torna ainda mais nítida a ideia de olhar do império, que desmistifica, torna inocente, analisa, mas sem pretensões aparentes de domínio. Pois, o relato de Florence ratifica o ideal argentino de chegar aos padrões de civilização europeus, através da eliminação daquilo que representava a barbárie, o primitivo. A ideia de deserto desolado, que acompanha o tempo todo o seu texto, de certa forma, justifica uma possível apropriação pela civilização.

Assim, a Patagônia pode ser vista como exótica, como desértica, como região a ser preenchida, daí caberem os adjetivos grandiosos, o

²⁵ Ibidem, p. 177-178. No original: “Away to our left, and surrounded by thick woods, glittered the clear and sparkling waters of an immense lake, which we judged to be about two miles distant, and beyond all rose up like a huge frowning barrier, the lofty snow-clad peaks of the Cordillera. Not a sound disturbed the deathlike stillness which reigned over everything; no animal life was stirring, and the impression conveyed to an eye-witness who beheld this scene for the first time was a sense of utter loneliness and desolation.”

²⁶ Julio Argentino Roca, então ministro da Guerra, apresentou, em 14 de agosto de 1878, um projeto ao Congresso argentino de uma guerra ofensiva contra os indígenas que habitavam a Patagônia, a fim de ampliar o território sob soberania efetiva da nação. O objetivo era se apropriar da extensão geográfica que representava a Patagônia, exterminando os indígenas (considerados elementos da barbárie) e transformando o chamado “deserto” patagônico em terras exploradas pelo homem branco civilizado. A *Campanha do Deserto* foi efetivada em 1879, provocando o genocídio de cerca de 20.000 índios.

embevecimento sentimental. Como bem lembra Said, o exotismo funciona numa variedade de contextos imperialistas como um mecanismo de substituição estética.²⁷

A beleza aguça os sentidos, como a que Dixie descreve diante da Laguna Blanca.

O lago que tinha duas ou três milhas de extensão estava rodeado por altas colinas cobertas por espessa vegetação a qual crescia a bordo da água. Depois das colinas se erguiam os três picos avermelhados e a Cordilheira. Seus glaciares brancos com suas nuvens alvas descansando sobre eles eram refletidos em uma maravilhosa perfeição no lago imóvel, cujas águas cristalinas eram do mais extraordinário azul brilhante que eu jamais vira igual. Ao redor do lago se estendia uma estreita faixa de areia branca e exatamente no centro se levantava uma pequena ilha verde²⁸ com um amontoado de faias nela.²⁹

Em algumas passagens, Dixie lembra Marianne North pela semelhança de suas descrições, no tocante ao colorido da paisagem:

Todas as cores — o branco, o verde e o azul — eram brilhantes e o panorama — as colinas arborizadas, os glaciares elevando-se até o azul do alto e submergindo-se refletidos no azul abaixo — era tão único, a sensação de silêncio e solidão que cobria tudo era tão impactante, que por um longo tempo ficamos parados como que enfeitiçados, sem dizer uma só palavra.³⁰

²⁷ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

²⁸ Essa ilhota recebeu o nome de Florence Dixie em homenagem à sua descobridora e primeira descritora, segundo MARTINIC, Mateo, op. cit., p. 202.

²⁹ DIXIE, Florence, op. cit., p. 198. No original: “The lake, which was two or three miles broad, lay encircled by tall hills, covered with thick vegetation, which grew close down to the water’s edge. Beyond the hills rose the three red peaks and the Cordilleras. Their white glaciers, with the white clouds resting on them, were all mirrored to marvelous perfection in the motionless lake, whose crystal waters were of the most extraordinarily brilliant blue I have ever beheld. Round the lake ran a narrow strip of white sand, and exactly in its centre stood a little green island with a clump of beeches growing on it.”

³⁰ Ibidem, p. 198. No original: “Each colour — the white, the green, the blue — was so brilliant; the scene — the wooded hills, the glaciers rising into the blue above, and sinking mirrored into the blue below — was so unique, the spirit of silence and solitude which lay over all so impressive, that for a long time we stood as if spell-bound, none of us uttering a word.”

No entanto, sobrepuja em Dixie a solidão, a desolação daquele mundo longínquo da Patagônia. Lugar que homens evitavam, mas que foi contemplado, registrado, narrado pela escocesa que se via como fiel representante do império britânico na América do Sul. A Patagônia de Dixie é descrita — apesar das referências às cores aqui e ali — como predominantemente sombria em razão dos sentimentos que o local desolado produzia no observador.

Figura 25 – Laguna Blanca³¹

Ao analisar a retórica vitoriana, Pratt identifica alguns meios convencionais que criam valor qualitativo e quantitativo para a conquista do explorador, tais como a paisagem estetizada (o prazer estético é o que importa), a densidade semântica, e a ausência de vocabulário científico.³² Elementos esses que povoam o relato de Florence Dixie sobre a natureza da Patagônia.

³¹ Ilustração de Julius Beerbohm publicada no livro de DIXIE, Florence, op. cit., p. 199.

³² PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 343-344.

Durante todo o relato, a viajante procura demonstrar a importância da natureza sobre o ânimo das pessoas. A sensação de melancolia, quase angústia, se faz sentir na descrição da viajante:

Este dia de cavalgada — que foi longo — foi de longe o mais monótono e aborrecido de todos os anteriores. A imensa planície pela qual cavalgamos durante cerca de seis ou sete horas era notável por sua melancolia e aridez, mesmo em uma região onde tudo é ermo e desolado.³³

A paisagem sem sol, com céu parecendo baixo e escuro, tornava o horizonte cinza, triste e silencioso, completa a autora. Ela escreve como se fosse um lamento a pairar na paisagem e se imiscuir com ela. Homem e natureza irmanados na mesma sensação de desolação:

Não pudemos evitar de nos contagiarmos com o aspecto da paisagem que nos rodeava e não me lembro de haver sentido jamais algo parecido à depressão da qual fomos presos eu e o resto do grupo e a cuja influência sucumbiram até mesmo os guias.³⁴

Quando as provisões começaram a acabar, a ausência de casa se fez sentir:

A carne de guanaco é boa e também a de avestruz; boa também é a vida de ciganos, ao ar livre, em um clima agradável, com boa recreação e agradável companhia. Porém, o lado bom de todas estas coisas se incrementa se for acompanhado por bom ânimo e se desvaloriza com a falta deste. Assim, quando nosso menu diário começou a consistir numa série de mudanças engenhosas sob o monótono tema da carne de avestruz e guanaco, variado apenas por biscoitos, de alguma maneira nossos pensamentos começaram a

³³ DIXIE, Florence, op. cit., p. 138-139. No original: “*This day’s ride, and it was a long one, was by far more monotonous and dreary than any of the preceding ones. The immense plateau over which we rode for six or seven hours was remarkable for its gloom and barrenness, even in a region where all is sterility and dreariness.*”

³⁴ Ibidem, p. 139. No original: “*We could not help being affected by the aspect of the scenery around us, and I do not remember ever to have left anything to equal the depression of spirits to which I, in common with all our party, fell a prey, and to whose influence even the guides succumbed.*”

ansiar pelo nosso lar. Nos encontramos frequentemente falando de “a querida Inglaterra” e sua carne assada [...].³⁵

Novamente a Inglaterra aparece como o porto seguro, o local civilizado, onde tudo está nos conformes, a referência de todos. Ela relata como o bom ânimo e bom humor das pessoas foi decaindo:

De algum modo o ar da Patagônia não parecia tão revigorante e inspirador como no princípio; começamos a nos colocar ceticamente a respeito da caça de guanaco e avestruz, descobrimos que os patos selvagens eram mansos demais para instigar nossa diversão [...].³⁶

Eles já não acham graça na caça de guanacos e avestruzes e consideram a caça de pássaros muito fácil, bastando apertar o gatilho. Começam a se indispor uns com os outros e quando Florence sugeriu voltarem, todos concordaram. Note-se que ela se autodenomina a chefe da expedição: foi ela a dizer que a “aventura” estava no seu limite:

[...] considerando também que nossas provisões estavam quase esgotadas e que nossos cavalos estavam muito debilitados, era melhor partir de imediato.³⁷

Se Dixie se colocava mesmo como líder da expedição, e era seguida pelos homens, não sabemos. Não encontramos fontes que pudessem confirmar ou não a posição de liderança incontestada que a “inglesa” se

³⁵ Ibidem, p. 201-202. No original: “Guanaco meat is good, so is ostrich meat; good, too, is an open-air, gipsy life in a bright climate, with lots of sport and pleasant companionship; but the goodness of all these things is materially enhanced by the accompaniment of good cheer, and materially depreciated by the lack of it. Thus, when our daily menu began to consist of a series of ingenious changes on the monotonous theme of ostrich and guanaco meat, varied only by baked biscuits, our thoughts somehow began to run in the groove of home; and we often found ourselves talking of “dear old England” and its roast beef [...].”

³⁶ Ibidem, p. 202. No original: “Somehow the air of Patagonia did not seem so bracing and inspiring as at first; we began to grow skeptical on the subject of guanaco and ostrich hunting; we discovered that the wild duck were too tame to give real good sport [...].”

³⁷ Ibidem, p. 203. No original: “[...] considering, too, that our provisions were nearly exhausted, and that our horses were very stale, it was better to start at once.”

colocava na recôndita Patagônia. Mas, pelo menos no seu relato de viagem, ela ocupava o lugar que sempre era destacado aos homens.

4.2 A caça como elemento de dominação

O pressuposto da viagem de Florence Dixie era o esporte da caça levado ao seu extremo. Acostumada a essa atividade, tanto na Escócia, quanto na Inglaterra, conforme ela mesma atesta em seu livro de memórias, Dixie se apresenta como uma entusiasta. O esporte da caça (aqui relacionado aos animais), no entanto, pode ser visto como uma extensão do Império. Não era um índio local, caçando para sobrevivência. Era uma *lady* escocesa que se via como “inglesa” na América do Sul, usufruindo do “nobre” esporte da caça na Patagônia.

Norbert Elias e Erich Dunning afirmam que os esportes em geral falam da sociedade na qual eles desempenham função. Em outras palavras, os esportes fazem parte do processo civilizador: a caça à raposa era eivada por regras e restrições que ia do comportamento dos participantes ao treinamento dos cães. A caça à raposa comum na Inglaterra era significativa, pois o sociólogo comenta que é quando se deixa de ter a satisfação da caça para o consumo próprio para que a caça se torne um esporte exercido em momentos de lazer por parte da nobreza proprietária de terras naquele país, garantindo apenas prazer e excitação. Note-se que não se consumia carne de raposa, portanto, o esporte era plena fruição. Chegou-se ao ponto de não se usar arma de fogo, delegando a morte do animal ao faro e aos dentes dos cães. O prazer ficara com a perseguição. Para isso, o esporte deveria ser controlado. Deveria

ter o tempo da caça e um tempo de espera para a prática do esporte, garantindo a excitação.³⁸

O clímax da caça, a vitória sobre a raposa só se tornou realmente um prazer quando se assegurava um período de antecipação suficientemente longo. Tal como no caso do futebol, sem um período de antecedência do prazer bastante extenso e excitante, o clímax da vitória perde alguma coisa da sua sedução.³⁹

Em outras palavras, o esporte tornara-se especializado. Veremos que no caso de Dixie e seus companheiros, eles consumiam os animais que abatiam. Entretanto, ela ressaltava a sua notável prática na montaria dos cavalos e no manejo dos rifles adquiridos nos campos da Grã-Bretanha.

No caminho para Cabo Negro, eles receberam em seu acampamento um grupo composto por alguns oficiais do *Prinz Adalbert* (uma fragata alemã que ancorara em Punta Arenas), pelo príncipe Henrique da Prússia e pelo cônsul inglês, todos convidados para um dia de caça pelo Sr. Beerbohm (amigo do comandante). Esse episódio, além de mostrar o meio social em que Florence circulava, dá também a dimensão da importância da caça para esse grupo social.

Os visitantes ilustres foram recebidos com o avivar do fogo e a preparação de uma boa refeição. Eles traziam muitas provisões. O que, certamente, os agradou sobremaneira, comemora Florence. A ceia foi composta por cordeiro regional, patés e vinho.

Nos acomodamos então ao redor do fogo; os recém chegados evidentemente encantados com nosso refúgio acolhedor e silvestre e com a novidade desse estranho piquenique, que dificilmente

³⁸ ELIAS, Norbert; DUNNING, Erich. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 47. (coleção memória e sociedade).

³⁹ Ibidem, p. 48.

poderiam imaginar fazer na Patagônia, dentre todos os lugares do mundo.⁴⁰

A cena relatada demonstra que Dixie não queria, de maneira alguma, perder de vista o seu lugar social. Ela se esmera em bem receber os visitantes importantes, como se estivesse em sua propriedade na Europa. Pode-se perceber que ela se apropria do lugar, onde mal pusera os pés, e o transforma em um “pedaço da Inglaterra”: acolhedor, bem fornido e sem deixar de lado a etiqueta. A impressão que se tem é de um grupo de caçadores europeus de estirpe, ceando a céu aberto, à maneira inglesa.

Nesse quesito — caça — Florence ressalta o seu lado de esportista. A mulher que se encanta com a visão da paisagem e a descreve em termos superlativos transforma-se na caçadora ferrenha e sequiosa de conquista. Desta feita, a relação com o mundo patagônico é mais clara: os animais selvagens estão ali para servirem de divertimento e de suprimento para o europeu branco, numa outra face da exploração imperial, disfarçada de atividade esportiva.

Na primeira vez em que se depara com um guanaco, Dixie confessa o sentimento de uma caçadora.⁴¹ Seu discurso é dirigido praticamente aos amantes da caça: “Tinha o egoísmo, ainda que esteja certa de que os caçadores me desculparão, de querer matar eu mesma o primeiro guanaco”.⁴² A emoção é transmitida por ela a cada passo: “Com o coração batendo forte

⁴⁰ DIXIE, Florence, op. cit., p. 45. No original: “We then lay round the fire, the new-comers evidently quite charmed by our cosy sylvan quarters, and by the novelty of the strange picnic, which they had little anticipated making in Patagonia, of all places in the world.”

⁴¹ Cf. PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. Dissertação de Mestrado em História – FFLCH-USP, São Paulo, 2005, (mimeo), p. 29. Os guanacos (*Lama Guanicoe*) são camelídeos originários da América do Sul, próximos a lhama, a alpaca e a vicunha. Pelo seu peso, cerca de 65 a 70 quilos, eram uma das caças preferidas dos povos nativos da Argentina.

⁴² DIXIE, Florence, op. cit., p. 91. No original: “I had the selfishness, though I am sure sportsmen will excuse it, to wish to kill the first guanaco myself [...]”

desmontei e caminhei até o guanaco que, mesmo me vendo avançar, estava totalmente quieto”.⁴³

Florence demonstra conhecimento do esporte ao pormenorizar o alcance da arma e a distância necessária para abater o animal. Neste trecho não é possível distinguir o sexo (gênero) do narrador. Não é uma mulher que escreve: é o caçador, o amante do esporte, o europeu acostumado ao gosto da caçada.

Minha arma era um rifle leve e ainda que fosse excelente, sua precisão não passava de 150 jardas e eu estava nesse momento a umas 180 jardas de minha presa.⁴⁴

Ela relata cada pormenor do momento tão esperado:

Permitiu-me avançar até que cheguei à distância necessária, mas então, para meu desgosto, justo quando estava me preparando para disparar, ele andou outras trinta ou quarenta jardas antes de se deter, observando-me com um olhar meio divertido de impertinência que me exasperou sobremaneira.⁴⁵

A dama e o animal vão assim numa espécie de dança ensaiada, num jogo excitante que, obviamente, acaba mal para uma das partes. Ela leva a pior, ao se desequilibrar e cair num buraco que não vira, machucando o rosto. E assim, o guanaco acabou com a sua “esperança de ser a heroína do dia”.⁴⁶ O mesmo animal é encontrado mais à frente e trava uma luta com os demais membros da comitiva: o marido, o irmão de Florence e Gregório.

⁴³ Ibidem, p. 91. No original: “*With a beating heart I dismounted and walked slowly towards the guanaco, who, though he saw me coming, still remained quietly standing.*”

⁴⁴ Ibidem, p. 91. No original: “*My weapon was a light rook-rifle, but though an excellent arm, it did not carry more than 150 yards with precision, and I was now something over 180 yards from my prey.*”

⁴⁵ Ibidem, p. 91-92. No original: “*He allowed me to advance till within the required distance, but then, to my disgust, just as I was preparing to fire, leisurely walked on another thirty or forty yards before he stopped again, watching me the while, as it seemed with an amused look of impertinence, which aggravated me considerably.*”

⁴⁶ Ibidem, p. 92. No original: “*my chance of becoming the heroine of the day*”.

Figura 26 – Guanacos⁴⁷

Ela descreve detalhadamente o modo como o animal é encurralado e abatido:

A caça estava agora sob meus olhos. Se a sorte o trouxesse na minha direção! [...] Repentinamente outro cavalo apareceu no plateau e o infortunado guanaco teve que girar bruscamente à esquerda, movimento que: Hurra! o trouxe quase em frente de onde eu estava parada.[...] Vendo isto, transbordante de alegria, afundei as esporas em meu cavalo [...] Ao ver que sua ultima oportunidade ia ser cortada redobrou seus esforços para atravessar entre nós, e então mais e mais nos esforçamos.⁴⁸

Ela lamenta que, após o abate, eles perceberam que o animal estava com sarna, portanto, impróprio para ser consumido, o que fez com que o deixassem para os cachorros, que há tempos não tinham uma boa refeição.

⁴⁷ Ilustração de Julius Beerbohm publicada no livro de DIXIE, Florence, op. cit., p. 97.

⁴⁸ DIXIE, Florence, op. cit., p. 93-94. No original: *"The chase is now better under my view. If some lucky chance would only bring the guanaco my way! [...] Suddenly another horseman appears on the plateau, and the unfortunate guanaco must again swerve to the left, a movement which, hurrah! brings him almost facing towards where I am standing. [...] Seeing this, wild with excitement, I dug my spurs into my horse [...] Seeing his last chance about to be cut off, he redoubled his efforts to get through between us. On, on we strain."*

Interessante nos depararmos com uma Florence completamente diferente da anterior, a narradora dos sentimentos de melancolia e isolamento produzidos pela natureza desolada. A narradora aqui demonstra com riqueza de detalhes a excitação da caça, o quase salivar que provoca a sensação de encurralar um animal e a competição entre os participantes da caçada. Ela confessa que pretendia ser a “heroína do dia”. Na verdade, Dixie tem essa pretensão todos os dias. No decorrer do relato, ela se coloca como a mentora do grupo. É ela a acompanhar Beerbohm, quando os convidados ilustres deixam o acampamento. É ela a achar o primeiro guanaco. Definitivamente, Florence se distancia da imagem de uma mulher vitoriana da elite inglesa. Ela parece ter domínio da situação. Pelo menos, é isso que conta o seu relato de viagem. Ela reina e não o marido.

Dixie se representa como a heroína de toda viagem: aquela que vai desbravar terras indômitas, dominar seus animais selvagens, liderar o grupo, além de mapear a região e descrevê-la bem ao gosto do público: excitação e sensibilidade entremeadas num mesmo cenário: a misteriosa Patagônia.

Diferentemente das duas outras viajantes, ela se posiciona em um papel de liderança, de comando, ainda que se encontre num “lugar no meio do nada”. Ou talvez por isso seja propício o “inverter de papéis”. Capaz de sobrepujá-la, somente a natureza gigantesca, marcante, grandiosa.

A Dixie que tem um extremo prazer na caçada, também é capaz de ajudar a colocar a presa na sela e amarrá-la. Quando descreve a perseguição a um avestruz, ela se diz “meio louca de excitação” e, ao mesmo tempo, admira o seu oponente de luta:

[...](o avestruz) está começando a tropeçar, mas é grande e forte e não está vencido ainda. [...] esse magnífico pássaro no solo e será uma longa e árdua luta antes que a galharda criatura sucumba.⁴⁹

⁴⁹ Ibidem, p. 112. No original: “[...] he is beginning to falter, but he is great and strong, and is not beaten yet [...] that magnificent bird to the ground, and it will be a long fierce struggle ere the gallant creature yields up his life.”

O relato sobre a força da presa indica a audácia da caçadora. O que não impede que “a emoção se torne cada vez mais intensa”, numa caçada que dura cerca de vinte e cinco minutos, relata a caçadora. Após o abate, a amazona se separa do guia Gregório e vai sozinha na busca dos outros companheiros. Ela sempre busca dar a impressão de valentia, de poder, de mulher forte, que se basta e que é capaz de liderar inclusive os homens da sua classe social, como os que estavam com ela naquela jornada.

Figura 27 – Avestruz – O último giro⁵⁰

Ela não demonstra sensibilidade quando os cães matam um avestruz filhote:

A carne do avestruz novo não é muito saborosa, desse modo deixamos o pássaro, levando apenas suas patas, com as quais se fazem lindos cabos de guarda-chuva e chicotes.⁵¹

⁵⁰ Ilustração de Julius Beerbohm publicada no livro de DIXIE, Florence, op. cit., p. 113.

Sua única preocupação foi levar as patas do avestruz para compor objetos de uso pessoal! Eis a Dixie europeia, exploradora, que carrega o que lhe aprouver para a civilização, para a capital vitoriana, a fim de exhibi-las, ainda que sejam as patas de um animal, de uma ave ou as peles de uma raposa.

Florence menciona que havia muitas raposas na Patagônia. Ela as encara como possíveis objetos de decoração: “Decidi fazer uma coleção de suas peles e levá-las para a Inglaterra para fazê-las de almofadas e outros artigos de utilidade”.⁵² No entanto, ela vê suas perspectivas frustradas, já que as raposas eram velozes demais e era impossível para um cão alcançá-las.

Outro animal também cobiçado era o puma, que ela considera covarde e sem noção de sua real força. Ela como que menospreza a sua falta de consciência de seu poder frente o humano:

Um enorme puma apareceu de repente em meio a nossa tropilha, mandando as mulas e os cavalos de carga em debandada em todas as direções. Fiel à sua natureza covarde, o animal partiu em seu passo indolente e desapareceu pela costa de um Cañadon.⁵³

Logo depois eles o alcançam e o marido de Florence (que pouco aparece no relato) o mata. Ela escreve de uma maneira que o leitor se sente fazendo parte da situação:

Bang! bang! Disparou e através de uma nuvem de fumaça vimos o puma saltar no ar e cair de costas sobre o arbusto. Por uns instantes

⁵¹ DIXIE, Florence, op. cit., p. 131. No original: “[...] *The flesh of the young ostrich is not very palatable, so we left the bird, taking only its legs, which make very nice handles for umbrellas and whips.*”

⁵² Ibidem, p. 166. No original: “*I resolved to make a collection of their skins, and carry them back to England to be made up into rugs and other useful articles.*”

⁵³ Ibidem, p. 144-145. No original: “*This was an enormous puma, who suddenly sprang up from the midst of our cavalcade, sending the mules and luggage horses stampeding away in all directions. True to its cowardly nature, the animal slouched hurriedly off, and disappeared down the side of a ravine.*”

rodou com a agonia da morte e logo, com um último grunhido se estirou lentamente e ficou inerte.⁵⁴

Ela se gaba do fato de que “todos os guias disseram que era o puma maior que já haviam visto”.⁵⁵ Mais ainda, conta ao leitor, para concluir o feito, que esse mesmo animal repousa sob seus pés, enquanto escreve o relato: sua pele lhe serve de tapete!

A pele que adorna o piso da casa em que estou escrevendo neste momento mede exatamente nove pés, a partir da cauda até o nariz.⁵⁶

Figura 28 – O Salto Mortal do Puma⁵⁷

⁵⁴ Ibidem, p. 145-146. No original: “Bang! bang! went his gun, and though the cloud of smoke we saw the puma jump up in the air and fall backwards on the bush. For a moment or two it rolled about in the throes of death, and then, with a last growl stretched itself slowly out, and lay still.”

⁵⁵ Ibidem, p. 146. No original: “The guides all declared it to be the biggest puma they had ever seen.”

⁵⁶ Ibidem, p. 146. No original: “The skin, which adorns the floor of the room where I am at present writing, measures exactly nine feet from the tip of the tail to the point of the nose.”

Interessante que Dixie imputa ao puma sentimentos humanos. Considerar o animal covarde, provavelmente, justifica a matança. Contudo, o importante a ressaltar é que a caçadora mata o animal e leva o seu troféu para a Inglaterra: a pele do puma sobre a qual coloca os pés, em clara imagem do domínio sobre o selvagem. Tal descrição de Dixie nos lembra os safáris feitos em regiões de caça na África ainda hoje: logo após abater a presa, o caçador posa para a foto com o pé sobre o animal para que tal proeza fique claramente registrada.

Outro animal alvo da saga dos caçadores europeus é o cervo. Dixie se diz à frente dos companheiros (como sói a uma líder), então avista o animal magnífico e sua atitude é própria de quem não pode deixar escapar a caça: “Como ansiava ter um rifle!”.⁵⁷ Ela corre para os companheiros, mas não há tempo para dizer o que descobriu. Pega seu revólver e volta sorrateiramente ao local onde se encontrava o animal a ser abatido, atinge-o com dois tiros, mas ele não cai.

Mesmo com o tiro na testa, o cervo não morre e é preciso que um dos guias use a faca de caça para terminar com o “sofrimento da pobre criatura”. Florence parece dividida entre o prazer da caça e a dó pelo padecimento do animal. A mesma pessoa que fez tudo para abatê-lo, se refere a ele como “pobre criatura”, “pobre besta”. Ela parece não gostar da situação que se criou: “Com asco de tal matança, pedi a um dos meus companheiros... que acabasse com a desditada besta...”.⁵⁸

Ela justifica não haverem matado outros cervos:

⁵⁷ Ilustração de Julius Beerbohm publicada no livro de DIXIE, Florence, op. cit., p. 147.

⁵⁸ DIXIE, Florence, op. cit., p.180. No original: “*How I longed for a rifle [...].*”

⁵⁹ Ibidem, p. 181. No original: “*Digusted at such butchery, I begged one of my companions [...] to dispatch the unfortunate beast [...].*”

[...] por nossa experiência sobre sua docilidade, a grande dificuldade em mata-los e a total ausência de entretenimento... nos impediu de tratar novamente de derrubar um.⁶⁰

Ela realmente se arrependeu de haver matado o cervo, mas, provavelmente, se o entretenimento estivesse fortemente instalado a reação da caçadora seria outra:

[...] por muitos dias estive obcecada por um triste remorso ante a perda daquela inocente e confiada vida que havia permanecido até aqui ignorante das aniquilantes inclinações do ser humano — esse homem, que ao ver algo bonito e excepcional se toma do desejo de destruir.⁶¹

A passagem acima mostra arrependimento sobre a morte do cervo. Talvez tenha sido o início para o que Peñaloza chama de “exploração de si mesma” e mudança de identidade para a *lady* escocesa. Não há como saber o que isso provocou na jovem caçadora de vinte e quatro anos, à época. O que temos de concreto é que, anos depois, ela escreveu um livro sobre os malefícios dos esportes envolvendo sangue e se tornou vegetariana (como já mencionei). Dixie, como outros viajantes, estava imersa em suas próprias contradições.

4.3 A dama escocesa e o mundo animal

Florence Dixie demonstra um grande interesse pelos cães. Lembremos que esses animais desempenhavam importante papel na caça. Muitos eram

⁶⁰ Ibidem, p. 182. No original: “[...] but our experience of their tameness, the great difficulty of killing them, and the either absence of sport which lay therein, prevented us from ever again attempting to bring another down.”

⁶¹ Ibidem, p. 182-183. No original: “[...] for many a day I was haunted by a sad remorse for the loss of that innocent and trusting life, which had hitherto remained in ignorance of the annihilating propensities of man – that man who, directly he sees something beautiful and rare, becomes filled with the desire to destroy.”

especialmente treinados para atuar no esporte. Ela faz questão de citar os cachorros pertencentes aos guias. François tinha dois excelentes cães caçadores: um lindo galgo escocês, chamado Leona e outro chamado Loca, mistura de galgo africano e cão de caça inglês. Guillaume tinha um cão chamado de “Negro”, que enfrentou uma briga de morte com um gato selvagem.

Keith Thomas faz menção à grande importância que os ingleses dedicavam aos cães, especialmente, os de caça, que eram considerados melhores que os de qualquer outro país. Alimentando, assim, uma tendência a encarar o cão como símbolo nacional: corajoso na luta e vitorioso sobre seus oponentes.⁶²

Dixie teve um só pesar em deixar Punta Arenas: o cachorro “Pucho” que havia desaparecido:

Tive só um pesar ao deixar Punta Arenas. No dia em que chegamos a Cabo Negro, um de nossos cães chamado “Pucho”, que era o meu favorito, e o que eu desejava levar comigo para a Inglaterra, desapareceu de repente.⁶³

A escocesa se estende na narração de como esse cão se aproximara deles, no acampamento, provavelmente perdido de seu dono. Ela gostara dele, logo de início, por sua atitude altaneira, sem se deixar intimidar pelos demais cães da comitiva.

Ele tinha o rabo entre as patas, parecendo meio humilde, meio desafiador no nosso círculo. Seu comportamento humilde, sem dúvida, estava reservado apenas *para nós* porque, pelo modo desafiante com que mostrava seus brancos dentes e se voltava

⁶² THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500–1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 130-131.

⁶³ DIXIE, Florence, op. cit., p. 244. No original: “*I had only one regret on leaving Sandy Point. The day we arrived at Cabo Negro one of our dogs, called “Pucho”, who was rather a favourite of mine, and whom I wished to take with me to England, was suddenly missing.*”

contra nossos cães, cada vez que se aproximavam, nos demonstrou que pouco se importava com eles.⁶⁴

Figura 29 – Pucho⁶⁵

Ela o admira pela sua atitude firme e segura: parece que ela está tratando de uma pessoa, não de um animal. Temos aqui um ponto em comum com Marianne North. Também ela se afeiçoou a um cão (Lopez), mais do que a qualquer pessoa. Como a viajante inglesa, Dixie parece ter maior afinidade com os animais do que com os humanos sul-americanos:

Desde o começo “Pucho”, como o chamamos, insistiu em negar-se claramente a ser protegido. Aproximou-se de nós, nos deu a entender, não em sofrimento, nem suplicando nossos favores, nem sequer como convidado, mas como um igual e este status, ele o mantinha só em relação a nós e em relação aos nossos cães, ele os ignorava completamente, ainda que estivesse desejoso como logo percebemos, de fazer uso de seus bons serviços.⁶⁶

⁶⁴ Ibidem, p. 245. No original: “It bore its tail between its legs, seeming half-humbly, half-defiantly, to crave admission into our circle. Its humble demeanour, however, only bore reference, to us, for the defiant manner in which it occasionally bared its white teeth, and turned on our dogs whenever they came too near, showed that it cared little for them.”

⁶⁵ Ilustração de Julius Beerbohm publicada na folha de rosto do livro de DIXIE, Florence, op. cit..

⁶⁶ DIXIE, Florence, op. cit., p. 246. No original: “But from the first “Pucho”, as we called him, made it a point of distinctly refusing to be patronised. He joined us, he gave us to understand, not on sufferance, not as a suppliant for our favours, not as a guest even, but as an equal; and this status he claimed as regards us only, for as to our dogs, he ignored them completely, though willing, as subsequently appeared, to make use of their good services.”

De fato, ele costumava sumir durante o dia, ao invés de fazer o serviço pesado da caça. À noite, quando tudo cessava e a comida exalava seu aroma, ele se achegava e buscava o lugar mais cômodo perto do fogo, esperando alegremente sua comida, como se nada tivesse acontecido.

Ela confessa que tinha se apegado a ele, ou melhor:

[...] eu tinha carinho por este cachorro, ou melhor, deveria dizer que tinha uma reverente admiração por ele, porque creio que ele objetaria o termo “ter carinho” com um ar de proteção.⁶⁷

Para alegria de Florence, ele apareceu quando já estavam embarcando e, assim, seguiu para a Inglaterra com eles. Ela se entenece ao falar dele:

Eu o levei ou melhor dizendo ele veio para a Inglaterra comigo. E enquanto escrevo isto está sentado no lugar mais acolhedor frente ao fogo, um privilégio que ele permite à minha mascote Terrier de compartilhar com ele, um feito dos mais estranhos, dado seu comportamento usual, que eu não tenho conseguido explicar a mim mesma.⁶⁸

Observe-se que a narradora se desmancha em detalhes carinhosos para contar a história do cão Pucho, que, inclusive, teve seu desenho gravado no relato. Ela não demonstra tal deferência com nenhum outro ser, humano ou não.

Keith Thomas nos confirma:

Em meados do século XIX era um lugar-comum que não havia “nenhum país civilizado onde a raça canina fosse mais

⁶⁷ Ibidem, p. 248-249. No original: “[...] for I had taken a liking to this dog, or I had better say I held him in reverential awe; for I think he would object himself to the term “like” as savouring of patronage.”

⁶⁸ Ibidem, p. 249. No original: “I took him, or rather he came to England with me, and as I write this he is sitting in the cosiest corner by my fire, a privilege he allows my pet terrier to share with him, an act very foreign to his usual nature, and one for which I have never been able to account.”

companheira do homem que na Grã-Bretanha, ou nenhuma nação que tivesse tantas variedades valiosas dela.”⁶⁹

Florence Dixie, definitivamente, era a mais assertiva e a mais agressiva das três viajantes que estudo. No seu relato se coloca como líder da expedição à Patagônia, arrastando inclusive o marido que mal aparece no texto. Afeita ao esporte da caça, ela demonstra como a civilização “organizava” de alguma forma a violência para com os animais e também para com outros seres humanos. A caça aparece aqui como uma outra face da cultura imperial: o domínio absoluto que membros das classes mais altas da Grã-Bretanha queriam ter sobre o selvagem: vendo-o como presa, levando-o à morte para finalmente exibi-lo como troféu.

⁶⁹ THOMAS, Keith, op. cit., p. 130.

5. Marion Mulhall: impressões da civilização em um mundo inculto

Marion Mulhall, irlandesa, se diferencia de North e Dixie por uma razão: ela morou em Buenos Aires por mais de 25 anos. Portanto, sua experiência não era apenas de uma viagem de meses ou dias. Segundo Mariano Galazzi, Marion chegou a Buenos Aires a 12 de agosto de 1868 e partiu dessa cidade por volta de 1894, quando Michael Mulhall deixou de ser editor chefe do *The Standard*.¹ Ela e o marido conviveram especialmente com os da elite intelectual argentina. O jornal *The Standard*, de propriedade da família, era voltado para os da Grã-Bretanha e não só para aqueles de língua inglesa que viviam no sul do continente sul-americano. Circulando na Europa, o jornal levava informações sobre os imigrantes na Argentina, mas também apontava as possibilidades existentes não só nesse país, como também na América do Sul em geral.

Marion Mulhall por algumas vezes deixou a cidade de Buenos Aires para viajar e escrever sobre regiões do continente sul-americano. Paraguai, Mato Grosso e o próprio interior da Argentina estiveram sob o seu escrutínio. Para Mulhall — mais do que para North e Dixie — como veremos, a América do Sul era um lugar onde a civilização não havia conseguido se firmar. O mundo inculto e selvagem permanecia comandando todos os aspectos da região. Marion Mulhall, como se sabe, não foi a única a ter esse diagnóstico sobre a América do Sul, mas nos seus escritos — provavelmente em razão de ter morado por anos na Argentina, de apoiar a imigração especialmente de oriundos da Grã-Bretanha para a região, de estar voltada para o mundo dos negócios — essa constatação foi mais marcada.

¹ GALAZZI, Mariano. Introdução a MULHALL, Marion. *Los Irlandeses em Sudamérica*. Buenos Aires: Elaleph.com, 2009, p. 12 e 17.

Nos relatos de Marion Mulhall a natureza assume basicamente dois aspectos: natureza primal (selvagem) e natureza cultivada (estâncias e jardins). A última, bela e aprazível, indicava o trabalho do homem no domínio da natureza primitiva. Marion conheceu os pampas quando, durante as festas da Independência argentina de 1870, o casal Mulhall foi convidado para o primeiro jogo de polo feito na América do Sul, na estância de Mr. Shennan, chamada *El Negretti*. A visão dos pampas, descrita de uma maneira amena, assemelha-se a uma pintura. Até mesmo porque o estado de ânimo da autora parece ser dos melhores por deixar a “monotonia da cidade”, segundo suas próprias palavras. A viagem foi feita por trem, através das planícies planas argentinas, cuja imagem ela se deleita em transmitir para o leitor:

O Pampa em alguns lugares era coberto com um crescimento novo de cardos, os quais crescem tão alto no Natal que me contaram que um homem estava procurando há uma semana por um rebanho de ovelhas e finalmente encontrou-as em meio aos cardos a menos de uma milha de sua casa. Onde não havia nenhum cardo, o solo era coberto com verbenas vermelhas brilhantes, heliotrópios, e uma graciosa flor violeta chamada “Flor Morada”. Nos terrenos baixos pantanosos os talos afinam e a plumagem suave da grama dos pampas formava um quadro charmoso e proporcionava um feliz lar para o bando de [...] patos, tarambolas, colhereiros, perus selvagens, gansos, flamingos, gruas, cisnes, etc. [...].²

A viajante descreve a paisagem de uma maneira benfazeja, pois a mesma antecipa a chegada à estância *El Negretti*, que para ela, como veremos, representa a súplica do “bem viver”. Interessante perceber que neste lugar

²MULHALL, Mrs. M. G.. *Between the Amazon and Andes or Ten years of a lady's travels in the Pampas, Gran Chaco, Paraguay, and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1881, p. 14-15. No original: “The Pampa in some places was covered with a young growth oh thistles, which grow so high at Christmas that I was told of a man who was looking for a week for a flock of sheep, and at last found them in the thistles less than a mile from his house. Where there were no thistles, the ground was covered with bright scarlet verbenas, heliotrope, and a pretty violet flower called “Flor Morada”. In the low, swampy grounds, the tapering stalks and feathery plumage of the pampa grass made a charming picture and afforded a happy home for troops of [...] duck, plover, spoonbills, wild turkeys, geese, flamingos, cranes, swans, etc. [...]”

“cultivado” encontram-se alguns dos animais que Dixie e seus companheiros vão caçar ferozmente na Patagônia, tais como guanacos e avestruzes:

[...] rebanhos de ovelhas, rebanhos de vacas de raça inglesa, e grupos de vicunhas e guanacos, aparentemente amistosos com centenas de avestruzes.³

A estância era um reduto inglês e se mostra para a viajante como um oásis. Observemos a diferença na descrição, quando ela se refere à paisagem do Gran Chaco:

Depois de deixar Paraná nós começamos a ver à nossa esquerda os espessos bosques do Gran Chaco, pelos quais nós estávamos destinados a seguir por cerca de doze dias, subindo o rio, sem ver naquele lado o mínimo traço de habitação humana. O Chaco é na maioria floresta, e cobre a mesma extensão que a França, na incontroversa possessão de várias tribos de índio selvagens, alguns dos quais foram por um tempo pupilos dos Jesuítas, como mostram as igrejas arruinadas de San Xavier e Coronda rodeadas pelas plantações de laranja e algodão agora crescendo selvagemmente.⁴

Marion demonstra que, ao contrário do prazer estético pela natureza, interessa-a, no momento, ressaltar a enorme quantidade de terra — daí a comparação com a extensão da França — “desperdiçada pela disputa entre tribos indígenas”.

Importante perceber também o grande mérito atribuído pela viajante aos jesuítas e sua missão civilizadora e catequizadora na menção a alguns índios que haviam sido “doces pupilos dos jesuítas”. Situação agora mudada pela expulsão dos padres, que, no entanto, deixaram o testemunho benéfico de sua

³ Ibidem, p. 15. No original: “[...] flocks of sheep, herds of cows of English breed, and groups of vicuñas and guanacoes, apparently on friendly terms with several hundred ostriches.”

⁴ Ibidem, p. 156-157. No original: “After leaving Paraná we commenced to see on our left the thick woods of the Gran Chaco, which we were destined to follow for twelve days, in ascending the river, without seeing on that side the least trace of human habitation. The Chaco is mostly forest, and covers the same extent as France, in the undisputed possession of various tribes of savage Indians, some of whom were at one time docile pupils of the Jesuits, as shown by the ruined churches of San Xavier and Coronda surrounded by plantations of orange and cotton trees now grown wild.”

intervenção no local, através das igrejas (agora em ruínas) e pelas reminiscências das plantações de laranja e algodão, no momento crescendo desregradamente, sem o controle da mão civilizatória e ordenadora dos religiosos brancos. Não podemos perder de vista que Mulhall era uma irlandesa católica e isso fica bem realçado pelo apêndice que ela dedica às Missões em seu livro *Between The Amazon and Andes or Ten Years of a Lady's travels In the Pampas, Gran Chaco, Paraguay and Matto Grosso*.

Gabriel Passetti nos lembra da diferença inicial existente entre as missões jesuíticas e as fazendas e *estancias*. As primeiras tinham como objetivo a evangelização dos indígenas e a implantação da autossuficiência comunitária. Já as segundas, buscavam a produção de bens (como vinhos e têxteis) para o mercado consumidor, utilizando-se, inclusive de mão-de-obra escrava negra. Entre 1767 e 1768, quando os jesuítas foram expulsos das Américas, a população indígena vivendo nas missões já ultrapassava 50.000 indivíduos. Por esse tempo, os jesuítas já tinham se tornado importantes proprietários fundiários, adaptando suas propriedades aos ambientes locais. Dessa forma, produziam vinho, algodão, aguardente; criavam bovinos e mulas, e se tornaram grandes proprietários de escravos.⁵

A caminho de Cuiabá, ela observa a natureza no Chaco:

No lado do Chaco passamos por uma vasta planície de grama alta e depois por uma imensa floresta de palmeiras tão longe quanto os olhos podiam alcançar. As árvores formavam corredores longos e colunatas abobadadas, em meio as quais em muitos lugares havia formigueiros de cinco ou seis pés de altura. Tão regular eram os arcos formados pelas árvores, aumentando cerca de cem pés, que eu mal podia acreditar que não eram plantados pela mão do homem.⁶

⁵ PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. Dissertação de Mestrado em História – FFLCH-USP, São Paulo, 2005 (mimeo), p. 30-33.

⁶ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 180. No original: “On the Chaco side we passed an extensive plain of high grass, and then an immense forest of palms as far as the eye could reach. The trees formed long aisles and vaulted colonnades, amidst which in many places were ant-hills five or six feet in height. So

Marion demonstra aqui admiração pela paisagem: as palmeiras formam uma floresta a perder de vista. E o arco formado pelas árvores é tão perfeito que custa crer não ter sido obra humana. De maneira sub-reptícia, ela deixa perceber que, sob seu ponto de vista, a natureza só é perfeita quando domesticada e controlada pelo homem. A ideia de civilização retorna: é sempre preciso que haja a intervenção do homem ajeitando tudo segundo seu modo de entender “a perfeição”.

A viagem continua rumo ao Mato Grosso, diz ela:

Finalmente, nós estamos no verdadeiro coração da América do Sul, após subir rios por 1800 milhas, e aqui, se pode dizer, termina a navegação propriamente dita.⁷

Ela se sente vitoriosa por ter conseguido chegar até ali. Agora o percurso devia ser feito por canoas, para Villa Maria, a 800 milhas, pelo rio Paraguai, ou para Cuiabá, a 600 milhas, pelo rio San Lorenzo. Viajantes e comerciantes costumavam parar nesse ponto, desestimulados pelo calor terrível, a vontade de ter uma boa refeição, o temor dos índios e o ritmo lento da viagem, alerta Mulhall.

Ela deixa registrada a importância dessa etapa da viagem. Agora o acesso é mais restrito e dificultoso. Assemelha-se aqui ao tipo de viajante explorador que Pratt atribui ao famoso Richard Burton, no seu empenho em chegar à nascente do rio Nilo, no Egito.⁸

A irlandesa Marion Mulhall também terá de vencer rios para chegar ao seu destino e ela se considera “a primeira mulher inglesa” a intentá-lo,

regular were the arches formed by the trees, rising up to about a hundred feet, that I could hardly believe they were not planted by hand.”

⁷ Ibidem, p. 192. No original: “At last we are in the very heart of South America, having ascended these rivers for 1800 miles, and here may be said to terminate the ordinary navigation.”

⁸ Richard Francis Burton (1821-1890), explorador e diplomata inglês, que esteve na Ásia, na África e no Brasil. Cf. RICE, Edward. *Sir Richard Francis Burton*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

portanto, espera igualmente o louvor e o reconhecimento do pioneirismo. Como Florence Dixie, se outorga o papel de heroína que está traçando um mapa para um território ainda a ser desbravado e descrito.

Não importa que esteja acompanhada do marido: é ela quem escreve e deixa a sua marca. É ela que descreve a cena, escolhe os recortes e os elementos a serem enaltecidos. E, se, na verdade, houve “a mão” de Michael Mulhall nos relatos publicados por sua mulher, isso realça a ideia de como devia ser importante que “publicamente” os méritos fossem outorgados a ela (uma mulher vitoriana). Também nesse aspecto, podemos pensar nos olhos “inocentes” do império. Um relato escrito por uma mulher, descrevendo suas proezas, poderia atingir o público feminino. Quanto ao público masculino, o mais provável é que este desse mais importância aos relatos dos “desbravadores homens”, conferindo-lhes autoridade sobre os lugares visitados, do que aos das mulheres, mesmo as vitorianas do século XIX.

Figura 30 – Nossa canoa descendo o rio Cuyabá⁹

Marion Mulhall também é capaz de descrever o Rio Cuiabá com deleite:

⁹ Imagem publicada em MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 204. No original: “Our canoe ascending the Cuyabá River.”

O leito do rio tornou-se tão estreito que os ramos das árvores nos atingiam. As plantas trepadeiras, carregadas de flores, davam às árvores as formas mais maravilhosas que a mais fértil imaginação poderia inventar. Toda árvore nessas florestas torna-se presa de “lianes”, que as entrelaçam de todos os lados com inextrincáveis emaranhados, sempre verdes e sempre floridos.¹⁰

No Paraguai, a viajante retratou a vitória-régia, que muitos de seus compatriotas/leitores deviam conhecer através dos jardins de Kew (os mesmos que receberiam os quadros de Marianne North). Essa menção é importante, no sentido de que evidencia que tanto Marion quanto Marianne compartilhavam os mesmos cenários na Europa, ou melhor, tinham referências em comum:

Demos uma volta ao nascer do sol ao longo das margens do lago Ipacaray, e vimos pássaros aquáticos alimentando-se das sementes da *Victoria Regia*, que cresce aqui abundantemente, e é chamada pelos nativos de “Milho d’Água”. Serve para fazer pão, e a flor é também usada pelas mulheres para a sua tez. Muitos dos meus leitores devem ter visto esta “rainha das tribos florais” em Kew Gardens, mas eles mal podem imaginar que pintura magnífica muito longe deles forma aqui nas suas águas nativas, suas folhas verde escuro e suas flores branco e rosa contrastando com a plumagem brilhante dos pássaros [...].¹¹

A descrição de Marion Mulhall realmente é pictórica, quase um quadro de Marianne North. Interessante neste trecho, além da intersecção entre elas, é que Marion se dirige claramente a seus leitores, o que não é comum no texto

¹⁰ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 199. No original: “The bed of the river became so narrow that the branches of the trees struck us. The climbing plants, loaded with flowers, gave the trees the most wonderful forms that the richest imagination could invent. Every tree in these forests has become the prey of “lianes” which entwine them on all sides with inextricable tangles, always green and always flowered.”

¹¹ Ibidem, p. 226-227. No original: “Took a stroll at sunrise along the banks of Lake Ipacaray, and saw numbers of aquatic birds feeding on the seeds of the *Victoria Regia*, which grows here abundantly, and its called by the natives “Mais del Agua”. It serves to make bread, and the flour is also used by women for their complexions. Many of my readers must have seen this “queen of the floral tribes” at Kew Gardens, but they can hardly imagine what a glorious in their native waters, their dark green leaves and white-pink flowers contrasting with the brilliant plumage of the birds.”

como um todo. É como se ela quisesse, por um instante, mostrar algo de realmente familiar entre a Inglaterra e a América do Sul. Com a vantagem, no caso, de ela estar vendo ao vivo a planta belíssima em seu habitat. Portanto, Marion se põe, “modestamente” em posição de vantagem. Quem visita Kew Gardens pode ver a flor transplantada, mas ela a vê “in natura” em toda sua pujança, cercada pela fauna local.

A vitória-régia, planta típica da Amazônia, conhecida pelos índios como milho d’água, foi coletada por Robert Hermann Schomburgk na Guiana Inglesa, em 1837, o qual levou suas sementes para os jardins do palácio inglês e a chamou de *Victoria Regia* (nome científico *Victoria amazonica*), em homenagem à rainha Vitória.¹² John Lindley, botânico inglês, foi o responsável pela primeira descrição publicada do “genus” desse espécime, baseada na planta trazida por Schomburgk. Interessante observar que essa planta foi levada para a Inglaterra, onde foi classificada no grande sistema da natureza e é como se só passasse a existir a partir de então.

Os jardins de Kew, a que Marion se refere, e que abrigam as obras de North, como já dissemos, foram inaugurados em 1759, pela princesa Augusta, mãe do rei George III. Era um centro agregador de estudos botânicos. E, em plena época vitoriana, resplandecia como uma das faces mais sub-reptícias do olhar imperial.

Em 2009, os jardins de Kew completaram 250 anos de sua fundação, com muitas comemorações, inclusive a restauração da galeria e de vários quadros de Marianne North. A data também ganhou um especial na BBC, chamado de *The Garden that Changed the World*.¹³ O título do programa confirma o que venho desenvolvendo: *O Jardim que mudou o mundo*. Naturalmente, sob o ponto de vista dos ingleses, que continuam vendo o mundo a partir de sua órbita. O que não deixa de ser verdade: é um jardim

¹² Sobre o relato de viagem de Schomburgk ver: RIVIÉRE, Peter (ed.). *The Guiana Travels of Robert Schomburgk 1835-1844*. Aldershot: Ashgate for the Hakluyt Society, 2006.

¹³ Ver: <http://www.kew.org/press/250_anniversary_longlead.html>. Acesso em: 20/07/15.

que, no século XIX, recebeu, dentre muitas outras, as sementes de uma planta aquática, original da Amazônia distante, cujo nome — Maiz d'água — tinha sido dado pelos nativos. E que foi renomeada com um novo significado, mais pomposo; assim de “milho d'água” (sinônimo de subsistência), transformou-se em “rainha”, sob o olhar imperial.¹⁴

5.1 Os perigos que a natureza esconde

Os perigos desconhecidos (as ciladas), que a natureza primal encerra, estão presentes na narrativa de Mulhall. Como no trecho abaixo, onde ela descreve o caminho que leva a Cuiabá:

Todas essas montanhas eram revestidas com a mais luxuriante folhagem, e eu notei árvores, cujas flores lembravam nossa castanha de diferentes cores; mas me foi dito que elas sempre eram primeiro brancas, depois mudando para amarelo e vermelho profundo. Esta árvore é chamada de Formigueira, ou árvore formiga, porque se você a toca, será coberto imediatamente por milhões de formigas, as quais parecem viver nela.¹⁵

Após uma bela descrição das árvores, com suas cores diferenciadas, ela revela ao leitor o nome de tal espécime: “Formigueira”, o que só pode levar a alguma surpresa não tão agradável. Ela continua em clima de suspense:

O capitão Vasconcellos me disse que este lugar adorável era muito pouco saudável e mostrou-me os túmulos de uma guarnição

¹⁴ A vitória-régia também é conhecida por outros nomes, tais como jaçanã, irupé, uapé, aguapé e nampé, entre os índios e caboclos da região amazônica.

¹⁵ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 185. No original: “*All these trees were clad with the most luxuriant foliage, and I noticed trees, the flowers of which resembled our horse-chestnut, of different colours; but I was told that they were always white first, afterwards changing to yellow and deep crimson. This there is called the Formigueira, or ant-tree, because if you touch it you will be covered immediately with millions of ants, which seem to live in it.*”

brasileira inteira, que tendo sido mandada ali para estabelecer um forte, foi acometida por uma doença e viveu um pesadelo.¹⁶

O que seria uma visão de árvore do paraíso aparece maculada pela informação que ela recebe: o lugar em vez de trazer boas sensações, causou doença e morte. A descrição é igualmente toldada pela menção aos túmulos. A natureza já não tem o caráter benéfico e inofensivo, pois pode significar a morte. Ela enfatiza esse aspecto quase numa atitude de asco:

Deve ser alguma coisa na natureza do solo, porque os troncos das árvores são inchados de uma maneira hedionda, por essa razão eles são chamados de “barrigões”.¹⁷

Igual impacto causa a descrição que Marion faz da região do rio San Lorenzo:

O cenário do San Lorenzo era apenas mata e água, mas lindamente diversificada. Na nossa margem direita eram árvores altas cobertas com bolas de algodão branco selvagem, maiores do que uma laranja, chamada paina, que serve para fazer travesseiros tão suaves quanto um edredom. As duas margens do rio eram baixas e pantanosas, ladeadas com madeira. O capitão me contou sobre uma vespa cega que é muito comum ali. Se ela bater contra seu pele em qualquer parte causa morte instantânea.¹⁸

Mais uma vez, Mulhall menciona a natureza e os perigos ocultos ou difíceis de serem percebidos, os quais podem, inclusive, ser letais. Como se a natureza dessa parte do mundo fosse algo como “o canto da sereia” para os

¹⁶ Ibidem, p. 185. No original: “Captain Vasconcellos told me that this lovely spot was most unhealthy, and showed me the graves of a whole Brazilian garrison, who, being sent here to make a fort, were seized with an illness, and only lived a fortnight.”

¹⁷ Ibidem, p. 185. No original: “It must be something in the nature of the soil, for the trunks of the trees are swollen out in a most hideous manner, for which reason they are called “barrigones”.”

¹⁸ Ibidem, p. 197-198. No original: “The scenery of the San Lorenzo was only wood and water, but beautiful diversified. On our right bank were tall trees covered with balls of wild cotton, larger than an orange, called payna, which serves to make pillows as soft as eider down. Both banks of the river were low and swampy, and fringed with timber. The captain told me of a blind wasp which is very common here. If it knocks your skin in any part it causes instant death.”

marinheiros. Passível de trair o ser humano a cada instante, mas que espreita quieta pela presa incauta, principalmente através dos insetos, muito mais difíceis de controlar e exterminar que os animais maiores.

A autora relata a vida animal como sendo um perigo eminente (como os índios). Eis a sua descrição do rio e seus “habitantes”:

O rio era coberto com biguás ou galinhas d’água; de fato parecia cheio de vida animal: onças, carpinchos, antas, e por último, mas não menos importante, a numerosa família das serpentes, tão perigosa quanto os Coroados [...] morcegos hematófagos eram muito numerosos; eles são conhecidos por destruírem o gado sugando seu sangue enquanto dormem, e às vezes atacam os viajantes, o sofredor dormindo profundamente enquanto o vampiro suga seu sangue.¹⁹

Ela consegue reunir em um só trecho todos os perigos que os animais selvagens representam para os viajantes desabissados. Perigos reais, não imaginários. E aí vem a questão: diante de tanto perigo, tanto desassossego, o que a teria impulsionado a passar por tais riscos? Não seria muito mais adequado ter permanecido em Buenos Aires em meio à sua agradável vida social? O que Marion Mulhall teria a ganhar, passando por essas experiências? Eis seu depoimento:

Mas não há nada pior numa viagem tropical do que passar sede. Chá frio ou café seria a melhor coisa para se beber, só que não se encontrava nada frio; tudo estava morno. A água do rio era quase tão quente o suficiente para cozinhar um ovo.²⁰

¹⁹ Ibidem, p. 201. No original: “*The river was covered with biguás our water-hens, in fact it seemed full of animal life: tigers, carpinchos, tapirs, and last but not least, the numerous family as the Coroados [...] Vampire bats were very numerous; they are known to destroy cattle by sucking their blood while sleep, and sometimes attack travelers, the sufferer sleeping more soundly while the vampire sucks his blood.*”

²⁰ Ibidem, p. 201. No original: “*But there is nothing in tropical travelling from which one suffers so much as thirst. Cold tea or coffee would be the best thing to drink, only there was nothing cold to be had; everything was lukewarm. The river water was almost hot enough to boil an egg. We cooled it somewhat by hanging it in canvas bags in the sun.*”

Somente a ideia de que ela via a si mesma como uma “desbravadora inglesa” na natureza selvagem da América do Sul pode dar sentido ao enfrentamento pelo qual passou e às necessidades que foi forçada a suportar. Por outro lado, tais experiências tornaram possível que ela indicasse para o seu leitor na Argentina e principalmente na Grã-Bretanha as possibilidades que o lugar apresentava.

5.2 Luzes e sombras de Buenos Aires

5.2.1 A cidade próxima à Europa

O conhecimento apresentado nos relatos sobre Buenos Aires demonstra a autoridade de uma “inglesa” que morou no lugar. Por mais tempo que dependesse ali, ela jamais deixou de ser uma “inglesa” que “viveu nos trópicos”.

A cidade de Buenos Aires é longamente descrita por Marion Mulhall. Ainda que notasse problemas aqui e ali, ela alimenta um conhecido estereótipo, pois considerava Buenos Aires a cidade mais próxima do universo europeu do que os outros lugares que visitou na América do Sul.

Embora o nome da cidade remetesse à origem espanhola e ao bom clima do lugar, quando Marion viu Buenos Aires pela primeira vez, foi recebida por uma tempestade, que durou três dias. Após cessar a chuva, as pessoas puseram suas mobílias para secar sobre “azoteas”, espécie de telhado plano, mostrando que suas casas tinham sido inundadas, o que, certamente deve ter causado consternação na estrangeira.

Ela testemunha:

Nós vimos mais de uma dúzia de cavalos mortos nas ruas, e num lugar uma carruagem quebrada, cujos condutor e cavalos tinham sido afogados.²¹

A irlandesa demonstra conhecimento sobre as chuvas, que deve ter se apurado com os muitos anos que passou em Buenos Aires.

Tempestades desse tipo ocorrem geralmente em março e setembro, frequentemente precedidas por sinais extraordinários, tais como uma nuvem de insetos, ratos mortos ou peixe.²²

Marion apresenta dados da cidade de Buenos Aires: situada numa área de 2000 acres, com ruas correndo em ângulos retos, numa tentativa de regularidade, contrabalançada por uma arquitetura irregular e por uma pavimentação desnivelada, que chegava a ser “realmente execrável” em certos trechos; além disso, as estradas que levavam aos subúrbios ficavam intransitáveis no período de chuva.

Apesar de descrever (e de certa forma, alertar o leitor) sobre essa surpresa desagradável inicial, ela diz tratar-se de uma cidade cosmopolita, procurando demonstrar que Buenos Aires não fica nada a dever às capitais da Europa, seguindo o estilo de vida ditado por Paris, e não faltando programas musicais bem considerados pela “alta sociedade” europeia.

Como uma regra o estilo de vida é copiado de Paris. São dados concertos com frequência, sendo o melhor deles o da Sociedade Filarmônica Alemã. A ópera, contudo, sendo a grande atração da estação de inverno, e não é incomum que jovens “artistas” da Europa façam seu “debut” aqui, como, por exemplo, o famoso

²¹ Ibidem, p. 2-3. No original: “We saw more than a dozen dead horses in the streets, and in one place a shattered brougham, of which the driver and horses had been drowned.”

²² Ibidem, p. 3. No original: “Storms of this kind occur generally in March and September, very often preceded by extraordinary signs, such as a shower of beetles, dead mice, or fish.”

tenor Gayarre²³, e um outro chamado Tamagno, que promete também se tornar uma estrela de primeira grandeza.²⁴

As principais construções da cidade eram feitas de uma maneira magnífica, com fachadas, colunas e pátios construídos com mármore genovês. Para ela, se comparada com Londres, Buenos Aires levaria vantagem: os apartamentos eram muito maiores e mais altos do que em Londres e quando um salão era aberto para recepção o efeito de perspectiva se mostrava muito bom.

Ela diz que era comum pagar de 250 a 350 libras ao ano por uma casa de seis a oito cômodos na melhor parte da cidade portenha, chamando a atenção ainda para o custo de vida: “o custo de vida eu acho que é cerca do dobro do que era na Inglaterra, sendo o dinheiro tão abundante como se tivesse pouco valor”.²⁵

Marion menciona o parque da cidade contíguo ao castelo arruinado de Rosas, ainda não completo.²⁶ Contudo, a avenida de palmeiras é vista por ela como uma débil imitação à do Rio de Janeiro e fora de lugar por causa do clima. Melhor teria sido usar o Embu (uma árvore indígena), conhecida como o farol dos Pampas, pondera a irlandesa.

Ela cita o “Tempe argentino”: centenas de ilhas que variam de tamanho de 10 a 1000 acres, que há poucos anos atrás podiam ser compradas por 5 ou 10 libras. Faz questão de enfatizar valores, como que avaliando o que podia ser comprado a bom preço em Buenos Aires. Essas ilhas foram assumidas por italianos para plantarem legumes, vegetais e madeira para queima, para o

²³ A autora faz menção a Sebastián Julián Gayarre Garjón (1844–1890), celebre tenor espanhol que se apresentou com sucesso em Buenos Aires. O outro cantor mencionado é o italiano Francesco Tamagno (1850–1905), que esteve pela primeira vez em Buenos Aires em 1879.

²⁴ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 4-5. No original: “*As a rule the style of living is copied from that of Paris. Concerts are given frequently, the best being those of the German Philarmonic Society. The opera, however, is the great attraction of the winter season, and it is not uncommon for young “artistes” from Europe to make their “debut” here, as for instance the famous tenor Gayarre, and another named Tamagno, who promises also to become a star of the first magnitude.*”

²⁵ Ibidem, p. 4. No original: “[...] *the cost of living I found to be about double what it was in England, money being so abundant as to have little value.*”

²⁶ Juan Manuel de Rosas (1793–1877) foi governador da província de Buenos Aires de 1835 a 1852.

mercado da cidade e agora eram todas habitadas. A irlandesa elogia o solo, acentuando o caráter positivo do seu cultivo: “O solo é tão rico que qualquer coisa crescerá em abundância, e o tamanho dos marmelos e das melancias é quase fabuloso”.²⁷ Aqui, é claro o olho da mulher que nota oportunidades desperdiçadas pelos argentinos. O foco estava na produção e no comércio.

Segundo a autora, essas ilhas seriam o “jardim do Éden” não fosse pelos mosquitos e “bichos colorados”. Este último seria uma espécie “invisível” de inseto vermelho que se enfiava sob a pele e produzia uma irritação horrível. Ela cita o exemplo do ministro chileno que ficou lendo sob as árvores e teve um desconforto tão grande na cabeça, que achou que estivesse enlouquecendo. Observe-se que ela menciona o problema dos insetos e, para exemplificar não usa uma pessoa comum, mas uma pessoa de distinção: um ministro chileno, o que demonstra a sua preocupação em se situar na elite da cidade.

Ainda que ela visse Buenos Aires como semelhante a algumas cidades europeias, acreditava que essa cidade havia perdido parte da sua originalidade, desde que incursões de comércio e civilização a tornaram semelhante a outras cidades comerciais da Europa e dos Estados Unidos. Assim, Mulhall ao mesmo tempo em que defende o progresso, a civilização, ressentia-se por causa da uniformização que o processo evidencia. E, certamente na opinião dela, a civilização não é a mesma em todos os lugares. Ainda que tenha morado por anos na Argentina, o lugar de enunciação de Mulhall era a Inglaterra vitoriana. Reitero, Inglaterra. Mulhall não fala como uma britânica, nem sequer como uma irlandesa.

Ela relata que sempre a intrigou ouvir nativos e estrangeiros falarem dessa cidade portenha como a “Atenas da América do Sul”, porque pouco há para lembrar a Grécia clássica, a não ser os numerosos Jasões dispersos pelos

²⁷ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 7. No original: “The soil is so rich that anything will grow in abundance, and the size of the quinces and water-melons is almost fabulous.”

Pampas em busca do “*Golden Fleece*”. Mesmo elogiando a cidade, Mulhall deixa perceber que há certo exagero, nas comparações favoráveis demais, feitas por algumas pessoas a respeito da capital da Argentina.

No entanto, após sua viagem de cerca de três meses, pelo Paraguai e pelo Mato Grosso, ela demonstra gostar do retorno a Buenos Aires e aos requintes da civilização que a cidade pode proporcionar, ainda que em plena América do Sul. Atentemos para o excerto a seguir com o qual ela conclui sua obra *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso*:

Depois de uma andança de três meses por terras selvagens, chegamos a tempo de aceitar um convite para um café da manhã subterrâneo, para testemunhar um dos triunfos da civilização. O café foi oferecido pelo comitê de melhorias da cidade, planejado por Mr. Bateman, e executado por contratados sob a supervisão de Mr. Higgin²⁸. O local escolhido para a descida foi o Passeio Julio [...] Descendo por uma escadaria especialmente feita para a ocasião, entramos numa magnífica avenida abobada como o túnel do Tâmis e iluminada por inúmeras velas. [...] seguimos por esse túnel por duas milhas, precedidos por uma banda da Polícia, até que alcançamos as mesas para o café, as quais foram decoradas com muito bom gosto com bandeiras da Argentina, Inglaterra, Itália e outras.²⁹

Marion descreve a estranha cena de um desjejum em um subterrâneo, servido para cerca de 200 pessoas, sob as luzes de velas, acompanhado de música. Observe-se que a autora procura dar uma grande dimensão ao evento,

²⁸A autora refere-se a John Frederick La Trobe Bateman (1810–1889), engenheiro civil britânico, cujo trabalho serviu de base para a indústria de saneamento de água do Reino Unido. Ele realizou também vários projetos no exterior, dentre eles, a concepção e construção de um sistema de drenagem e abastecimento de água para Buenos Aires. George Higgin (1833–1892), também engenheiro britânico, trabalhou em Buenos Aires, de 1875 a 1878, como representante — engenheiro chefe — de Bateman naquela cidade.

²⁹MULHALL, Mrs. M. G.. *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1877, p. 113-114. No original: “After three months wanderings in savage land, we arrived in time to accept an invitation to an underground breakfast, to witness one of the triumphs of civilization. The breakfast was given by the committees of the city improvements designed by Mr. Bateman, and executed by contractors under the supervision of Mr. Higgin. The place chosen for descent was at the Paseo Julio [...] Descending by a stair-case especially made for the occasion, we entered a magnificent vaulted avenue like the Thames tunnel and lighted by innumerable candles. [...] followed this tunnel for two miles, preceded by a band belonging to the Police, until we reached the breakfast tables, which were tastefully decorated with the Argentine, English, Italian and other flags.”

não só por se tratar de algo realmente inusitado, mas, porque é motivo de orgulho do papel desempenhado pelos ingleses no âmbito da engenharia.³⁰

5.2.2 Nem tão “bons ares”: a epidemia de febre amarela

Parecia ironia do destino que a cidade tão proverbialmente saudável e agradável pelo seu clima se tornaria palco de uma das mais terríveis pragas recordadas na história.³¹

Essas são as palavras com as quais Marion inicia seu relato sobre a epidemia de febre amarela, que assolou Buenos Aires em 1871, e da qual ela foi testemunha ocular. A origem da doença continuava a ser um mistério, quando ela escreveu o relato, visto que o comitê instalado pelo Governo para averiguar ainda não havia publicado seu parecer em 1872.

O primeiro caso ocorrera em junho de 1870, sendo o foco inicial a paróquia católica de San Telmo. Primeiramente morreu uma mulher italiana, que havia tido contato com passageiros vindos de Marselha.

Em menos de uma semana as pessoas da mesma paróquia estavam morrendo cinco ou seis por dia, mas, como o Carnaval estava próximo, a Municipalidade desviou a atenção para os foguetórios e as ruas decoradas, na esperança de distrair a mente do público da apreensão da epidemia. Nunca as preparações foram em tão grande escala.³²

³⁰ A respeito das obras de saneamento básico e de tratamento da água em Buenos Aires, muito necessárias, sobretudo, a partir da grande epidemia de febre amarela, ocorrida em 1871, ver o artigo de RUCKERT, Fabiano Quadros. Experiências de saneamento na cidade de Buenos Aires: dos projetos de Pellegrini a conclusão do projeto Bateman (1829-1905). *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 20, n. 29, p. 68-87, 2013.

³¹ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 28. No original: “*It would seem the irony of fate that a city so proverbial for its healthy and agreeable climate should become the scene of one of the most terrible plagues recorded in history.*”

³² Ibidem, p. 30. No original: “*In less than a week the people of the same parish were dying five or six daily, but, as Carnival was at hand, the Municipality turned its attention to fireworks and decorating the streets, hoping to divert the public mind from apprehension of pestilence. Never were the preparations on a grander scale.*”

A irlandesa denuncia que as autoridades procuraram não dar evidência às mortes que estavam ocorrendo. Nenhum jornal apareceu durante o Carnaval; as pessoas ficaram preocupadas quando na Quarta-feira de Cinzas souberam que o número de mortes subira para 40 ao dia e que a igreja inglesa católica estava cheia de vítimas.

Os funerais eram feitos depois do pôr-do-sol e se alguém falasse da doença diziam: “É somente a gente pobre italiana que morre, porque eles vivem em condições miseráveis em locais insalubres”.³³

As pessoas entraram em pânico e muitas resolveram sair da cidade. A Municipalidade ordenou à polícia que tirasse os habitantes de qualquer casa em San Telmo, onde a doença tivesse aparecido, e que caiasse o local. O efeito disso foi espalhar a peste pela cidade.

Cinco paróquias, de treze, foram contaminadas. Advogados compravam toda carga de madeira em Buenos Aires e Montevideu e garçons se tornaram carpinteiros para fazer caixões. Os policiais trabalhavam até a exaustão: alguns morriam de tanto trabalhar, carregando os sofrendores para o hospital e os mortos para os cemitérios. Outros desertavam! Antes do final de fevereiro as mortes eram cerca de 100 ao dia.

Até o começo de março não houve manifestação da doença na rua onde Marion morava. Como a casa deles era mais alta do que as em redor, não havia razão para o medo do contágio. Mas, um dia, ao nascer do sol, três corpos foram removidos da casa em frente à deles. A mobília foi queimada e os desinfetadores passaram a vir todos os dias.

Todos os conventos se transformaram em hospitais. Marion cita o trabalho das freiras irlandesas e diz que as irmãs de caridade francesas foram dizimadas pela metade. Segundo ela, não havia distinção de nacionalidade entre os pacientes admitidos e o “Anjo da Morte” não escolhia idade ou sexo.

³³ Ibidem, p. 30. No original: “It is only the poor Italians who die, because they live on wretched food and in unhealthy dwellings.”

A única diferença notável era que os negros pareciam ilesos e passaram a ser muito requisitados como enfermeiros, obtendo por isso salários fabulosos.³⁴

A afirmação de Marion de que os negros “pareciam ilesos” à febre amarela deve ser reavaliada. Com a abolição da escravidão na Argentina em 1860, os negros libertos continuaram a viver às margens do Prata, em regiões insalubres e fétidas, portanto, propícias à propagação de doenças. Moradores dessa espécie de gueto, os negros foram os mais afetados pela epidemia.³⁵ Note-se que a autora procura deixar evidente que o flagelo começou entre os italianos católicos e pobres.

Com os dias frios, em março, a epidemia arrefeceu, mas com a volta do sol, atingiu o auge. As mortes, que haviam passado de 300 diárias, baixaram para 200, porém, voltaram para a marca de trezentas e passaram desse patamar. Os coveiros — antigos marinheiros, por exemplo — trabalhavam em turnos de quatro horas (eram cerca de 300). Nenhum deles morreu. O que foi bom, porque não se acharia outros. Se o pânico tivesse tomado conta deles, seria impossível arrumar outros, relata a irlandesa.

Em 13 de abril, os Mulhalls deixaram a cidade e foram para Luxan, uma aldeia a 40 milhas de Buenos Aires. Foram de trem, apesar de algumas das ferrovias terem parado, como se os condutores tivessem morrido, relembra Marion.

Eles ficaram em um celeiro; um médico atestou que eles não tinham sintomas da doença e um ministro americano procurou um lugar para eles se alojarem entre amigos. Eles alugaram uma casa, deixada por uma família americana, que fugira da peste, por 200 (dólares de prata) ou 40 libras, por

³⁴ Ibidem, p. 33. No original: “*The only difference remarked was that the negroes were exempt, and being much in request as nurses they obtained enormous wages.*”

³⁵ GOMES, Álvaro de Souza Neto. Mulheres mal faladas: a prostituição em Buenos Aires em fins do século XIX. *Estudios Historicos* (CDHRP), n. 4, 2010.

mês. Note-se que Marion se preocupa em dar os valores das despesas com aluguel, mesmo tratando da tragédia que ceifou tantas vidas.

Ela não gostou nada de ter de sair de Buenos Aires: confessa que ficou pensando que “as criadas” dela estavam certas em preferirem ficar na casa confortável da cidade. Acostumada a ser servida, ela se ressentia dos percalços da moradia provisória, onde sapos e rãs pulavam no chão. Além disso, o casal tinha de conservar guarda-chuvas abertos sobre as camas por causa das goteiras e da chuva incessante!

Quando o tempo melhorava, eles iam caminhando até a estação, para obterem uma cópia do “Bulletin”, onde ficavam sabendo quais as pessoas dignas de nota que haviam morrido nas últimas 24 horas. Nessa altura, a população que permanecia na cidade de Buenos Aires era estimada em 1/3 da original, cerca de 70.000 almas.³⁶

Os nomes ingleses eram muitas vezes tão deformados pelos impressores espanhóis que era difícil decifrá-los. A grande maioria dos ingleses e outros estrangeiros tinham agora deixado a cidade [...].³⁷

Observe-se que, mesmo numa situação aflitiva dessas, a irlandesa consegue enxergar os locais como ineptos.

Curiosamente:

O hospital britânico estava desafortunadamente fechado para pacientes, visto que sua constituição proibia o tratamento de qualquer doença infecciosa ou contagiosa, porém os médicos, capelães e diretores faziam tudo que podiam para nossos compatriotas, visitando-os.³⁸

³⁶ Marion Mulhall estima que Buenos Aires tivesse cerca de 200.000 habitantes, antes da epidemia. Cf. MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 2 e 39.

³⁷ Ibidem, p. 39. No original: “The English names were often so mangled by Spanish printers that it was hard to make them out. Most of the English and other foreigners had now left the city [...]” (grifo meu)

³⁸ Ibidem, p. 40. No original: “The British hospital was unfortunately closed against patients, as its constitution forbade the treatment of any infectious or contagious disease, but the physicians, chaplains, and directors did all they could for our country-people by visiting them.” (grifo meu)

Este trecho mostra de maneira inequívoca a relação entre a comunidade britânica e os locais. Numa situação de caos como a que descreve a autora, os “britânicos” davam assistência apenas a seus compatriotas, visitando-os em suas residências. Desse modo, ficava evidente a realidade: os britânicos não iriam se prestar a tratar dos locais. Formavam, assim, uma verdadeira “ilha” dentro da cidade de Buenos Aires.

Em meados do mês de maio, as mortes haviam baixado para cerca de cem diárias e o “rancho” que os Mulhalls haviam alugado estava frio demais, assim eles resolveram voltar para a cidade. Ela escreve sobre o que encontrou na volta: homens saqueando colchões infectados, para conseguirem um pouco de dinheiro; caixões sendo vendidos na rua e muitos roubos.

Durante o mês de junho, as pessoas voltaram em grande número para a cidade. Muitas das casas haviam sido saqueadas e os objetos tinham sido levados para o Brasil ou para a Europa. Ela lamenta:

A comunidade britânica perdeu 270 pessoas, cerca de 1/6, mas as outras classes não sofreram tanto, a cidade perdeu ao todo 26.000, ou seja, 1/8 da população.³⁹

Marion faz questão dos dados estatísticos. Interessante notar que ela trata de classes, não de nacionalidades para se referir à população de Buenos Aires.

Segundo a autora, logo pareceu que a epidemia ocorrera há muito tempo atrás. Foi construída uma nova casa de ópera, no lugar onde antes funcionava uma serraria para fazer caixões, na Rua Corrientes.

Em meio ao relato escrito de modo editorial, ela deixa entrever uma emoção, que lembra a “sensibilidade” de Dixie tocada pela natureza:

³⁹ Ibidem, p. 43. No original: “*The British community lost 270 persons, which was about one-sixth, but the other classes did not suffer so heavily, the city losing altogether 26.000, or only one- eight of the population.*”

Eu nunca vi um tempo outonal mais bonito; como um contraste para a tragédia horrível que estava sendo decretada por todos os lados! Olhando para o céu azul brilhante, os navios ancorados no porto sobre as águas imperturbáveis do Prata, e o aspecto charmoso dos subúrbios arborizados de Barracas e Flores, não era possível acreditar que um trabalho de carnificina estava acontecendo, mais mortífero do que se uma centena de canhões estivesse bombardeando a cidade.⁴⁰

Num raro momento de intimidade com o leitor, ela confidencia que nunca mais viu o outono com bons olhos.

5.3 Corumbá: uma cidade em meio à natureza inculta

Marion, como disse, era uma imigrante, de origem irlandesa, mas que se via como “inglesa” na Argentina. De Buenos Aires ela viajou pelo interior da América do Sul, sempre identificando oportunidades, mostrando o pouco aproveitamento de determinadas potencialidades da região, atenta que tais informações circulariam na Argentina e na Grã-Bretanha.

Em *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso* e *Between the Amazon and Andes*, Marion não faz menção ao ano em que empreendeu sua viagem pelo Mato Grosso. Em uma nota de rodapé, a autora menciona o ano em que está escrevendo — 1876 — ao se referir aos palanquins da Bahia.

Nota — Há agora (1876) um elevador na Bahia que previne do uso dos palanquins, levando passageiros em poucos segundos da Alfândega à cidade alta.⁴¹

⁴⁰ Ibidem, p. 33. No original: “I never saw more lovely autumn weather, such a contrast to the awful tragedy that was being enacted on all sides! To look at the bright blue sky, the ships lying at anchor on the unruffled waters of La Plata, and the charming aspect of the wooded suburbs of Barracas and Flores, one could not believe that a work of carnage was going on, more deadly than if a hundred cannon were bombarding the city.”

⁴¹ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 13. No original: “Note — There is now (1876) a Steam-lift at Bahia which obviates the use of palanquins, taking passengers in a few seconds from the Custom-house to the upper town.”

Portanto, a compilação das suas anotações, sem dúvida, já estava efetivada em 1876 e o prefácio da primeira dessas obras aparece datado de primeiro de março de 1877.⁴² Segundo Mariano Galazzi, a irlandesa esteve no Mato Grosso em 1876, após ter mantido contato com Madame Hermes, na delegação brasileira em Buenos Aires, e ter confidenciado a ela seu desejo de conhecer melhor o Brasil.⁴³

[...] quando soube quão ansiosa estava eu por ver o máximo possível do país, muito amavelmente convidou meu marido e eu a acompanhá-la na embarcação de guerra.⁴⁴

Marion relata que Corumbá se tornou importante depois da Guerra do Paraguai, porque Francisco Solano López, presidente do país durante o conflito armado, impedia o comércio e a navegação nas vias fluviais que alcançavam o Mato Grosso. Porém, no momento de sua passagem por lá, havia tomado tal importância que, Madame Hermes, a esposa do presidente de Mato Grosso, informou-a que o Governo estava planejando mudar a capital de Cuiabá para Corumbá.

A irlandesa descreve a cidade como tendo ruas largas e construídas irregularmente, algumas casas menores que as outras, rodeada por colinas verdejantes, que permitiam boa distração para naturalistas e esportistas.

Interessante como ela parece classificar as cidades quanto ao interesse que possam despertar nos possíveis visitantes incitados pela leitura de seu relato. Ela se preocupa em dizer que é um local que tem poucos atrativos para aqueles que chegam lá, a não ser a natureza.

⁴² Ibidem, prefácio.

⁴³ GALAZZI, Mariano, op. cit., p. 14.

⁴⁴ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 152. No original: “[...] when she heard how anxious I was to see as much of the country as possible, she very kindly invited my husband and myself to accompany her in the war-vessel.”

Mulhall esteve em todas as principais lojas da cidade, algumas de brasileiros, outras de judeus alemães. Diz ela que a coisa mais curiosa que encontrou foram as redes (de dormir) de penas feitas pelos “*Chiquitos Indians*”, cujo preço era bastante alto. Ela se interessou por uma, cujo valor era cerca de 100 libras esterlinas, que ela considerou muito caro. Mas comenta que o que lhes disseram é que se tratava de um preço moderado, porque qualquer pessoa que viajasse por aquelas plagas tinha de adquirir uma rede, já que camas não eram conhecidas nas províncias do interior.

A irlandesa diz que em Corumbá, como em todas as outras cidades da América do Sul, ela encontrou dificuldade de encontrar artigos feitos no país. Os comerciantes insistiam em mostrar aqueles de Manchester ou Liverpool. Observe-se que Marion Mulhall tem a mesma opinião que Marianne North sobre as lojas que visitou no continente sul-americano.

Ao que parece, a inglesa viajava de fato em busca do diferente, justificando-se assim seu desapontamento por não ver “objetos locais” nas lojas. A irlandesa, contudo, tinha o perfil de quem considera que a civilização é a melhor opção para a sociedade. Motivo mais do que razoável para ela apreciar encontrar artigos ingleses no interior profundo da América do Sul. Talvez aí, ela seja traída pelo seu olhar de quem perscruta a possibilidade de negócios, ou seja, tal tipo de artigos não interessariam aos possíveis viajantes europeus, já que poderiam encontrá-los em seu próprio lugar de origem. Quer dizer, quanto a manufaturas, não havia o que “explorar”.

Mulhall também menciona os problemas que cercavam a cidade de Corumbá. Numa visita que fez ao exército local, ela percebeu que os perigos eram muitos:

Uma série de colinas arborizadas separava Ladario de Curumbá, tão infestada com onças que a estrada era insegura para viajantes

individuais, a distância entre os dois lugares sendo apenas quatro milhas.⁴⁵

A cidade guardava ainda outro fator desagradável, “o único”, diz ela:

O único problema para este lugar é a falta de água, poucas casas tem cisterna para captar água da chuva, e a água do rio próxima à cidade é tão estagnada que o cheiro é muito ruim. Talvez seja essa a razão pela qual a taxa de mortalidade seja tão alta [...].⁴⁶

Na última noite de estada na cidade, o calor e o cheiro do rio foram insustentáveis. O marido de Marion a alertou que, de agora em diante, as dificuldades da viagem seriam muito mais desafiadoras. Levava cerca de vinte e quatro dias de Corumbá até Cuiabá em canoas conduzidas por índios domesticados. Quando eles ficavam sem provisões, caçavam macacos, já que a maior parte da viagem seria feita através de pântanos e florestas destituídas de habitações humanas.

Meu marido me avisou das dificuldades que teríamos de enfrentar para continuar a viagem de mais de 600 milhas, mas o interesse de explorar esta *terra incógnita* não me permitiria pensar em desistir.⁴⁷

Ela mostra vontade própria, ou quer demonstrar que tem, que é uma mulher determinada com interesse no desconhecido. Note-se que ela não usa a palavra “curiosidade”, mas sim “interesse”, mais forte e determinante. Não se trata de uma mulherzinha curiosa, mas de uma mulher interessada, desejosa de conhecimento. Uma exploradora das oportunidades locais. Não restam

⁴⁵ Ibidem, p. 193. No original: “A range of wooded hills separated Ladario from Curumbá, so infested with tigers that the road was unsafe for single travelers, the distance between the two places being only four miles.”

⁴⁶ Ibidem, p. 193. No original: “The only drawback to this place is the want of water, few of the houses having cisterns for rainfall, and the river water near the town being so stagnant as to smell very badly. Perhaps, this is the reason that the death-rate is so high [...]”.

⁴⁷ Ibidem, p. 195. No original: “My husband warned me of the difficulties that we should have to face in continuing the voyage 600 miles farther, but the interest of exploring this *terra incognita* would not allow me to think of turning back.”

dúvidas de que para Marion Mulhall uma efetiva imigração de indivíduos provenientes principalmente da Grã-Bretanha, para a região, ajudaria a desenvolver o lugar.

5.4 Cuiabá: cidade perdida

A capital da província de Mato Grosso — Cuiabá — foi fundada em 1722, por cavadores de ouro portugueses, conta Mulhall. A cidade foi construída muito irregularmente em ladeiras e circundada por colinas. As casas tinham um ar pitoresco, com seus telhados sob a sombra de palmeiras e outras árvores tropicais. A Catedral e o Palácio do Governo eram as melhores construções, segundo a autora. Ela compara Cuiabá a Santarém em Portugal.

[...] nós tivemos uma agradável visão da capital: as casas tinham telhados de telha, a maioria delas sendo de dois ou três andares; e o tamanho e a aparência do lugar me lembraram Santarém, em Portugal. A estrutura era irregular, como se as casas fossem construídas aqui e aí, nos lados das colinas, onde os primeiros colonos encontraram ouro, e sombreadas demais por palmeiras magníficas e bananeiras. A nossos pés estava a Plaza ou grande praça, com a catedral de um lado, o palácio do Presidente de outro, e não muito longe o enorme edifício do colégio do Bispo. Na colina acima da cidade ficava o quartel de Baú, onde o Governo conserva 4.000 homens, o quartel-general da província. Depois de andar milhares de milhas através da natureza selvagem me deixou atônita ver tão grande cidade completamente isolada do resto do mundo, e aparentemente sem qualquer razão de ser.⁴⁸

⁴⁸ Ibidem, p. 212. No original: “[...] we had a fine view of the capital: the houses had tile roofs, most of them being two or three stories high; and the size and look of the place reminded me of Santarem, in Portugal. The outline was irregular, as the houses were built here and there on the sides of hills, wherever the first settlers found gold, and over-shadowed by magnificent palms and bananas. At our feet the Plaza or great square, with the cathedral on one side, the President’s palace on another, and not far off the massive building of the Bishop’s College. On a hill overlooking the city was the camp of Bau, where the Government kept 4.000 men, the headquarters of the province. After coming so many thousands of miles through savage wilds it astonished me to see so large a city completely isolated from the rest of the world, and apparently without any reason d’être.”

A viajante aprecia a cidade e se mostra surpresa diante do que vê, sobretudo porque a considera “fora do resto do mundo”. Ela não consegue atinar o porquê dessa “cidade perdida”: como se ela houvesse encontrado um tesouro em meio à selva. Tratava-se de uma cidade tão remota que, durante aquele século (XIX), só fora visitada por ingleses duas vezes, comenta a autora. Como ela tinha certeza dessa informação não sabemos.

Tão completamente isolada era, que apenas duas vezes no presente século tinha sido visitada por ingleses, o último um explorador a procura de diamantes.⁴⁹

Marion e o esposo foram recebidos no palácio do Presidente de Mato Grosso com evidente deferência. A partir da visão da cidade, evidentemente, a estrangeira não esperava encontrar tanto cerimonial no palácio presidencial:

Nós fomos recebidos no palácio por um ajudante de campo, que nos conduziu através de um grande número de antecâmaras preenchidas com oficiais, porque o Presidente Hermes mantinha tal posição como se fosse um Vice-rei da Índia.⁵⁰

A postura cerimoniosa se estendia aos civis e à deferência aos soberanos brasileiros:

Todos os civis que vimos usavam roupas de noite, com luvas brancas, este sendo o *rigor* em todas as horas no palácio. Entrando num longo vestíbulo, ricamente acarpetado, vimos uma grande extensão de retratos de D. Pedro II e a Imperatriz, e um trono sob um dossel de veludo vermelho e dourado.⁵¹

⁴⁹ Ibidem, p. 212. No original: “So utterly remote was it, that only twice in the present century had it been visited by an Englishman, the last an explorer in search of diamonds.”

⁵⁰ Ibidem, p. 212-213. No original: “We were received at the palace by an aide-de-camp, who conducted us through a number of ante-chambers filled with officers, for President Hermes kept up as much state as if he were Viceroy of India.”

⁵¹ Ibidem, p. 213. No original: “All the civilians that we saw wore evening dress, with white kid gloves, this being de rigueur at all hours at the palace. Entering a long hall, richly carpeted, we saw full-length portraits of Don Pedro Segundo and the Empress, and a throne under a canopy of red velvet and gold.”

Completando a descrição do palácio, Mulhall aponta a presença de animais em suas dependências, lado a lado, em contraste com a pompa e o requinte palacianos:

Uma linda gazela surgiu e lambeu minha mão, e andando através das salas havia tantas tartarugas, macacos, gambás, etc., todos caminhando tão mansos, que eu fantasiei que estava na arca de Noé.⁵²

Mulhall deixa explícita a impressão que teve da cidade e seus contrastes: civilização e mundo selvagem (domesticado, às vezes) a comporem um único cenário constituído longe dos olhos do mundo civilizado. Essa situação peculiar da cidade também é apresentada por ela, quando se refere à facilidade com que o ouro é encontrado por lá. Referindo-se aos produtos encontrados nas lojas, ela faz o seguinte comentário:

Não havia nada no tocante à arte nativa ou de fabricação própria, pois, embora o ouro fosse encontrado nas ruas sempre que chovia, eu não consegui obter um único artigo de joalheria feito por lá.⁵³

A mesma facilidade de se encontrar o metal precioso se faz notória, quando ela menciona a prodigalidade dos senhores em relação a seus escravos:

O ouro é tão abundante que aos domingos e feriados os senhores deixam seus escravos saírem para pegarem para si próprios tanto quanto eles puderem encontrar.⁵⁴

⁵² Ibidem, p. 213. No original: “A beautiful gazelle came up and licked my hand, and in going through the rooms there were so many tortoises, monkeys, opossums, etc., all walking about so tame, that I fancied I was in Noah’s ark.”

⁵³ Ibidem, p. 214. No original: “There was nothing in the way of native art or workmanship, for although gold was found in the streets whenever it rained, I could not get a single article of home-made jewellery.”

⁵⁴ Ibidem, p. 215. No original: “Gold is so plentiful that on Sundays and holidays masters give their slaves leave to go and pick up for themselves as much as they can find.”

5.5 Córdoba: cidade desconhecida

Marion relata que também Córdoba ficava isolada do mundo civilizado, devido a sua posição geográfica:

Por quase três séculos Córdoba ficou isolada do mundo, tendo sido fundada originariamente por aventureiros espanhóis do Peru; situada quase no meio dessa parte da América do Sul, fica a cerca de mil milhas tanto do Atlântico quanto do Pacífico, e tem sido tão raramente visitada por europeus que um estrangeiro é olhado com certa desconfiança.⁵⁵

Mulhall enfatiza a sua proeza em visitar as cidades isoladas. Ela fala das ruínas da Universidade de São Carlos, atestando a magnífica obra dos jesuítas, e lembrando que a glória da cidade se foi com a expulsão deles da cidade por volta de 1768. Menciona a tentativa frustrada dos ingleses de tomarem a cidade, em 1765, que, de certa maneira, deixou sua marca no cultivo de batatas, cenouras e outros legumes introduzidos na região pelos prisioneiros de guerra ingleses.

A viajante se agrada de Córdoba, conforme atesta o trecho a seguir:

Há um charme no ar, o cenário, o repouso de Córdoba, que cresce à medida que alguém permanece aqui, e eu ouvi dizer que se você deseja retornar para o mundo agitado, não deve se demorar aqui por muito tempo.⁵⁶

Note-se que a autora parece fazer um anúncio de propaganda da cidade, como muito recomendável para o descanso e com antecedentes culturais. Ela

⁵⁵ Ibidem, p. 99. No original: “For three centuries Cordoba was isolated from the world, having been originally founded by some Spanish adventurers from Peru; it stands almost in the middle of this part of South America, being a thousand miles from either the Atlantic or Pacific, and has been so rarely visited by Europeans that a foreigner is regarded with some distrust.”

⁵⁶ Ibidem, p. 100. No original: “There is a charm about the air, the scenery, the repose of Cordoba, that grows upon one the longer you stay, and I have heard it said that if you wish to return to the busy world you must not loiter here many days.”

se preocupa em citar as companhias que tiveram no local. No hotel reservado para eles, no novo quarteirão da cidade, eles encontram o governador, o bispo e outros dignitários.

É evidente que os Mulhalls eram bem relacionados. Conviviam com as autoridades locais, por onde passam, e eram sempre convidados com grande distinção. Como se fossem indispensáveis e de elevado nível cultural.

Marion menciona que o dono da rede ferroviária teve o apoio do governador e do bispo, no intuito de vencer o “sentimento de hostilidade das classes mais baixas” em relação aos gringos.⁵⁷ No que, Mr. W. agraciou o bispo com um cheque de 400 libras para o orfanato da cidade. Portanto, o casal Mulhall aqui é visto como fazendo parte do grupo inglês: os empreendedores, que fazem alianças com as autoridades locais, a fim de conseguirem levar adiante seu projeto de levar a “civilização” às regiões menos favorecidas pelo progresso. Ela e o marido participam da inauguração da estrada de ferro, com a presença das autoridades e de toda “elite” de Córdoba. Ela usa exatamente esse termo: “elite”, naturalmente se sentindo parte do mesmo segmento.

5.6 Assunção: uma cidade destruída pela guerra

A destruição é tema constante do relato da irlandesa: isso é detectável na descrição que faz de Assunção, quando de sua passagem por lá. As consequências da Guerra do Paraguai (1864-1870) se fazem nítidas:

Esta cidade foi por dois séculos um lugar de grande importância, e agora tem apenas poucas centenas de habitantes. As ruas correm em linha reta a partir do rio; mas as casas estão em ruínas na sua

⁵⁷ Ibidem, p. 101. No original: “*the hostile feeling of the lower orders to the Gringos*”. No texto ela faz uma nota explicando que o termo “Gringo” é usado com desprezo em relação aos Europeus.

maioria. O palácio de López, que foi construído tomando por modelo as Tulherias, permanece como uma lembrança da vaidade humana. Não tem nem portas nem janelas, e é agora a morada de morcegos e corujas. Ele resolvera se autodeclarar Imperador, e entre os despojos tomados pelos Aliados estava uma coroa Imperial que ele tinha acabado de receber de Paris antes do começo da guerra.⁵⁸

Marion não menciona nem vegetação, nem arquitetura: apenas ruínas e o entendimento de certo desprezo por um sul-americano que tivera a “pretensão de se tornar um imperador”, diferentemente da benemérita Rainha Vitória, que o era “por direito”. Interessante notar que, neste trecho e no anterior, a autora faz referências à França quanto à extensão e quanto à pompa (palácios monumentais e coroa). Isso nos remete à noção de como eram vistas Inglaterra e França na América do Sul. A primeira era sinônimo de civilização racional, desenvolvimento industrial, de domínio marítimo, enquanto a segunda, a detentora do requinte, de alguns aspectos culturais relevantes. A própria Mulhall, quando escreve sobre Buenos Aires, coloca que a França dita a moda até para as portenhas.

Na primeira parada em Assunção (eles voltariam, no retorno de Cuiabá), Marion e o marido são recebidos por um ministro brasileiro e sua esposa, representantes do governo na cidade. Sabedores da disposição de Marion de seguir até a Amazônia, eles tentaram dissuadi-la:

Eles não entendiam meu desejo de explorar mais o interior e falavam muito dos perigos e dificuldades que eu teria de enfrentar. Eles me pressionaram para permanecer com eles e ver o Paraguay; mas eu estava determinada a não perder uma oportunidade tão

⁵⁸ Ibidem, p. 174-175. No original: “*This city was far two centuries a place of great importance, and has now only a few hundred inhabitants. The streets run in straight lines from the river; but the houses are mostly in ruins. López’s palace, which he was building on the model of the Tuileries, stands as a souvenir of human vanity. It has neither doors nor windows, and is now the abode of bats and owls. He had resolved to declare himself Emperor, and among the spoils taken by the Allies was an Imperial crown which he had just received from Paris before the beginning of the war.*”

favorável de explorar um lugar, onde nenhuma dama Europeia tinha estado antes.⁵⁹

As palavras de autora demonstram sua real intenção na viagem: explorar lugares desconhecidos. A cidade de Assunção — destruída — não merece dela maiores detalhes. Já não representa a civilização, ainda que sul-americana, meio fora de propósito, como seu antigo governante, mas a barbárie da guerra, provocada por razões de “grandeza sul-americana”.

Na volta de Cuiabá, Marion permaneceu sozinha em Assunção após o marido retornar a Buenos Aires. Ela ficou na casa dos Callados. O que demonstra que ela também era capaz de viajar ou permanecer por um tempo sozinha em meio ao “desconhecido”. E o nível do prestígio dos Mulhalls, mesmo em meio a cidades semidestruídas, era notável.

Também nessa segunda visita, ela se depara com o cenário desolado da cidade destruída:

O aspecto de Assunção era pesaroso ao extremo; casas abandonadas e ruas silenciosas, apenas animadas às vezes por umas poucas mulheres passando com cestas de mandioca ou garrafas de *caña* sobre as cabeças.⁶⁰

A civilização em meio a um mundo inculto e selvagem apresenta-se no relato de Marion Mulhall. Civilização representa tudo aquilo que foi construído e ordenado pelo homem branco ou sob sua orientação. Os primórdios da civilização — na América do Sul — teriam se constituído graças as missões jesuíticas do Paraguai, segundo seu entendimento. Não podemos esquecer que os Mulhalls eram católicos.

⁵⁹ Ibidem, p.175. No original: “They could not understand my desire to explore the far interior, and talked very much of the dangers and difficulties which I should have to face. They pressed me to remain with them and see Paraguay; but I was determined not to lose so favourable an opportunity of exploring a country where no European lady had ever been before.”

⁶⁰ Ibidem, p. 218. No original: “The aspect of Asunción was mournful in the extreme; deserted houses and silent streets, only enlivened at times by a few women passing, with baskets of mandioca or bottles of “caña” on their heads.”

Entretanto, em seu relato, de um modo geral, ela não se atém a religião. Seu mote é a exploração de novas terras e a consequente divulgação disso, com o estímulo para que viessem novos europeus (de língua inglesa, de preferência) para ordenar e organizar o novo continente, árido e carente de “civilização”. Para as três viajantes, nenhum país liderava a civilização como a Inglaterra.

Assim, no imenso território que conforma a América do Sul, há indícios da civilização nas cidades, como Buenos Aires, onde a busca por se assemelhar às cidades europeias é evidente. A imigração irlandesa tivera um papel de destaque na configuração da estrutura da cidade portenha. Muitos eram pequenos agricultores e outros, como no caso dos irmãos Mulhall, tinham como principal cabedal a educação recebida, que lhes permitia ter acesso a cenários mais auspiciosos.

Desse modo, o jornal da família, onde eram publicadas as “impressões” de viagens, servia de verdadeiro elemento propagador das “estratégias de deslocamento”. *The Standard* tinha como meta “ressaltar as vantagens oferecidas pelo país receptor (Argentina/Brasil) para atrair um número maior de imigrantes e criar uma comunidade com identidade transnacional”. Tal estratégia fazia parte do processo de formação de identidades culturais diaspóricas na América do Sul e constituía um contraponto à “estratégia de sobrevivência”, mantida pelo outro jornal irlandês publicado em Buenos Aires, que tinha como objetivo “construir uma comunidade diaspórica de identidade puramente irlandesa, com fortes laços de união com a Irlanda”.⁶¹

No relato de Marion, a civilização também se faz presente na natureza, nas estâncias cultivadas, cercadas, ordenadas, onde as plantas, árvores, flores entremeiam o nativo e o europeu, no que tem de melhor. Portanto, civilização é sinônimo de seleção. É justamente isso que o casal Mulhall procurou fazer

⁶¹ IZARRA, Laura. *Narrativas diaspóricas: Identidades em formação. Os irlandeses sob a “Cruz del Sur”*. Tese de livre docência – FFLCH-USP, São Paulo, 2006 (mimeo), p. 37 e 43.

em suas viagens: selecionar lugares, colônias, terras para futuros viajantes, exploradores e imigrantes. Destacavam aqueles que eram mais interessantes e indicavam outros que ofereciam riscos. De um modo ou de outro, a América do Sul era mostrada como um lugar no qual o homem branco não havia completado a posse. As portas estavam abertas para os “ingleses” interessados. Eles — ou elas — eram os que iriam à frente, numa atitude quase que missionária travestida de tino comercial, boas relações com as autoridades e intensa vida social (na medida de cada situação).

Como bem lembra Mac Laughlin, “a nação-estado irlandesa foi concebida como berço para a burguesia católica, e não como o paraíso para os “homens sem propriedade””.⁶² Nesse sentido, os relatos de Mulhall refletem o ideal de liberdade e de melhoria de status econômico e social, uma constante entre os irlandeses que se estabeleceram na América do Sul, ou que tencionavam fazê-lo. Por outro lado, com sua visão unionista, apresentam, aqui na América do Sul, a mesma dissensão existente entre os irlandeses na Europa. Ou seja, repete-se aqui a divisão entre os irlandeses a favor e contra a união com a Grã-Bretanha. Razão pela qual, a irlandesa Marion Mulhall procura sempre pontuar o local de onde escreve: uma leal representante do Império, “a primeira inglesa” a se aventurar por certas terras longínquas e inexploradas.

Desse modo, a autora procura pela ordem, pelo controle, talvez, numa inversão da posição ocorrida na Europa, onde o irlandês representava o outro, o reprimido, e o colonizador inglês, o detentor da ordem.⁶³ Aqui, os irlandeses unionistas são os representantes da ordem, por isso a síntese de civilização como felicidade e bem estar está no desenho e descrição de *El Negretti*, nos pampas argentinos. Uma fortaleza dominada por ingleses, segura das ameaças

⁶² LAUGHLIN, Mac apud IZARRA, Laura, op. cit., p. 31.

⁶³ IZARRA, Laura, op. cit., p. 21.

representadas pela natureza selvagem (deixada do lado de fora) e pelos nativos (índios e outros indivíduos que não “ingleses”).

Quando o casal Mulhall retornou à Irlanda, por volta de 1894, conforme já mencionei, havia levado a cabo seu intento de defender o papel da Inglaterra no mundo. Marion, mais do que as outras duas viajantes, cumpriu esse papel. Afinal, morou por mais de 25 anos na Argentina.

6. Imagens das sociedades sul-americanas

As três viajantes estiveram na América do Sul em processo de constituição do Estado nacional no Brasil e na Argentina. A opção brasileira como se sabe foi pela Monarquia constitucional. O Império conseguira dominar revoltas locais e manter o território do país. Na época, governava o país Dom Pedro II que em negociação com as elites políticas provinciais manteve a escravidão enquanto pode, forjando inclusive um pacto de tipo federativo no Brasil.¹

Já na Argentina, os Unitários, defensores das luzes, e com projeto com contornos liberais, a partir do ideário europeu, defendiam que a cidade de Buenos Aires deveria funcionar como um centro irradiador do país. Os Unitários eram contrários aos Federalistas, que propunham mais poder local, em regiões dominadas por caudilhos que controlavam determinada população. Unitários e Caudilhos disputaram o poder do país em renhidos conflitos. A disputa entre os dois grupos chegou a uma situação insustentável no início da década de 1850. Em 1852, colocaram-se de um lado, o Império brasileiro, liberais uruguaios e Federalistas, especialmente o da província de Entre Rios, Justo José Urquiza; e, de outro, os exércitos do caudilho de Juan Manuel de Rosas, da província de Buenos Aires, cujo governo dominou com mão de ferro a política do país. Rosas foi derrotado na conhecida batalha de Caseros, no mencionado ano, instituindo-se logo após a Confederação Argentina sob o governo de Justo José Urquiza. Após muitos embates, os Unitários assumiram o poder na Argentina, consolidando nesta década o Estado Nacional.² Domingo Faustino Sarmiento, um dos próceres dos Unitários, assumiu a

¹ DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial*. Origens do federalismo no Brasil. São Paulo: Globo, 2005.

² BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Editora Ática, 1996; LA FUENTE, Ariel de. “Gauchos”, “Motoneros” y “Motonerías”. In: GOLDMAN, Noemi; SALVATORE, Ricardo (org.). *Caudilhismos Rioplatenses*. Nuevas Miradas a un Viejo Problema. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

presidência do país em 1868, quando Marion Mulhall chegou ao lugar, ainda assim alguns caudilhos permaneciam a comandar regiões do interior e litoral até que os liberais viessem a dominar a Argentina.

Em 1864, Brasil, Argentina e Uruguai voltaram a se reunir para fazer frente a Solano Lopes, do Paraguai, no mais devastador conflito da América do Sul no século XIX. Ao fim da guerra, em 1870, o Paraguai derrotado, estava arrasado e desaparecia como ator de peso no Cone Sul.³

Foi em meio a esse período de disputas de forças na América do Sul que as nossas viajantes se puseram a relatar não só a natureza, as cidades, mas também as sociedades que viam, procurando traduzi-las, decifrá-las para o público europeu, em especial o inglês. Elas procuravam narrar o diferente, mas encaixando-o nas concepções conhecidas europeias de entender o mundo.

6.1 Marianne North: a favor da Monarquia e da escravidão brasileiras

6.1.1 O imperador dos trópicos: D. Pedro II

Marianne North manteve boas relações com o imperador brasileiro, D. Pedro II. Ela fez duas visitas ao Rio para entrevistar-se com o governante. A pintora tece vários comentários elogiosos ao monarca, tais como ele ser um homem que valia qualquer esforço para conhecer: um verdadeiro *gentleman*, muito bem informado. Esses elogios também se estenderam à imperatriz, “muito suave, de maneiras delicadas e gentis”. Ambos não se cansavam de falar sobre a viagem à Europa que haviam feito e apertavam a mão à inglesa, relata North.⁴

³ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁴ A autora refere-se à viagem que D. Pedro II fez à Europa em 1871.

Ele vive uma vida mais de um estudioso do que a vida comum a que os príncipes se condenam [...] e levou mais de uma hora examinando minhas pinturas e falando sobre elas, contando os nomes e as qualidades de diferentes plantas que eu mesma não conhecia.⁵

Na segunda visita ao palácio, o imperador lhe mostrou seu museu e falou sobre as propriedades do carvão mineral e os benefícios que poderia trazer para o Brasil. O palácio, segundo ela, não estava em boas condições, mas o imperador passava grande parte de seu tempo em Petrópolis.

A representação que a inglesa faz do imperador brasileiro é benévola e denota uma ideia de proximidade. Ela descreve o casal imperial como quem o conheceu na intimidade: “Ambos tinham cabelos prematuramente brancos, trazidos pelo problema da perda de sua filha e pela miserável guerra no Paraguai”.⁶

As palavras de North sobre o imperador demonstram sua aceitação tácita da monarquia brasileira, já que ela própria vivia sob igual regime na Inglaterra, e também a afinidade de seus pensamentos quanto ao desejo de conhecimento por parte de D. Pedro II.

Ela também se alinha à postura do imperador e da elite local, detentora de poder, no sentido de manter a escravidão. Embora a Grã-Bretanha fosse oficialmente contra tal atitude e fizesse frente ao tráfico negreiro, Marianne North, em nenhum momento se mostra a favor da libertação dos escravos. Em outras palavras, o seu diagnóstico sobre o estado dos negros concordou com a posição de D. Pedro II e das elites urbanas e regionais, que mantiveram a escravidão enquanto puderam, no Brasil. Negros mal educados, sem postura,

⁵ NORTH, Marianne. *Recollections of a Happy Life, Being the Autobiography of Marianne North*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 184. No original: “He lives more the life of a student than that to which ordinary princes condemn themselves. [...] and spent more than an hour examining my paintings and talking them over, telling me the names and qualities of different plants which I did not know myself.”

⁶ Ibidem, p. 184-185. No original: “They had both prematurely white hair, brought on by the trouble of losing their daughter and the miserable war in Paraguay.” A autora refere-se à morte da segunda filha dos imperadores — a princesa Leopoldina — nascida em 1847 e morta em Viena em fevereiro de 1871.

e sujos, não podiam ser cidadãos livres. Vivendo na mina de Morro Velho, North reforça sua posição contra a abolição da escravidão.⁷

6.1.2 Negros: presença incômoda, mas necessária

A visão de Marianne North sobre os negros abrange basicamente aqueles que viviam na mina — sob controle constante — e os que veio a observar em suas andanças pela região, nas propriedades onde se alojou. A impressão é sempre desfavorável:

[...] uma grande casa de fazenda onde multidões de negrinhos que, quando não brincavam no curral em volta das mulas, eram despachados para uma construção do outro lado, junto com os porcos e as galinhas, para que a casa-grande pudesse ficar livre deles.⁸

North trata a criança negra como uma espécie de animal doméstico, que se tira de cena, quando aparecem as visitas ilustres. Ela as inclui em meio a um segmento só: mulas, negrinhos, porcos e galinhas.

A representação do negro como semelhante a animais domésticos também aparece quando a inglesa diz que os escravos brasileiros eram tratados com condescendência e mimos. Ela procura afirmar que a ideia de sofrimento e privações por parte dos negros é completamente destituída de verdade. Apresenta-os como criaturas felizes:

⁷ Anos mais tarde — em 1881 — o imperador e sua esposa visitaram a Mina de Morro Velho, onde Marianne ficou hospedada durante boa parte de sua permanência no Brasil, o que demonstra a importância da mina inglesa para o país.

⁸ NORTH, Marianne, op. cit., p. 165. No original: “[...] a big farmhouse where crowds of little black children were playing round the mules in the yard, or packed away in a building on the other side of it, together with the pigs and the poultry, so that the living-house was clear of them.”

É um erro supor que os escravos não são bem tratados, em todos os lugares os vejo sendo mimados como mimamos animais de estimação e, em geral, estão sempre sorrindo e cantando.⁹

Aqui a autora relaciona diretamente as crianças negras aos animais de estimação. Mais: ela considera que tratá-los como animais de estimação é tratá-los bem. A mulher que admirava a natureza do Brasil que desceu no porto do Recife e do Rio de Janeiro, demonstrando decisão em revelar as cores e a luz do país, agora mostra a sua face aristocrática, impiedosa, desumana para com os outros.

Em seu relato, North avalia que, ainda que houvessem sido aprovadas leis para a emancipação futura dos escravos, o processo de libertação seria muito gradual, devendo levar, ainda, cerca de vinte anos.

Teria sido melhor, talvez, se os nossos antigos legisladores não tivessem sido tão apressados e tão arrebatados pela ideia absurda de “em cada homem, um irmão”.¹⁰

Marianne North não tem pudor algum ao escrever que a ideia de igualdade é completamente fora de propósito. Na verdade, ela pouco convivera com os negros em suas outras viagens pela América. Como já dito, ela iniciou sua jornada pelo Novo Continente, em 1870, quando esteve nos Estados Unidos. Lá, no entanto, permaneceu rodeada de seus compatriotas, sobretudo em sua estada em Boston, cidade europeizada e onde vigorava o “estilo inglês”. Posteriormente, esteve na Jamaica, onde a escravidão havia sido abolida oficialmente em 1838. Contudo, isso não fez com que visse os negros como iguais.

⁹ Ibidem, p. 121. No original: “It is a mistake to suppose that slaves are not well treated; everywhere I have seen them petted as we pet animals, and they usually went about grinning and singing.”

¹⁰ Ibidem, p. 120. No original: “It would have been better perhaps if our former law-makers had not been in such a hurry, and so much led away by the absurd idea of “a man had a brother”.”

A inglesa reafirma sua posição escravocrata, dirigindo-se às suas compatriotas, que se posicionavam a favor da abolição:

Gostaria que algumas das boas donas de casa na Inglaterra que acreditam nesse dogma o experimentassem tendo essas queridas criaturas como os seus únicos empregados.¹¹

Nem para empregados os negros prestavam. Eles não tinham modos e não sabiam servir. Ela se refere aos escravos como “criaturas”: orgulhosas, preguiçosas, ardilosas e incapazes de fazerem um trabalho bem feito. Exemplo disso é a trabalhadeira que tinha a simpática Mrs. G., esposa do responsável pela mina de Morro Velho, sempre atrás de seus “pretos preguiçosos” que, assim que escapavam de suas vistas, paravam para descansar:

[...] ficavam o dia inteiro folgando, usando as pausas dos sucessivos descansos para acender um fogo e cozinhar, para eles mesmos, vários tipos de saborosas cocções numa panela de ferro, e levavam o maior tempo possível para comer, tarefa tão exaustiva que precisavam, em seguida, repousar de novo.¹²

A viajante admite ser uma posição ímpar viver em uma “colônia inglesa” — Morro Velho. “Era uma sensação esquisita viver numa colônia inglesa que possuía escravos; mas esta companhia existia antes das leis sobre escravidão [...]”¹³

Ela continua sua defesa a favor da situação de Morro Velho:

Até onde pude ver, as pessoas pareciam tão contentes quanto os negros livres na Jamaica, e, graças às novas leis brasileiras elas

¹¹ Ibidem, p. 120. No original: “*I should like some of the good housewives at home who believe in this dogma to try the dear creatures as their only servants.*”

¹² Ibidem, p. 146. No original: “*[...] black people did as little as possible from sunrise to sunset, at certain very frequent intervals leaving off to light a fire and cook for themselves various sorts of savoury decoctions in an iron pot, taking as long as possible to eat it, after which exertion of course they required rest.*”

¹³ Ibidem, p. 147. No original: “*It was an odd sensation living in an English colony which possessed slaves; but this company existed before the slave-laws [...].*”

tinham a felicidade de poder comprar, se conseguissem economizar dinheiro suficiente, sua alforria por um preço fixo.¹⁴

Em Morro Velho, os negros eram postos em revista, em frente à casa, em domingos alternados. Vestiam uma espécie de uniforme: as mulheres de avental vermelho e vestido branco, com fitas vermelhas por boa conduta; os homens, de boné vermelho, paletó azul e calça branca, com medalhas de boa conduta e “um sorriso geral tomava conta do rosto deles quando Mr. G e seus funcionários passavam”.¹⁵

Observe-se que as cores usadas são as da bandeira da Grã-Bretanha: branco, azul e vermelho. Portanto, os negros eram devidamente enquadrados e colocados em seu papel de subserviência em relação ao Império britânico. Mr. G., o superintendente da mina, aparece representado como o comandante máximo do lugar. Desse modo, tratava-se de uma hierarquia, em cuja escala os negros ocupavam o piso inferior, mas, devidamente incluídos nos rituais de ordem e disciplina. No entender de North, parecendo satisfeitos por pertencerem a esse grupo.

Mr. G. distribuía moedas, durante a revista, por acreditar que recompensas eram mais eficazes que castigos. Note-se que North procura engrandecer o inglês no Brasil, dotando-o de sabedoria e benemerência. Tais moedas, contudo, só eram aceitas dentro da loja da Companhia, o que servia para evitar que os negros se entregassem ao seu vício favorito: a bebida.

Ela se diz incapaz de perceber qualquer descontentamento, ou mesmo tristeza nos semblantes desses “pobres escravos”. Acredita que não são capazes de ter qualquer ambição, nem de pensarem no amanhã. Portanto, basta suprir suas necessidades básicas de alimento, vestimenta e algum

¹⁴ Ibidem, p. 147. No original: “As far as I could see, the people looked quite as contented as the free negroes did in Jamaica, and, thanks to the new Brazilian regulations, they have the happiness of being allowed to buy themselves at a fixed price, if they can save sufficient money.”

¹⁵ Ibidem, p. 148. No original: “[...] a general grin passed over the faces as Mr. G. and his officers passed by.”

trabalho para que sejam felizes. Com apenas sete anos de boa conduta, em Morro Velho, eles podiam conseguir a liberdade!

Apesar de todos esses comentários apresentando e justificando a existência de escravos na Mina de Morro Velho, a inglesa não consegue ocultar a maneira como os negros eram tratados, ao revelar o lugar onde viviam:

Havia duas construções amontoadas que pareciam fortalezas nos morros em frente à minha janela, era lá que essas pobres criaturas viviam e eram trancafiadas todas as noites.¹⁶

Suas palavras, de certa maneira justificando a existência de escravos em Morro Velho, assumem o lado dúbio do Império Britânico. Por um lado, a recriminação internacional do tráfico de escravos; de outro, a aceitação e a cooperação com o “status quo” escravagista, devido à necessidade de mão-de-obra no local das minas. Ou seja, tudo que fosse em prol do interesse britânico.

6.1.3 Os atrasados brasileiros

North tem uma ideia dos brasileiros como subalternos, sempre querendo saber dos gostos e costumes dos europeus:

Os brasileiros tem pouca curiosidade sobre as coisas de seu país, contudo, sentem uma vontade imensa de saber por que é que nós queríamos ver as grutas de Corvelho.¹⁷

¹⁶ Ibidem, p. 149. No original: “There were two fortress-looking piles of building on the hills apposite my window, where these poor creatures lived and were shut in every night.”

¹⁷ Ibidem, p. 172. No original: “The Brazilians have little curiosity about things in their country, though these people had plenty about the reason of our wanting to see the caves of Corvelho.”

A representação que a inglesa faz dos brasileiros é, em geral de seres inferiores, preguiçosos. Ela demonstra uma identidade de superioridade britânica, em contraponto à lassidão e preguiça dos habitantes dos trópicos (ela não menciona quem seriam esses preguiçosos, mas, com certeza são pessoas brancas, de origem europeia, ou mestiças, principalmente portuguesa).

A sociedade local é criticada por seu caráter retrógrado, sua indolência e, sobretudo por sua ineficácia em aproveitar os recursos de que dispõe. Em suas andanças, ela se hospedou em várias casas. A curiosidade dos brasileiros se faz presente na descrição da inglesa. Ela aparece quando North trata de uma partida de *whist* jogada pelos viajantes:

Nossa anfitriã e seu marido, juntamente com toda a família, testemunhavam a nova diversão à distância [...] Estava muito frio, e vestimos todos os agasalhos que tínhamos, inclusive nossos próprios cobertores, que levávamos conosco. Devemos ter formado um grupo de esquisitices humanas e o nativos pensaram, sem dúvida, que estávamos vestindo os trajes nacionais de nosso país.¹⁸

De outra feita, North foi a uma grande casa de fazenda, cujos donos teriam uma fortuna feita nas feiras de tropeiros. Ela caçoa da família que a recebeu, chegando a usar ironia inclusive quanto ao jantar, gorduroso, embora degustável.

Um leitão assado inteiro, consideravelmente acima do tamanho costumeiro, era uma iguaria das mais finas para uma exibição de aspecto bárbaro.¹⁹

¹⁸ Ibidem, p. 174. No original: “Our host and hostess and all their family witnessed the novel entertainment at a distance [...] It was very cold, and we put on all the wraps we possessed, including our own particular blankets, which we carried with us. We must have formed rather a strange collection of human oddities, and no doubt the natives thought we wore the national costumes of our country.”

¹⁹ Ibidem, p. 176. No original: “A small pig cooked whole, and considerably over the usual size for making such a barbarous exhibition of itself, was among the dainties.”

O olhar vitoriano se faz eloquente nesta passagem do relato de North. Trata-se de bárbaros a servir civilizados. Os nativos são analisados negativamente por não terem hábitos compatíveis com os europeus.²⁰ “Maus hábitos” que podem deixá-la estupefata, quando adentra a sala de estar de outra família nativa:

[...] uma espécie de copa cheia de lixo e negrinhos, com a porta se abrindo para um curral imundo, onde porcos e galos e galinhas se exibiam diante do umbral. Foi por essa entrada que nós e os outros convidados chegamos, e ali apeamos de nossos cavalos e mulas.²¹

Observe-se aqui que a estrangeira vê com repugnância os hábitos de pouca higiene representados pela família que a acolhe. Ela continua seu relato: aos poucos chegaram os convidados, que foram se sentando em volta de uma enorme mesa de chá, no aposento que era meio copa, meio passagem. Essa descrição culmina quando a autora diz que a dona da casa insistiu para que se sentasse à cabeceira da mesa, “por ser a estrangeira mais importante”.

Esse episódio mostra os brasileiros (especialmente os do interior das províncias) como seres que gravitam embevecidos à volta da figura da visitante estrangeira. Desapercebidos do fato de estarem sendo analisados e duramente reprovados, sob o seu olhar.

Mais adiante, ela e seus amigos chegam à fazenda do Comendador O., onde são recebidos pelos latidos de uns vinte cachorros vira-latas. “Seus donos combinavam bem com eles: fomos recebidos por um grupo miserável de seres humanos”, descreve a inglesa!²² Ela compara os donos da fazenda

²⁰ GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

²¹ NORTH, Marianne, op. cit., p. 162. No original: “[...] a sort of back-kitchen full of litter and black children, with its door opening to the dirty stable-yard; pigs and cocks and hens strutting around the doorstep. By this entrance we and the other guests had arrived, and here we dismounted from our horses and mules.”

²² Ibidem, p. 168. No original: “Their owners matched them well, and a most miserable collection of beings received us.”

com vira-latas. “Nunca vi uma família tão suja ter pretensões a sangue nobre; o próprio Comendador nunca se lavava, nem se barbeava”.²³

North não só se surpreende com a falta de higiene dos brasileiros, mas também mostra indignação frente às pretensas intenções dessas famílias bem postas a qualquer nobiliarquia.

6.2 Florence Dixie e os habitantes do sul do mundo

6.2.1 Negros: alegres e fortes

Da mesma maneira que Marianne North, Florence Dixie menciona os negros como sendo alegres, ainda que tenha pouco convivido com eles. Como dito, o interesse da escocesa era a Patagônia.

Havia muito movimento em todas as partes, e as ruas repletas de escravos negros, homens e mulheres, levando pesadas cargas de carne salgada, sacos de arroz, e outras mercadorias [...] Todos pareciam muito contentes a julgar por suas incessantes risadas e tagarelices, e não pareciam sobrecarregados, porque quase todos eram bem robustos, sendo, especialmente, as mulheres, muito gordas.²⁴

A autora naturaliza a situação dos negros, representando-os como alegremente satisfeitos, bem alimentados, fazendo o pesado trabalho braçal com quase nenhum esforço, falando sem parar. Ela os coloca como fazendo

²³ Ibidem, p. 169. No original: “I never saw any family pretending to gentle blood so dirty; the Commendador himself was absolutely unwashed and unshaved.”

²⁴ DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. London: Richard Bentley and Son, 1880, p. 13. No original: “There was a great deal of movement going on everywhere, and the streets swarmed with black slaves, male and female, carrying heavy loads of salt meat, sacks of rice, and other merchandise [...] They all seemed to be very happy, to judge by their incessant chatter and laughter and not overworked either. I should think, for they were most of them plump enough, the women especially being many of them almost inconveniently fat.”

parte da peculiaridade dos trópicos, sobre a qual não está muito interessada. A impressão que se tem é que ela “dá um passar de olhos”, não querendo se estender demais no assunto, já que falar sobre escravidão demandaria uma análise bem mais profunda. Assim, os muitos escravos que avistou pelas ruas brasileiras são relatados quase como se fossem uma espécie de animal: engordado, domesticado e sem conhecimento de sua real situação de escravidão. O olhar e o comentário de Dixie são superficiais; ela representa os negros sul-americanos sob o aspecto utilitário apenas. Não lhe interessava tocar nesse tema nevrálgico da sociedade brasileira.

Quanto aos brasileiros brancos e mestiços, ela também pouco conviveu com eles, a não ser por sua passagem pelo Rio de Janeiro e Pernambuco. Considerou-os, entretanto, extravagantes, sem educação e carentes de boas maneiras.

6.2.2 Os índios patagônicos

Naturalmente, foram os índios os seres humanos com quem Dixie manteve mais contato, durante a expedição à Patagônia. Sua postura diante deles é de interesse e curiosidade.²⁵

Em sua primeira descrição de “um verdadeiro índio patagônico”, Florence Dixie parece estar se referindo ao encontro com um animal selvagem, não um ser humano:

²⁵ Vários grupos indígenas viviam na Patagônia, quando Dixie e seus companheiros estiveram por lá. A noroeste da Patagônia ficavam os Mapuche; na área entre o rio Limay (norte da Patagônia) e do Santa Cruz do Rio (sul da Patagônia) viviam os Tehuelche do Norte. Na Terra do Fogo, viviam os Sul Tehuelche ou Aomi-Kenk; os Selk’nam habitavam o centro da Ilha Grande e os Yamana e o Alakaluf ou Kaweskar viviam no extremo leste da Terra do Fogo, hoje território chileno. Cf.: PEÑALOZA, Fernanda. A Sublime Journey to the Barren Plains: Lady Florence Dixie’s Across Patagonia (1880). *Limina: A Journal of Historical and Cultural Studies, Arts, Humanities and Social Sciences*, (University of Wertern Australia), n. 10, 2004, p. 16. A esse respeito ver também: BRIONES, Claudia; LANATA, José Luís (eds.). *Perspectivas arqueológicas e antropológicas sobre Povos nativos do Pampa, Patagônia e Tierra del Fuego para o século XIX*. Westport: Bergin & Garvey, 2002.

Quaisquer que fossem seus pensamentos a nosso respeito, nós o achamos bem pouco atraente, e pelo bem de sua raça esperamos que fosse um espécime pouco agraciado.²⁶

As três mulheres foram irônicas aqui e ali ao tratar dos brasileiros, dos argentinos, dos paraguaios, dos índios. Aqui Dixie deixa claro que se houvesse homens mais feios do que o que via, a “raça”, em geral, era provavelmente hedionda. Ela indica que o rosto escuro do índio, cujo principal atrativo eram os penetrantes olhos negros,

[...] estava semioculto por uma massa emaranhada de cabelos desalinhados, presos por um pano amarrado na fronte. Seu corpo fornido estava envolto por uma grossa capa de guanaco, obviamente o pior para usar. Seus pés estavam descalços, mas em um de seus calcanhares tinha uma pequena espora de madeira, curiosa e engenhosamente feita a mão.²⁷

Para completar a ideia de que se tratava de um ser selvagem, ela prossegue dizendo que o índio trocou alguns “grunhidos guturais” com o guia. E, então, ela encontra algo a admirar naquele espécime: o seu porte ao galopar:

[...] contentes de encontrar, finalmente, alguma virtude pudemos admirar a graça com que montava seu bem criado cavallinho, o qual, ainda que consideravelmente abaixo do peso, prestava sem dúvida um bom serviço a seu amo.²⁸

²⁶ DIXIE, Florence, op. cit., p. 63. No original: “Whatever he may have thought of us, we thought him a singularly unprepossessing object, and for the sake of his race, we hopped an unfavourable specimen of it.”

²⁷ Ibidem, p. 63. No original: “His dirty brown face, of which the principal feature was a pair of sharp black eyes, was half-hidden by tangled masses of unkempt hair, held together by a handkerchief tied over his forehead, and his burly body was enveloped in a greasy guanaco-cap, considerably the worse of wear. His feet were bare, but one of his heels was armed with a little wooden spur, of curious and ingenious handiwork.”

²⁸ Ibidem, p. 64. No original: “[...] glad to find some virtue in him, we were able to admire the easy grace with which he sat his well-bred looking little horse, which, though considerably below his weight, was doubtless able to do its master good service.”

O estranhamento é constante no contato com os indígenas. Florence e o marido foram caçar guanacos e encontraram um índio que percebeu a dificuldade deles em destroçar o animal. Sem titubear, ele desceu do cavalo e com seu próprio facão deu uns poucos e certos cortes e resolveu logo o problema. Em seguida fez algo que os horrorizou: “Recompensou-se pelo trabalho tirando os rins e o coração, comendo-os crus e sanguinolentos na hora!”.²⁹ O casal nobre se sente mal com a atitude “primitiva”, bárbara do índio.

No acampamento dos Tehuelches, no entanto, a “convivência” com os índios se mostra mais amena. Dixie os elige para enaltecer as qualidades indígenas, mas também para evidenciar suas fragilidades:

Havia ao redor uma dezena de grandes tendas de couro, à frente das quais observava nossa chegada, com indolente curiosidade, uma multidão de homens e mulheres. Um grande número de crianças se entretinha no arroio que tivemos de contornar para chegar às tendas. Dois índios, mais curiosos que os demais, se aproximaram para nos receber, montando ambos o mesmo cavalo, e nos saudaram com muitas risadas e palavras inteligíveis.³⁰

Ela narra a curiosidade dos índios sobre as botas que usava:

No começo estavam contentes em observá-las (as botas) a partir de certa distância, mas logo um menino foi enviado pelos maiores para avançar e inspecioná-las de perto. Começou a fazer isso até com muita cautela, e quando estava suficientemente próximo, esticou sua mão e tocou suavemente as botas com a ponta dos dedos.³¹

²⁹ Ibidem, p. 215. No original: “*He rewarded himself for his labours by cutting out the kidneys and the heart, and eating them raw and bloody, there and then!*.”

³⁰ Ibidem, p. 64. No original: “*There were about a dozen big hide tents, in front of which stood crowds of men and women, watching our approach with lazy curiosity. Numbers of little children were disporting themselves in the stream, which we had to ford in order to get to the tents. Two Indians, more inquisitive than their brethren, came out to meet us, both mounted on the same horse, and saluted us with much grinning and jabbering.*”

³¹ Ibidem, p. 65. No original: “*At first they were content to observe them from a distance, but presently a little boy was delegated by the elders, to advance and given them a closer inspection. This he proceeded to*

A façanha descrita foi celebrada, entre os índios, com gargalhadas e exclamações. Encorajados pelo feito do indiozinho, outros se aventuraram a seguir seu exemplo, arremata Florence:

[...] algumas almas empreendedoras ampliaram sua investigação até a textura de meu casaco, e um deles chegou até a tomar minha mão na dele, enquanto examinava com atenção o pequeno bracelete que eu usava.³²

Interessante é o fato de que, enquanto eles examinavam seus pertences, ela passava em “revista” a aparência dos jovens. Era uma troca de impressões: do visitado para o visitador e vice-versa. O olhar imperial não permitiu a Dixie constatar que ela era também objeto de escrutínio.

Figura 31 – Acampamento indígena³³

do, coming towards me with great caution, and when near enough, he stretched out his hand and touched the boots gently with the tips of his fingers.”

³² Ibidem, p. 65. No original: “[...] some enterprising spirits extending their researches to the texture of my ulster, and one even going so far as to take my hand in his, whilst subjecting a little bracelet I wore to a profound and exhaustive scrutiny.”

³³ Ilustração de Julius Beerbohm publicada no livro de DIXIE, Florence, op. cit., p. 65.

A ideia de raça pura aparece no excerto abaixo, em que Dixie fala com admiração sobre as feições dos Tehuelches:

As características dos Tehuelches puros são extremamente regulares, e em nenhum caso desagradáveis à vista. O nariz é geralmente aquilino, a boca bem formada e formosa pela brancura dos dentes, a expressão dos olhos é inteligente, e a forma da cabeça proporciona um índice favorável a suas capacidades mentais.³⁴

O relato da escocesa deixa patente que ela, realmente, era leitora das questões de sua época. Portanto, sua viagem, suas observações e seu relato de viagem eram embasados em leituras dos que a haviam precedido e do que seria possível encontrar, inclusive em termos das questões raciais que eram discutidas no período e que colocavam os anglo-saxões como no topo da pirâmide que ia dos seres mais primitivos ao mais civilizado.³⁵

Essa deferência que ela dispensa aos Tehuelches, como inteligentes, restringe-se, porém, só a esse grupo indígena. Ela logo se preocupa em não deixar dúvidas a respeito:

Estas observações não incluem aqueles Tehuelches em cujas veias haja uma mescla de sangue araucano ou fueguino. Os narizes achatados, olhos oblíquos, e as figuras desproporcionais destes últimos os fazem ser tipos repulsivos, e são tão diferentes em todo sentido de um Tehuelche puro, como o é uma “Roda da Fortuna” de um carrinho comum.³⁶

³⁴ DIXIE, Florence, op. cit., p. 66. No original: “The features of the pure-bred Tehuelche are extremely regular, and by no means unpleasant to look at. The nose is generally aquiline, the mouth well shaped and beautified by the whitest of teeth, the expression of the eye is intelligent, and the form of the whole head affords a favourable index to their mental capabilities.”

³⁵ Cf. STOCKING, George. *Victorian anthropology*. Nova York: The Free Press, 1987.

³⁶ DIXIE, Florence, op. cit., p. 66. No original: “These remarks do not apply to the Tehuelches in whose veins there is a mixture of Araucanian or Fuegian blood. The flat noses, oblique eyes, and badly proportioned figures of the latter make them most repulsive objects, and they are as different from a pure-bred Tehuelche in every respect as “Wheel-of-Fortune” from an ordinary carthorse.”

Note-se que aqui a autora demonstra o ideal de raça pura, sem misturas. Ela se mostra, assim, contra a mestiçagem.

Ela ressalta a característica mais notável dos Tehuelches: o bom humor! Sobretudo se comparado a quase todas as raças aborígenes, que “se inclinam ao silêncio e a tétrica gravidade”.³⁷

Aqui fica evidente que a autora toma essa tribo indígena como referência, em detrimento dos demais silvícolas, que, obviamente, ela não teve a oportunidade de observar. Interessante notar que ela tece longos comentários justamente a uma espécie que ela própria comenta que são apenas cerca de 80 almas, à época. É provável também que Dixie tenha em mente que, em contato com a civilização, alguns grupos indígenas inevitavelmente desapareceriam, diagnóstico comum na época tanto entre cientistas como entre o público culto.

Dixie procura evidenciar o aspecto infantil e ingênuo dos Tehuelches, quando sua expedição esteve no acampamento do grupo. Diz ela que os índios ficaram muito interessados no rifle, que pertencia a seu irmão. Eles ficaram fascinados quando foi dado um disparo e não descansaram até poderem examinar a arma. Por sua vez, ela ofereceu-lhes açúcar, que passou a distribuir entre as crianças, a princípio. Porém:

Todos se apinharam ao me redor — homens e mulheres — atropelando-se e empurrando-se em sua impaciência para obter algo da saborosa guloseima.³⁸

Parecem todos (homens, mulheres e crianças) igualmente encantados com as novidades apresentadas. Dixie teve de conter a euforia, porque senão ficaria sem “mercadoria” para barganhar pela carne que desejavam e esperavam que os índios tivessem. Barganha que, segundo ela, parece ser uma

³⁷ Ibidem, p. 69. No original: “[...] incline to silence and saturnine gravity.”

³⁸ Ibidem, p. 70. No original: “Everybody pressed round me — men and women; huntling and pushing in their eagerness to get some of the coveted dainty.”

constante no contato com o homem branco. E que, nem sempre, ou quase nunca, se mostra vantajosa para o índio.

Ela conta que os Tehuelches estavam por fazer a sua visita anual a Punta Arenas a fim de obterem mercadorias tais como açúcar, tabaco, que o governo chileno lhes outorgava, bem como para fazerem trocas com os habitantes do lugar de peles e plumas de avestruz por “luxos da civilização”. Essa troca, no entanto, tinha aspectos desfavoráveis para os índios, alerta Dixie:

Nestas transações geralmente são prejudicados pelo astuto homem branco, posto que durante sua estadia fora da colônia raramente estão sóbrios.³⁹

Ela lamenta que as qualidades da “raça” estivessem desaparecendo rapidamente, sob a influência da “aguardente”, que estava levando os índios à perdição: “[...] temo que não serão mais que um grupo de ladrões sujos reduzidos à miséria”.⁴⁰ — escreve a autora.

Certa ocasião, dois índios irromperam no acampamento de Dixie, agindo de maneira grosseira e sem cerimônia alguma. Eles se sentaram acintosamente em frente ao fogo, encarando a escocesa e seus companheiros de viagem com ares de impassibilidade. Cinco minutos mais tarde, apareceu mais um grupo de índios e depois, mais outro. Logo, os estrangeiros estavam circundados por uma multidão de “hóspedes indesejados”. Um deles, que falava espanhol, pediu café para Florence, que o negou, o que pareceu divertilo. Diante da situação de estranhamento, ocorreu, então, aos participantes da expedição que os selvagens podiam ser subornados com *whisky*, a fim de que fossem embora, o que, de fato, aconteceu.

³⁹ Ibidem, p. 73. No original: “[...] at which transactions, as they are seldom sober during their stay outside the colony, they generally get worsted by the cunning white man.”

⁴⁰ Ibidem, p. 69. No original: “[...] it is be feared, they will become nothing more than a pack of impoverished, dirty, thieving ragamuffins.”

Para nosso alívio eles aceitaram a oferta e tivemos a satisfação de vê-los ir cavalgando displicentemente. Para fazer-lhes justiça devo dizer que contrário a nossos temores, não roubaram nenhum pertence nosso, ainda que possivelmente a vigilância estrita que mantivemos sobre isso pode ter colaborado com essa mostra de honestidade não muito usual.⁴¹

A visão da escocesa sobre o índio patagônico é de fragilidade de caráter, podendo ser facilmente influenciado e manipulado, dependendo das circunstâncias.

6.3 Marion Mulhall na Argentina

6.3.1 Buenos Aires: a elite hospitaleira

Defensora da civilização, dos negócios e da urbanidade, Marion Mulhall apresenta a sociedade de Buenos Aires como sendo cosmopolita e com muitas oportunidades:

A sociedade é, certamente, muito cosmopolita num lugar onde os jornais matutinos são escritos em cinco línguas diferentes; mas os alemães e os ingleses constituem a classe principal de estrangeiros, sendo que o comércio está na sua maioria em suas mãos, enquanto os negociantes são franceses, italianos e bascos. Os últimos são tão versáteis que há um provérbio “você encontrará um basco em qualquer lugar, menos numa prisão”. Muitos dos nativos “estancieiros” ou proprietários de terras, são muito ricos e competem uns com os outros em oferecer entretenimentos.⁴²

⁴¹ Ibidem, p. 83-84. No original: “To our relief they accepted this offer, and we presently had the satisfaction of seeing them ride leisurely away. To do them justice, I must say that, contrary to our fears, they did not steal any of our effects, though possibly the strict watch we kept over them may have had something to do with this unusual display of honesty.”

⁴² MULHALL, Mrs. M. G.. *Between the Amazon and Andes or Ten years of a lady's travels in the Pampas, Gran Chaco, Paraguay, and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1881, p. 4. No original: “Society is, of course, very cosmopolitan in a place where the morning papers are in five different languages; but the

Como estrangeiros e, portanto, pretendendo ficar alheios às rivalidades políticas do lugar, o casal Mulhall procura se mostrar como mantendo boas relações com a elite local. Desse modo, a irlandesa evidencia que o estrangeiro é bem recebido na capital portenha, sobretudo, devido à gentileza das famílias crioulas, vindas da alta estirpe dos colonizadores espanhóis:

Os estrangeiros normalmente exaltam Buenos Aires como um lugar de grande hospitalidade, e tem sido sempre assim devido à natural gentileza das famílias Crioulas, muitas descendentes de um bravo cavaleiro que lutou contra os Mouros em Granada, e que preservam uma estirpe de elegância e bom gosto que remonta ao “sangue azul” dos primeiros colonizadores espanhóis.⁴³

A católica Marion Mulhall fez o possível para atribuir um valor “nobre” aos descendentes do bravo “cavaleiro cristão” que lutou contra os infiéis. Assim, os europeus de boa posição se acomodam bem junto aos nativos, detentores de posses e posição social:⁴⁴

Diplomatas e oficiais da Marinha não apenas se misturam livremente com a melhor sociedade nativa, mas frequentemente retribuem a hospitalidade dos Portenhos.⁴⁵

Germans and English are the principal classes of foreigners, commerce being mostly in their hands, while the tradespeople are French, Italians, and Basques. The last-mentioned are so versatile that is a proverb “you will find a Basque everywhere, except in prison”. Many of the native “estancieros”, or landed proprietors, are enormously wealthy, and vie with each other in giving brilliant entertainment.”

⁴³ Ibidem, p. 8. No original: “It is usually remarked by strangers that Buenos Ayres is a place of great hospitality, and it has always been so, arising from the kindly nature of the old Creole families, descendants of many a brave cavalier that broke a lance with the Moors before Grenada, and preserving a strain of elegance and taste that tells of the “sangre azul” of the first Spanish settlers.”

⁴⁴ Depois da independência, em 1825, a Argentina dividiu-se politicamente entre unitários (que propunham um governo centralizado) e federalistas (que desejavam a autonomia das províncias). As divergências entre eles foi bastante acirrada e impediu a organização de um Estado nacional centralizado até 1862, quando Bartolomeu Mitre assumiu a presidência nacional. Na Argentina, essa década de 1860 foi um tempo de submissão ao caudilhismo localista e eleição de interesses econômicos, como os da agropecuária, como sendo de âmbito nacional. Os segmentos dessas classes proprietárias se apossaram do Estado para por em prática o seu projeto social. A Argentina da prosperidade era aquela dos pampas úmidos de Buenos Aires e do litoral cerealista. Cf. PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Lígia. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 46; PRADO, Maria Lígia. *A formação das nações latino-americanas*. 14ª edição. São Paulo: Atual, 1996, p. 47.

⁴⁵ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 8. No original: “Diplomatists and naval officers not only mix freely in the best native society, but often reciprocate the hospitality of the Porteños.”

6.3.2 A falta de segurança na Argentina

Esse ambiente idílico, representado por Mulhall, no entanto, tem o seu contraponto, também relatado por ela, na falta de segurança que cerca os habitantes da cidade. As causas são muitas, mas a irlandesa prioriza os embates políticos como âmago da questão. Sem se deter em mencionar partidos, ou personagens políticos, ela procura mostrar em seu relato que a insegurança que cerca as pessoas provém da volatilidade das instituições políticas e do frequente vai e vem do poder, que provoca uma instabilidade geral, na sociedade sul-americana. Marion Mulhall afirma, em vários trechos de seu relato, que a instabilidade política era o que proporcionava a insegurança que grassava na Argentina. Naturalmente, ela menciona mais amiúde, e com maior riqueza de detalhes, o que ocorria em Buenos Aires, cidade em que se estabelecera.

No relato de Marion Mulhall, portanto, esse tema não se apresenta restrito à cidade, mas também abrange o campo. Exemplo disso foi o assassinato de Justo José Urquiza, caudilho da província de Entre Rios e presidente da Confederação Argentina, entre 1854 e 1860, no palácio onde recebera o casal de irlandeses. A fragilidade das instituições, os diversos interesses regionais e políticos, portanto, se constituem, no entender de Mulhall, como o principal empecilho para que a América do Sul caminhe a passos largos para a civilização. Talvez aí se encontre o papel fundamental, ensejado por seu relato e reiterado em cada detalhe, que deve ser representado pelo imigrante “inglês”, capaz de levar racionalidade, ordem, disciplina e trabalho para essa região ainda inculta.

Os seres humanos que atrasavam essa caminhada rumo à civilização, sinônimo, dentre outros, de insegurança para a sociedade, surgem ao longo de seu relato. São, sobretudo, os “nativos” da terra: os índios, ou os mestiços,

como eram denominados os *gauchos*. Os primeiros mantidos à distância de Buenos Aires, mas, encontrados no campo.

Sob o meu ponto de vista, Marion Mulhall reproduz a famosa dicotomia argentina “civilização e barbárie”. Ainda que a autora evitasse tomar partido nos seus relatos de viagem, é possível perceber que se posicionava ao lado dos Unitários e contra os Federalistas. Ela tinha como base o livro *Facundo ou civilização e barbárie*, de autoria do argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), publicado em 1845, que obteve grande êxito, sendo traduzido para o francês e o inglês. O texto é uma biografia de Facundo Quiroga, caudilho de La Rioja, que morreu assassinado em 1835. Sarmiento foi governador da província de San Juan entre 1862 e 1864 e presidente da Argentina entre 1868 e 1874⁴⁶. Isso quer dizer que a irlandesa tinha fortemente referências europeias, as quais direcionaram o olhar para América do Sul de um determinado modo, mas ela também adotara referências produzidas na Argentina, as quais corroboravam o que já pensava sobre a Europa e sobre o continente sul-americano.

É de grande relevância que Marion Mulhall mencione trechos da análise de Sarmiento sobre o povo argentino, especialmente porque esse autor

[...] inaugurava neste livro uma matriz interpretativa que estabelecia a oposição entre o campo — lugar da barbárie, território livre dos Federalistas — e cidade — lugar da civilização, da cultura, do progresso e da riqueza. As oposições eram não só políticas, entre federalistas e unitários, mas também culturais, entre mundo letrado e tradição oral.⁴⁷

É muito importante enfatizar que Mulhall incorpora a análise de Sarmiento sobre a sociedade argentina, porém, a seu ver, não se trata apenas

⁴⁶ SARMIENTO, Domingo. *Facundo. Civilização e barbárie*. São Paulo: Vozes, 1997.

⁴⁷ PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Lígia, op. cit., p. 91.

da divisão “civilização e barbárie”, mas também das consequências da disputa entre aqueles que queriam deter o poder.

A sociedade argentina, com a qual conviveu por muito tempo, divide-se no parecer de Marion Mulhall em: a portenha — cosmopolita (europeus e crioulos); a dos pampas (*gauchos* e estancieiros), e os índios à margem da sociedade. Uma perfeita caracterização dos conflitos sociais vividos pelos argentinos à época.

Esse ponto de vista fica mais evidente quando ela relata a seus leitores que Buenos Aires seria um lugar muito agradável para se viver, não fosse o problema, que nenhum Presidente ou Governador foi capaz de resolver: a insegurança a respeito da vida e da propriedade, à qual as pessoas acabam se acostumando depois de algum tempo.

O primeiro episódio desse tipo que a chocou foi logo quando de sua chegada ao país: o assassinato do Cônsul Salvatti, que ficou impune. Depois soube de outros, dentre os quais o caso de um médico inglês, que assistiu a um assassinato e, ainda, teve de socorrer o assassino baleado.

A autora diz que havia momentos em que o crime assumia uma “forma endêmica”:

Toda manhã se ouve dois ou três casos horríveis, e isto prossegue por um mês ou mais, até que, repentinamente, há uma parada, e, depois, um longo intervalo de relativa segurança. O período antes de uma eleição para Governador ou Presidente é sempre um período de “derramamento de sangue”.⁴⁸

Assim as nossas viajantes vão recuperando imagens conhecidas sobre a América do Sul e encaixando o que veem no interior de um quadro de referências, que continuava a reiterar a Inglaterra como o lugar irradiador de

⁴⁸ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 11. No original: “Every morning you will hear of two or three horrible affairs, and this continues for a month or two or three horrible affairs, and this continues for a month or more, until suddenly there is a stop, and afterwards a long interval of comparative security. The period before an election for Governor or President is always one of trouble and bloodshed.”

parâmetros para mundo em geral e a América do Sul, como espaço que precisava ainda aprender com eles, os ingleses.

6.3.3 Os temidos homens do campo

6.3.3.1 Os *gauchos*

Mulhall confessa que nas suas viagens pelo interior ela pode observar melhor os hábitos dos *gauchos*. Ela constata: “De fato o contato com a civilização está mudando rapidamente o caráter dos rudes habitantes das planícies, o mestiço beduíno, o mestiço indígena”.⁴⁹ A viajante, tal qual Dixie e outros, estava convencida de que bastava a “civilização” tocar, estar presente em lugares primitivos, ou não completamente civilizados, para que o mundo “atrasado” sofresse transformações. Para ela, isso, obviamente, não se dava exclusivamente na Argentina, pois ela se refere também aos beduínos das zonas dos desertos no norte da África. Em outras palavras, parte dos homens e mulheres que via e sobre quem narrava estavam fadados ao desaparecimento.

E segue sua explanação sobre o *gaucho*, utilizando-se do texto de Sarmiento, *Facundo ou civilização e barbárie*, para descrever os quatro tipos desse membro “inquietante” da sociedade argentina: o rastreador, o *baqueano* (guia), o *payador* (trovador) e o “*gaucho malo*” (proscrito, fora da lei).

Fiel ao propósito de estar em paz com a elite argentina, o casal Mulhall aceitou o convite que o general Urquiza, que já se encontrava “retirado da política”, para visitarem sua estância em San José, na província de Entre Rios:

⁴⁹ MULHALL, Mrs. M. G.. *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1877, p. 21. No original: “In fact the contact of civilisation is fast changing the semi-Bedouin semi-Indian character of the rude inhabitants of the plains.”

Nós nos determinamos a avaliar o convite. Não apenas teremos a oportunidade de ver o formidável *gaucho* rei presidindo sua corte selvagem, mas poderemos visitar a costa do Uruguay.⁵⁰

O fato de Marion Mulhall considerar de forma jocosa Urquiza como o “*gaucho* rei”, nos mostra como ela via os Federalistas e do lado de qual grupo político se posicionava: os liberais que tinham a Europa ilustrada como referência. Reitero que Justo José Urquiza era ninguém mais ninguém menos que o presidente da Confederação argentina, que vigorou entre 1854 e 1860, como mencionado.

Eles ficaram hospedados por dois dias na estância de Urquiza e não tinham noção de que aquele local seria palco de um episódio sangrento (até para os padrões da América do Sul, segundo a autora). Um bando de revolucionários invadiu o palácio e assassinou o “pobre general” em sua biblioteca, tempos depois. Em seu relato, Mulhall deixa claro o caráter de impunidade, existente na Argentina, mesmo com pessoas proeminentes, como era o caso de Urquiza.

A falta de segurança era um dos temas preferidos de Marion Mulhall, ainda que ela escrevesse em jornal que via a Argentina como terra de oportunidades para os estrangeiros. A instabilidade, provavelmente para ela, encontraria o seu fim quando o país estivesse nas mãos dos liberais. Quando isso ocorresse, o lugar seria ainda mais propício, pois muita coisa estava por fazer.

⁵⁰ Ibidem, p. 28. No original: “*We determine to avail ourselves of the invitation. Not only shall we have an opportunity of seeing the formidable gaucho king presiding over his wild court, but we shall be able to visit the coast of the Uruguay.*”

6.3.3.2 A ameaça indígena

Os processos de formação do Estado nacional e de modernização puseram em cheque as formas sociais das populações indígenas, na Argentina. A partir de 1870, quando os liberais (unitários) se sobrepuseram definitivamente aos federalistas, em âmbito interno, e aos paraguaios, em termos externos, o cenário estava propício para resolver o “problema” que os índios (vistos como símbolo da barbárie) significavam para o “progresso” da nação. Quer dizer, o território argentino tinha de ser liberado da ocupação das populações indígenas, ainda que fosse pela guerra e pelo extermínio. Com o fim da Guerra do Paraguai, os dirigentes portenhos usariam a experiência militar adquirida, bem como o suporte da economia agroexportadora para empreender as chamadas Campanhas do Deserto.⁵¹

Mulhall escreve sobre a falta de segurança em relação à vida e à propriedade, e para tal estado de coisas existia, no seu entender, um elemento que contribuía ativamente para que a barbárie não fosse debelada no continente sul-americano: o indígena e sua cultura selvagem e primitiva.

A autora divide os indígenas de forma maniqueísta: “índios bons”: aqueles domesticados, catequizados; “índios maus”: os selvagens, os primitivos, os inimigos. Mas ela considera “índio bom mesmo” aquele que já foi extinto e cuja cultura pode ser enaltecida sem qualquer implicação no presente. Esse índio pode ser romantizado e cantado em versos. Marion lamenta que a maravilhosa raça dos incas tivesse sido extinta pelo “sanguinário Pizarro”.

Ela relata que, de maneira geral, os índios pouco interferiam na vida dos ingleses, embora eles “varressem” as estâncias em geral. Atribui essa diferença de atitude ao fato dos selvagens temerem os rifles dos ingleses, ou

⁵¹ PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Ligia, op. cit., p. 64 e 67.

porque, como eles mesmos dizem, os ingleses não os furtam nem matam como os cristãos costumam fazer.

Ela julga que o indígena necessitava ser doutrinado, apascentado e esse trabalho, a seu ver, tinha sido feito de maneira magnífica pelos jesuítas. Novamente a católica Mulhall não só se apresenta como fervorosa defensora dos jesuítas, mas também fala dos índios como seres a serem catequisados e tirados de sua indolência e do estado primitivo em que se encontravam.

Assim os Jesuítas deram ao mundo o admirável exemplo de milhares de selvagens governados pela simples autoridade de poucos padres, sem guardas, sem soldados; eles levaram esses seres essencialmente indolentes e preguiçosos a produzirem verdadeiros milagres sob a mágica influência do trabalho.⁵²

O indígena como empecilho ao desenvolvimento da região é uma constante no relato da irlandesa. Essas figuras temerárias aparecem de forma marcante em outro episódio narrado por Mulhall. A caminho de Mendoza, Marion e o esposo não conseguiram chegar à pousada pretendida antes da noite. Ela explica:

Nós não tínhamos passado por nenhum viajante, desde que deixáramos Bebedeiro, exceto uma tropa de mulas com vinho de Mendoza indo para Rio Quinto. Não tínhamos visto nenhum traço dos índios, embora os peões de Mr. Slatter estivessem com muito medo de encontrá-los. Qual não foi nosso horror no dia seguinte quando alcançamos a pousada e encontramos os corpos dos hóspedes. Seus ferimentos ainda estavam frescos, nos disseram que somente algumas horas tinham decorrido do ataque dos saqueadores.[...] Os índios tinham carregado tudo, exceto um cachorro que uivava tristemente, adicionando a ideia de dor à cena.⁵³

⁵² MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 109. No original: “It is thus the Jesuits gave to the world the remarkable example of thousands of savages, governed by the simple authority of a few priests, without guards, without soldiers; that they led these beings essentially indolent and lazy to produce true miracles under the magic influence of work.”

⁵³ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 125. No original: “We had passed no travelers since leaving the Bebedeiro, except a troop of mules with Mendoza wine going to Rio Quinto. Neither had we seen any trace of

A narrativa de Marion trata dos momentos de aflição e medo que eles passaram, mesmo depois, quando tentavam fugir do local:

Em meio à fadiga que eu tinha sofrido e o efeito horrível de uma tragédia tão inesperada, eu fiquei tão nervosa que, enquanto galopávamos ao longo do rio Tunyan, não conseguia deixar de me virar todo momento para ver se os Índios estavam atrás de nós. Mr. Slatter disse que devíamos nos esforçar para alcançar La Paz antes que a noite caísse, assim nós continuamos o dia todo sem parar para comer, e nos sentimos muito aliviados quando as plantações ao redor de La Paz aparecerem bem à frente no começo da tarde. Este foi o dia mais ansioso que já passei na América do Sul.⁵⁴

Definitivamente, a Argentina não era um lugar seguro para Marion Mulhall e, como já indicado, ela reitera insistentemente essa característica do lugar no qual morou por 25 anos. Resta perguntar por que a irlandesa ficou tanto tempo no país. Vimos que Mulhall advinha de setores médios da Irlanda e na Argentina passou dias na estância de José Urquiza, o presidente da Confederação. Aliava-se aos liberais, embora evitasse tomar partido claramente. Certamente, a Argentina oferecia a eles um lugar de destaque na sociedade, oportunidades de negócios com o seu jornal. Lugar que provavelmente ela não teria na Inglaterra da rainha Vitória.

Ela viajou também para a Amazônia, no Brasil. Ali afirmava que os índios surgiam nas margens dos grandes rios e atiravam nas canoas com flechas envenenadas. Dedicou espaço também aos Caiapós e Botocudos

Indians, although Mr. Slatter's peons were much afraid of meeting them. What was our horror next day, on reaching the post-house, to find the murdered corpses of all the inmates! Their wounds still fresh, and some hot embers in an outhouse used for a kitchen told us that only some hours had elapsed since the visit of the marauders. [...] The Indians had carried off everything, except a dog that howled dismally, adding to the painful character of the scene."

⁵⁴ Ibidem, p. 125-126. No original: "*Between the fatigue which I had undergone and the horrible effect of so unexpected a tragedy, I became so nervous that, as we galloped along the Tunyan river, I could not help turning round every moment to see if the Indians were after us. Mr. Slatter said we must endeavour to reach La Paz before nightfall, so we pushed on the whole day without stopping to eat, and felt much relieved when the plantations around La Paz appeared right ahead of us early in the afternoon. This was the most anxious day I ever spent in South America."*

quando estive no Mato Grosso. Segundo ela, todos temiam os últimos pois constava que eram canibais.

No entanto, tal qual Florence Dixie, Marion Mulhall elege uma das tribos indígenas como paradigma — os Guatos — que ela encontrou no trajeto entre Corumbá e Cuiabá, quando passaram pelas montanhas de Dourados. A descrição de Marion é completamente diferente da que faz dos demais indígenas. Trata-se de uma cena edênica:

A cena aqui é a mais bela. Numa curva nós encontramos algumas canoas com índios Guato. Havia sete ou oito canoas com um homem e uma mulher em cada, e em algumas uma ou duas crianças; eles usavam peles em redor da cintura; os homens estavam pescando, e as mulheres manejavam as canoas. Nós fizemos sinais para que eles viessem perto do barco a vapor, com o que eles concordaram. Os homens eram uma raça esplêndida, sem a expressão hedionda dos índios do Chaco abaixo de Assunção. Nós o vimos matar peixes com flechas: alguns tinham lanças para lutar contra o Jaguar.⁵⁵

Figura 32 – Índios idealizados por Marion Mulhall⁵⁶

⁵⁵ MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 88. No original: “The scenery here is most beautiful. At one bend we met some canoes with Guato Indians. There were seven or eight canoes with a man and woman in each, and in some one or two children; they wore skins round the waist; the men were fishing, and the women managed the canoes. We made signs for them to come near the steamer, which they accordingly did. The men are a splendid race, without the hideous expression of the Indians of the Chaco below Asuncion. We saw them kill fish with arrows: some had lances to fight the Jaguar.”

⁵⁶ Imagem publicada em: MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1881, p. 197.

As palavras elogiosas da autora, bem como o desenho do casal de índios, representam um contraponto às demais descrições de indígenas selvagens, perigosos e ameaçadores. Aqui, a ideia que a viajante passa é de um paraíso terrestre, com personagens belos, estilizados, remetendo a uma cultura que não é a local. Os índios aparecem com paramentos ricos e com expressões serenas. A impressão que passam é a de harmonia. Uma espécie de “civilização” vencendo a barbárie, dentro da própria selva. Uma imagem idealizada, que, obviamente, não correspondia à realidade.

6.3.4 Uma Argentina “grotesca”

Marion Mulhall conta um episódio que aconteceu na delegacia de polícia, durante a epidemia de febre amarela em Buenos Aires, e que ela considerou engraçado: um prisioneiro fora trazido, acusado de haver apunhalado um coveiro do cemitério de Chacrita. Era negro, sua cabeça estava coberta de cal e sua aparência era grotesca (caricata). Ele era enfermeiro e quando recebeu seu salário, bebeu demais e foi encontrado na rua, aparentemente morto. Quando o coveiro jogou cal sobre ele, o homem acordou e ficou tão bravo que brandiu a faca contra ele!

Paralelamente, a autora narra o caso de Mr. Gardoni (este, sim, nomeado), um italiano, que, como o negro, recuperou os sentidos à beira do túmulo. Na volta do cemitério, resolveu tomar uma bebida, a fim de recuperar as forças e, na falta de dinheiro, entrou no estabelecimento e resolveu contar o que lhe sucedera. As pessoas saíram em debandada, deixando-o sozinho, de posse do lugar!

Nesses dois episódios inusitados ocorridos durante a epidemia de febre amarela em Buenos Aires, Marion deixa entrever a diferença que faz entre os

dois homens citados, ambos vítimas do mesmo engano. O primeiro havia bebido até cair e por isso foi tomado como morto. O segundo, resolveu beber para se recuperar do susto de se ver no cemitério. Enquanto o negro (sem nome), teve uma reação violenta, o italiano (Mr. Gardoni) ficou perplexo ao perceber que “assustara” as pessoas com a sua história. A autora demonstra seu preconceito em relação aos negros, de maneira clara e evidente, como esperado.

Entretanto, o que há de importante a ressaltar nesses acontecimentos narrados por Mulhall é a Argentina dos índios incontroláveis, de bandidos e salteadores, *gauchos* pouco confiáveis, da febre amarela, de homens que bebem demais e não mantêm a compostura ocorrem cenas absolutamente inusitadas, como o fato de alguém ser sido dado como morto e “ressuscitar” repentinamente. A Argentina é o lugar desses fenômenos, raros de encontrar na Inglaterra. Novamente, permanece a pergunta, por que Marion Mulhall não deixou a Argentina quando a febre amarela tomou conta da cidade? Nada garantia que estariam livres da doença retirando-se para os arredores de Buenos Aires.

6.4 As mulheres da América do Sul por Marianne North, Florence Dixie e Marion Mulhall

Como já vimos, as três viajantes não tiveram vidas convencionais, nas quais a mulher deveria viver no espaço restrito da casa, circunscrita ao universo da domesticidade, responsável pela constituição da família burguesa, enquanto o homem ocupava os espaços públicos e mantinha a família. Pelo contrário, foram mulheres determinadas, desbravando espaços, cujos testemunhos são os próprios relatos de viagem que escreveram. Elas ocuparam espaços privados, mas também os públicos. Os casos da pintora

North e da proprietária de jornal Marion Mulhall são emblemáticos nesse sentido.

Muitas das descrições sobre as mulheres sul-americanas que aparecem nos relatos aqui analisados referem-se a mulheres dos setores menos favorecidos da população. A impressão que Marianne North transmite sobre as mulheres locais — sejam brancas, negras ou mestiças — é a mesma que ela expressa em relação à sociedade sul-americana em geral: estranhamento, que vai desde o pitoresco, o inusitado e o divertido até o difícil de tolerar.

Ao visitar o mercado, na Bahia, ela se deparou com figuras estranhas:

Negras robustas usando blusas bordadas decotadas (soltas), saias espalhafatosas e mais nada, exceto por um lenço vistoso ou algumas flores na cabeça. Elas vendiam papagaios, araras e saguis barulhentos, além de passarinhos maravilhosos, macacos e outros animais exóticos, entre os quais um guaxinim, com uma cauda espessa, e um enorme lagarto verde, tão grande como um gato, que dizem ser muito bom ao paladar. Vi uma menina quase toda coberta de saguis, que subiam e desciam se coçando — ela nunca se mexia, mas eles não paravam quietos.⁵⁷

North descreve mulheres negras e uma menina misturadas aos animais. Repete-se a relação que faz de alguns dos brasileiros como próximos do mundo primitivo. Os adjetivos usados por ela referem-se aos espécimes não humanos: pássaros belos, lagartos grandes, saguis barulhentos e céleres. Em contrapartida, a menina não tem cor, nem feições, nem atitude. É uma espécie de trampolim para os saguis, submissa a eles: “ela nunca se mexia”! As mulheres negras estão ali para vender os animais. Marianne North tira a

⁵⁷ NORTH, Marianne, op. cit., p. 115-116. No original: “*Huge negresses in low embroidered shirts (tumbling off), a gaudy skirt, and nothing else except a bright handkerchief or a few flowers on their heads, were selling screaming parrots, macaws, and marmosets, gorgeous little birds, monkeys and other strange animals, including a raccoon with a bushy tail, and a great green lizard as big as a cat, which they said was very good to eat. I saw one girl quite covered with crawling and scratching marmosets, she never moved, but they did incessantly.*”

humanidade dessas mulheres: ela as enxerga apenas como pano de fundo para a cena pitoresca com que se depara.

Em outro episódio, ela fala das mulheres da casa onde se hospedou, com menosprezo, sentindo-se espionada por elas:

“As senhoras” (cerca de uma dúzia) conduziram-nos, Mary e eu, ao quarto principal e, então trouxeram cadeiras, sentando-se para nos encarar confortavelmente — seus escravos de pé atrás delas, nos fitando da mesma maneira.⁵⁸

A inglesa se sente objeto de avaliação, não só por parte dos escravos, mas também por parte das senhoras da casa. Ora, mas ela não fez o mesmo com os sul-americanos? Ela fez mais: publicou o que pode sobre esses “outros”. Ela menciona a palavra “senhoras” entre aspas, como se dissesse que tais mulheres não merecessem tal tratamento. O estranhamento entre elas é patente e incômodo:

[...] elas partiram, mas se revezavam em nos espiar através do buraco da fechadura e das frestas nos postigos das janelas, até que nós as tampamos com nossos lenços de bolso.⁵⁹

Florence Dixie, por seu turno, demonstra curiosidade quando descreve uma mulher índia que aparece no acampamento deles, inadvertidamente. Segundo o guia Gregório, os índios haviam bebido muito e a mulher tinha brigado com o companheiro. Ela tinha abandonado a tenda e estava tentando ir para Punta Arenas. Dixie supôs que a índia estivesse esperando que o seu companheiro fosse atrás dela, pois não lhe parecia possível que alguém conseguisse ir a pé, sem calçados, do acampamento até a cidade. Ela ofereceu

⁵⁸ Ibidem, p. 168. No original: ““The ladies” (about a dozen) conducted Mary and myself into the state bedroom, and then brought in chairs and sat down to have a comfortable stare at us, their slaves standing behind them and staring likewise.”

⁵⁹ Ibidem, p. 168. No original: “[...] they departed, to our great relief, but took turns to look through the keyhole and the chinks in the window shutters, till we stopped them up with pocket-handkerchiefs.”

biscoitos e chocolate à índia, que prontamente aceitou, embora não demonstrasse nem sequer um grunhido como agradecimento pela gentileza, pondera a narradora, enfatizando o caráter animalesco da outra mulher.

A despeito disso, as mulheres índias tehuelches são extremamente laboriosas, atesta Dixie:

Mas são os homens os que estão malditos ou benditos com este espírito indolente. As mulheres são infatigavelmente trabalhadoras. Todo o trabalho na existência dos Tehuelches é feito por elas, exceto a caça. Quando não estão ocupadas nos trabalhos do lar se dedicam a fazer capas de guanaco, a tecer coloridas ligas e tiras para o cabelo, a elaborar ornamentos de prata e assim sucessivamente.⁶⁰

Ela continua:

Mas ainda que tratadas injustamente no que se refere à divisão do trabalho, as mulheres não podem de modo algum queixar-se de pouca dedicação por parte de seus homens.⁶¹

Interessante que a viajante procura enaltecer a mulher indígena como a responsável pelo sustentáculo do núcleo familiar. De certa forma, ela reitera o discurso operante, no qual a mulher devia viver à sombra do homem, servindo de esteio à família, mesmo em meio aos indígenas, entre os quais os espaços referentes ao público e ao privado do mundo ocidental não tinham correspondência.

Esse pensamento é reafirmado pela irlandesa Marion Mulhall, que, ao mesmo tempo em que lamenta a triste sina das viúvas, que encontra em suas

⁶⁰ DIXIE, Florence, op. cit., p. 68. No original: “*But it is only the men who are cursed or blessed with this indolent spirit. The women are indefatigably industrious. All the work of Tehuelche existence is done by them except hunting. When not employed in ordinary house-hold work they busy themselves in making guanaco capas, wearing gay-coloured garters and fillets for the hair, working silver ornaments, and so forth.*”

⁶¹ Ibidem, p. 68-69. No original: “*But though treated thus unfairly as regards the division of labour, the women can by no means complain of want of devotion to them on the part of the men.*”

andanças, vítimas da violência e do descaso, elogia as mulheres paraguaias — alegres e laboriosas — apesar da guerra haver destruído seu país. Mulheres sem homens, mas que lutam pela sobrevivência e pela reconstrução da sociedade, ainda que em sua posição de inferioridade.

As mulheres fazem todo o trabalho, mesmo plantando tabaco e mandioca e limpando as matas; elas são extremamente limpas e se banham duas a três vezes por dia: suas casas também são bem conservadas, e mesmo as cabanas, cuja única mobília é uma rede de algodão ou uma esteira são notavelmente arrumadas. Suas feições são geralmente delicadas, mãos e pés pequenos, complexão raramente escura e às vezes tão encantadora quanto às das nações do norte da Europa. Elas são tão queimadas pelo sol que se aproximam da cor da oliva, mas não tanto mais do que se descendessem do sangue branco: as Paraguaiaias são descendentes dos antigos colonizadores espanhóis e dos índios guaranis.⁶²

São as mulheres que tomam as rédeas da vida que tenta se renovar.

As mulheres usam muito pouca roupa, apenas uma longa camisa, a qual é frequentemente bordada no peito e presa na cintura: algumas usam curiosos colares e pentes de ouro antigo; todas andam descalças, elas às vezes fazem jornadas de 15 a 20 léguas, carregando cargas nas suas cabeças.⁶³

Ela valoriza o trabalho artesanal de algumas das mulheres que encontrou, reforçando que procurava por produtos locais, como firmemente fez quando esteve no Mato Grosso, como vimos anteriormente. São as contradições dessa viajante, ao mesmo tempo em que ela valorizava a civilização e que

⁶² MULHALL, Mrs. M. G., op. cit., 1877, p. 63. No original: “The women do all the work, even planting tobacco and mandioca, and clearing the forests; they are extremely cleanly and bathe two or three times a day: their house too are well kept, and even the huts whose only furniture is a hammock of cotton or matting are remarkably neat. Their features are generally fine, hands and feet small, complexion seldom dark and sometimes as fair as among the northern nation of Europe. They are so sunburnt as to approach an olive color, but not more so than if descended from white blood: the Paraguayans are descended from the old Spanish settlers and the Guarani Indians.”

⁶³ Ibidem, p. 63. No original: “The women wear very little clothing, only the long white chemise, which is usually embroidered at the top and fastened at the waist: some wear curious old gold necklaces and combs; all go bare foot, and they sometimes undertake journeys of 15 or 20 leagues, carrying burdens on their heads.”

considerava que esta sobrepujaria o mundo não civilizado, contesta que o mundo estava ficando muito igual, nivelado.

As mulheres fazem uma renda bonita que é chamada “Nanduty” ou “Teia de aranha”; isto elas vendem muito razoavelmente: elas também fazem redes de algodão nativo que são muito leves e bonitas. De manhã cedo o mercado é cheio de mulheres vendendo suas louças, fumando os cigarros feitos grosseiramente neste lugar, porque aqui toda mulher fuma desde a infância, e todas parecem felizes e contentes, embora muitas mal tenham um teto para abrigá-las.⁶⁴

Marion Mulhall fala das mulheres paraguaias com deferência. Percebe-se no seu tom um elogio velado. As mulheres aparecem como asseadas, trabalhadoras e mantenedoras da sociedade. Sua descrição das maneiras e das feições delas é de respeito. Sua admiração se estende ao modo como elas se mantem e às suas casas (sempre limpas e arrumadas). Ela gosta da ideia de ordem, que abstraiu daí. No entanto, ela as mantém no seu lugar coadjuvante e subalterno, visto que se tratam de mulheres sul-americanas. Mulheres que lhe rendem homenagem, não por ser outra mulher, mas por ser uma representante da cultura imperial.

No excerto a seguir, Marion Mulhall representa a si mesma como uma pessoa a ser admirada, quando relata a sua estada em Cuiabá. As mulheres locais não conseguiam esconder a sua curiosidade sobre ela:

As mulheres davam uma olhada, através das venezianas semicerradas para observar a maravilhosa vista de uma mulher inglesa e meu pequeno terrier, que me acompanhou por toda a viagem.⁶⁵

⁶⁴ Ibidem, p. 63-64. No original: “The women make a beautiful lace which is called “Nanduty” or Spider’s web; this they sell very reasonably: they also make hammocks of native cotton which are very light and pretty. In the early morning the market is filled with women selling their wares, smoking the roughly made cigars of the country, for here every woman smokes from infancy, and all seem happy and contented, though many have hardly a roof to shelter them.”

⁶⁵ Ibidem, p. 103. No original: “The women peeped through half opened blinds to see the wonderful sight of an English woman and my little terrier “Pet” which accompanied me the whole voyage.”

Novamente, ela aqui se coloca claramente como inglesa, apesar da origem irlandesa. O olhar, efetivamente, é de alto para baixo. A própria viajante se esquece da “necessária imparcialidade” ao se autodescrever como “uma visão maravilhosa”. Como se a visão de uma mulher inglesa, com seu cachorrinho, fosse algo de supremo, de sublime, representante da civilização, da civilidade.

Note-se que as três viajantes tratam, em geral, de mulheres de classes desfavorecidas das sociedades sul-americanas. Eram baianas que vendiam animais silvestres nas ruas, paraguaias que lutavam pela sobrevivência em um país arrasado pela guerra. Entretanto, é possível observar que as três validam o lugar da mulher como central para a constituição da família burguesa. Um bom exemplo é como Marianne North via a atuação da mulher do administrador da mina de Morro Velho, em Minas Gerais, onde esteve hospedada. Aquela sim era a típica mãe de família burguesa que ocupava o espaço privado, garantindo a família e a sociedade civilizada. A chegada de Marianne a Morro Velho assim é descrita:

[...] e antes que eu soubesse onde estava, dei por mim desmontada e abraçada e recebida por uma das melhores e mais gentis mulheres que eu já encontrei nesse mundo todo, e chamada de “querida” por uma voz escocesa doce; não é de admirar que Mary (a filha do administrador) estivesse com saudade de casa!⁶⁶

Essa mesma mulher lhe deu o quarto mais alegre e arejado e a incluiu na rotina da casa — regular e agradável — relata North. Para completar, Mrs. G. tinha olhos atentos sobre sua casa e serviços:

⁶⁶ NORTH, Marianne, op. cit., p. 143. No original: “[...] and before I knew where I was I found myself dismounted, and hugged and welcomed by one of the best and kindest women I ever met in all the wide world, and called “dearie” in a sweet Scotch voice; no wonder Mary longed to be at home!”

Mrs. G. passava constantemente pela minha janela, cuidando de seus pretos preguiçosos, que se sentavam para descansar assim que escapavam de sua vista. Além de suas flores, ela tinha também muitos animais para dar atenção.⁶⁷

Note-se que a mulher que North admira é uma escocesa no Brasil. Ela, a escocesa, cuidava da casa, dos escravos, do jardim, dos animais etc. Portanto, é a responsável pelo espaço doméstico, o privado. Com isso ela reafirma a sua posição a favor do papel tradicionalmente privado para as mulheres, ainda que isso lhes desse autoridade sobre escravos e serviçais.

É provável que as três viajantes tenham escolhido tratar das mulheres de nível popular porque não viam segmentos significativos de mulheres de classe média e alta, devidamente educadas, ocupadas com o universo da casa e da criação dos filhos, da família burguesa na América do Sul. Papel do âmbito privado que elas mesmas não exerceram. Mulhall atuava como jornalista e escritora; North viajou pelo mundo em busca de material para as suas pinturas, além de fundar uma galeria em Kew; já Dixie deixou o filho recém-nascido na Inglaterra em busca de aventura na distante Patagônia.

⁶⁷ Ibidem, p. 144. No original: “Mrs. G. was constantly passing my window, looking after her lazy blacks, who sat down to rest as soon as her eyes was off them. She had also many pets besides her flowers to attend to.”

Considerações finais

A inglesa Marianne North, a escocesa Florence Dixie e a irlandesa Marion Mulhall não tiveram trajetórias comuns. Para começar elas viajaram, atravessaram o oceano rumo a um continente considerado pouco desbravado. O Império Britânico que espalhava os seus tentáculos pelo globo e que tinha regras restritas para as mulheres, paradoxalmente permitiu que as três viajantes que eu estudo se aventurassem por espaços pouco dedicados às mulheres da segunda metade do século XIX.

Os relatos de viagem mostram aquilo que elas queriam ser ou como queriam ser vistas: elas se colocavam como em busca do conhecimento, da excitação, entendido aqui — principalmente por Marianne North e Florence Dixie — como interação muito mais com a natureza e os animais, do que com os locais. North buscava as luzes e as cores da América do Sul e, simultaneamente, desdenhou dos seres humanos que encontrou. Desse modo, quem escrevia não era a mulher completamente subjugada pelo homem. Quem escrevia era quem enfrentou perigos reais — intempéries, chuvas, embarcações inusitadas, falta de víveres, epidemias —, não os saboreados nos romances açucarados da época.

Foi esse caminho de percepção, conhecimento e descobertas, que percorri durante a pesquisa, que procurei trazer para este trabalho. Ao fim e ao cabo, espero ter deixado uma ideia das mulheres que escreveram esses relatos de viagem pela América do Sul e, sobretudo, o que elas quiseram, tentaram, puderam dizer sobre o seu mundo. Sobre as escolhas que fizeram e como narraram e representaram o que viram.

Constatai que as três, em geral, não se posicionavam como britânicas. Florence Dixie se colocou em alguns momentos como escocesa. Contudo, as três se colocavam, na maioria das vezes, como orgulhosas “inglesas” na

América do Sul. Narrar, pintar uma América do Sul ainda indomada, provavelmente, foi a forma que encontraram de serem lidas na Metrópole. Entraram pelo campo das viagens, das aventuras, em geral ocupado e validado pelos homens e por homens. Se alguém tinha autoridade sobre os relatos dos lugares não civilizados, definitivamente não eram as mulheres.

Ainda que tivessem acesso a espaços habitualmente pouco frequentados por mulheres nos anos que estiveram na América do Sul, o olhar imperial foi a marca registrada dessas viajantes. Como disse, as três eram orgulhosas súditas da Rainha Vitória; elas se posicionavam e atuavam como tal. Tal perspectiva permitiu-me afirmar que no caso dessas mulheres a cultura imperial sobrepujou as questões de gênero. Sabemos que a cultura imperial sobrepujou também questões relativas à classe. Marion Mulhall advinda dos setores médios, em muitos momentos, era a mais “inglesa” das três.¹

O olhar imperial, voltado para os “outros”, constituiu relações de domínio e submissão. Os “outros” passaram pelo crivo da raça e foram localizados em estágios distintos de evolução, amparados em teorias científicas e etnológicas, a fim de justificar o discurso de superioridade e de necessidade de tutela do considerado “mais fraco” pelo representante imperial. Isso quer dizer que os relatos das viajantes, em geral, operam dentro da perspectiva do “nós” e “eles”, a partir de pressupostos constituídos no mundo europeu. Para as nossas três viajantes, o mundo tinha um centro: a Europa. Se a Europa era um centro irradiador dos mais distintos aspectos da civilização, para as três em particular a *Inglaterra* estava no centro da Europa, portanto do mundo. A comprovação estava no Império global que administrava.

¹ A cultura imperial pode ser encontrada nos relatos dos oficiais e dos mais simples marinheiros que embarcavam em viagens ao redor do mundo. Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. Uma escola no mar: a viagem exploratória e as expectativas de oficiais e marinheiros. In: _____. *Velas ao mar. U. S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015.

De suas penas saíram as imagens de deficiência, atraso, displicência e abandono das sociedades locais, abrandadas pelos parcos elogios à elite branca “emergente” de cidades, tal qual Buenos Aires, em busca de uma europeização constante. Em seus relatos, em meio à primitiva América do Sul, elas buscavam pelas “pequenas Europas”, tais como alguns dos raros lares que elas descreveram, sob a forma de “colônias idealizadas” e comunidades perfeitas, onde não há lugar para os “nativos”, descendentes de ibéricos pouco civilizados, índios toscos e negros destituídos de senso. Uma operação interessante foi aquela de tentar compreender como as viajantes “inglesas” viram, narraram as mulheres sul-americanas. Elas se voltaram para as mulheres indígenas ou as dos setores populares. Quando o tema era as dos extratos mais altos da sociedade, elas preferiram escolher as representantes do Reino Unido que moravam aqui. Importante ressaltar que as três referendavam o lugar tradicional das mulheres, ainda que elas mesmas não operassem exatamente nessa chave.

Pode-se sugerir que encontramos nas três viajantes alguns aspectos fundamentais do imperialismo britânico. Marianne North é a artista que desenha, pinta e denota em imagens os lugares distantes. Ela observa e seleciona. Talvez por isso tenha se sentido à vontade para levar para o seu país espécimes recolhidos aqui. Seus quadros são verdadeiros “catálogos de botânica”, onde cada detalhe é minuciosamente apresentado. Ela representa o lado artístico, mas também o científico do imperialismo. Ainda que North discutisse Botânica, ela não era uma cientista. Esse espaço era reservado aos homens. Embora suas pinturas sejam magníficas, retratando de forma bela a natureza que encontrava, considero que seja a partir da análise de seus relatos escritos que, efetivamente, se consiga perceber o olhar imperial da inglesa.

Saliento a dupla evocação feita por North — a pintura e a escrita. Com a exposição permanente de suas obras, ela fez mais do que escrever: ela tornou visível (com os elementos da época) o que “explorara”, o que descobrira.

Num “modus operandi” capaz de fazer com que os seus compatriotas pudessem interagir com os produtos, ou seja, o resultado final de suas viagens. Essas viagens, sob o véu da inocência e do entretenimento, ganhavam valia pelo reconhecimento público europeu, quem sabe até dos homens! Razão pela qual, Florence Dixie deve ter pensado em publicar suas aventuras patagônicas, rapidamente.

A escocesa — caçadora e poetisa — sob o meu ponto de vista representa a figura do explorador contumaz, aquele que com o rifle no ombro vai até o mais recôndito local do planeta para viver sensações inimagináveis. Sempre tendo por objetivo aqueles que estão na Metrópole. Ela averigua cada pormenor do que é necessário para o *sportsman* (ou *sportwoman*) se dar bem na aventura, desbravando, ao mesmo tempo, os lugares onde nenhum ser humano, branco, europeu jamais tenha pisado. Ela tem também por objetivo suscitar as “sensibilidades” daqueles que a leem, através de um texto onde a paisagem humana praticamente não existe: cede lugar à natureza esplendorosa, mostrando o seu lado primevo e, para ela, isenta dos conflitos da civilização. Dixie apresenta-se como aquela que domina o selvagem, em seu próprio campo e em seu aspecto mais primitivo.

Já Marion Mulhall representa a mulher das letras, mas também a que tem tino para os negócios. Como pertencente à família proprietária de jornal na Argentina, voltado para os de língua inglesa, exercia o papel quase de anfitriã para os da Grã-Bretanha que se aventurassem àquelas plagas. Ela se apresenta como a mais pragmática das três viajantes. Por isso seu olhar se mostra sempre como aquele que quer organizar, ordenar — a natureza, o humano, a sociedade. É preciso civilizar a natureza inculta, o povo selvagem, a sociedade desorganizada. Por outro lado, é a que aponta que exatamente ali estão as oportunidades para aqueles do Reino Unido que quisessem se aventurar pela América do Sul.

Termino esse trabalho com as palavras de Florence Dixie sobre a Patagônia. Ao fim do relato de viagem, ela recorda a liberdade que experimentou, certamente por que aqui ela pode tomar iniciativas e atuar de forma que seria pouco apropriada na Inglaterra vitoriana. Provavelmente, ela jamais teve consciência disso.

Enquanto escrevo, esses dias voltam vividamente à minha mente outra vez e em minha fantasia contemplo novamente essa distante e desértica terra — a terra das planícies solitárias onde guanacos, avestruzes e os índios andam na aventura longe do conhecimento da humanidade e onde passei um tempo despreocupada e feliz, o que nunca poderei esquecer. Recordo os dias em que logo depois de uma longa e cansativa cavalgada dormia com meu selim como almofada, o céu aberto acima, o sono mais profundo e doce que jamais dormira antes. Recordo essas vistas com grandiosas montanhas, onde seguimos as pegadas dos cavalos selvagens até seu refúgio, através dos bosques de faias encerrados em vales, através de lagos solitários, por torrentes de montanha, onde nenhum mortal jamais pisara antes. Recordo a infinidade de emocionantes caçadas e muitas noites agradáveis ao redor do ameno fogo do acampamento. Também recordo muitas incomodidades: o terremoto, a chuva que nos empapava, o sol abafado, os desapiedados mosquitos e os ventos terrivelmente demolidores. Mas com o prazer que olho para trás a minha vida silvestre na Patagônia, pouco podem diminuir essas recordações desagradáveis. Mas no conjunto, levando tudo em conta, foi um tempo muito feliz e um tempo que voltaria alegremente a passar.²

² DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. London: Richard Bentley and Son, 1880, p. 250-251. No original: “As I write, these days come vividly to my mind again, and in fancy I once more behold that distant desert land — the land of the lonely plains, where the guanaco and the ostrich and the Red Indians roam far from the ken of mankind, and where I spent a careless, happy time, which I can never forget. I remember the days when, after a long and weary ride, I slept, pillowed on my saddle, the open sky alone me, a sounder and sweeter sleep than I had ever slept before: I remember those grand mountain-scenes, where we traced the wild horse to his home, through beech-wood glens by lonely lakes, by mountain torrents, where no mortal foot had ever trod before me. I remember many an exciting chase and many a pleasant evenings spent around the cheery camp-fire. I remember too, many a discomfort — the earth-quake, the drenching rains, the scorching sun, the pitiless mosquitoes, and the terrible blasting winds. But from the pleasure with I look back on my wild life in Patagonia, these unpleasant memories can detract but little. Taking it all in all, it was a very happy time, and a time on whose like I would gladly look again.”

Fontes

DIXIE, Florence. *Across Patagonia*. London: Richard Bentley and Son, 1880.

MULHALL, Mrs. M. G.. *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1877.

MULHALL, Mrs. M. G.. *Between the Amazon and Andes or Ten years of a lady's travels in the Pampas, Gran Chaco, Paraguay, and Matto-Grosso*. London: Edward Stanford, 1881.

NORTH, Marianne. *Recollections of a Happy Life, Being the Autobiography of Marianne North*. London/New York: MACMILLAN AND CO., 1892; Cambridge: Cambridge University Press, v. I e II, 2011 (reedição).

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

ALTICK, Richard. *Victorian People and Ideas*. New York/London: W. W. Norton & Company, 1973.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ANDERSON, Monica. *Women and the Politics of Travel, 1870–1914*. Madison, New Jersey: Fairleigh Dickinson University Press, 2006.

BANDEIRA, Júlio. *A viagem ao Brasil de Marianne North (1872–1873)*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social e Utopia. In: LEACH, Edmund et alii. *Anthropos-Homem*. Tradução de Rui Pereira e Miguel Serras Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. (Enciclopédia Einaudi, vol. 5).

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LA FUENTE, Ariel de. “Gauchos”, “Motoneros” y “Motoneras”. In: GOLDMAN, Noemi e SALVATORE, Ricardo (org.). *Caudilhismos Rioplatenses: Nuevas Miradas a un Viejo Problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros/Odebrecht, 1994.

BIRKETT, Dea. *Spinsters Abroad: Victorian Lady Explorers*. Oxford: Blackwell, 1989.

BLAYO, Yves. La mortalité en France de 1740 à 1829. *Population*, v. 30, p. 123-143, 1975. Número especial (Démographie historique).

BLUNT, Wilfred. *The Art of Botanical Illustration*. 3rd ed. London: Collins, 1955.

BOCK, Gisela. *Storia, Storia dele Donne, Storia di genere*. Firenze: Estro Strumenti, 1988.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

BORM, Jam. Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology. In: HOPPER, Glenn; YOUNGS, Tim. *Perspectives on the travel writing*. Aldershot: Ashgate, 2004.

BRAKE, Laurel; DEMOOR, Marysa. *Dicitionary of nineteenth-century journalism in Great Britain and Ireland*. London: Academia Press/The British Library, 2009.

BRIONES, Claudia; LANATA, José Luís (eds.). *Perspectivas arqueológicas e antropológicas sobre Povos nativos do Pampa, Patagônia e Tierra del Fuego para o século XIX*. Westport: Bergin & Garvey, 2002.

BROWN, Terence. *Ireland, A Social and Cultural History (1922–1985)*. London: Fontana Press, 1985.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. 2. ed. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “Pós-Modernismo”. Tradução de Pedro Maia Soares. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.

CANTARINO, Geraldo. *Uma Ilha Chamada Brasil*. O paraíso irlandês no passado brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

CATROGA, Fernando. Recordação e esquecimento. In: _____. *Os passos do homem como restolho do tempo: Memória e fim do fim da História*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre o sexo e dominação simbólica (nota crítica). Tradução de Sheila Schvarzman. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995.

_____. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *A História cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand-Brasil, 1990.

CHURCHILL, Winston. *História dos povos de língua inglesa*. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA (Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A), 1960. 1-4 v.

COOHILL, Joseph. *Ireland, a short History*. 3rd ed. Oxford: Oneworld Book, 2009.

COOPER, Frederick; STOLER, Ann Laura (ed.). *Tensions of Empire: colonial cultures in a bourgeois world*. Berkeley: University of California Press, 1997.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. 8. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

COSTA, Wilma Peres. Narrativas de Viagem no Brasil do século XIX. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COX, Richard; RUSSELL, Dave; VAMPLEW, Wray. *Encyclopedia of British Football*. London: Routledge, 2002.

CUNLIFFE, Barry et al. *The Penguin Illustrated History of Britain & Ireland*. London: Penguin Books, 2004.

DE FIORE, Elizabeth; DE FIORE, Ottaviano (edit.). *A presença britânica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora PAUBRASIL, 1987.

DIAS, Maria Odila. *Quotidiano e poder em S. Paulo no século XIX: Ana Gertrudes de Jesus*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 373-382, 1994.

_____. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: BRUSCHINI, Maria Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (org.). *A questão do gênero*. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas/Rosas dos Ventos, 1991.

DICKENSON, John. Marianne North: uma naturalista do Século Dezenove no Brasil?. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 145-164, 2000.

DIXIE, Florence. *Através de la Patagonia*. Tradução de María Teresa Velasco e Rosanna Martelli; apresentação e notas de Mateo Martinic. Punta Arenas: Ediciones de la Universidad de Magallanes, 1996.

DIXIE, Florence. *Gloriana or the revolution of 1900*. London: Henry and Company, 1890.

DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial*. Origens do federalismo no Brasil. São Paulo: Globo, 2005.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOSSE, François. *O Desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

EAGLETON, Terry. Versões de Cultura, Cultura e Natureza e Rumo a uma cultura comum. In: _____. *A idéia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. 2. ed. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2 v.

_____.; DUNNING, Erich. *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manoela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. (coleção memória e sociedade).

ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores*. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

FOSTER, Shirley. *Across New Worlds*. Nineteenth Century Women travelers and Their Writings. New York: Harvester Wheatsheaf, 1990.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1995.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org. e tradução). *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*. Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie, Rose Freycinet. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FRANCO, Stella Maris. *Peregrinas de outrora*. Viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

FRANCO, Stella Maris; JUNQUEIRA, Mary Anne. Cadernos de Seminários de Pesquisa (volume II). São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1977.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. Tradução de Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O cultivo do ódio*. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GAZZOLA, Ana Lúcia. O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 1031-1045, 2008.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica*. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Álvaro de Souza Neto. Mulheres mal faladas: a prostituição em Buenos Aires em fins do século XIX. *Estudios Historicos* (CDHRP), n. 4, 2010.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Tradução de Américo Lacombe. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora de São Paulo, 1990.

GUIMARÃES, Manuel Luiz. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Marta; SOIHET, Rachel; CONTIJO,

Receba (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HALL, Catherine. *Civilising subjects. Metropole and colony in the English imagination, 1830-1867*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

_____.; ROSE, Sonya O. (ed.). *At home with the Empire. Metropolitan culture and the Imperial World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu Louro. São Paulo: DP&A, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. *A era do Capital (1848-1875)*. 5. ed. Tradução de Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. 3. ed. Tradução de Maris Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. A herança colonial, sua desagregação. In: _____. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo II. São Paulo: Difel, 1975. 1 v.

_____. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HUGGAN, Graham. *The Postcolonial Exotic. Marketing the margins*. London/New York: Routledge, 2001.

HUMBOLDT, Alexander von. *Views of the Cordilleras and Monuments of the Indigenous Peoples of America*. Tradução (para o inglês) de Helen Maria Williams. London: Longman et alli, 1814. 1-2 v.

_____. *Views of Nature*. Tradução (para o inglês) de Elise Otte e Henry Bohn. London: Bohn, 1850.

IZARRA, Laura de. Don't Cry For Me Ireland – Irish Women's Voices from Argentina. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 59, p. 133-146, 2010.

_____. *Narrativas diaspóricas: Identidades em formação. Os irlandeses sob a “Cruz del Sur”*. Tese de livre docência – FFLCH-USP, São Paulo, 2006. (mimeo).

_____. *Narrativas de la diáspora irlandesa bajo la Cruz del Sur*. Buenos Aires: Corregidor, 2011.

_____. Reinventing Brazil — New readings and Renewal in the Narratives of Irish Travellers Irish Migration Studies. *Latin America*, v. 4, n. 3, p. 133-142, 2006.

_____.; MUTRAN, Munira. *Kaleidoscopic views of Ireland*. São Paulo: Humanitas, 2003.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções. Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2000.

_____. *Em Tempos de Paz. A viagem científica de circum-navegação da U. S. Exploring Expedition (1838-1842)*. Tese de livre docência – FFLCH-USP, São Paulo, 2012. (mimeo).

_____. *Estados Unidos. A Consolidação da Nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Velas ao mar. U. S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015.

KENNY, Kevin. *Ireland and the British Empire*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2004.

KIBERD, Declan. *Inventing Ireland. The Literature of the Modern Nation*. London: Vintage, 1996.

KUPCHIK, Christian. *El camino de las damas*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 1999.

LAMBERT, David; LESTER, Ana (ed). *Colonial lives across the British Empire. Imperial career in the long Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LEE, Joseph. *Ireland 1912-1985. Politics and Society*. New York: Cambridge University Press, 1989.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem*. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo/Brasília: Hucitec/INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

_____. *Livros de Viagem 1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LYNCH, John. As Repúblicas do Prata da independência à Guerra do Paraguai. In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina*, vol III. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo/Brasília: Edusp/Imesp/Fundação Alexandre Gusmão, 2001.

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida ou o gabinete naturalista dos doutores Spix e Martius*: natureza e civilização na “Viagem pelo Brasil” (1817-1820). Dissertação de Mestrado em História – FFLCH-USP, São Paulo, 1995. (mimeo)

MABEY, Richard. *The Flowering of Kew*. London: Century, 1988.

MACHADO, Maria Helena. O descontínuo a História da Cultura Colonial e Pós-colonial: acidente ou fatalidade?. *Revista da História* (USP), São Paulo, v. 141, p. 151-159, 1999.

MARSHALL, Oliver. *The English-Language Press in Latin America*. London: Institute of Latin American Studies, University of London, 1996.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes*. O olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahard, 2001.

MATOS, Maria Izilda. *Por uma história da Mulher*. Bauru: Edusc, 2000.

MIDDLETON, Dorothy. Dixie [née Douglas], Florence Caroline, Lady Dixie (1855–1905). In: *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____. *Victorian Lady Travellers*. London: Kegan Paul, 1965.

MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. London/New York: Routledge, 1991.

MORGAN, Kenneth. *The Oxford History of Britain*. Oxford: Oxford University, 2010.

MOTTA, Ivania Pocinho. *A importância de ser Mary*. São Paulo: Annablume, 2009.

MULHALL, Marion. *Los irlandeses em Sudamérica*. Tradução, notas e introdução de Mariano Galazzi. Buenos Aires: Elaleph.com, 2009.

MURRAY, Douglas. *Bosie: a biography of Lord Alfred Douglas*. New York: Hyperion, 2000.

NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

NICHOLSON, Linda (comp.). *Feminismo pós-modernismo*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1992.

NORTH, Marianne. *Lembranças de uma vida feliz*. Tradução de Ana Lúcia Almeida Gazzola e Júlio Jeha. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2001.

PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. Dissertação de Mestrado em História – FFLCH-USP, São Paulo, 2005. (mimeo).

_____. *O Mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. Tese de Doutorado em História – FFLCH-USP, São Paulo, 2010. (mimeo).

_____. O Brasil no relato de viagens do comandante Robert FitzRoy do HMS Beagle, 1828 – 1839. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 21, n.3, p. 911-930, 2014.

PAYNE, Michelle. *Marianne North – A very intrepid painter*. Kew: Royal Botanic Gardens, 2011.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Ligia. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014.

PEÑALOZA, Fernanda. A Sublime Journey to the Barren Plains: Lady Florence Dixie's Across Patagonia (1880). *Limina: A Journal of Historical and Cultural Studies, Arts, Humanities and Social Sciences*, (University of Western Australia), n. 10, p. 81-97, 2004.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relatos de experiência. Tradução de Ricardo Augusto Vieira. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 9-28, 1995.

_____. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 159-189, 2009.

POMARÉDE, Vincent. Essai sur la représentation de la nature autour de 1820. In: CAVINA, Anna. *Paysages d'Italie, les peintres du plein air (1780-1830)*. Paris: Réunion des musées nationaux, 2001.

PONSONBY, Laura (intr.). *Abundant Beauty: The adventurous travels of Marianne North, botanical artist*. Vancouver: Greystone Books, 2011.

PORTER, Andrew (ed). *The Nineteenth Century*. Oxford: Oxford University Press, 1999. (coleção The Oxford History of the British Empire).

PORTER, Bernard. *The absent-minded imperialists*. Empire, society, and culture in Britain. Oxford: Oxford University Press, 2004.

PRADO, Maria Ligia. *A formação das nações latino-americanas*. 14. ed. São Paulo: Atual Editora, 1996.

_____. *América Latina no século XIX*. Tramas, Telas e Textos. São Paulo: Edusp/Edusc, 1999.

_____. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista da História (USP)*, São Paulo, n. 145, p. 127-149, 2001.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Gutierre. Bauru: Edusc, 1999.

RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 89-98, 1998.

_____.; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFHC, Unicamp, 2000. (coleção Ideias).

RICE, Edward. *Sir Richard Francis Burton*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIVIÉRE, Peter (ed.). *The Guiana Travels of Robert Schomburgk (1835-1844)*. Aldershot: Ashgate for the Hakluyt Society, 2006.

ROBINSON, Jane. *Wayward Women — A Guide to Women Travelers*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

_____. *Unsuitable for Ladies*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

ROSANVALLON, Pierre. A democracia como problema e Por uma história conceitual do político. In: _____. *Por uma história do político*. Tradução de Christian Edward Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.

RUCKERT, Fabiano Quadros. Experiências de saneamento na cidade de Buenos Aires: dos projetos de Pellegrini a conclusão do projeto Bateman (1829-1905). *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 20, n. 29, p. 68-87, 2013.

RUSSEL, Mary. *The Blessings of a Good Thick Skirt*. London: Collins, 1986.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

_____. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SALIBA, Elias Thomé. Aventuras modernas e desventuras pós-modernas. In: PINSKY, Carla Pinsky; LUCA, Tânia de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

SALVATORE, Ricardo. *Los lugares del saber*. Contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2007.

SANTOS, Raimundo Expedito. *Da feminização à remasculinização: gênero e raça na dialética angloirlandesa*. Dissertação de Mestrado em Letras – UFSJ, São João del-Rei, 2013. (mimeo).

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. 2. ed. Tradução de Mirian Senra. São Paulo: Edusp, 2005.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. Civilização e barbárie. Tradução de Jaime Clasen. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SCHINZ, Marina. *A Vision of Eden: The Life and Work of Marianne North*. Devon: Webb & Bower, 1986.

SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal*. As feministas francesas e os direitos do homem. Tradução de Élvio Funck. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

_____. Gender: a useful category of historical analyses. In: _____. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. Prefácio à Gender and politics of history. Tradução de Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Marília Nogueira. *Entre o pão e a farinha: viagens através da cultura europeia e da mesa brasileira no século XIX*. Dissertação de mestrado em História – UFJF, Juiz de Fora, 2008. (mimeo).

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

_____. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SMITH, Anthony. *A Identidade nacional*. Tradução de Cláudia Brito. Lisboa: Gradiva, 1997.

SMITH, Bonnie. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Tradução de Flávia Beatriz Rossler. Bauru: Edusc, 2003.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humana: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SOUZA, Valéria Salgueiro. Grand Tour. Uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. O narrador; a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STEINBACH, Susie. *Understanding the victorians*. Politics, Culture and Society in Nineteenth-Century Britain. Nova York: Routledge, 2012.

STOCKING, George. *Victorian anthropology*. New York: Freepress, 1987.

SZURMUK, Monica. *Women in Argentina: Early Travel Narratives*. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

_____. *Mujeres em Viaje*. Buenos Aires: Extra Alfaguara, 2000.

TINLING, Marion. *Women Into the Unknown: a Source Book on Women Explorers and Travelers*. New York: Greenwood, 1989.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. Tradução de Joao Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

THOMPSON, Edward. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organização e tradução de Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *A formação da classe operária inglesa (I – A Árvore da Liberdade)*. 6. ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. *A formação da classe operária inglesa (II – A maldição de Adão)*. Tradução de Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum*. 5. ed. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TICKNER, Frederick. *Historia social e industrial de Inglaterra*. Tradução (para o espanhol) de Leopoldo Panero. Madri: Pegaso, 1945.

TILLY, Louise. Gênero, história das mulheres e história social. Tradução de Ricardo Augusto Vieira. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994.

TODOROV, Tzvetan. *As morais da História*. Tradução de Helena Ramos. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

_____. A viagem e seu relato. Tradução de Lea Mara Valezi Staut. *Revista de letras da UNESP*, São Paulo: vol. 46, n. 1, p. 231-244, 2006.

_____. *O Homem Desenraizado*. Tradução de Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TURNER, Graeme. *British cultural studies*. New York/London: Routledge, 1992.

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 63-84, 1994.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*. História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno*. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. Tradução de Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras, 2011.

_____. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A vindication of the rights of woman with strictures on moral and political subjects*. London: Joseph Johnson, 1792.

_____. *Letters Written during a Short Residence in Sweden, Norway and Denmark*. London: Joseph Johnson, 1796.